

HARDARIK BLÜHDORN

**A CODIFICAÇÃO DE INFORMAÇÃO ESPACIAL
NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS DO BRASIL:
ADPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS COMO MEIOS
PARA ESPECIFICAR RELAÇÕES ESTÁTICAS**

**Tese de livre-docência apresentada à
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, da Universidade
de São Paulo**

**São Paulo
1999**

Dedico este trabalho aos colegas e estudantes da Área de Alemão da USP, que muito me estimularam e apoiaram.

0. Sumário

1. Introdução	6
1.1. Linguística do tempo – linguística do espaço.....	6
1.2. Tema, método e objetivos	11
1.3. Agradecimentos	14
2. Um modelo teórico para a linguística do espaço	16
2.1. Categorias básicas	16
2.2. Objetos.....	17
2.3. Estados de coisas.....	19
2.3.1. Ligações entre objetos e qualidades	21
2.3.2. Relações entre objetos	22
2.4. Espaço	23
2.4.1. Extensão espacial	23
2.4.1.1. Substantivos contáveis e não-contáveis.....	24
2.4.1.2. Adjetivos.....	27
2.4.1.3. Afixos	33
2.4.2. Relações espaciais	37
2.4.2.1. O conceito de lugar	37
2.4.2.2. O observador.....	38
2.4.2.3. Relações contextuais	40
2.4.2.4. Relações intrínsecas	40
2.4.2.5. Campo, distância, dimensão e direção	41
2.4.2.6. O espaço relacional	43
2.4.3. Relações estáticas e dinâmicas	44
2.4.3.1. Situações e estágios.....	45
2.4.3.2. Movimento e deslocamento	46
2.4.3.3. Focalização	47
2.4.3.4. Perspectiva.....	50
2.4.4. Aspecto espacial.....	50
2.5. Conclusão	53

3.	A codificação de relações espaciais estáticas no português do Brasil.....	54
3.1.	Relações espaciais e especificações de lugar.....	54
3.2.	Recursos lingüísticos.....	55
3.2.1.	Adposições.....	57
3.2.1.1.	Tipologia formal.....	58
3.2.1.2.	Valor semântico.....	60
3.2.1.2.1.	Relações intrínsecas.....	60
3.2.1.2.2.	Relações contextuais.....	65
3.2.1.3.	Sistemas de orientação.....	66
3.2.1.3.1.	Observações gerais.....	66
3.2.1.3.2.	Casos particulares.....	69
3.2.1.3.3.	Adposições geográficas.....	71
3.2.1.4.	Objetos de referência.....	71
3.2.1.5.	Gramaticalização.....	73
3.2.2.	Advérbios.....	75
3.2.2.1.	Tipologia formal.....	76
3.2.2.2.	Valor semântico.....	76
3.2.2.2.1.	Relações intrínsecas.....	77
3.2.2.2.2.	Relações contextuais.....	83
3.2.2.3.	Sistemas de orientação.....	87
3.2.2.4.	Emprego dêitico dos advérbios espaciais.....	93
3.2.2.4.1.	<i>Aqui, aí e ali/lá</i>	93
3.2.2.4.2.	<i>Aquém e além</i>	99
3.2.2.4.3.	Os outros advérbios.....	102
3.2.2.4.4.	Combinações com <i>aqui, aí</i> ou <i>ali/lá</i>	120
3.2.2.4.5.	Advérbios geográficos.....	133
3.2.2.5.	Conclusão.....	135
3.3.	Considerações finais sobre o português.....	136
4.	A codificação de relações espaciais estáticas no alemão.....	137
4.1.	Relações espaciais e especificações de lugar.....	137
4.2.	Recursos lingüísticos.....	138
4.2.1.	Adposições.....	140
4.2.1.1.	Tipologia formal.....	141
4.2.1.2.	Valor semântico.....	142
4.2.1.2.1.	Relações intrínsecas.....	142
4.2.1.2.2.	Relações contextuais.....	151

4.2.1.3.	Sistemas de orientação	151
4.2.1.3.1.	Observações gerais	151
4.2.1.3.2.	Casos particulares	152
4.2.1.3.3.	Adposições geográficas	152
4.2.1.4.	Objetos de referência	153
4.2.1.5.	Gramaticalização	154
4.2.2.	Advérbios	157
4.2.2.1.	Tipologia formal	158
4.2.2.2.	Valor semântico	160
4.2.2.2.1.	Relações intrínsecas	160
4.2.2.2.2.	Relações contextuais	174
4.2.2.3.	Sistemas de orientação	176
4.2.2.4.	Emprego dêitico dos advérbios espaciais	179
4.2.2.4.1.	<i>Hier, da e dort</i>	179
4.2.2.4.2.	<i>Diesseits e jenseits, hüben e drüben</i>	194
4.2.2.4.3.	Os outros advérbios	203
4.2.2.4.4.	Combinações com <i>hier, da</i> ou <i>dort</i>	235
4.2.2.4.5.	Advérbios geográficos	243
4.2.2.5.	Conclusão	244
4.3.	Considerações finais sobre o alemão	245
5.	Considerações finais sobre a codificação de relações espaciais estáticas no alemão e no português brasileiro	246
6.	Referências bibliográficas	250
7.	<i>Abstract – Zusammenfassung – Resumo</i>	257
7.1.	<i>English</i>	257
7.2.	<i>Deutsch</i>	259
7.3.	Português	261

*Da alle Dinge in der Natur Beziehung auf
einander haben, was kann reeller und
wahrer sein, als diese Beziehungen?*¹

Lichtenberg

1. Introdução

O presente trabalho elabora as linhas básicas de uma semântica relacional do espaço e aplica esse modelo à descrição de um pequeno recorte dos meios lingüísticos disponíveis para codificar informação espacial no alemão e no português do Brasil, a saber, das adposições e dos advérbios que servem para codificar relações espaciais estáticas.

1.1. Lingüística do tempo – lingüística do espaço

Wolfgang KLEIN começa seu livro intitulado *Time in Language* (1994: 1) com as seguintes afirmações:

"Time and space are the basic categories of our experience and our cognition, and without efficient communication about them, no well-coordinated collective action, hence no human society would be possible. Therefore, all natural languages we know of have developed a rich repertoire of means to express temporality and spatiality. It has often been noted, however, that there is a certain asymmetry in the way languages treat them: whereas the speaker is free to talk about space or not, this is not so for time: each finite verb obligatorily includes temporal information – it expresses tense, aspect, or both."²

¹ Como todas as coisas da natureza mantêm relações, umas com as outras, o que poderia ser mais real e mais verdadeiro que essas relações? (tradução minha)

² "Tempo e espaço são as categorias básicas da nossa experiência e da nossa cognição, e sem comunicação eficaz sobre eles, nenhuma ação coletiva bem-coordenada, portanto nenhuma sociedade humana, seria possível. Por causa disso, todas as línguas naturais conhecidas desenvolveram repertórios ricos de meios para expressar temporalidade e espacialidade. Observou-se frequentemente, no entanto, que existe uma certa assimetria na maneira pela qual as línguas os tratam: enquanto o falante é livre para falar ou não sobre o espaço, este não é o caso em relação ao tempo: todo verbo conjugado obrigatoriamente inclui informação temporal – expressando tempo, aspecto ou ambos." (tradução minha)

Uma opinião semelhante é defendida por José Luiz FIORIN, em seu livro *As Astúcias da Enunciação* (1996: 258), onde o autor escreve:

"Cabe indagar, então, por que, na Teoria da Enunciação, os estudos do espaço ocupam uma posição secundária (...). Isso se deve ao fato de que, comparado às do tempo e da pessoa, a categoria do espaço tem menor relevância no processo de discursivização. Com efeito, não se pode deixar de utilizar, em hipótese alguma, o tempo e a pessoa na fala, mesmo porque essas duas categorias são expressas por morfemas sufixais necessariamente presentes no vocábulo verbal. Como, porém, o espaço é expresso por morfemas livres, pode não ser manifestado. Parece que a linguagem valoriza mais a localização temporal que a espacial, pois podemos falar sem dar nenhuma indicação espacial (...)."

O presente trabalho inspira-se em hipóteses parcialmente diferentes sobre o espaço e sua codificação linguística.

KLEIN, no trecho citado, caracteriza tempo e espaço como categorias básicas da nossa experiência, indispensáveis na comunicação. Em vista desse postulado, parece inexplicável por que a codificação de informação temporal seria obrigatória em toda sentença, enquanto a codificação de informação espacial seria facultativa. Seria mais consistente assumir que a codificação de ambas é igualmente obrigatória.

FIORIN, no trecho citado, explicita um dos motivos (e, provavelmente, o mais importante) pelos quais linguistas europeus e norte-americanos, falantes de línguas indo-européias, chegaram a atribuir valores diferentes à espacialidade e à temporalidade. Nas línguas indo-européias contemporâneas existem tipicamente categorias gramaticais, codificadas por afixos flexionais acrescentados ao verbo, que se referem à temporalidade, enquanto não parecem existir categorias análogas que se referem à espacialidade. A informação espacial é tipicamente codificada por meios lexicais, cuja presença na oração parece facultativa, enquanto a presença dos afixos flexionais parece obrigatória (cf. também EHRICH 1989: 10).

Existe, contudo, uma série de argumentos fortes contra essa análise:

- (i) A informação temporal, nas línguas indo-européias, não é codificada exclusivamente por afixos flexionais, mas sim, em grande parte, por meios lexicais. Todos os verbos, em sua *Aktionsart* (durativo, ingressivo, egressivo etc.) codificam informação temporal, sendo que *Aktionsart* é geralmente considerada uma característica lexical (cf. H.G. KLEIN 1974: 76 ss., 103 ss.). Além disso, existem, em todas as línguas indo-européias, verbos como *durar*, *começar*, *terminar* etc., substantivos como *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *momento* etc., adjetivos como *anterior*, *posterior*,

passado, futuro, rápido, lento etc., advérbios como *cedo, tarde, hoje, ontem, logo, antes, depois* etc., adposições como *após, até, durante* etc., conjunções como *quando, enquanto* etc. e afixos derivacionais como *pré-, pós-, ex-* etc. Todos esses elementos codificam informação temporal e são indispensáveis para tanto. Se eles não existissem, a "comunicação eficaz" sobre o tempo seria impossível, pois as poucas categorias gramaticais seriam de longe insuficientes para codificar todos os tipos de informação necessitados.

- (ii) Por outro lado, a codificação de informação temporal por afixos flexionais acrescentados ao verbo não é, de fato, obrigatória. Nas línguas indo-europeias, somente as sentenças verbais pessoais exigem a presença de uma forma verbal conjugada, com um afixo temporal. Sentenças verbais infinitas (*Aguardar na fila.*), bem como sentenças nominais (*Que sorte!, A manteiga, por favor.*) e adverbiais (*Certo., Muito bem.*), são completas sem a presença de formas verbais conjugadas e, conseqüentemente, sem a presença de afixos que codifiquem informação temporal (cf. VATER 1994: 7). Em sentenças desse tipo, a codificação de informação temporal parece, às vezes, totalmente dispensável. Em línguas como Hopi (cf. WHORF 1956, GIPPER 1972), apenas uma parte reduzida da informação temporal é codificada por afixos flexionais no verbo. Isso não significa, no entanto, que nessas línguas não exista o conceito de tempo. A temporalidade como domínio de orientação é tão indispensável para os falantes de Hopi quanto para os falantes de português. A única diferença é a de que Hopi codifica as respectivas informações principalmente por recursos lexicais. Em geral, a categoria flexional verbal de tempo desenvolve-se tarde na história das línguas (cf. LEISS 1992: 284 ss.). Na língua proto-indo-germânica, inicialmente, também não existia (cf. TSCHIRCH 1983: 52 s.).

- (iii) A informação espacial, por sua vez, não é exclusivamente codificada por recursos lexicais nem nas línguas indo-europeias, nem em outras línguas (cf. BIERWISCH 1996: 55 ss.). Na busca de categorias gramaticais codificadoras de informação espacial não se deve, contudo, procurar por categorias do verbo. A classe de palavras mais ligada ao espaço é o substantivo. A principal categoria flexional dos nomes que codifica informação espacial é caso. Na língua proto-indo-germânica existiam os casos locativo e ablativo com semântica espacial (cf. TSCHIRCH 1983: 49). Outras línguas têm casos como alativo, ilativo etc. (cf. SVOROU 1994: 34).³ Em numerosas línguas, a codificação de informação espacial depende mais de afixos flexionais do que nas línguas indo-europeias.

³ Segundo DUBOIS & al. (1973: 395), o locativo indica o lugar onde um determinado estado de coisas é situado. Algumas línguas diferenciam entre inessivo (que indica o objeto em cujo interior o estado de coisas se localiza; ib.: 339), abessivo (que indica o objeto em cujo exterior o estado de coisas está situado; ib.: 11) e adessivo (que indica o objeto em cuja proximidade o estado de coisas se passa; ib.: 20). O ablativo indica o lugar de onde parte um movimento (ib.: 11), o alativo, o lugar para onde um movimento é direcionado (ib.: 33), e o ilativo, o objeto em cujo interior entra um outro objeto (ib.: 330).

- (iv) A codificação de informação espacial não é, de fato, simplesmente facultativa. Nas línguas indo-europeias existem muitos verbos que exigem a especificação de lugares, como *morar (em São Paulo)*, *viver (no Brasil)*, *encontrar-se (no quintal)*, *ir (ao shopping)*, *vir (da faculdade)*, *levar (à escola)*, *trazer (para casa)* etc. Junto a tais verbos, a codificação de informação espacial é obrigatória, de modo que as respectivas especificações de lugar são frequentemente consideradas complementos verbais (cf. BORBA 1996; vide também a discussão em BLÜHDORN 1997: 172 ss.). Entre os numerosos recursos lexicais que codificam informação espacial, há verbos como *estender-se*, *entrar*, *sair*, *esticar* etc., substantivos como *metro*, *milha*, *distância*, *ponto*, *lugar* etc., adjetivos como *grande*, *pequeno*, *amplo*, *longo*, *largo*, *estrito* etc., advérbios como *onde*, *aquí*, *ali*, *longe*, *dentro* etc., adposições como *em*, *para*, *sob*, *sobre* etc., determinadores como *este*, *esse* e *aquele* e afixos derivacionais como os aumentativos e os diminutivos, entre outros. Se pesquisarmos de maneira mais acurada todas as possibilidades existentes de codificar informação espacial, veremos que, na verdade, ela é onipresente na linguagem natural e que quase não é possível ter uma sentença totalmente livre de informação espacial, a não ser uma como *Certo*. ou *Obrigado*., que pode também dispensar a informação temporal.

Partirei, portanto, da hipótese de que a informação espacial e a informação temporal são igualmente necessárias na comunicação, o que torna sua codificação igualmente obrigatória em toda sentença de uma língua natural. Nos casos em que sua codificação parece dispensável (como em *Muito bem.*), vou argumentar que a própria informação continua necessária, mas é contextualmente subentendida e, por esse motivo, não precisa ser explicitada.

A relativa negligência com que a lingüística europeia e norte-americana dos primeiros três quartos do século XX tratou o espaço explica-se por sua principal preocupação com questões gramaticais, em conjunto com uma visão predominantemente eurocêntrica e ahistórica da língua natural. Sob tais auspícios, questões semânticas pouco ligadas a fenômenos gramaticais nas línguas indo-europeias simplesmente não atraíram a atenção dos pesquisadores. No final deste século, contudo, a lingüística está aparentemente corrigindo sua postura em relação ao espaço, enfrentando agora com veemência esse assunto. Posso apoiar-me, no meu projeto, em uma série de trabalhos publicados nos últimos vinte anos (como MOILANEN 1979, LANGACKER 1987, HABEL & al. 1989, WUNDERLICH & HERWEG 1991, DIEWALD 1991, EHRICH 1992, SVOROU 1994, BLOOM & al. 1996, MOURA NEVES 1996, MAIENBORN 1996, VATER 1996, entre outros).

Muitos autores observaram que os recursos utilizados pelas línguas naturais para codificar informações temporais derivam frequentemente de recursos utilizados para codificar informações espaciais (cf., p.ex., BYBEE, PERKINS & PAGLIUCA 1994).

Tempo é tratado metaforicamente em analogia com o espaço (cf., p.ex., LYONS 1977: 718 s.; MARSCHALL 1997: 5). Já em ARISTÓTELES (cf. *Física*, livro 4, cap. 12), podemos encontrar essa observação. O meu trabalho segue, metodologicamente, o caminho inverso. Trabalhei primeiramente com a semântica relacional do tempo (BLÜHDORN 1999 a), antes de elaborar um modelo paralelo para o espaço. O ponto de partida foi a semântica do tempo elaborado por REICHENBACH (1947: 287 ss.), em sua variante ampliada por Veronika EHRICH (cf. especialmente EHRICH & VATER 1989).

A característica central do modelo de REICHENBACH é o fato de ele ser um modelo relacional triádico. Tempo é concebido como um sistema de relações entre estados de coisas e observadores. Isso corresponde a postular que tempo funciona nas línguas naturais (bem como nas nossas realidades) como algo bastante mais complexo que o tempo objetivo, linear e unidirecional que conhecemos no colégio, no ensino básico de física. Até hoje, quase cem anos após a formulação da teoria da relatividade, o que a grande maioria das pessoas, inclusive muitos lingüistas, pensa sobre tempo e espaço é de uma ingenuidade espantosa (cf. DIEBERGER 1994: 13 ss.). Em relação ao espaço, o pensamento popular muitas vezes nem está à altura do que a geometria de Euclides tem ensinado desde o terceiro século antes de Cristo, muito menos de modelos mais recentes. E nem está à altura dos recursos implementados nas línguas naturais, que as mesmas pessoas utilizam a cada dia.

Um ponto em questão é a importância do observador. Espaço, assim como tempo, não é independente de quem o observa, ou seja, onde está um objeto que eu localizo no espaço depende de onde eu estou. Outro ponto importante é a diferença entre um objeto e um lugar. Popularmente, diz-se, numa situação em que um livro está numa mesa, que a mesa é o lugar do livro. Essa visão é profundamente errada. Uma mesa não é um lugar, e sim, um objeto em relação ao qual um livro pode ser localizado por um observador. Por isso, toda teoria adequada do espaço precisará de ao menos três entidades: uma entidade situada, uma entidade de referência e um observador.

No presente trabalho, desenvolvo uma semântica relacional do espaço, mostrando que justamente a presença desses três conceitos (entidade situada, entidade de referência e observador) estrutura o inventário de recursos disponíveis para a codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil (e provavelmente em todas as línguas naturais). Ao mesmo tempo, o modelo triádico que transfiro da semântica da temporalidade para a semântica da espacialidade não se restringe a esses dois domínios de orientação. De acordo com outros semanticistas, assumo que existem ainda os domínios de causalidade e modalidade, completando o total de quatro domínios relacionais de orientação, previstos pela cognição humana. Simultaneamente à presente tese, já comecei a desenvolver trabalhos sobre a semântica relacional da causalidade (BLÜHDORN 1999 b) e da

modalidade (BLÜHDORN & GUEDES EVANGELISTA 1999), nos quais aplico a esses domínios de orientação modelos triádicos análogos. Em última instância, este trabalho desemboca no projeto de uma semântica relacional da linguagem natural que formalize, mediante um inventário relativamente pequeno de categorias básicas, um universo de conceitos codificáveis.

1.2. Tema, método e objetivos

Embora relacionado a um interesse teórico, o presente trabalho tem, em primeiro lugar, objetivos descritivos. Há muitos anos, a Área de Alemão da USP, Sub-Área de Língua Alemã, tem desenvolvido estudos na linha de pesquisa *Linguística Contrastiva Alemão-Português do Brasil*. É nesse âmbito que meu trabalho se insere, num primeiro momento.

A linguística contrastiva, como sub-disciplina da linguística, foi sempre caracterizada por uma atitude predominantemente descritiva e voltada à prática, muitas vezes à prática do ensino de uma das línguas analisadas como língua estrangeira, para falantes nativos da outra (cf. GARGALLO 1993). Essa atitude é também típica da maioria dos trabalhos contrastivos realizados na Área de Alemão da USP. Quando nossa Área estabeleceu, em 1998, um grupo de pesquisa com o intuito de elaborar uma gramática contrastiva alemão-português, isso foi feito com o objetivo principal de providenciar material de referência para professores e alunos de alemão e de português como línguas estrangeiras, e também para tradutores entre as duas línguas. O interesse teórico sempre acompanha tais atividades, mas raramente está em primeiro plano.

Essas condições motivam o procedimento e a metodologia adotados neste trabalho. Após um capítulo relativamente curto, no qual esboço o modelo analítico a ser aplicado e seus principais pressupostos teóricos, segue-se um capítulo mais extenso sobre a codificação de relações espaciais estáticas no português do Brasil e, posteriormente, um capítulo análogo sobre a codificação de relações espaciais estáticas no alemão. Nas duas línguas, serão analisadas apenas adposições e advérbios e não adjetivos, determinadores, afixos derivacionais e outros recursos que também podem codificar relações espaciais estáticas. A língua portuguesa é tratada antes da alemã, para facilitar a compreensão do modelo ao leitor brasileiro. Mas sua descrição não pode constituir a parte principal de um trabalho desenvolvido por um estrangeiro cujo domínio do português ainda está incompleto. Por isso, tomo uma postura mais seletiva nesse capítulo, tratando de um número reduzido de elementos lingüísticos e valorizando mais a apresentação e explicação do aparelho analítico. Já no capítulo sobre o alemão, posso analisar um inventário maior de elementos, a partir da minha competência lingüística de

falante nativo, e investir menos espaço na elaboração das ferramentas. Nesse capítulo, faço também as principais observações contrastivas entre as duas línguas.

Em ambos os capítulos descritivos, os exemplos têm um papel fundamental. Optei por não analisar exaustivamente um *corpus* previamente estabelecido e delimitado, pois muitas vezes os exemplos que dessa forma se encontram são pouco típicos e/ou incompletos ou redundantes em relação às possibilidades reais da língua, além de apresentar conteúdo e estilo tediosos. Meu objetivo é, pelo contrário, investigar o conceito da relação espacial estática, suas diversas variantes e a riqueza das possibilidades de sua codificação lingüística. Meu interesse particular está voltado ao observador e à situação comunicativa. Por isso, dedico muito mais espaço aos advérbios, que são de natureza inerentemente dêitica, do que às adposições, que são, na maioria das vezes, não-dêiticas. Focalizo as diversas possibilidades de codificação dêitica, de acordo com trabalhos meus anteriores que tratam do mesmo assunto (BLÜHDORN 1993 b, 1995 a, 1995 b, entre outros).

Os exemplos que trago servem, em primeiro lugar, para fins de ilustração. Para garantir o efeito ilustrativo junto ao leitor brasileiro, forneço uma tradução em português com cada exemplo alemão. Da totalidade dos exemplos, espera-se que ela represente realisticamente a totalidade das funções que adposições e advérbios podem exercer no âmbito da codificação de relações espaciais estáticas no alemão e no português do Brasil.

Os exemplos são de três tipos:

- (i) excertos de textos jornalísticos, dos jornais FOLHA DE SÃO PAULO (São Paulo) e DIE ZEIT (Hamburgo),
- (ii) exemplos formados por mim mesmo ou por informantes meus e
- (iii) excertos de textos literários.

O primeiro grupo de exemplos é de longe o maior. Utilizo, como fonte de dados, os CD-ROMs com os volumes completos de 1995 e 1996 dos dois jornais citados. Entre os exemplos encontrados, sempre busco selecionar os mais típicos para ilustrar o fenômeno em questão. Textos jornalísticos parecem-me relativamente adequados para tal projeto, pois aproximam-se frequentemente da língua cotidiana e até da língua falada, sem apresentar outras características típicas da fala, como, por exemplo, quebras de estrutura, pausas, correções etc., que muitas vezes complicam a análise. Além disso, um *corpus* relativamente grande de textos jornalísticos garante a variação temática necessária para poder encontrar um máximo de usos diferentes dos diversos elementos analisados. Em relação à língua portuguesa, pode-se argumentar que dados constituídos no meio escrito têm a desvantagem de

representar uma variante da língua que não corresponde necessariamente ao português do Brasil. Reconheço, em parte, a validade desse argumento, embora ele certamente se aplique mais a textos literários. Em compensação, a língua escrita é muito mais rica em recursos para codificar relações espaciais, em função da sua desvinculação parcial da situação comunicativa. Um argumento adicional, de caráter predominantemente técnico, é o fato de que a obtenção de um *corpus* igualmente volumoso de dados falados certamente apresentaria grandes dificuldades. Considero, portanto, que o uso de material escrito não constitui uma desvantagem significativa para meu trabalho.

Quando não se encontram exemplos adequados no *corpus* de textos jornalísticos ou quando a ilustração por um exemplo original não parece relevante, tomo a liberdade de formar exemplos próprios (no português com o apoio de falantes nativos como informantes). Muitos lingüistas criticam o uso de exemplos inventados como dados de pesquisa. Embora tal crítica seja parcialmente justificada, ela negligencia dois fatores centrais:

- (i) O lingüista, enquanto falante nativo, dispõe de plena competência na sua língua. Portanto, todo dado por ele produzido é, por natureza, um dado legítimo daquela língua.
- (ii) A língua natural possui, como característica fundamental, uma criatividade infinita. Nenhum *corpus* fechado pode representar adequadamente essa criatividade, mas um único informante humano a representa naturalmente.

Por esses dois motivos, a rejeição generalizada de exemplos inventados na lingüística não me convence. Por outro lado, é claro que se exige do lingüista que os exemplos por ele inventados sejam típicos e realísticos em relação ao uso da língua. Para ser bom, um exemplo não precisa ser encontrado em outro lugar, mas precisa acertar o fenômeno que exemplifica.

Textos literários foram usados como fonte de exemplos de maneira não-sistemática e somente em casos excepcionais. Alguns elementos, como no alemão *jenseits* [além (de)], têm um valor literário inerente. Com elementos desse tipo, às vezes é difícil inventar um exemplo que soe natural, de modo que é mais adequado extrair um exemplo da literatura. Às vezes, existem até citações literárias conhecidas que se prestam bem para fins de ilustração. Com pouquíssimas exceções, as recorrências a textos literários limitam-se ao alemão. Utilizo, como meio de busca, os CD-ROMs *GUTENBERG-DE 1998* (abc.de Internet-Dienste, Hamburg) e *Deutsche Literatur von Lessing bis Kafka* (Directmedia Publishing, Berlin), que compilam mais de duzentas mil páginas de literatura clássica alemã dos séculos XV a XX. No

português, busco evitar exemplos literários, por não ter certeza da medida em que refletem a realidade lingüística do português brasileiro.

Com a grande quantidade de exemplos que apresento e explico nos moldes do modelo teórico por mim desenvolvido, acredito que meu trabalho possa mediar ao leitor uma visão detalhada e viva do uso que as línguas alemã e portuguesa fazem de adposições e advérbios para codificar relações espaciais estáticas. Por outro lado, estou consciente de que meu trabalho não constitui mais do que um ponto de partida. No futuro, será preciso elaborar outros trabalhos com a descrição dos demais recursos das duas línguas para codificar relações espaciais estáticas, e também dos recursos que codificam outros tipos de informação espacial. Não me é possível – por motivos do próprio espaço, bem como de tempo – elaborar neste momento um estudo exaustivo que trate de todos esses recursos conjuntamente. Espero, porém, que meu trabalho seja um estímulo para a elaboração de outros estudos nessa área da lingüística contrastiva alemão-português e, talvez, contribua para facilitar sua realização.

1.3. Agradecimentos

Gostaria de registrar meus agradecimentos às pessoas e instituições cujo apoio foi essencial para a elaboração desta tese: aos colegas da Área de Alemão da USP, que muito me apoiaram, tanto no âmbito da pesquisa quanto com a bonita, mas difícil língua portuguesa; especialmente a Maria Helena Battaglia, Selma Meireles e Masa Nomura, que me estimularam com seus comentários e suas dicas e que, inclusive, deram mais aulas no primeiro semestre de 1998, para me possibilitar um semestre sabático dedicado à pesquisa; aos colegas dos cinco Departamentos de Letras da USP, que participam da criação e recriação diária de um clima acadêmico frutífero e simpático; aos meus alunos de graduação, iniciação científica e pós-graduação, pelas discussões em que participaram, pelo interesse que investiram nos assuntos lingüísticos e pela resistência intelectual que ofereceram ao orientador (pois somente a resistência nos leva adiante); a Carlos Schünemann, da Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha, que foi meu primeiro professor de português e muito me ensinou sobre a cultura brasileira; à Marcela Cosenza, que não apenas digitou e revisou grande parte deste trabalho, mas fez também inúmeros comentários críticos, discretos e sempre válidos, contribuiu para as traduções dos exemplos em alemão, trouxe exemplos em português, e foi, além de tudo isso, minha principal informante em relação à língua portuguesa; à FAPESP, que por várias ocasiões financiou e cofinanciou projetos, direta ou indiretamente ligados à elaboração desta tese; ao DAAD, cujo apoio técnico-administrativo, financeiro e pessoal possibilitou todo o meu trabalho realizado na USP, desde 1994; aos funcionários dos Departamentos de Letras, que diariamente arrumam o palco para o teatro universitário; à companhia de

multiplicadores da Dona Lúcia, que incansavelmente e com grande acurácia aumenta a circulação de papel na Letras; e finalmente à minha família, em particular à Martina, que acompanhou o progresso do trabalho com grande amor e paciência e que, apesar de saber que a pesquisa inevitavelmente me afasta da vida doméstica, nunca deixou de me incentivar.

São Paulo, março de 1999

2. Um modelo teórico para a lingüística do espaço

2.1. Categorias básicas

Para podermos compreender melhor o que é o espaço e como se dá sua representação na língua, começaremos com uma breve discussão de algumas categorias básicas do pensamento humano e dos meios lingüísticos que servem para sua codificação. Essa discussão pretende dar uma visão ainda provisória do nosso assunto, e, claramente, não é exaustiva.

Aquilo que experimentamos como realidade é um produto dos processos cognitivos que se desenrolam no nosso cérebro e por meio dos quais nos apropriamos do mundo externo (cf., p.ex., LANGACKER 1987). A filosofia, a psicologia e a lingüística, bem como a biologia, a antropologia e a etnologia, entre outras, buscam compreender os detalhes de funcionamento desses processos e dos seus reflexos nas línguas naturais, discussão essa que foi iniciada já na antigüidade e se estende até os presentes dias.⁴

Para os fins deste trabalho, suporei que uma parte considerável do pensamento humano (aquela particularmente ligada aos enunciados lingüísticos) funciona a partir de duas categorias básicas: ENTIDADE e QUALIDADE.

LYONS (1977: 442 ss.), na tentativa de reconciliar semântica e ontologia, distingue três tipos de entidades, que denomina entidades de primeira, segunda e terceira ordens. As entidades de primeira ordem são objetos concretos que se encontram no espaço; as de segunda ordem são estados de coisas e encontram-se no tempo; as de terceira ordem, ele chama de proposições e afirma (ib.: 443) que estão fora do espaço e do tempo.

Essa última hipótese, porém, de que as entidades de terceira ordem se encontrariam fora do espaço e do tempo, parece-me pouco adequada para a realidade natural. O que existe como entidade existe em função de organismos (humanos) que, em sua cognição, o concebem como entidade. No mundo fora de nós, nada poderia assumir por si só a característica de entidade de primeira, segunda ou alguma outra ordem. Conseqüentemente, como os organismos necessariamente se encontram no espaço e suas atividades cognitivas ocorrem no

⁴ Embora as últimas décadas tenham vivenciado um esforço mundial dos pesquisadores, inédito na história, em resolver os enigmas da cognição humana, cabe advertir que, em última instância, essa foi sempre a questão central da filosofia e das outras ciências. Cada época a investiga com suas ferramentas e seus recursos teóricos e metodológicos, de maneira que o que hoje nos parece a era do cérebro e da cognição pode facilmente, no futuro, ser considerado pré-história ingênua.

tempo, assim também todos os conceitos e todas as proposições criadas por organismos sempre se encontrarão no espaço e no tempo.

LYONS observa que as entidades de terceira ordem, diferentemente das de primeira e segunda, podem ser consideradas verdadeiras ou falsas, i.e., podem assumir valores de verdade (ib.: 445). Essa afirmação corresponde a dizer que as entidades de terceira ordem se inserem no domínio de orientação da modalidade (cf. BLÜHDORN & GUEDES EVANGELISTA 1999). Considero, porém, que o conceito de proposição não capta muito bem a totalidade dos valores modais que uma entidade pode assumir. Proposições são junções de predicados com seus argumentos. São efetuadas por processadores cognitivos e posteriormente explicitadas mediante signos lingüísticos em situações comunicativas. A grande maioria dos valores modais (principalmente valores deônticos e epistêmicos) aparece justamente no contexto da situação comunicativa e não junto à mera proposição. Por isso, chamarei a entidade de terceira ordem de ENUNCIÇÃO, definida como uma proposição lingüisticamente explicitada dentro de uma situação comunicativa.

Trabalharei, portanto, com a seguinte classificação ontológica:

(i)	entidade de primeira ordem:	OBJETO	entidade espacial
(ii)	entidade de segunda ordem:	ESTADO DE COISAS	entidade espaço-temporal
(iii)	entidade de terceira ordem:	ENUNCIÇÃO	entidade espaço-tempo-modal

2.2. Objetos

Por OBJETO entendo uma entidade que se encontra no espaço. Os objetos mais típicos são os objetos concretos, assim como mesas e cadeiras, mas também pessoas, animais etc. Objetos concretos prototípicos têm uma determinada extensão e forma espacial. Assim, uma bola tem uma forma esférica e ocupa espaço proporcionalmente ao seu diâmetro. Objetos menos típicos podem ser não-extensos ou quase não-extensos no espaço, como, por exemplo, a ponta de uma agulha. Existem também objetos concretos sem uma forma específica. Esse é o caso de água, que se adapta à forma de qualquer vasilhame ou pode também ocupar espaço sem assumir uma forma estável.

Os objetos concretos servem de modelo para objetos abstratos, tais como teorias, amor, política etc. Esses objetos não têm nem extensão, nem forma espacial, mas mesmo assim funcionam como elementos básicos no nosso pensamento. A

maneira com que os tratamos baseia-se geralmente na analogia com objetos concretos. Assim, falamos *na política* como *na mesa* e *sob pressão* como *sob o carpete*.

Podemos classificar os objetos em quatro categorias, conforme os traços [\pm extenso] e [\pm delimitado]:

- | | | |
|-------|------------------------------|---|
| (i) | [+ extenso], [+ delimitado]: | MESA, BOLA, PROFESSOR ⁵ etc. |
| (ii) | [- extenso], [+ delimitado]: | PONTA DE AGULHA etc. |
| (iii) | [+ extenso], [- delimitado]: | ÁGUA, OURO, AR etc. |
| (iv) | [- extenso], [- delimitado]: | LAZER, CONFIANÇA, AMOR etc. |

Sobre um objeto podem-se processar diversos tipos de informação, para cuja codificação a língua fornece recursos especializados.

Em primeiro lugar, podemos pensar em nomes próprios. Como se sabe, esses são tipicamente atribuídos a pessoas, animais domésticos, cidades, empresas etc., enquanto objetos como louças, vestidos ou móveis, normalmente não os recebem. O nome próprio indica uma determinada função social ou, mais precisamente, um valor institucional na sociedade. Além disso, é um recurso que facilita a re-identificação do seu portador na interação.

Em segundo lugar, temos a informação sobre a categoria do objeto. Categorias de objetos são, por um lado, as muito extensas, como OBJETO CONCRETO e OBJETO ABSTRATO, por outro, também as classes menos extensas, assim como MESA, CADEIRA, BICICLETA etc. Os meios lingüísticos mais freqüentemente utilizados para codificar informação sobre a categoria são os substantivos (*descritores*).

Em terceiro lugar, processam-se informações sobre a quantidade em que o objeto aparece. Essas são tipicamente codificadas por meio de *quantificadores*, como os numerais e o artigo indefinido, além da categoria gramatical do número (singular e plural). Verificamos que existem duas possibilidades de determinar a quantidade: através de contagem e através de medição. A contagem aplica-se exclusivamente aos objetos delimitados, i.e., aos objetos que por sua natureza ocorrem em indivíduos (pessoas, mesas, carros etc.). A medição, pelo contrário, aplica-se aos objetos não-delimitados, ou seja, que constituem massas (cf. ESCHENBACH 1995). Tais objetos apresentam a característica de poder ser divididos sem mudança de categoria, como no caso de água, que permanece sempre água, mesmo sendo dividida em várias partes.

⁵ Utilizo CAIXA ALTA, conforme uma convenção comum na linguística, quando faço referência a conceitos e não a palavras. Quando falo sobre palavras, emprego *itálicos*.

Em quarto lugar, temos a informação sobre a possibilidade de identificar o objeto em questão no contexto comunicativo. Para tanto, empregam-se os *determinadores* (artigos e pronomes definidos), que indicam ao receptor que ele deve procurar os objetos aos quais o falante se refere nas imediações da situação comunicativa ou no seu conhecimento pré-estabelecido. A ausência de determinadores indica que se trata de um objeto que o falante julga ser novo para o destinatário.

2.3. Estados de coisas

Entendo por ESTADO DE COISAS uma entidade que se encontra no tempo. Um estado de coisas é uma ligação de um objeto com uma qualidade ou uma constelação de dois ou mais objetos.

Os estados de coisas mais típicos são as constelações de objetos concretos, especialmente aquelas em que um participante é uma pessoa e o outro, uma coisa, como, por exemplo, COMER. Nesse caso, um participante (quem come) ingere o outro (que é comida). Um estado de coisas prototípico tem uma determinada extensão e dinâmica temporal. Assim, o COMER de uma maçã preenche um período de tempo e muda a relação entre os dois participantes (primeiramente a maçã está fora de quem come e posteriormente está dentro). Os estados de coisas codificam-se principalmente através de verbos (*consteladores*).⁶

Podemos classificar os estados de coisas em seis categorias, conforme os seguintes traços (cf. MOURELATOS 1981, BATTAGLIA 1996: 59 s.):

1. [± dinâmico]: Um estado de coisas ou é estático (não envolve mudanças), ou é dinâmico (envolve mudanças). Estados de coisas que se caracterizam somente pelo traço [- dinâmico] não existem. Esses devem ser caracterizados por ao menos um outro traço com valor positivo. Estados de coisas com o traço [+ dinâmico] denomino de ACONTECIMENTOS.
2. [± extenso]: Um estado de coisas ou é não-extenso no tempo (pontual) ou é extenso (linear). Aos estados de coisas com a combinação de traços [- dinâmico], [+ extenso] chamo de ESTADOS (p.ex., O CARRO É VERMELHO, ELA ESTÁ DORMINDO etc.), ACONTECIMENTOS ([+ dinâmico]) com o traço adicional [- extenso] são INCIDENTES (p.ex., CAI

⁶ Lembre-se sempre a advertência de que o mapeamento entre categorias conceituais e categorias de palavras é uma idealização bastante simplificadora, que sofre muitas exceções na realidade linguística. Meu modelo, que muito se assemelha às classificações de palavras feitas pelos antigos, constitui apenas uma aproximação heurística.

UM RAIJO) e ACONTECIMENTOS com o traço adicional [+ extenso] são PROCESSOS (p.ex., ESTÁ CHOVENDO).

3. [\pm controlado]: Um estado de coisas ou é não-controlado ou é controlado por um agente. ESTADOS com o traço adicional [+ controlado] são denominados de POSIÇÕES (p.ex., ESTOU SENTADO NO SOFÁ), INCIDENTES com o traço adicional [+ controlado] são ATOS (p.ex., ELE ROMPE O FIO) e PROCESSOS com o mesmo traço adicional são ATIVIDADES (p.ex., ESTOU TRABALHANDO).

As seis classes de estados de coisas que se definem a partir desses traços são, em resumo:

(i)	[- dinâmico], [+ extenso]:	ESTADO
(ii)	[+ dinâmico], [- extenso]:	INCIDENTE
(iii)	[+ dinâmico], [+ extenso]:	PROCESSO
(iv)	[- dinâmico], [+ extenso], [+ controlado]:	POSIÇÃO
(v)	[+ dinâmico], [- extenso], [+ controlado]:	ATO
(vi)	[+ dinâmico], [+ extenso], [+ controlado]:	ATIVIDADE

Como se percebe, essa classificação dos estados de coisas assemelha-se à classificação dos objetos. Na verdade, os conceitos que chamamos de objetos abstratos, tais como TEORIA, AMOR, POLÍTICA etc., têm como base estados de coisas (uma teoria como um conjunto de conceitos interligados; amor como o estado de alguém amar alguém; política como um conjunto de atividades de políticos e outras pessoas etc.). Em termos cognitivos, os objetos concretos são as entidades mais elementares e juntam-se para formar estados de coisas concretos. Os estados de coisas concretos podem ser tratados pela cognição em analogia com objetos, processo esse que dá origem a objetos abstratos. Os objetos abstratos, por sua vez, podem participar novamente de estados de coisas, e assim por diante. Dessa maneira, o inventário de conceitos disponível a uma comunidade de organismos humanos torna-se cada vez mais complexo no decorrer da história, através de um processo de metaforização que transfere propriedades cognitivas de entidades de primeira ordem a entidades de segunda ordem. Da mesma forma, transferem-se também por um processo metafórico as propriedades cognitivas do espaço (no qual se encontram os objetos concretos) ao tempo (no qual se encontram os estados de coisas) (cf. item 1.1. acima).

O espaço é de principal importância para as entidades de primeira ordem, mas não pode ser negligenciado na conceituação das entidades de segunda e terceira ordens (cf. MAJENBORN 1996: 40 ss.). As entidades de segunda ordem envolvem entidades de primeira ordem como participantes. Elas adquirem características espaciais a partir das características espaciais desses participantes. Se, por

exemplo, a cozinheira estiver no quintal depenando uma galinha, o depenar também estará no quintal. As entidades de terceira ordem são enunciações que se inserem em situações comunicativas e em sistemas de crenças e de regras de comportamento. Elas adquirem características espaciais a partir das pessoas em cujos sistemas de conceitos e crenças figuram. Assim, se " $E = mc^2$ " for uma proposição inserida no sistema de conceitos e crenças de uma comunidade de pessoas, numa determinada época histórica e numa determinada região do universo, essa proposição também terá uma característica temporal e espacial, pois numa outra comunidade, numa outra época histórica e/ou numa outra região do universo, ela poderia ser considerada apenas hipotética ou falsa, ou até mesmo incompreensível.

2.3.1. Ligações entre objetos e qualidades

Analisemos um pouco mais detalhadamente o conceito de estado de coisas. Conforme a definição acima, um estado de coisas constitui-se por uma constelação de objetos ou por uma ligação de um objeto e uma qualidade.

Por QUALIDADE entendo algo que aparece num objeto, mas que não é ele mesmo um objeto. Assim, por exemplo, uma mesa pode apresentar a qualidade de ser pesada, mas PESADO não é um objeto. Por sua relação ao espaço, destacam-se as qualidades formais. Já mencionamos o exemplo da bola, cuja forma é esférica. Qualidades muitas vezes mostram-se diferentemente a partir da perspectiva de diferentes observadores. Assim, a mesma mesa pode parecer pesada a um observador e leve a um outro. A forma de uma bola também pode variar segundo a perspectiva do observador. Qualidades codificam-se tipicamente por adjetivos (*qualificadores*).

A ligação entre um objeto e uma qualidade pode estar restrita a um determinado intervalo de tempo ou pode não apresentar tal restrição. Essa diferença exemplifica-se no português, entre outros, pela diferença entre *ser* e *estar*. Quando digo:

(1) A minha filha é alegre.,

refiro-me a uma qualidade irrestrita (inalienável). Quando digo:

(2) A minha filha está alegre.,

faço referência a uma qualidade momentânea (alienável). No primeiro caso, temos uma apresentação extensiva, no segundo, uma apresentação concentrativa.

Além disso, a ligação entre um objeto e uma qualidade pode ser estática ou dinâmica. As ligações estáticas não mudam dentro de um único estado de coisas, enquanto as ligações dinâmicas mudam. Temos, por exemplo, num dia de inverno claro e ensolarado em São Paulo, uma ligação estática entre o céu e a qualidade de estar azul. Por outro lado, quando o sol nasce, temos uma ligação dinâmica entre o céu, a qualidade de estar escuro e a qualidade de estar claro. Mudanças de qualidade são transições de uma qualidade de partida a uma qualidade de chegada, sendo que o objeto pode assumir qualidades transitórias nesse processo.

2.3.2. Relações entre objetos

Os objetos também integram-se com outros objetos para constituir estados de coisas, através de relações entre si. O tipo mais simples de relação é a entre agente e paciente. Por exemplo, num estado de coisas em que um técnico conserta uma televisão, o técnico exerce o papel do agente que manipula a televisão, e a televisão, o papel do paciente que é manipulado. A partir da relação entre manipulador e manipulado, concebemos o estado de coisas que denominamos *consertar*.

Existem também os estados de coisas com mais de dois participantes. No caso de PRESENTEAR, temos um agente que presenteia, o presente que é dado e o beneficiário que recebe o presente. No caso de FALAR, podemos distinguir quatro participantes: o falante, o destinatário, a mensagem e o sinal que é transmitido (cf. BLÜHDORN 1993 a: 13 ss.). Por outro lado, existem estados de coisas com um só participante, como por exemplo, DORMIR, que são ligações entre objetos e qualidades.

Para codificar relações entre objetos, existem vários meios lingüísticos, entre eles os lexicais e os gramaticais. Os meios lexicais mais importantes são os verbos (*consteladores*) e as adposições⁷ (*relacionadores*). Entre os meios gramaticais, destaca-se no alemão a categoria de caso, que determina se um sintagma nominal é sujeito, objeto direto ou objeto indireto.

⁷ O termo *adposição* é usado como hiperônimo de *preposição*, *posposição* e *circumposição* (cf. BUSSMANN 1990: 49; SAMUELSDORFF 1998). No alemão, existem tanto preposições quanto posposições e circumposições, com função gramatical idêntica, de modo que o uso do termo superordenado *adposição* é útil (cf. item 4.2.1. adiante). No latim existiam algumas posposições, como *causa* e *gratta*, mas o português perdeu esses elementos e possui hoje somente preposições.

2.4. Espaço

O tipo de relações entre objetos que constitui o tema do presente trabalho são as relações espaciais. A representação do espaço na língua funciona mediante quatro categorias: extensão, relação, dinâmica e aspecto (cf. BIERWISCH 1996: 47).

2.4.1. Extensão espacial

Num primeiro momento, o espaço mostra-se na extensão dos objetos concretos. Uma mesa, por exemplo, estende-se em três dimensões, ou seja, tem uma determinada altura, um determinado comprimento e uma determinada largura. Na medida em que consideramos a extensão, o espaço é de relevância para os objetos em si, sem eles entrarem em relações uns com os outros.

Já vimos que se pode distinguir entre objetos extensos e não-extensos, delimitados e não-delimitados. Os objetos delimitados têm limites externos no espaço, e conseqüentemente uma determinada forma e um determinado tamanho, enquanto os não-delimitados não apresentam tais qualidades. Ser um objeto delimitado implica ter uma superfície em todas as direções e ocupar um lugar que não pode ser ocupado ao mesmo tempo por outro objeto. Assim, no lugar em que estiver uma bola não poderá haver outra bola no mesmo momento. Já os objetos não-delimitados não têm superfície em todas as direções e às vezes podem se misturar no mesmo lugar, assim como no caso de um copo, que simultaneamente contém vinho e água. Existem também objetos que têm limites em algumas dimensões e não em outras, como por exemplo, o oceano (visto de um barco em alto-mar), cuja superfície limita sua extensão na dimensão vertical, enquanto nada limita sua extensão horizontal.

A informação sobre a extensão espacial (objeto extenso vs. não-extenso; objeto delimitado vs. não-delimitado) muitas vezes está incluída no conceito da categoria do objeto, designada pelo substantivo. Todo membro da comunidade dos falantes do português sabe, por exemplo, que uma bola é um objeto extenso e delimitado no espaço. Também sua forma e seu tamanho padrão são conhecidos pelos integrantes da comunidade. Informações adicionais, particularmente sobre objetos que se afastam da forma e/ou do tamanho padrão, podem ser codificadas por adjetivos.

Veremos, no entanto, que muitos substantivos do português não são suficientes por si só para determinar a delimitação do objeto. Com eles, as informações

adicionais são codificadas por quantificadores e pela categoria morfológica do número.

2.4.1.1. Substantivos contáveis e não-contáveis

Entre os substantivos do português e do alemão distinguem-se os contáveis e os não-contáveis, de acordo com sua capacidade de entrar em combinações com numerais. Contáveis são, por exemplo, *bola* e *família*, não-contáveis são *gado*, *fezes* e *ouro* (cf. CAMACHO & PEZATTI 1996).

O conceito de contabilidade tem claras implicações a respeito da delimitação dos objetos. Um objeto contável deve ser imaginado como individuado e, conseqüentemente, como delimitado em cada indivíduo, enquanto um objeto não-contável vai constituir uma massa e, conseqüentemente, um objeto não-delimitado.

Existem, no entanto, casos em que a contabilidade não fica clara a priori. Consideremos os seguintes exemplos:

- (3) Me dá um pão.
- (4) Eu quero pão.

Em (3), o uso do artigo indefinido *um* indica contabilidade, i.e., o receptor deve imaginar como PÃO um objeto individuado. Se não houver indicações contrárias, ele vai imaginar um indivíduo aproximadamente da forma e do tamanho padronizados para uma unidade de pão na sua comunidade. Em (4), o singular sem artigo indica a não-contabilidade do objeto, i.e., o receptor deve imaginar o pão como massa não-delimitada. Nesse caso, podem restar dúvidas em relação à sua extensão.

No português, verificamos que há muitos substantivos com dois modos de uso, assim como *pão*. O substantivo *cabelo*, p.ex., pode ser usado tanto como substantivo de massa, quanto como contável:

- (5) Maria cortou o cabelo. (de massa)
- (6) Encontrei um cabelo na sopa. (contável, singular)
- (7) Com este shampoo, seus cabelos ficam mais brilhantes. (contável, plural)

Até mesmo com substantivos designadores de objetos claramente individuados, encontram-se os três modos de uso:

- (8) É impressionante quanto livro tem nessa biblioteca. (de massa)
(9) Outro dia, comprei um livro bacana. (contável, singular)
(10) Ontem, tirei a poeira de todos os meus livros. (contável, plural)

A extensão de objetos não-delimitados pode ser especificada por medidores. Esses podem ser adjetivos, tais como *muito*, *pouco*, *bastante* etc., ou sintagmas nominais compostos de um substantivo designador de uma unidade de medição e um numeral, tais como *500 gramas*, *3 metros*, *100 mililitros* etc. Em geral, os sintagmas nominais que funcionam como medidores exigem no português uma construção partitiva com a preposição *de*, como em *um metro de seda*, *três doses de uísque*, *meio quilo de presunto* etc. Dependendo de que tipo de objeto se trata, o medidor indica direta ou indiretamente a extensão espacial. *Metro* e *dose*, por exemplo, referem-se diretamente ao espaço, enquanto *quilo* sugere uma interpretação espacial a partir de uma inferência (conforme a densidade do objeto em questão). Os medidores não precisam designar necessariamente unidades técnicas, como *quilograma* e *metro*. Muitos outros substantivos, desde que sejam contáveis, podem assumir essa função. Medidores típicos são designadores de vasilhames, como em *duas garrafas de cerveja*, ou de partes do corpo humano (uso metafórico), como em *um dente de alho*, *quatro pés de alface* etc.

O uso de medidores transforma substantivos não-contáveis em contáveis (cerveja não se conta, mas garrafas de cerveja, sim). No português, tais construções são bastante comuns:

- (11) uma folha de papel, vinte cabeças de gado etc.

Até mesmo substantivos que, sozinhos, já podem designar indivíduos, freqüentemente combinam-se com medidores:

- (12) um cabelo, um fio de cabelo
(13) um pão, um filão de pão
(14) um alho, uma cabeça de alho

Concluimos que, além dos substantivos, os quantificadores, os medidores e o número exercem uma função importante para indicar a extensão espacial. Mas também as relações espaciais entre dois objetos (em particular entre um objeto não-delimitado e um vasilhame) podem influenciar a maneira como a extensão espacial é concebida. Quando se diz, por exemplo, *a água no balde*, a quantidade de água à qual se faz referência deve ser, necessariamente, uma quantidade limitada, que assume, em função do vasilhame, uma determinada forma. Por

outro lado, o uso metafórico de determinados verbos pode fazer com que objetos tipicamente delimitados pareçam massas não-delimitadas:

- (15) Depois do jogo, abriram-se os portões do Maracanã e os torcedores decepcionados derramaram-se pelas ruas.

Os substantivos do alemão são menos flexíveis em relação ao uso como contáveis e não-contáveis. Substantivos contáveis como *Buch* [livro] ou *Auto* [carro] não permitem o uso como não-contáveis:

- (16) *Erstaunlich, wie viel Buch es hier gibt! [Impressionante quanto livro tem aqui!]
(17) *So viel Auto wie im Verkehr von São Paulo habe ich nie gesehen. [Nunca vi tanto carro como no trânsito de São Paulo.]

Exemplos como esses são agramaticais no alemão. Somente em contextos estilisticamente marcados, que brincam com a infração das regras gramaticais, como na poesia ou na propaganda de consumo, pode-se encontrar sentenças como:

- (18) Bei uns bekommen Sie mehr Auto für Ihr Geld. [Conosco você leva mais carro pelo seu dinheiro.]

Os substantivos não-contáveis, por outro lado, permitem também um uso como contáveis:

- (19) Trinken Sie Bier? [O senhor bebe cerveja?] (de massa)
(20) Ein Bier, bitte. [Uma cerveja, por favor] (contável, singular)
(21) Eins von den zwanzig Bier, die ich gestern getrunken habe, muß schlecht gewesen sein. [Uma das vinte cervejas que eu tomei ontem devia estar estragada.] (contável, plural)

Quando se usa um substantivo normalmente não-contável em combinação com numerais, ele deve ser reinterpretado. No caso de *Bier*, a reinterpretação mais provável toma a direção da unidade padrão de consumo. Nesse sentido, o sintagma *ein Bier* [uma cerveja], será interpretado como "um copo" ou "uma garrafa de cerveja". Uma outra possibilidade de reinterpretação é pela subcategoria. Assim, *ein Bier*, em outro contexto, poderia ser entendido como "uma marca de cerveja":

- (22) Heute wird in Dortmund nur noch ein Bier gebraut. [Hoje fabrica-se em Dortmund apenas uma marca de cerveja.]

Na medida em que o alemão distingue, mais claramente que o português, entre substantivos contáveis e não-contáveis, a informação sobre a extensão espacial fica mais nitidamente distribuída. Os substantivos contáveis referem-se a objetos individuados, cuja forma e cujo tamanho padrão o usuário da língua deve conhecer a partir da sua experiência com a realidade cultural da comunidade dos falantes. Os substantivos não-contáveis referem-se a objetos não-delimitados cuja forma e cujo tamanho podem ser inferidos, em cada caso individual, a partir de especificações adicionais.

2.4.1.2. Adjetivos

Quando um objeto delimitado se afasta da forma ou do tamanho padrão, usam-se adjetivos para acrescentar aos substantivos as respectivas informações. Em primeiro lugar, podemos pensar em adjetivos como *grande* e *pequeno* (em alemão, *groß* e *klein*) e seus parentes semânticos *enorme*, *gigante*, *imenso*, *miúdo*, *mínimo*, *minúsculo* etc. (em alemão, *ungeheuer*, *gigantisch*, *riesig*, *winzig*, *minimal* etc.). No português, eles são usados como adjuntos adnominais; no alemão, entram também em composições com os substantivos, como em *Großunternehmen* [empresa grande], *Kleinausgabe* [edição minúscula, miniatura], *Maximalforderung* [reivindicação máxima], *Minimalbedarf* [necessidades mínimas] etc. No alemão é também comum usar determinados substantivos, tais como *Riese-* [gigante], *Zwerg-* [anão], *Tasche-* [bolso], *Miniatur-* [miniatura] etc., para indicar variantes de extensão espacial (cf. ERBEN 1993: 85), como em *Riesenschildkröte* [tartaruga gigante], *Zwergkaninchen* [coelho anão], *Taschenformat* [formato de bolso], *Miniaturspielzeug* [brinquedo em miniatura] etc. Todos esses elementos referem-se ao tamanho do objeto, sem considerar sua forma. Evidentemente, o tamanho é relativo à categoria, sendo que uma formiga grande não ocupa o mesmo espaço que um elefante grande.

Mais interessantes são os adjetivos que se referem às dimensões espaciais, assim como *alto* e *baixo*, *comprido* e *curto*, *largo* e *estreito* etc. (cf. LANG 1987). Esses fazem referência não somente ao tamanho, mas também à forma do objeto. Dependendo da sua categoria e da perspectiva do observador, os adjetivos que se empregam para as diferentes dimensões do objeto podem variar. Quando pensamos no armário de um quarto, sua extensão vertical seria sua altura (*alto* vs. *baixo*), a horizontal-lateral, sua largura (*largo* vs. *estreito*) e a horizontal-frontal, sua profundidade (*fundo* vs. *pouco fundo*). Pensando no gabinete (tipo torre) de um computador, chamariamos a sua extensão vertical também de altura, a lateral de largura, mas a frontal de comprimento (*comprido* vs. *curto*). No caso de um sofá, a extensão vertical seria novamente a altura, mas a lateral agora seria o comprimento e a frontal, a largura ou profundidade. Num fio de cabelo

pendurado entre dois dedos, a extensão vertical seria o comprimento (*comprido/longo vs. curto*) e a horizontal, a espessura (*espesso/grosso vs. fino*). Por último, a extensão vertical de uma piscina é sua profundidade (*fundo vs. raso*), e suas extensões horizontais são o comprimento e a largura.

À primeira vista, esses dados parecem caóticos. Mas, se os analisarmos mais detalhadamente, observaremos que obedecem a um sistema bem definido de regras.

O uso de adjetivos dimensionais pode seguir dois sistemas diferentes de orientação: um definido pelo próprio objeto ao qual se referem e um definido por um observador externo. Muitos objetos, como seres humanos, carros, computadores, livros e armários têm um lado funcionalmente privilegiado, que é o lado da frente. Esse lado define suas duas dimensões espaciais mais salientes, que são a vertical, normalmente denominada de altura, e a horizontal-lateral, normalmente chamada de largura. A terceira dimensão pode receber nomes diferentes como comprimento (no caso do computador), profundidade (no caso do armário), ou espessura (no caso de um livro). Com objetos que não tenham um lado funcionalmente privilegiado, essa orientação não pode ser aplicada. Ela é substituída por uma orientação que privilegia o lado mais exposto ao olhar do observador. Esse lado define, então, as dimensões mais importantes, que receberão as denominações altura e largura, sendo que a terceira pode ser denominada de comprimento, profundidade ou espessura, conforme as proporções do objeto. Essas proporções, por sua vez, constituem um fator inerente ao objeto, que sempre influencia o emprego de adjetivos dimensionais, mesmo sob a orientação de um observador. Assim, a dimensão em que o objeto mais se estende é normalmente chamada de comprimento e a espessura/grossura só pode ser uma dimensão em que o objeto se estende menos.

Observamos, ainda, uma diferença entre adjetivos que se referem tanto à extensão externa, quanto à interna do objeto, e adjetivos que se restringem a uma dessas duas alternativas. Quando se fala da altura de um armário, por exemplo, pode-se fazer referência à sua extensão como é vista do lado de fora e também à sua extensão interna. O mesmo vale para o comprimento. Os adjetivos *espesso/grosso vs. fino*, por sua vez, referem-se preferencialmente à extensão vista de fora. Assim, um encanador, ao trocar o cano do esgoto da pia, provavelmente falará:

(23) Droga! O cano que eu trouxe é muito fino.,

e não:

(24) ?Droga! O cano que eu trouxe é muito estreito.

Por outro lado, um operário do saneamento público, que se arrasta pela canalização de esgoto, pode falar:

(25) Droga! Este cano é muito estreito.,

mas não:

(26) *Droga! Este cano é muito fino.

Esses exemplos mostram que *estreito* se refere exclusivamente à extensão interna. O mesmo, contudo, não é válido para seu contrário *largo*, que se aplica tanto à extensão interna quanto à externa.

A profundidade é uma extensão principalmente interna, como no caso de uma piscina, uma xícara ou um buraco.

Amplio vs. *apertado*, finalmente, referem-se à amplitude. Ambos são adjetivos que não se restringem a uma única dimensão, mas indicam uma extensão bi ou tridimensional. *Amplio* usa-se principalmente para indicar uma extensão interna, desconsiderando-se os limites externos. *Apertado* refere-se também à extensão interna, mas leva em consideração os limites.

Em resumo, podemos caracterizar os adjetivos dimensionais do português da seguinte forma:

- (i) *Alto* vs. *baixo* referem-se sempre à dimensão vertical, tanto interna quanto externa, considerando-se os limites. Eles podem ser substituídos por *comprido/longo* vs. *curto*, se a dimensão vertical for, ao mesmo tempo, aquela em que o objeto mais se estende.
- (ii) *Comprido* vs. *curto* referem-se sempre à dimensão em que o objeto mais se estende, de preferência uma dimensão horizontal. Eles podem se referir tanto à extensão interna quanto à externa, considerando-se sempre os limites. Podem ser substituídos por *largo* vs. *estreito*, se a dimensão for a horizontal-lateral ou se a extensão for igual nas duas dimensões horizontais. Em vez de *comprido*, pode-se usar *longo* com objetos cujo comprimento excede muito seu diâmetro, normalmente com referência à extensão externa.
- (iii) *Largo* vs. *estreito* referem-se sempre a uma dimensão horizontal, de preferência àquela em que o objeto não tiver sua extensão máxima,

considerando-se os limites. *Largo* pode indicar a extensão interna ou externa, enquanto *estreito* cabe só para a extensão interna.

- (iv) *Espesso/grosso* vs. *fino* referem-se sempre a uma dimensão em que o objeto não tiver sua extensão máxima, de preferência àquela da menor extensão e que seja uma dimensão horizontal. Ambos referem-se preferencialmente à extensão externa, considerando-se os limites. A diferença entre *espesso* e *grosso* é de registro, sendo *grosso* mais cotidiano e *espesso* mais técnico.
- (v) (*Pro*)*fundo* vs. *pouco* (*pro*)*fundo/raço* referem-se a uma dimensão não-lateral. *Raço* exige sempre a vertical, mas exclui a direção para cima e só se refere à extensão interna; (*pro*)*fundo* permite também a referência à dimensão frontal e à extensão externa. Com ambos consideram-se sempre os limites. A diferença entre *profundo* e *fundo* relaciona-se com o grau de profundidade, que deve ser maior com *profundo*.
- (vi) *Ampla* vs. *apertado* referem-se à extensão bi ou tridimensional, considerando-se primeiramente as dimensões horizontais. Ambos indicam a extensão interna, no caso de *ampla*, sem, no caso de *apertado*, com consideração dos limites.

Os adjetivos dimensionais, que originalmente se referem ao espaço, podem ser facilmente aplicados a outros domínios cognitivos, como tempo ou quantidade. Assim, fala-se em *tempo longo*, *curto*, *apertado*, *estreito* etc., em *alta/baixa velocidade*, *qualidade*, *estima*, em *ampla divulgação*, *profundo conhecimento*, *dinheiro curto* etc. Nesses usos metafóricos, os adjetivos mantêm geralmente suas características semânticas e as relações de sentido entre si. Um tempo apertado é, portanto, um tempo entre cujos limites um determinado processo mal se encaixa, como um quarto apertado é um quarto entre cujas paredes os móveis e as pessoas pertinentes mal cabem.

A questão dos limites é tocada também pelos adjetivos *aberto* e *fechado*. *Aberto* indica que o objeto em questão tem seus limites interrompidos (p.ex., uma caixa aberta, uma porta aberta) ou que os limites são desconsiderados (p.ex., um espaço aberto, um campo aberto). *Fechado* indica que o objeto tem limites não-interruptos (p.ex., uma caixa fechada, uma porta fechada, um espaço fechado).

No alemão, os adjetivos dimensionais são *hoch* [alto] vs. *niedrig* [baixo], *tief* [(pro)fundo] vs. *flach* [raço], *lang* [comprido] vs. *kurz* [curto], *breit* [largo] vs. *schmal* [estreito], *dick* [grosso, espesso] vs. *dünn* [fino] e *weit* [ampla] vs. *eng* [apertado]. Seu uso norteia-se por regras bastante semelhantes àquelas vigentes em português.

Nos objetos que têm um lado funcionalmente definido como frente, esse será normalmente descrito por meio dos adjetivos *hoch* e *breit*:

- (27) Der Computer/der Schrank/das Auto ist x cm hoch und y cm breit. [O computador/o armário/o carro tem x cm de altura e y cm de largura.]

Com pessoas e animais, no entanto, usa-se *groß* ou *lang* em vez de *hoch*, uso esse que seria impossível no português:

- (28) Die Giraffe ist 5 m groß. [A girafa tem 5 m de altura.]
(29) Markus ist 1,90 m lang. [Marcos tem 1,90 m de altura.]

A terceira dimensão é denominada *Tiefe* [profundidade], *Länge* [comprimento] ou *Dicke* [espessura, grossura]:

- (30) Die Waschmaschine ist 1 m hoch, 60 cm breit und 80 cm tief. [A máquina de lavar tem 1 m de altura, 60 cm de largura e 80 cm de profundidade (em português, comprimento).]
(31) Das Auto ist 1,50 m hoch, 1,80 m breit und 3,20 m lang. [O carro tem 1,50 m de altura, 1,80 m de largura e 3,20 m de comprimento.]
(32) Die Tür ist 2,10 m hoch, 1 m breit und 5 cm dick. [A porta tem 2,10 m de altura, 1 m de largura e 5 cm de espessura.]

A variabilidade de denominação da terceira dimensão mostra que essa é a menos saliente.

Na orientação definida por um observador, a escolha dos adjetivos dimensionais depende do lado do objeto exposto ao seu olhar. Esse lado é normalmente descrito pelos adjetivos *hoch* e *breit*. Mas, como no português, as proporções do objeto sempre influenciam a escolha dos adjetivos. Assim, a maior extensão do objeto sempre pode ser chamada de *Länge* e a menor, de *Dicke*, mesmo se forem na dimensão vertical. Ao mesmo tempo, a extensão menor nunca pode ser chamada de *Länge* e a maior, nunca de *Dicke*.

Como *espesso/grosso* e *fino* no português, que sempre se referem à extensão externa do objeto, e (*pro*)*fundo*, *raso*, *amplo*, *apertado* e *estrito* que se referem à interna, *dick* e *dünn*, no alemão, restringem-se à extensão externa e *weit* e *eng*, à interna. Os outros adjetivos dimensionais do alemão podem-se referir aos dois tipos de extensão. Isso significa que a restrição à extensão interna ou externa ocorre com mais adjetivos do português que do alemão.

Como *amplo* em português, *weit* em alemão indica desconsideração dos limites externos do objeto, como em *ein weiter Saal* [um salão amplo], *ein weiter Park* [um parque amplo] etc.

Resumo a seguir as características dos adjetivos dimensionais do alemão:

- (i) *Hoch* vs. *niedrig* referem-se sempre à dimensão vertical, tanto interna quanto externa, de objetos inanimados, considerando-se os limites. Eles podem ser substituídos por *groß* vs. *klein* ou *lang* vs. *kurz*, se a dimensão vertical for, ao mesmo tempo, aquela em que o objeto mais se estende, particularmente se o objeto for animado.
- (ii) *Lang* vs. *kurz* referem-se sempre à dimensão em que o objeto mais se estende, em objetos inanimados, de preferência a uma dimensão horizontal, em objetos animados, também à dimensão vertical. Eles podem se referir tanto à extensão interna quanto à externa, considerando-se sempre os limites. Podem ser substituídos por *breit* vs. *schmal*, se a dimensão for a horizontal-lateral ou se a extensão for igual nas duas dimensões horizontais.
- (iii) *Breit* vs. *schmal* referem-se sempre a uma dimensão horizontal, de preferência àquela em que o objeto não tiver sua extensão máxima. Ambos podem se referir tanto à extensão externa quanto à interna, considerando-se os limites.
- (iv) *Dick* vs. *dünn* referem-se sempre a uma dimensão em que o objeto não tiver sua extensão máxima, de preferência àquela de menor extensão e que seja uma dimensão horizontal. Ambos podem se referir somente à extensão externa, considerando-se os limites.
- (v) *Tief* vs. *flach* referem-se a uma dimensão não-lateral, de preferência à vertical, mas excluindo a direção para cima. Eles podem se referir tanto à extensão externa quanto à interna, considerando-se sempre os limites.
- (vi) *Weit* vs. *eng* referem-se à extensão bi ou tridimensional, considerando-se primeiramente as dimensões horizontais. Ambos indicam a extensão interna, sendo que *eng* considera os limites e *weit* os desconsidera.

Os adjetivos dimensionais do alemão também podem entrar em composições com substantivos, como em *Hochhaus* [edifício (alto)], *Niedrigwasser* [maré baixa], *Langstrecke* [distância longa], *Kurzhaar* [cabelo curto], *Breitschwert* [espada larga], *Schmalspur* [trilho estreito], *Dickdarm* [intestino grosso], *Dünndruck* [impressão em papel fino], *Tiefbohrung* [perfuração de alta profundidade], *Flachland* [terra baixa], *Weitwinkel* [ângulo aberto], *Engpaß* [desfiladeiro] etc. Em todas essas composições, observa-se uma tendência à

idiomatização, i.e., à perda parcial do sentido do adjetivo dimensional. Assim, um *Hochhaus* [edifício] não é qualquer *hohes Haus* [casa alta], o *Dickdarm* [intestino grosso] não é qualquer *dicker Darm* [intestino grosso] e assim por diante (cf. NAUMANN 1986: 36 ss.).

Como no português, existe a possibilidade de aplicar os adjetivos dimensionais, de maneira metafórica, a domínios cognitivos como tempo e quantidade. Assim, pode-se falar:

- (33) Die Zeit bis zum Abgabetermin ist noch lang/ist kurz/wird eng. [O tempo até o dia da entrega ainda é longo/é curto/já fica apertado.]

Fala-se também em *hohe Spannung* [alta tensão], *breite Anerkennung* [ampla aceitação], *tiefe Vertrauen* [profunda confiança] e assim por diante.

Finalmente, temos os adjetivos *offen* [aberto] e *geschlossen* [fechado]:

- (34) A – Ist der Koffer schon offen? [A mala já está aberta?]
B – Nein, er ist noch geschlossen. [Não, ela ainda está fechada.]

que se referem aos limites do objeto. No caso de *offen*, os limites podem estar interrompidos ou não ser considerados; no caso de *geschlossen*, os limites serão não-interruptos. Enquanto o português tem somente os dois adjetivos *aberto* e *fechado*, o alemão oferece uma tríade de equivalentes para um (*geöffnet*, *offen* e *auf*) e um par para o outro (*geschlossen* e *zu*):

- (35) A – Ist der Koffer schon geöffnet/offen/auf?
B – Nein, er ist noch geschlossen/zu.

Os advérbios *auf* e *zu* são os elementos que mais claramente indicam estados de coisas, enquanto *geöffnet* e *geschlossen* se referem aos resultados das ações de abrir (*öffnen*) e fechar (*schließen*). Além disso, existe uma escala de registro, segundo a qual *auf* e *zu* são considerados mais cotidianos e *offen/geöffnet* e *geschlossen*, mais formais.

2.4.1.3. Afixos

Além dos recursos lexicais propriamente ditos, o português dispõe ainda de alguns afixos para codificar informações referentes à extensão espacial. Entre eles, distinguem-se os prefixos e os sufixos, com função diminutiva e aumentativa. Diminutivo e aumentativo são categorias que operam sobre os

padrões estabelecidos para as classes de objetos. Nesse sentido, funcionam de maneira análoga aos adjetivos como *grande* e *pequeno*, que sempre indicam valores relativos.

Como prefixos diminutivos temos, em português, *mini-* e *micro-*, que ocorrem em palavras como *minissaia*, *minicalculadora*, *minimercado*, *microempresa*, *microfilme*, *microorganismo*. O número dos prefixos aumentativos é consideravelmente maior: *mega-*, *maxi-*, *macro-*, *arqui-*, *super-*, *hiper-* e *ultra-*. Exemplos de palavras são: *megaoferta*, *megashopping*, *maxidesvalorização*, *maxissaia*, *macrossistema*, *macroeconomia*, *macrorregião*, *arquétipo*, *arquiinimigo*, *supermercado*, *superabundância*, *superalimentação*, *hiperinflação*, *hipersexualismo*, *hipertensão*, *ultracatólico*, *ultracorreção*, *ultra-realismo*.

Verificamos que nesses substantivos aprefixados existe uma tendência à idiomatização, i.e., à perda da transparência da derivação (cf. NAUMANN 1986: 36 ss.). Uma minissaia, por exemplo, é claramente uma saia mais curta (e nesse sentido, menor) que o padrão, mas ao mesmo tempo o conceito de minissaia não se esgota nessa definição. Pelo contrário, associa-se à minissaia também um determinado estilo de corte, uma determinada estética e até uma filosofia de vida.

Observamos, outrossim, que os diferentes prefixos, mesmo sendo todos diminutivos ou aumentativos respectivamente, se distinguem nas sutilezas de sentido. *Micro-*, por exemplo, indica um afastamento maior do padrão do que *mini-*; *mega-* parece característico do estilo da propaganda de consumo; *maxi-* refere-se a uma só dimensão (comprimento, no caso de *maxissaia*, índice linear, no caso de *maxidesvalorização*), enquanto *macro-* se refere a sistemas bi ou multidimensionais; *macro-* e *arqui-* indicam unidades de tamanho normal, mas acima do nível básico, enquanto *super-* e *hiper-* indicam unidades de qualquer nível, mas de tamanho acima do normal;⁸ entre *super-* e *hiper-*, o segundo indica um afastamento maior do padrão que o primeiro; *ultra-* indica um afastamento do normal que excede o desejável.

⁸ A semântica dos protótipos distingue entre o *nível básico* em hierarquias de categorias e o *padrão prototípico* de cada categoria (cf. ROSCH 1976, ROSCH & LLOYD 1978; KLEIBER 1993: 29-86). O padrão prototípico determina, entre outros, o tamanho previsto para um objeto. Assim, um pinguim normal teria uma altura de 50 a 80 cm. Quem encontrasse, na praia, um pinguim de 1,30 m de altura, certamente contaria para seus amigos que viu um pinguim enorme (ou, então, um superpinguim), enquanto quem encontrasse um pinguim de 15 cm, provavelmente contaria que viu um pinguim pequeno (ou um minipinguim). O nível básico determina, dentro de uma hierarquia de categorias, qual é a categoria mais adequada para referências em contextos comunicativos neutros. Um leigo em ornitologia que encontrar, na praia, um pinguim, certamente contará para seus amigos que encontrou um pinguim e não que encontrou um pássaro, nem que encontrou um Pinguim Humboldt. No primeiro caso, a informação seria demasiadamente geral e, no segundo, demasiadamente detalhada para ser relevante. Somente o nível básico garante a relevância em contextos comunicativos neutros, que envolvem pessoas de um nível de conhecimento considerado normal na sociedade em questão.

Como se percebe, os prefixos aumentativos nem sempre se referem ao espaço ocupado pelo objeto em função do seu tamanho. Muitas vezes, relacionam-se às qualidades não-espaciais do objeto. Assim, um superhomen não é um homem supergrande e sim um homem superforte; um arquifonema não é um fonema arquiestenso e sim um fonema arquetípico; um megafilme não é um filme megalongo e sim um filme megabom. Como mostram esses exemplos, os prefixos aumentativos combinam-se facilmente também com adjetivos, resultando em formas elativas (*superinteressante* → muito interessante, *hiperbarato* → muito barato etc.).

Entre os sufixos, temos *-(z)inho/-(z)inha* e alguns outros como diminutivos e *-ão/-ona*, *-açol-aça*, entre outros, como aumentativos (cf. CUNHA & CINTRA 1985: 88 ss.). O sufixo *-(z)inho/-(z)inha* raramente aparece como mero diminutivo (*carrinho de supermercado*). Na maioria das vezes, expressa, ao mesmo tempo, um determinado valor afetivo, como carinho (*filhinho*, *cachorrinho*), ironia (dependendo do contexto, *engraçadinho*, *bonitinho*), desprezo (*professorinha*, *ladrãozinho*) etc. Em alguns casos, *-(z)inho/-(z)inha* pode até mesmo assumir um valor aumentativo (*no comecinho*, *no finzinho*). O uso desse sufixo é extremamente freqüente no português do Brasil e ocorre com vários tipos de palavras (*agorinha*, *euzinho* etc.). Os demais sufixos diminutivos, tais como *-acho* (em *riacho*), *-eto* (em *livreto*) *-ulol-ula* (em *homúnculo*, *porciúncula*) restringem-se a poucas palavras no português contemporâneo e não podem mais ser considerados produtivos.

Os sufixos aumentativos apresentam a mesma tendência que os diminutivos a assumir valores afetivos. Raramente restringem-se ao mero aumento, como em *ratão* (rato grande) ou *feriadão* (feriado grande). Entre os valores afetivos que eles podem expressar, encontramos a admiração (*gatão*, *gostosona*, *golaço*, *louraça*), mas também a crítica (*marmanjão*, *mãezona*, *ricaço*).

Em geral, os sufixos ligam-se, ainda menos que os prefixos, ao espaço propriamente dito. Na maioria das vezes, seu valor diminutivo ou aumentativo refere-se ao grau de uma qualidade não-espacial apresentada pelo objeto. Portanto, podemos considerá-los um assunto marginal ao presente estudo.

A língua alemã possui menos afixos diminutivos e aumentativos que a portuguesa. Entre os prefixos de tradição germânica existem somente aumentativos: *erz-* (como em *Erzschurke* [supervilão]), *über-* (como em *Übergröße* [tamanho extra-grande]), *un-* (como em *Unmenge* [quantidade enorme]) e *ur-* (como em *Urkraft* [força elementar (muito grande)]). Além desses, usam-se praticamente os mesmos que em português, oriundos do latim ou do

grego antigo: *mini-* e *mikro-* como diminutivos e *mega-*, *maxi-*, *makro-*, *arch-*, *super-*, *hyper-* e *ultra-* como aumentativos. Trata-se de elementos internacionais, particularmente frequentes no registro técnico e administrativo: *Minibar* [frigobar], *Mikroorganismus* [microorganismo], *Megahit* [megassucesso], *Maxisingle* [disco compacto de maior duração], *Makrostruktur* [macroestrutura], *Archetyp* [arquétipo], *Supertanker* [navio-tanque gigante], *Hyperinflation* [hiperinflação], *Ultrastrahlung* [ultra-radiação]. As diferenças de sentido entre os elementos são as mesmas descritas para o português.

Entre os sufixos do alemão não existem aumentativos (cf. FLEISCHER & BARZ 1992: 100). Os diminutivos mais importantes são *-chen* e *-lein*, que originalmente se diferenciaram pela característica regional: *-chen* é oriundo do baixo-alemão (*Niederdeutsch*) e *-lein* do alto-alemão (*Hochdeutsch*). No alemão moderno, ambos se mantêm, sendo que hoje a distribuição obedece, ao menos parcialmente, a restrições morfofonêmicas (cf. NAUMANN 1986: 75). O sufixo *-chen* é praticamente excluído após o fonema /ç/ (o assim chamado *Ich-Laut*):

- (36) Bächlein [riachinho], *Bächchen, Kirchlein [igrejinha], *Kirchchen,
Büchlein [livrinho], *Büchchen

O sufixo *-lein*, por sua vez, é excluído após /l/:

- (37) Bällchen [bolinha], *Bällelein, Spielchen [joguinho], *Spillelein,
Stühlchen [cadeirinha], *Stühllein

Após os outros fonemas, os dois sufixos ocorrem muitas vezes paralelamente:

- (38) Häuschen, Häuslein [casinha], Kindchen, Kindlein [criancinha],
Tischchen, Tischlein [mesinha], Schühchen, Schühlein [sapatinho],

sendo que nas regiões do Norte da Alemanha, *-chen* é mais frequente e no Sul, *-lein* (com suas formas regionais *-le*, *-la*, *-li*, *-el*, *-erl* etc.) (cf. ERBEN 1993: 83 s.).

Os sufixos diminutivos do alemão são menos usados que seus equivalentes no português. Eles também assumem valor afetivo, mas costumam manter uma ligação mais direta com a noção da extensão do objeto, que normalmente vai ser a extensão espacial, nas entidades de primeira ordem.

2.4.2. Relações espaciais

A categoria espacial mais importante é a categoria da relação. Ela sempre envolve dois ou mais objetos. Na verdade, aquilo que experimentamos como *o espaço*, em que estão localizados todos os objetos, é um sistema infinitamente complexo de relações (cf. SVOROU 1994: 8). Isso corresponde a dizer que o espaço não existe como entidade, mas apenas como domínio de orientação.

2.4.2.1. O conceito de lugar

O conceito de relação espacial está intimamente ligado ao conceito de lugar. Vários autores têm assumido que um lugar seria algum tipo de entidade (cf. BIERWISCH 1988: 8 s.; DIEWALD 1991: 152). Outros contestaram essa visão, que leva a uma série de problemas, tanto filosóficos quanto lingüísticos (cf. LYONS 1977: 693 s.). A discussão é notória desde a Antiguidade. ARISTÓTELES, por exemplo, define um lugar como "aquilo que imediatamente engloba o objeto cujo lugar ele é" (cf. *Física*, livro 4, cap. 4). Essa definição é obviamente circular, pois menciona aquilo que deve ser definido (o lugar) como componente da definição. Mas ela é útil porque nos esclarece em que consiste a dificuldade. Quando tentamos focalizar um lugar, o nosso olhar prende-se automaticamente àquilo que está nele localizado. O lugar "em si" dissipa-se logo que o focalizamos. Aparentemente, conseguimos pensar um lugar apenas como lugar "de algo". Portanto, a pergunta *O que é um lugar?* parece, de certa forma, mal colocada.

No século XX, que merecidamente se chama século da relatividade, a visão científica do espaço assumiu todo um caráter relacional. Para compreendermos melhor essa visão, analisemos mais profundamente a definição aristotélica. Um lugar, diz ARISTÓTELES, é lugar de algo. Se utilizarmos a variável L para o lugar, a variável A para o objeto cujo lugar ele é, e o operador r para a relação LUGAR DE (a relação de englobamento), teremos como definição a fórmula

$$(39) \quad L = r(A)$$

Hoje em dia, a maioria dos autores parte do pressuposto de que, para a definição de um lugar, são precisos dois objetos, e não apenas um. O primeiro objeto (A) está localizado no lugar L (que corresponde a $r(A)$), enquanto o segundo (B) serve, por assim dizer, de cabide para o operador l, que simboliza uma relação entre A e B (cf., p.ex., HABEL 1989: 37). Essa visão pode ser expressa na fórmula

(40) $r(A) = l(B)$

A diferença entre as duas definições pode ser facilmente ilustrada a partir de exemplos lingüísticos. A fórmula (39) parece estar justificada quando analisamos sentenças como a seguinte:

(41) A raquete está aqui.

Nesse exemplo, o advérbio *aqui* parece determinar o lugar L, e o sintagma nominal *a raquete*, o objeto A. Isso corresponde a dizer que o lugar AQUI seria o LUGAR DE da raquete. Veremos, porém, que essa explicação é, na verdade, demasiadamente simples.

A fórmula (40) justifica-se principalmente por sentenças como:

(42) A raquete está em cima da mesa.

Nesse exemplo, o sintagma nominal *a raquete* designa o objeto A, o sintagma nominal *a mesa*, o objeto de referência B, e a adposição *em cima de*, a relação I. O sintagma preposicionado *em cima da mesa* designa o lugar $r(A)$.

Numa terminologia inglesa que se baseia na obra de Ronald LANGACKER (1986; 1987: 231 ss.), o objeto localizado A é denominado de *trajector* e o objeto de referência B, de *landmark*. Outros termos equivalentes são *relans* e *relatum*, *locans* e *locatum*, entre outros (cf., p.ex., SVOROU 1994: 9). Para os fins do presente trabalho, adotarei uma terminologia baseada na teoria de REICHENBACH (1947: 287 ss.) sobre as relações temporais. Chamarei o objeto A de entidade situada (E) e o objeto B, de entidade de referência (R).

2.4.2.2. O observador

Além da entidade situada e da entidade de referência, precisa-se ainda, para a determinação de localizações espaciais, de uma terceira entidade, a saber, de um observador (S). Podemos comprovar essa necessidade com o exemplo de duas interpretações da preposição *atrás de* (cf. VATER 1996: 50 ss.). Comparemos as seguintes sentenças:

(43.a) O carro está estacionado atrás da casa.

(43.b) O carro está estacionado atrás da árvore.

Em (43.a), o carro representa a entidade situada (E) e a casa, a entidade de referência (R). Normalmente, pressupomos que casas tenham um lado funcionalmente definido como frente e um outro funcionalmente definido como fundo, e quando falamos que um carro está estacionado atrás de uma casa, queremos dizer que o carro está estacionado próximo àquele lado da casa que reconhecemos como seu fundo. Esta é a assim chamada *interpretação intrínseca* de *atrás de*. Em (43.b), a entidade de referência é a árvore. Sobre árvores, normalmente não pressupomos que tenham uma frente e um fundo funcionalmente definidos.⁹ Quando falamos que um carro está atrás de uma árvore, queremos dizer que a árvore está localizada entre o carro e o observador. Esta é a *interpretação extrínseca* de *atrás de*, que também é denominada de *interpretação dêitica* (cf. TANZ 1980; FRIEDERICI 1989; EHRICH 1992: 2).

Os exemplos (43.a) e (43.b) não devem ser entendidos como casos categoricamente distintos. A sentença (43.a) não se restringe necessariamente a uma interpretação intrínseca de *atrás de*, nem a sentença (43.b) a uma interpretação extrínseca. Quando o observador estiver em qualquer lado da casa, desde que próximo a ela, e quando a casa impedir a sua visão do carro, que estiver no lado oposto da casa, ele poderá enunciar (43.a), mesmo quando o lado em que o carro estivesse fosse a frente da casa. Da mesma forma, quando a árvore tiver sua copa podada de tal modo que se distingam dois lados funcionalmente diferentes (p.ex., uma árvore esculpida em forma de uma cabeça), pode-se enunciar (43.b) quando o carro estiver próximo ao lado da árvore reconhecível como lado de trás, mesmo quando o observador não estiver localizado no lado oposto (cf. também os exemplos em SVOROU 1994: 21 s.).

Conseqüentemente, precisamos de duas relações para poder determinar um situamento no espaço: a relação entre E e R, e a entre R e S. Seguindo um modelo desenvolvido por EHRICH & VATER (1989) para a teoria dos tempos verbais, podemos chamar a primeira de *relação intrínseca* (i) e a segunda de *relação contextual* (k) (cf. também BLÜHDORN 1999 a). A união da relação intrínseca com a relação contextual constitui uma relação entre E e S, a qual chamarei de *relação espacial* (l). Podemos formular o seguinte esquema geral para relações espaciais (em que o símbolo \equiv indica equivalência e o símbolo \cup , a união de duas relações parciais):

$$(44) \quad (E \text{ I } S) \equiv (E \text{ i } R) \cup (R \text{ k } S)$$

⁹ Isso é válido no português e no alemão, mas não em todas as línguas (cf. SVOROU 1994: 20).

2.4.2.3. Relações contextuais

Ao analisar os exemplos (43.a) e (43.b), percebemos que a interpretação intrínseca da preposição *atrás de* independe do observador, enquanto a interpretação extrínseca depende dele. Isso corresponde a dizer que a interpretação intrínseca se baseia somente na relação intrínseca entre E e R, enquanto a interpretação extrínseca se baseia também na relação contextual entre R e S.

A relação contextual pode assumir dois valores: ou a entidade de referência e o observador são idênticos, ou são entidades distintas. Vejamos os seguintes exemplos:

- (45) O carro está aqui.
(46) O carro está atrás da árvore.

No caso de (45), *aqui* indica que o carro está num lugar próximo ao falante, que é, ao mesmo tempo, a entidade de referência (R) e o observador (S). Temos, portanto, a identidade entre R e S. No caso de (46), a preposição *atrás de* em sua interpretação extrínseca indica que o carro se encontra numa determinada posição em relação à árvore (R). A árvore, porém, não é o observador, sendo esse provavelmente o falante. No que se segue, utilizaremos uma vírgula ([R,S]) para indicar a identidade entre R e S e uma seta de dois sentidos ([R \leftrightarrow S]) para indicar a não-identidade entre R e S.

2.4.2.4. Relações intrínsecas

A relação intrínseca *i* entre E e R pode assumir os mesmos dois valores. Nesse caso, porém, [E,R] indica que E está na proximidade imediata de R e [E \leftrightarrow R], que E não está nesta posição. Podemos ilustrar uma relação de proximidade imediata pela preposição *sobre* e a ausência de uma tal relação pela preposição *acima de*:

- (47) O livro está sobre a mesa. ([E,R])
(48) O lustre está acima da mesa. ([E \leftrightarrow R])

As duas variantes mencionadas para *i* e *k* resultam em quatro combinações possíveis para a relação espacial *l*:

- (49) (a) E,R,S
(b) E,R \leftrightarrow S

- (c) $E \Leftrightarrow R, S$
- (d) $E \Leftrightarrow R \Leftrightarrow S$

Os seguintes exemplos ilustram essas variantes:

- (50)
- (a) Aqui (nesta sala) está frio.
 - (b) Você tem o dicionário aí?
 - (c) Ali (no outro lado da rua) tem um bar.
 - (d) Em frente à árvore estava uma bicicleta. (*interpretação extrínseca*)

No caso de (a), a entidade situada está na proximidade imediata do observador (do falante), que funciona ao mesmo tempo como entidade de referência. No caso de (b), a entidade situada encontra-se na proximidade imediata da entidade de referência (do destinatário), mas ambas estão afastadas do observador (do falante). Em (c), a entidade situada encontra-se longe do observador (do falante), que funciona ao mesmo tempo como entidade de referência. E em (d), a entidade situada está longe da entidade de referência, e essa está longe do observador (do falante). Essa última configuração é característica das adposições em sua variante extrínseca. O significado das adposições intrínsecas, por sua vez, corresponde simplesmente à relação intrínseca entre E e R, já que nesse caso a relação contextual não importa.

2.4.2.5. Campo, distância, dimensão e direção

Para um maior detalhamento das relações intrínsecas, podemos nos valer de um modelo hierárquico de quatro traços semânticos: {campo}, {distância}, {dimensão} e {direção}. Por campo se entende a localização da entidade situada no interior ou exterior da entidade de referência:

- (51) João está na escola.
- (52) Joana usa um cachecol em torno do pescoço.

No exemplo (51), João (entidade situada) encontra-se no campo interno da escola (entidade de referência), enquanto no exemplo (52), o cachecol se encontra no campo externo do pescoço de Joana. O traço {campo} pode assumir ainda um terceiro valor, ao qual chamarei de campo misto (cf. SVOROU 1994: 24, que usa o termo *medial region*), exemplificado em português pela preposição *entre*:

- (53) O carro está entre a casa e a igreja.

Essa preposição indica que a entidade situada se encontra num campo semi-fechado (demarcado por dois ou mais objetos de referência), mas está ao mesmo tempo externo a esses objetos, o que explica a denominação *campo misto* (cf. também HABEL 1989).

O segundo traço é {distância}. Este aplica-se só ao campo externo. A distância pode ser curta (proximidade entre a entidade situada e a entidade de referência) ou longa (afastamento entre os dois objetos). No português, as preposições *em* e *sobre* marcam proximidade (contato) e as preposições *acima de*, *ao lado de*, *em frente de*, entre outros, marcam afastamento (ausência de contato):

- (54) O quadro está pendurado na parede.
(55) O lustre está pendurado acima da mesa.

No exemplo (54), há proximidade (contato) entre o quadro e a parede, enquanto no exemplo (55), o lustre está afastado da mesa.

O terceiro traço, {dimensão}, pode assumir três valores, conforme as três dimensões do espaço físico: vertical, horizontal-frontal e horizontal-lateral. Entre elas, a dimensão vertical, que é constituída pela gravitação, é a mais saliente (cf. LYONS 1977: 690; FRIEDERICI 1989: 19 ss.). No português, ela pode ser indicada pelas preposições *acima de* e *embaixo de*:

- (56) O lustre está pendurado acima da mesa.
(57) O cachorro está deitado embaixo da mesa.

Saber qual das duas dimensões horizontais é a mais saliente dependerá do objeto em questão e da perspectiva do observador. Quando se adota a perspectiva intrínseca do objeto, a dimensão horizontal-frontal é muitas vezes mais saliente, em particular em objetos móveis, pois neles corresponde à direção do movimento. Assim, por exemplo, em um carro, a dimensão horizontal-frontal é mais saliente que a lateral, pois o carro se movimenta para a frente (cf. SVOROU 1994: 20). No português, correspondem a essa dimensão as preposições *em frente de* e *atrás de*:

- (58) As crianças esperam em frente da igreja.
(59) O carro está estacionado atrás da casa.

Quando se adota a perspectiva extrínseca do observador, a dimensão horizontal-lateral é com frequência mais saliente, pois corresponde à divisão funcional do corpo humano, que procede da lateralização do nosso cérebro e se reflete, entre outros, na diferenciação das duas mãos. No português, usam-se as preposições à

direita de e à esquerda de para codificar essa dimensão, e existe também a preposição neutra *ao lado de*:

(60) O filho está ao lado do pai.

O quarto traço, {*direção*}, distingue entre duas orientações em cada dimensão espacial, tomando como ponto de partida a entidade de referência. Na dimensão vertical, faz-se a distinção entre uma posição acima da entidade de referência e uma abaixo de R (cf. FIORIN 1996: 276 s., que fala das posições superativa vs. inferativa), na dimensão frontal, entre uma posição à frente de R e uma atrás de R (posições anterior vs. posterior) e na dimensão lateral, entre uma posição à direita e uma à esquerda de R. Entre essas, a posição acima é mais saliente que a abaixo, a posição à frente, mais saliente que a atrás e a à direita, mais saliente que a à esquerda (cf. LYONS 1977: 690 s.).

O sistema dos quatro traços, que é um sistema hipotético teoricamente aplicável a todas as línguas, pode ser visualizado da seguinte forma:

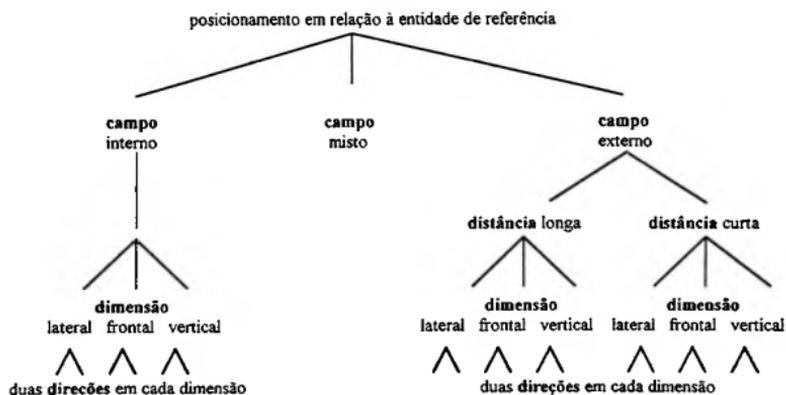


Fig. 1: Sistema hipotético do espaço

2.4.2.6. O espaço relacional

É através de um conjunto infinito de relações espaciais que se constitui aquilo que comumente denominamos *o espaço*, uma rede cognitiva que interliga todos os objetos e todos os estados de coisas na nossa percepção. O centro do espaço percebido somos nós, ou seja, o organismo perceptor é a última entidade de referência. Mas, na medida em que os objetos fora de nós estão

interrelacionados, o espaço também depende de nós. Podemos, portanto, dizer que o espaço possui uma extensão contextual (que depende do observador) e uma extensão intrínseca (independente dele) (cf. FIORIN 1996: 261 s.), assim como uma relação espacial consiste de um componente contextual e um componente intrínseco.

Verificamos que, embora o conceito de espaço desenvolvido neste capítulo seja consideravelmente mais explícito do que o modelo antigo de ARISTÓTELES, ele não consegue, afinal, evitar a mesma circularidade. Definimos *espaço* como um sistema infinito de relações entre objetos concretos, e *objeto concreto* como algo que se encontra no espaço.

Em última instância, essa circularidade é inevitável nas nossas condições epistemológicas, pois como organismos humanos, somos nós mesmos objetos concretos que se encontram no espaço. O nosso primeiro contato com objetos concretos e com o espaço é um contato instintivo, puramente sensorial, que precede a todo raciocínio, e durante nossa vida inteira continuamos nessa intimidade com o espaço e nessa dependência existencial dele. Quando começamos a pensar sobre a condição de espacialidade, já temos essa experiência e esse conhecimento pré-conscientes e sabemos, de maneira intuitiva, que eles são mais fundamentais que as definições formuladas *a posteriori*.

KANT, na *Kritik der reinen Vernunft* [Crítica da razão pura] (1787=1980: 89), caracteriza a espacialidade como uma condição inata da nossa cognição, como "die subjektive Bedingung der Sinnlichkeit, unter der allein uns äußere Anschauung möglich ist",¹⁰ e continua (ib.: 90):

"Wir können demnach nur aus dem Standpunkte eines Menschen, vom Raum, von ausgedehnten Wesen etc. reden. Gehen wir von der subjektiven Bedingung ab, unter welcher wir allein äußere Anschauung bekommen können (...), so bedeutet die Vorstellung vom Raume gar nichts."¹¹

2.4.3. Relações estáticas e dinâmicas

A terceira categoria acima mencionada é a categoria da dinâmica. Ela possibilita a distinção entre relações estáticas e dinâmicas. As relações estáticas são aquelas

¹⁰ "a condição subjetiva da sensorialidade que, como única, nos possibilita a visualização do mundo externo" (tradução minha)

¹¹ "Podemos, portanto, falar em espaço, em entidades extensas etc., somente do ponto de vista de um ser humano. Se desconsiderarmos as condições subjetivas sob as quais unicamente podemos conseguir a visualização do mundo externo (...), então, a idéia do espaço não significará nada." (tradução minha)

que não mudam dentro de um único estado de coisas. Da mesma forma que as ligações entre objetos e qualidades, também as relações entre objetos e outros objetos podem permanecer estáticas. Esse é o caso da maioria dos exemplos que discuti no item 2.4.2. Ao contrário disso, as relações dinâmicas são aquelas que envolvem mudanças (cf. SVOROU 1994: 24). No caso de COMER, p.ex., a relação entre quem come e o que é comido muda durante o estado de coisas. No início do processo, a comida estará externa ao corpo de quem come, enquanto no final do processo, estará interna ao seu corpo.

2.4.3.1. Situações e estágios

No âmbito do espaço, os estados de coisas estáticos são aqueles que não envolvem mudanças de situamento, ou seja, nos quais um objeto situado permanece na mesma relação espacial com um objeto de referência. Na descrição de tais estados de coisas, basta determinar o situamento e, se for necessário, o observador. Os estados de coisas dinâmicos em relação ao espaço chamam-se deslocamentos. Trata-se de transições de um situamento de partida a um situamento de chegada, sendo que situamentos transitórios podem ocorrer (cf. SVOROU 1994: 27). Na descrição de tais estados de coisas, precisam-se determinar os participantes e os seus relacionamentos entre si, tanto para o situamento de partida, quanto para o de chegada e também para possíveis situamentos transitórios.

Podemos nos servir aqui de uma classificação utilizada por W. KLEIN (1994: 6), entre as assim chamadas situações de zero estágios (*0-state-situations*), situações de um estágio (*1-state-situations*) e situações de dois (ou mais) estágios (*2-state-situations*). Por uma situação de zero estágios, W. KLEIN entende uma ligação entre um objeto e uma qualidade inalienável (*inalienable property*), assim como a qualidade de uma prótese de perna de ser de madeira. São esses os casos que exigem no português o verbo *ser*, e não *estar*. Por uma situação de um estágio, ele entende uma ligação entre um objeto e uma qualidade alienável (*alienable property*), assim como a qualidade de uma prótese de perna de estar desmontada. São esses os casos que exigem no português o verbo *estar*, e não *ser*. Por uma situação de dois estágios, entende-se uma ligação dinâmica entre um objeto, uma qualidade de partida e uma qualidade de chegada, assim como no nosso exemplo do céu durante o amanhecer.

A mesma tipologia aplica-se às relações entre objetos e outros objetos. Relações permanentes entre objetos, como as entre um todo e suas partes (p.ex., um cachorro e sua cauda) são situações de zero estágios; relações estáticas que mesmo assim não são permanentes (como, p.ex., entre um livro e a mesa em que

ele está), correspondem às situações de um estágio; e relações dinâmicas (p.ex., entre uma maçã e alguém que a come), são situações de dois (ou mais) estágios.

2.4.3.2. Movimento e deslocamento

Se pesquisarmos com mais precisão o comportamento espacial de objetos, poderemos distinguir cinco tipos de estados de coisas: os situamentos, os auto-movimentos, os hetero-movimentos, os auto-deslocamentos e os hetero-deslocamentos.

No caso dos situamentos, temos a simples localização de um objeto em um lugar, ou seja, uma relação estática, mas não permanente entre dois objetos. Situamentos são qualidades alienáveis, i.e., constituem estados de coisas¹² de um estágio.

Por um movimento, entendi uma mudança na forma de um objeto ou na constelação das suas partes, sem mudança do seu situamento, como no caso de um balão de ar que murcha quando se esvazia, ou dos galhos de uma árvore que balançam ao vento. Movimentos são estados de coisas de dois (ou mais) estágios: o balão está primeiramente cheio, e depois vazio. Em muitos movimentos, no entanto, o estágio de partida e o estágio de chegada não se separam de forma nítida: os galhos da árvore oscilam entre várias posições e podem até voltar à mesma posição por repetidas vezes.

Deslocamentos consistem em mudanças de situamento de objetos, como no caso de uma criança que corre do quarto para a sala. Eles também constituem estados de coisas de dois (ou mais) estágios. Nos deslocamentos, porém, conseguimos discriminar melhor entre o estágio de partida e o estágio de chegada, já que ambos se definem por relações entre objetos diferentes. Assim, a criança encontra-se primeiramente no quarto (relação entre criança e quarto) e depois na sala (relação entre criança e sala). Conseqüentemente, os deslocamentos são exemplos mais típicos de estados de coisas de dois estágios do que os movimentos.

A distinção entre movimentos e deslocamentos depende da perspectiva do observador. Num jogo de futebol, quando se focaliza um jogador que corre com a bola, observa-se um deslocamento. Na mesma situação, quando se focaliza a constelação toda do time no campo, observa-se um movimento. O deslocamento é de um indivíduo; o movimento, de um grupo de indivíduos.

¹² A partir daqui volto a falar de estados de coisas, substituindo o termo *situation* utilizado por W. KLEIN.

Tanto nos movimentos quanto nos deslocamentos, podemos distinguir entre os que envolvem um só participante e os que envolvem dois participantes. Aos primeiros, denominarei de auto-movimentos e auto-deslocamentos, aos segundos, de hetero-movimentos e hetero-deslocamentos, respectivamente. Nos movimentos e deslocamentos com um só participante, é este que se movimenta ou se desloca. Nesse caso, o participante é o paciente do processo. Como ilustração de um auto-movimento, podemos pensar numa pessoa que se deita e também no time de futebol do último exemplo. Como ilustração de um auto-deslocamento, pensemos numa pessoa que vai para o quarto ou em um jogador individualmente. Nos movimentos e deslocamentos com dois participantes, um deles é o paciente, e o outro, o agente que desencadeia o processo. Como exemplo de um hetero-movimento, podemos pensar numa esponja que alguém espreme, e como exemplo de um hetero-deslocamento, numa carreta que alguém empurra.

No caso dos hetero-deslocamentos (que também podemos chamar de transportes), distinguem-se o caminho que o paciente percorre e o caminho percorrido pelo agente. Muitas vezes, os dois são idênticos, por exemplo, quando se empurra uma carreta. Mas o caminho do agente pode também ser menor que o caminho do paciente, por exemplo, quando se passa o saleiro para outra pessoa à mesa. Nessa situação, o caminho percorrido pelo agente reduz-se a zero, pois o agente só se movimenta e não se desloca. Em alguns casos, o caminho do agente pode também ser maior que o do paciente, por exemplo, quando alguém vai buscar outra pessoa no aeroporto. Nessa situação, o agente percorre primeiramente um caminho sozinho até chegar ao aeroporto, enquanto o caminho do paciente se inicia somente a partir daí.

Verificamos que agentes, quando movimentam ou deslocam pacientes, normalmente perseguem intenções e interesses. Assim, quem carrega a lixeira para fora da garagem, talvez o faça para poder recolher as folhas caídas das árvores. Nesse caso, o situamento de chegada da lixeira (fora da garagem) é, ao mesmo tempo, o situamento de destino, pois o agente a destina para tomar esse lugar. Da mesma forma, o situamento de partida (na garagem) pode também ser denominado de situamento de origem, por ser daí que o agente tira a lixeira.

2.4.3.3. Focalização

Na sua codificação linguística, os deslocamentos podem ser apresentados de tal modo que tanto o situamento de partida/origem, quanto o de chegada/destino, sejam explicitados. Por exemplo:

(61) O trem vai de Sorocaba para São Paulo.

Até mesmo situações transitórias podem ser explicitados, como em

(62) O trem vai de Sorocaba via Osasco para São Paulo.

Mas existe também a possibilidade de não mencionar determinados situações:

(63) O trem sai de Sorocaba.

(64) O trem vai para São Paulo.

(65) O trem passa por Osasco.

(66) O trem está indo.

Nos exemplos (63) e (65), não se menciona o situação de chegada, nos exemplos (64) e (65), ignora-se o situação de partida, e no exemplo (66), nenhum situação é mencionado. A menção e não-menção de situações constitutivos de caminhos está intimamente ligada àquilo que denomino de *focalização*.

Ao descrever um deslocamento, o falante insere-se num contexto comunicativo que o leva a explicitar ou não determinadas informações. Consideremos o exemplo:

(67.a) Traga o dicionário, por favor!

Quem fala assim, pressupõe que seu interlocutor possa identificar o lugar para onde deve levar o dicionário. Portanto, ele opta por não mencioná-lo. Caso o falante queira atingir maior precisão a esse respeito, pode mencionar o situação de destino:

(67.b) Traga o dicionário para esta sala, por favor!

Da mesma forma, também o situação de origem pode ser explicitado:

(67.c) Traga o dicionário da biblioteca, por favor!

(67.d) Traga o dicionário da biblioteca para esta sala.

Ao observarmos as quatro variantes da oração, verificamos, no entanto, que a importância de explicitar o situação de origem não é a mesma de explicitar o destino. No exemplo (67.b), em que se menciona apenas o situação de destino, a origem pode ser irrelevante, ou o falante pressupõe que ela já seja conhecida pelo interlocutor. Todavia, em (67.c), em que se menciona apenas a origem, o destino precisa ser conhecido pelo interlocutor e não pode ser irrelevante no contexto. A mesma assimetria entre origem e destino vale também para o

exemplo (67.a). Podemos perceber, portanto, que em relação ao verbo *trazer*, o destino é de maior importância, sendo que seu conhecimento é imprescindível em qualquer contexto.

Observações paralelas podem ser feitas com relação a verbos do alemão, como *bringen*:

(68.a) Der Vater bringt die Kinder aus der Schule nach Hause.
[O pai leva as crianças da escola para casa.]

Nessa frase, *aus der Schule* [da escola] indica a origem e *nach Hause* [para casa], o destino das crianças. Se retirarmos o elemento *aus der Schule*, teremos a variante:

(68.b) Der Vater bringt die Kinder nach Hause.
[O pai leva as crianças para casa.]

Nesse caso, existem duas possibilidades de interpretação: ou a origem das crianças está evidente na situação em que a frase é usada (p. ex., o lugar do falante ou um local pré-mencionado), ou ela é irrelevante.

Se retirarmos de (68.a) a especificação do destino, *nach Hause*, teremos:

(68.c) Der Vater bringt die Kinder aus der Schule.
[O pai leva as crianças (para fora) da escola.]

Agora existe apenas uma possibilidade de interpretação: o destino das crianças precisa estar evidente na situação. Quando ele não for pré-mencionado, o elemento *aus der Schule* será reinterpretado como especificação do destino, com o sentido de *para fora da escola*. Não existe a possibilidade de o destino ser irrelevante.

A assimetria repete-se com a variante sem nenhuma especificação explícita:

(68.d) Der Vater bringt die Kinder.
[O pai leva as crianças.]

Também nesse caso, a origem pode estar evidente ou ser irrelevante, enquanto o destino deve estar evidente.

Um local da trajetória que deve estar evidente e não pode ser irrelevante quando não-mencionado explicitamente será denominado o foco estabelecido pelo verbo

em questão. O foco precisa ser conhecido pelo destinatário ou ser explicitamente mencionado (cf. MOREIRA, SILVA & BLÜHDORN 1997; SILVA, MOREIRA & BLÜHDORN 1998: 210 s.). A princípio, cada verbo designador de um deslocamento pode estabelecer um determinado foco no caminho percorrido pelo paciente do processo. Observamos que tanto *trazer*, no português, quanto *bringen*, no alemão, focalizam o destino do deslocamento. Podemos denominar a focalização do situamento de partida/origem de egressiva, a focalização de um situamento transitório, de pergressiva, e a do situamento de chegada/destino, de ingressiva.

2.4.3.4. Perspectiva

Outra característica da apresentação de deslocamentos é a perspectivização. Verbos e outros meios linguísticos podem orientar o receptor a posicionar-se na sua imaginação do deslocamento, num determinado ponto da trajetória e a conceber o processo a partir desse local. Nesse sentido, entendo por perspectiva a maneira com que o observador olha o deslocamento. Basicamente, existem duas opções: o observador pode olhar o deslocamento seguindo a sua direção (perspectiva mão) ou na perspectiva contrária (contra-mão).

A diferença entre as duas perspectivas pode ser ilustrada, no português, a partir dos verbos *levar* e *trazer*. Quando se usam esses verbos, sem o falante estar realmente situado no início ou fim do caminho, *levar* orientará o receptor na perspectiva mão, e *trazer*, na perspectiva contra-mão. Encontramos um exemplo ilustrativo para esse emprego no *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (BORBA & al. 1991: 1317):

(69) Qualquer doença que traga vômito ou diarreia leva à desidratação.

Nessa sentença, o falante situa-se na sua imaginação no lugar do paciente, que é o destino de vômito e diarreia e a origem da desidratação. Usando o verbo *trazer*, ele impõe a perspectiva contra-mão, indicando que vômito e diarreia se aproximam do paciente, e empregando *levar*, impõe a perspectiva mão, indicando que a água sai do seu corpo.

2.4.4. Aspecto espacial

A quarta categoria relevante para a conceituação do espaço é o aspecto espacial. Esse conceito foi sugerido por FIORIN (1996: 272 ss.), em analogia com o aspecto

temporal, mas encontra-se até hoje muito pouco desenvolvido na literatura linguística.

Por aspecto, no âmbito temporal, podemos entender esquemas universais semântico-pragmáticos (cf. LEISS 1992: 23) que se referem à relevância atual dos limites temporais de um estado de coisas (cf. também BLÜHDORN 1999 a). Trata-se, portanto, de uma categoria de apresentação, bem como no caso da focalização e da perspectivização. Na bibliografia sobre aspecto, distinguem-se, basicamente, o aspecto imperfeito e o aspecto perfectivo (cf. H. G. KLEIN 1974: 78; LEISS 1992: 34).¹³ Através da seleção do aspecto perfectivo, o falante indica que sabe como o estado de coisas em questão começa e termina. Ele se apresenta como alguém que possui uma visão geral. Metaforicamente, falou-se também de uma perspectiva externa. Através da escolha do aspecto imperfeito, o falante não indica nada sobre seu conhecimento dos limites do estado de coisas. Ele não dá nenhuma indicação sobre início e término, de modo que se apresenta como alguém que carece de uma visão geral. Metaforicamente, falou-se também de uma perspectiva interna (cf. LEISS 1992: 34 s.).

No português, o aspecto temporal é codificado, entre outros, pelas formas conjugadas dos verbos (pretérito perfeito vs. pretérito imperfeito; pretérito perfeito simples vs. pretérito perfeito composto; cf. BATTAGLIA 1996: 156 ss., 169 ss., 182 s.). Mas existem também outros recursos linguísticos que influenciam na criação do aspecto, por exemplo, o uso de objetos diretos. Comparemos os seguintes exemplos:

(70) O que Maria fez ontem à tarde? – Ela leu.

(71) O que Maria fez ontem à tarde? – Ela leu um livro.

No caso de (70), entende-se que, durante algum período de tempo, a referida pessoa exerceu a atividade de ler, sem considerar particularmente o início ou o fim dessa atividade. Mesmo usando-se o pretérito perfeito, o aspecto temporal dessa sentença parece neutro. No caso de (71), entende-se que a pessoa exerceu a atividade de ler desde o início até o término do livro. Dessa forma, a apresentação do estado de coisas focaliza os limites do evento, o que corresponde a um aspecto perfectivo.

Se aplicarmos a categoria do aspecto ao espaço (cf. também LEISS 1992: 24 s.), o aspecto espacial deverá referir-se à conceituação da extensão e dos limites dos objetos. Quando falamos sobre as ligações entre objetos e qualidades (item 2.3.1.

¹³ Com relação à língua portuguesa, encontram-se às vezes também os termos *aspecto perfeito* e *aspecto imperfeito*, que não adotarei, pois são menos comuns na bibliografia internacional.

acima), distinguimos uma apresentação extensiva de uma apresentação concentrativa. Esses mesmos termos podem ser utilizados em relação ao aspecto espacial, identificando-se a apresentação extensiva com o aspecto imperfectivo e a apresentação concentrativa com o aspecto perfectivo. Uma apresentação extensiva, no âmbito do espaço, seria uma apresentação pela qual o falante não indica nada sobre seu conhecimento dos limites de um objeto, enquanto uma apresentação concentrativa faz com que o falante pareça alguém que possui uma visão geral do objeto, inclusive conhecimento dos seus limites. Dessa forma, o aspecto espacial é um recurso para manipular a categoria de extensão espacial.

Podemos ilustrar o funcionamento do aspecto espacial a partir da diferença entre *as pessoas no parque* e *as pessoas dentro do parque*. No primeiro caso, as pessoas são apresentadas em relação ao parque como algo que está aí localizado, sem maiores limitações. Isso faz com que se imaginem as pessoas como algo que não se limita necessariamente a uma determinada região do parque. A apresentação permanece neutra quanto a esse respeito. As pessoas são apresentadas no aspecto extensivo. No segundo caso, as pessoas apresentam-se em relação ao parque como algo que está concentrado numa determinada região, deixando outras regiões desocupadas. (As pessoas podem até mesmo estar perdidas dentro do parque.) Esse tipo de apresentação faz com que se imaginem as pessoas mais limitadas como objetos e mais delimitadas em relação ao parque (aspecto concentrativo). Considerando que as pessoas são a entidade situada E, e o parque, a entidade de referência R, verificamos que o aspecto espacial sempre concerne aos limites de E, tomando R como grandeza de comparação. Se aplicarmos a isso os termos *figura e fundo* (cf. WALLACE 1982: 212), poderemos conceber R (i.e., o parque) como fundo e E (i.e., as pessoas) como figura. Uma apresentação de E no aspecto concentrativo traz consigo, portanto, uma apresentação extensiva de R. Em outras palavras, quando digo *as pessoas no parque*, não produzo efeitos especiais quanto à conceituação da extensão dos objetos. Mas, quando digo *as pessoas dentro do parque*, as pessoas parecerão diminuídas, e o parque, aumentado.

O aspecto espacial pode também ser influenciado pela escolha da entidade de referência. Um R que é um objeto delimitado, pode delimitar a entidade situada. Assim, quando digo *o ar na cidade*, o ar parece menos delimitado que em *o ar no balão*, devido à delimitação da entidade de referência. Temos, no primeiro caso, o aspecto extensivo, e no segundo, o aspecto concentrativo.

Outro fator que influencia o aspecto é a relação espacial, particularmente o traço {campo}. Em casos como *ela foi à escola*, o situamento de chegada do deslocamento fica no campo interno da entidade de referência. Isso faz com que o situamento seja claramente delimitado. Em casos como *ela foi para fora da*

escola, o destino do deslocamento fica no campo externo da entidade de referência, de forma que não pode ser igualmente delimitado. No primeiro caso, temos o aspecto concentrativo, e no segundo, o extensivo.

2.5. Conclusão

Apresentei, neste primeiro capítulo, brevemente o modelo com a ajuda do qual analisarei a seguir a codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil. Minha análise do espaço, mediante as quatro categorias extensão, relação, dinâmica e aspecto, segue o modelo da semântica temporal. Optei por esse caminho, não por motivos sistemáticos, mas sim, por motivos inerentes à história da linguística, sendo que durante a maior parte do século XX, a semântica do tempo foi muito mais estudada que a semântica do espaço.

O modelo teórico da semântica relacional, que forma o fundamento do meu trabalho, prevê, além da espacialidade e da temporalidade, mais dois domínios de orientação, a saber, a causalidade e a modalidade. As categorias de extensão, relação, dinâmica e aspecto deverão ser aplicadas também à análise desses domínios, seguindo a hipótese básica de que eles não são conceitualmente independentes. Como já foi observado, a espacialidade serve de fonte para metáforas utilizadas na conceituação da temporalidade. Essa, por sua vez, fornece metáforas para a conceituação da causalidade, e esta, para a conceituação da modalidade. É conseqüente supor que, nessa hierarquia de domínios cognitivos, os mecanismos ativos são basicamente os mesmos.

Em relação à semântica do espaço, não poderei pesquisar no presente trabalho as categorias da extensão, da dinâmica e do aspecto espacial. Mas espero ter pelo menos indicado quais seriam os principais conceitos de uma análise dessas categorias. Nos capítulos que se seguem, restringir-me-ei ao estudo das relações espaciais estáticas. As demais partes da semântica relacional terão de ser desenvolvidas em trabalhos posteriores.

3. A codificação de relações espaciais estáticas no português do Brasil

Neste capítulo, pesquisarei como se codificam, na língua portuguesa, as informações sobre relações espaciais estáticas, ou seja, as relações entre objetos situados, objetos de referência e observadores.

3.1. Relações espaciais e especificações de lugar

A quase toda sentença do português se pode acrescentar uma especificação de lugar, que indica onde o referido estado de coisas e/ou seus participantes se situam (cf. MAIENBORN 1996: 46 ss.):

- (1) As crianças comeram pudim na cozinha.

Nesse exemplo, trata-se do estado de coisas de que as crianças comem pudim (situado no passado, do ponto de vista do momento da fala). Através da especificação de lugar *na cozinha*, o falante indica que o estado de coisas ocorreu no campo interno da cozinha. A cozinha é a entidade de referência e o estado de coisas, uma entidade de segunda ordem, a entidade situada. Por inferência, entende-se que também os participantes do estado de coisas, as crianças e o pudim se situam na cozinha, segundo a suposição de que o comedor e a comida precisam estar fisicamente presentes no lugar do comer. As crianças e o pudim são entidades de primeira ordem.

Com entidades de terceira ordem, as condições são, a princípio, as mesmas. Quando se fala:

- (2) Naquele país, as galinhas são legumes.,

quer-se dizer que, no país em questão, a proposição AS GALINHAS SÃO LEGUMES (uma entidade de terceira ordem) é considerada verdadeira. Pela localização das pessoas que consideram a proposição verdadeira, localiza-se a proposição. E também entendemos que as referidas galinhas se situam no mesmo país. Temos, portanto, nesse caso, entidades de primeira ordem (as galinhas), uma entidade de segunda ordem (o considerar verdadeiro por parte de uma comunidade de pessoas) e uma entidade de terceira ordem (a proposição considerada verdadeira), que estão todas localizadas no campo interno do referido país.

Observamos, porém, que as especificações de lugar nem sempre se referem à entidade de ordem mais alta disponível. Consideremos uma sentença como:

- (3) Nessa universidade, todos os gatos são pardos.

O exemplo contém uma entidade de terceira ordem, a saber, a proposição TODOS OS GATOS SÃO PARDOS, que faz referência a uma entidade de segunda ordem, a saber, o estado de coisas de que todos os gatos são pardos, e a um conjunto de entidades de primeira ordem, a saber, os gatos. Ao interpretar a sentença, certamente relacionaremos a especificação de lugar *nessa universidade* à entidade de segunda e por inferência às de primeira, mas não à de terceira ordem, ou seja, a interpretação vai ser a de que o falante afirma sobre o lugar chamado *essa universidade* que todos os gatos que aí se encontram são pardos, e não que nesse lugar as pessoas consideram verdadeira a proposição de que todos os gatos são pardos.

Um caso semelhante ocorre no exemplo:

- (4) A cozinheira assou a galinha no forno.

A sentença faz referência a uma entidade de segunda ordem, a saber, o estado de coisas de que a cozinheira assou a galinha, e a duas entidades de primeira ordem, a saber, a cozinheira e a galinha. Na interpretação mais provável, a especificação de lugar *no forno* não será relacionada ao estado de coisas como um todo, e sim, somente à galinha, que é uma das entidades de primeira ordem envolvidas, ou seja, a interpretação será a de que a galinha, mas não a cozinheira, estava no forno durante o processo de assar.

Observamos, a partir desses exemplos, que as especificações de lugar seguem um princípio de inclusão. Quando se relacionam a uma entidade de ordem maior, podem, por inferência, ser relacionadas também às entidades de ordem menor envolvidas, mas quando se relacionam a uma entidade de ordem menor, não podem ser automaticamente relacionadas a entidades de ordem maior. A qual entidade (de que ordem) uma dada especificação de lugar deve ser relacionada, decide-se em cada caso individual, de acordo com o conhecimento contextual e genérico disponível (cf. MAIENBORN 1996: 49 s.).

3.2. Recursos lingüísticos

A língua portuguesa possui uma multiplicidade de elementos lexicais para codificar relações espaciais estáticas. Certamente, os meios mais importantes são

as adposições e os advérbios, que serão estudados no presente capítulo. Além deles, existe uma gama notável de outros elementos: substantivos, adjetivos e afixos derivacionais, além de verbos e determinadores.

Entre os substantivos, podemos pensar em todos os elementos que designam partes de objetos espacialmente definidas, como *base*, *fundamento*, *lado*, *tronco*, *topo* etc., às vezes também em analogia com partes do corpo humano, como *pé* e *cabeça* (cf. HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 125 s.). Em termos históricos, tais substantivos dão frequentemente origem a advérbios e adposições espaciais, como é o caso de *em cima*, *ao lado*, *em frente* etc. no português e *an der Seite* [ao lado] no alemão.

O inventário de adjetivos codificadores de relações espaciais estáticas estrutura-se paralelamente ao inventário dos advérbios e das adposições. Trata-se de elementos como *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *dianteiro*, *traseiro*, *direito*, *esquerdo*, *de cima*, *de baixo* etc.:

- (5) O uso da manta asfáltica, produto mais utilizado na impermeabilização, na laje superior do imóvel também pode substituir o telhado, dando novas possibilidades a projetos arquitetônicos. (FOLHA, 22.12.1996)

Os adjetivos correspondentes aos advérbios *aqui*, *aí* e *alí* são *daqui*, *daí* e *dali*/*de lá*, como em:

- (6) Você prefere o banheiro daqui ou o de lá?

Outro inventário paralelo é formado pelos afixos derivacionais, tais como *ad-*, *ante-*, *circum/n-*, *cis-*, *en-*, *endo-*, *entre-*, *epi-*, *extra-*, *hipo-*, *infra-*, *intra-*, *justa-*, *pará-*, *perí-*, *pós-*, *pré-*, *sobre-*, *sotola-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *trans-* e *ultra-*. Esses elementos derivam de adposições e advérbios espaciais do latim e do grego antigo.

SVOROU (1994: 34 ss.) destaca o processo histórico característico da gramaticalização de elementos espaciais, semelhante em todas as línguas do mundo, que tipicamente começa com elementos independentes lexicais, como substantivos e adjetivos, passa para elementos lexicais com características cada vez mais fortemente gramaticais, como advérbios e adposições, continua com elementos presos, como afixos derivacionais e flexionais, e termina, finalmente, com o desaparecimento da respectiva forma (cf. também HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 123 ss.; BYBEE, PERKINS & PAGLIUCA 1994: 9 ss., 40 s.; DIEWALD 1997: 11 ss.; BLÜHDORN & CASTILHO DA COSTA 1999).

Entre os verbos, podemos pensar em exemplos como *suportar*, *sustentar*, *alicerçar*, *fundamentar*, *basear* etc. que indicam determinadas configurações espaciais de objetos. Em grande parte, são derivados de substantivos. Existem também as construções formadas com o verbo *estar* e o particípio do passado de determinados verbos de movimento, como *estar deitado*, *estar sentado*, *estar parado* etc. Essas expressões não codificam por si só relações espaciais, mas contribuem para a codificação de tais relações, normalmente em conjunto com adposições.

O sistema dos determinadores da terceira pessoa, finalmente, inclui um recurso eficaz para especificar relações espaciais, a saber, a demonstratividade. No português, distinguem-se os elementos *este*, que indica proximidade do objeto situado em relação ao falante e *aquela*, que indica seu afastamento do falante. O elemento *esse* indica, a princípio, proximidade em relação ao destinatário. Segundo a observação de FIORIN (1996: 266), porém, a diferença entre *este* e *esse* está se neutralizando no português brasileiro contemporâneo. As relações espaciais indicadas pelos determinadores são (cf. item 2.4.2.4. acima):

(7)	<i>este</i>	E,R,S
	<i>esse</i>	E,R ↔ S
	<i>aquela</i>	E ↔ R,S

O artigo definido *o/a* não indica nenhuma relação espacial entre o objeto identificado e o falante ou o destinatário. Nesse sentido, ele é uma forma neutra.

3.2.1. Adposições

Adposições são, em muitas línguas, os meios prototípicos para especificar relações. Em português, todas posicionam-se antes do seu complemento, ou seja, são realizadas como preposições.

As preposições, segundo CUNHA & CINTRA (1985: 542), "relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (conseqüente)." Essa explicação, embora reflita algumas intuições básicas sobre as preposições, é bastante imprecisa. No que diz respeito à sintaxe, os termos *antecedente* e *conseqüente* sugerem uma simples relação linear entre a preposição e os sintagmas por ela ligados, como no caso de um pronome e seu antecedente:

- (8) Era uma vez um sapo honesto que vivia no fundo de um poço no jardim do palácio real. Ele só tinha um vício: adorava paquerar princesas.

Em estruturas desse tipo existe um primeiro elemento (o antecedente) que codifica determinadas informações (no caso, *um sapo*) e um segundo (o conseqüente), que retoma explícita ou implicitamente essas informações, acrescentando novos componentes (no caso, *ele*, que acrescenta a definitude).

Estruturas preposicionais são de natureza bastante diferente. Vejamos novamente o exemplo:

(9) o livro na mesa

A preposição *em* liga os sintagmas *o livro* e *a mesa*, mas essa ligação não é, de maneira alguma, linear. A relação entre o primeiro sintagma nominal e a preposição é bem menos íntima do que a relação entre a preposição e o segundo sintagma nominal, seu complemento. Em muitas línguas, como por exemplo a alemã, a preposição tem regência aberta sobre o complemento, ou seja, determina sua forma gramatical (seu caso). No português, essa regência fica em grande parte latente, já que não existem casos abertos nos substantivos. Ela aparece, contudo, com alguns complementos pronominais (p.ex., *em mim*). Em relação ao primeiro sintagma nominal, a preposição junto com seu complemento pode ser um adjunto ou novamente um complemento. Trata-se, portanto, de uma relação altamente hierárquica.

No que diz respeito à semântica, o caráter da relação mediada pela preposição pode ser definido de maneira mais exata que os termos *explicação* e *completamento* o fazem. Na verdade, nenhuma dessas duas funções se realiza no nosso exemplo, pois o conceito de LIVRO não é nem explicitado nem completado pelo conceito de MESA. Ambos os conceitos são autossuficientes e já devem ser conhecidos pelo receptor que queira entender o exemplo. No decorrer deste capítulo, veremos como podemos explicitar a função semântica das preposições de maneira mais apropriada.

3.2.1.1. Tipologia formal

Na língua portuguesa, existem as preposições simples como *a*, *até*, *após*, *contra*, *entre*, *para* etc. Em sua maioria, provêm de elementos que, já no latim, eram preposições. Muitas delas têm duas variantes, uma regida e uma não-regida. As preposições regidas são exigidas para complementar outros elementos, mais tipicamente verbos, substantivos ou adjetivos. São selecionadas por meros motivos formais (gramaticais) e contribuem pouco ou nada para o sentido da sentença. As preposições não-regidas são selecionadas por motivos semânticos e

contribuem para o sentido da sentença (cf. BLÜHDORN 1997: 179 ss.). Vejamos, como ilustração, os seguintes exemplos:

- (10) Os professores estão pensando em greve. (preposição regida pelo verbo *pensar*)
(11) Os professores estão na rua. (preposição não-regida)

Como as preposições regidas são elementos meramente gramaticais, que pouco contribuem para o sentido da sentença, somente preposições não-regidas podem codificar relações espaciais (e temporais, causais etc.) propriamente ditas.

Além das preposições simples, existem no português as preposições compostas como *conforme*, *durante*, *exceto*, *segundo* etc. e as chamadas locuções prepositivas, tais como *abaixo de*, *de acordo com*, *graças a* etc. (cf. CUNHA & CINTRA 1985: 542 s.). As preposições compostas são chamadas também de "acidentais" (cf. NICOLA & INFANTE 1993: 225 s.), pois são formadas a partir de elementos que pertencem a outras classes lexicais (mais notadamente substantivos, verbos e adjetivos/advérbios) e servem somente em determinados contextos de preposições. Enquanto as preposições simples regem formas oblíquas dos pronomes, as compostas não apresentam essa característica:

- (12) Comprou o presente para mim?
(13) Todos ganharam presentes, exceto eu.

As preposições compostas são sempre não-regidas, mas não codificam relações espaciais.

As locuções prepositivas são formadas a partir de substantivos, advérbios ou outros elementos em conjunto com preposições simples. O último elemento é geralmente uma das preposições *de*, *com* ou *a*, cuja regência se transmite à locução prepositiva:

- (14) Música criada através de um computador ainda é música. (FOLHA, 30.12.1996)

Também as locuções prepositivas são sempre não-regidas. Elas codificam com frequência relações espaciais.

3.2.1.2. Valor semântico

A seguir, analisarei a semântica das preposições espaciais do português, conforme as relações intrínsecas e contextuais por elas codificadas.

3.2.1.2.1. Relações intrínsecas

No item 2.4.2.5. acima, vimos como as relações espaciais podem ser caracterizadas através dos traços semânticos {campo}, {distância}, {dimensão} e {direção}. Esses traços referem-se principalmente às relações intrínsecas entre a entidade situada e a entidade de referência. Estão interligados entre si por uma hierarquia sistemática: {campo} é o traço menos específico, que menos determina a localização da entidade situada; {distância} restringe mais as possibilidades de localização, {dimensão} ainda mais, e {direção} fornece a maior restrição.

Podemos inserir as preposições do português na figura 1, apresentada no item 2.4.2.5. acima, obtendo assim uma classificação semântica desses elementos (cf. FIORIN 1996: 272 ss.). Começemos com as preposições simples:

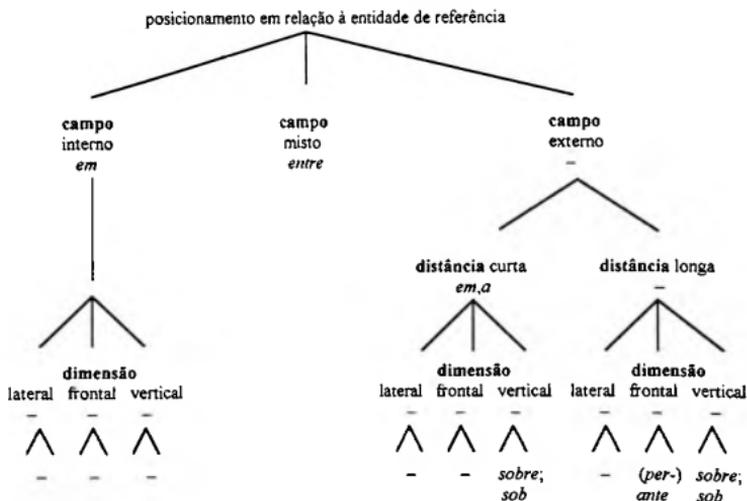


Fig. 2: As preposições espaciais simples do português como meios de indicar relações estáticas

Vejamos alguns exemplos dessas preposições, provenientes da *Folha de São Paulo*, a título de ilustração:

- (15) Bomba explode em trem com 1.200 passageiros na Índia. (FOLHA, 31.12.1996) (campo interno)
- (16) O atentado ocorreu um dia depois de a guerrilha bodo ter explodido a ponte que era a principal ligação entre o nordeste do país com as demais regiões da Índia. (FOLHA, 31.12.1996) (campo misto)
- (17) O show principal começará à meia-noite no palco montado no final da avenida D. Pedro. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (18) A propaganda governamental enfatiza que, graças à excelência do Plano Real, finalmente a classe trabalhadora tem tido frango à sua mesa, não só neste Natal, mas com frequência, a cada dia do ano. (FOLHA, 22.12.1996) (distância curta¹⁴)
- (19) Carlos está à mesa sem paletó, estudando. (FOLHA, 15.12.1996) (distância curta, dimensão lateral)
- (20) Uma fila de mais de 500 metros de veículos formou-se à porta do estacionamento do West Plaza às 9h. (FOLHA, 25.12.1996) (distância curta, dimensão frontal)
- (21) Ouvem-se, é certo, passos dos cantores sobre o palco, bem como o ponto a sussurrar as palavras do libreto. (FOLHA, 31.12.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (22) A cidade feia se arrasta sob rodas de carros e ônibus velhos. (FOLHA, 31.12.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (23) Lampreia repetiu argumentos de discurso ante a Conferência Ministerial de Cingapura. (FOLHA, 10.12.1996) (distância longa¹⁵, dimensão frontal)
- (24) Na tarde de ontem, um helicóptero jogou cordas sobre o presídio, construído especialmente para abrigar guerrilheiros que combateram o regime de Pinochet. (FOLHA, 31.12.1996) (distância longa, dimensão vertical)
- (25) No Guarujá, sob o sol das 14h, na praia das Pitangueiras, a professora Roseli Gagliari, 23, disse que, neste verão, as praias da cidade estão "deixando a desejar". (FOLHA, 31.12.1996) (distância longa, dimensão vertical)

Observamos que as preposições simples cobrem apenas poucas das posições previstas por nosso esquema, e somente das partes de cima e da direita. Existem preposições simples para o campo interno como um todo, mas para nenhuma

¹⁴ Nesse exemplo, pode haver dúvida se *à mesa* situa o frango, indicando a dimensão vertical (no sentido de "sobre a mesa"), ou os trabalhadores, indicando a dimensão lateral.

¹⁵ O valor "distância longa", aqui e em todos os demais lugares neste trabalho, quer dizer "distância não necessariamente curta", ou seja, sem contato entre a entidade situada e a entidade de referência. Isso corresponde a dizer que uma "distância longa" não é necessariamente "longa", no sentido cotidiano dessa palavra.

posição mais específica dentro desse campo. Em relação ao campo externo, existem duas preposições para indicar uma distância curta, independentemente da dimensão. Além disso, existem uma preposição para uma posição à frente na distância longa e duas para as posições superior e inferior, que se usam tanto para a distância curta quanto para a longa. Observamos que os elementos que indicam uma distância longa são levemente mais específicos. No total, contudo, as preposições simples são apenas seis.

A preposição *em*, cujo equivalente alemão *in* é caracterizado por BIERWISCH (1988: 34) como "the prototype of a locative preposition",¹⁶ pode indicar tanto o campo interno quanto a distância curta no campo externo. Podemos dizer, portanto, que nela o traço {campo} está neutralizado e que ela apenas indica distância não-longa. Mesmo assim, podemos supor que em cada caso individual o campo em que a entidade situada se encontra fica claro para o intérprete. Em (15), por exemplo, é improvável que alguém chegue à conclusão de que a bomba explodiu do lado de fora do trem ou que o trem se encontrava do lado de fora da Índia, e em (17) é improvável que alguém entenda que os atores estejam dentro do palco. A neutralização concerne, portanto, somente à preposição *em* como lexema (*type*) e não à preposição *em* como *token* no texto.¹⁷ O mesmo vale para *sobre* e *sob*, que ilustram a neutralização do traço {distância}, mantendo-se sensitivos aos traços {campo}, {dimensão} e {direção}.

Vejamos, a seguir, como as locuções prepositivas se inserem no mesmo esquema (cf. figura 3).

Alguns exemplos ilustrativos:

- (26) Já a Suframa cuida da produção dentro do Distrito Industrial. (FOLHA, 31.12.1996) (campo interno)
- (27) Impossível esquecer um passeio de trem no meio da cordilheira dos Andes. (FOLHA, 31.12.1996) (campo interno)
- (28) Na ala franciscana, outra escada, ao fundo da nave, leva a um estábulo onde, acreditam os católicos, Jesus deve ter nascido. (FOLHA, 23.12.1996) (campo interno, dimensão frontal)
- (29) Segundo ele, o emissário do Guarujá não está bem ancorado no fundo do mar. (FOLHA, 31.12.1996) (campo interno, dimensão vertical)
- (30) Um dos pontos sobre o qual ainda não havia acordo era a exigência israelense de que sejam estabelecidas "zonas-tampão" em torno dos bairros judeus de Hebron onde cerca de 400 colonos vivem em meio a 120 mil palestinos. (FOLHA, 31.12.1996) (campo misto)

¹⁶ "o protótipo de uma preposição locativa" (tradução minha)

¹⁷ Quais estratégias o intérprete deve aplicar em cada caso para chegar à interpretação adequada não posso investigar em detalhes no presente contexto.

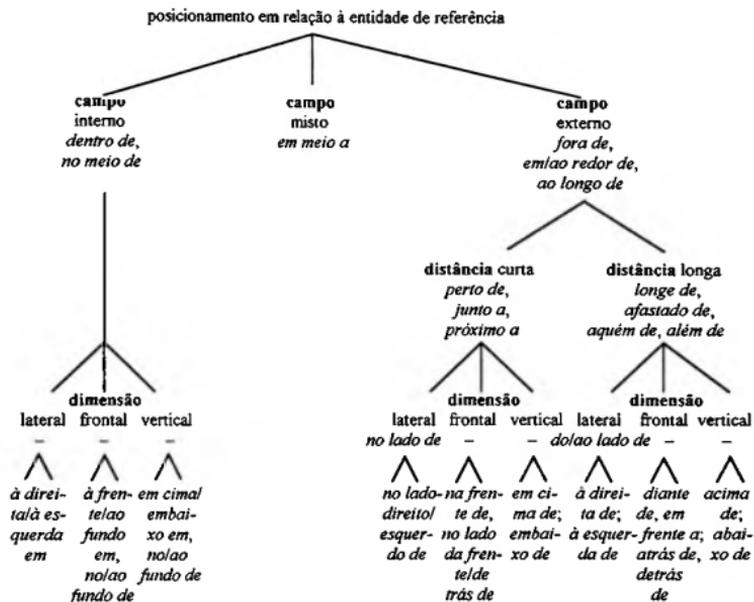


Fig. 3: As locuções prepositivas espaciais do português como meios de indicar relações estáticas

- (31) O Miami, com apenas oito jogadores à disposição, venceu fora de casa, por 95 a 94. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo)
- (32) A atriz Vera Holtz vive o papel de uma matriarca italiana. Ao seu redor vivem o marido, filhos, irmã e um genro. (FOLHA, 30.12.1996) (campo externo)
- (33) Peregrinos muçulmanos lotam trem perto de Tangi. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (34) A pista da av. Atlântica junto à praia será interdita das 6h de hoje até as 20h de amanhã. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (35) José Fernandes de Barros, o "Batatinha", foi preso próximo à delegacia de Afogados, onde já estavam detidos outros três suspeitos de praticar o crime. (FOLHA, 30.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (36) Coloquei uma foto de Marilyn Monroe no lado do armário. (distância curta, dimensão lateral)
- (37) Fizeram um arranhão no lado direito do meu carro. (distância curta, dimensão lateral)
- (38) Coloquei um adesivo da Madonna na frente do meu carro. (distância curta, dimensão frontal)

- (39) Eles têm uma trepadeira vistosa no lado de trás da casa. (distância curta, dimensão frontal)
- (40) Deixaram em cima da cama um embrulho marrom com uma fita amarela. (FOLHA, 30.12.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (41) "Temos que vender na base da guerrilha, saindo com os discos embaixo do braço", diz Nelson Sargento, 72. (FOLHA, 30.12.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (42) Você ficou muito tempo longe da família. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância longa)
- (43) Telê está afastado do futebol desde 29 de janeiro de 1996. (FOLHA, 20.12.1996) (campo externo, distância longa)
- (44) Tudo começou assim: uma dividida à qual Ronaldinho fingiu ir, mas não foi; deixou o adversário ser driblado pela própria bola. Tomando-a, partiu, ainda aquém da linha de meio-de-campo. (FOLHA, 14.10.1996) (campo externo, distância longa)
- (45) De vez em quando, gostaria de ser redator de diário oficial, para me permitir a louvação do que deve ser louvado, sem o trabalho de pensar e fuçar um pouco além da superfície. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância longa)
- (46) Pensando de forma pragmática, é melhor estar do lado daquele que tenha já chances de entrar no Palácio do Planalto em 98. (FOLHA, 31.12.1996) (distância longa, dimensão lateral)
- (47) O trecho de 600 m à direita e 600 m à esquerda da rua Chile é o que apresenta maior risco à saúde. (FOLHA, 28.12.1996) (distância longa, dimensão lateral)
- (48) Mulher toma sol na praia diante do Grand Hotel. (FOLHA, 31.12.1996) (distância longa, dimensão frontal)
- (49) O casal mora em uma casa de classe média atrás da Vidraçaria Silva, da qual são proprietários. (FOLHA, 31.12.1996) (distância longa, dimensão frontal)
- (50) Dois metros acima da porta há uma fresta de 15 centímetros de largura que permite a entrada de luz natural durante pouco tempo por dia. (FOLHA, 29.12.1996) (distância longa, dimensão vertical)
- (51) O cacauero é uma árvore de difícil cultivo, que não produz fruto em regiões 20° abaixo ou acima do Equador. (FOLHA, 29.12.1996) (distância longa, dimensão vertical)

A figura 3 e os exemplos acima trazem somente uma seleção das locuções prepositivas com sentido espacial do português. FIORIN (1996: 272 ss.) apresenta uma lista mais extensa. Mesmo assim, o levantamento é suficiente para mostrar que o inventário das locuções prepositivas é muito maior do que o inventário de preposições simples. Em particular, verificamos que existem elementos para a maioria das posições do esquema que não foram preenchidas com preposições simples.

Observa-se que as preposições que indicam afastamento (campo externo e/ou distância longa) podem ser combinadas com medidores ["*measure phrases*"] que definem mais exatamente o grau do afastamento (cf. BIERWISCH 1988: 48 s.):

- (52) cinco metros fora da área (FOLHA, 04.08.1995), 300 metros longe do chão (FOLHA, 27.10.1995), 2.800 metros além da praia (FOLHA, 17.12.1996), 600 m à esquerda da rua Chile (FOLHA, 28.12.1996), 700 metros em frente aos boxes (FOLHA, 19.09.1995), quatro metros atrás da fachada (FOLHA, 15.01.1996), dois metros acima da porta (FOLHA, 29.12.1996), oito metros sob a terra (FOLHA, 29.12.1996), 30 metros abaixo do solo (FOLHA, 23.12.1996)

As preposições que indicam não-afastamento (campo interno ou misto ou distância curta), tais como *em, entre, dentro de, em meio a, junto a* etc., não permitem tais construções.

No todo, a estrutura do inventário das preposições espaciais do português corrobora a hierarquia dos traços semânticos. Existem elementos que especificam somente o traço {campo} (p.ex., *dentro de*), elementos que especificam {campo} e {distância} (p.ex., *a*), elementos que especificam {campo}, {distância} e {dimensão} (p.ex., *ao lado de*) e elementos que especificam os quatro traços (p.ex., *atrás de*). Por outro lado, como veremos ainda mais adiante, é pouco típico encontrar elementos que especificam {direção}, mas não {dimensão}, {distância} e/ou {campo}, elementos que especificam {dimensão}, mas não {distância} e/ou {campo}, ou elementos que especificam {distância}, mas não {campo}. Em casos em que tais elementos ocorrem, a minha análise envolverá sempre o conceito de neutralização em nível do lexema (*type*), assumindo que o intérprete deve chegar a uma interpretação não-ambígua em cada contexto individual (*token*).

3.2.1.2.2. Relações contextuais

O uso mais comum da maioria das preposições espaciais insere-se na orientação intrínseca, i.e., na orientação que toma a espacialidade da entidade de referência como ponto de partida para determinar o campo, a distância, a dimensão e a direção em que a entidade situada se localiza. Já vimos, porém, no item 2.4.2.2. acima, que existe também a orientação extrínseca, que envolve um observador como segundo ponto de referência. A orientação extrínseca caracteriza-se pelo fato de que a entidade de referência e o observador não são idênticos. Atribuímos, portanto, no item 2.4.2.4., à relação contextual das preposições extrínsecas o valor [R ↔ S].

3.2.1.3. Sistemas de orientação

3.2.1.3.1. Observações gerais

A diferença entre as orientações intrínseca e extrínseca concerne principalmente às preposições que determinam uma direção, i.e., às preposições que se inserem na parte mais baixa do nosso diagrama. O exemplo que discutimos no item 2.4.2.2. foi a locução prepositiva *atrás de*:

- (53.a) O carro está estacionado atrás da casa. (uso intrínseco)
(53.b) O carro está estacionado atrás da árvore. (uso extrínseco)

No caso de (53.a), todo observador poderia dar essa mesma descrição do estado de coisas, independentemente da sua própria localização. No caso de (53.b), ao contrário, podemos imaginar dois observadores situados em lados opostos da árvore, dos quais um descreve a situação com (53.b), enquanto o outro diz:

- (53.c) O carro está estacionado em frente à árvore. (uso extrínseco)

A mesma diferença pode ocorrer na dimensão lateral, na qual aquilo que é o lado direito do objeto de referência (na orientação intrínseca) pode ser o lado esquerdo a partir da perspectiva de um observador (na orientação extrínseca). Isso fica particularmente claro em conversas entre pessoas que estão face a face. Suponhamos que Pedro e Maria estão sentados à mesa, almoçando:

- (54) *Maria* – Pedro, você está com um pedaço de macarrão no nariz.
Pedro (faz um movimento com a mão para tirar o macarrão) – Saiu?
Maria – Não. Agora está à direita do seu nariz.

Nesse momento, é bem provável haver um mal-entendido, pois Maria pode ter concebido *à direita* a partir do seu posicionamento como observadora (orientação extrínseca), enquanto Pedro pode achar que Maria usou a orientação intrínseca e, conseqüentemente, procurar o macarrão no lado errado do nariz.

Enquanto casas têm seus próprios lados de frente e de trás, possibilitando a orientação intrínseca, árvores não trazem essa distinção (nas culturas brasileira e alemã), exigindo a orientação extrínseca. Da mesma maneira, pessoas permitem a orientação intrínseca, por possuírem seus próprios lados direitos e esquerdos, enquanto árvores exigem a orientação extrínseca, por não apresentarem lateralização. A possibilidade de aplicar a orientação intrínseca a objetos de uma determinada categoria depende de vários fatores. Objetos móveis, por exemplo, são normalmente concebidos na orientação intrínseca, segundo sua direção

padrão de movimento (cf. SVOROU 1994: 20). Em um carro, a parte que atravessa primeiro uma linha no asfalto fica na frente e a parte que segue, atrás. Como direita, concebemos a parte que se situa à direita do motorista em sua posição padrão em frente ao volante, e como esquerda, a parte que se situa à sua esquerda.

Como esse exemplo mostra, a perspectiva do usuário também pode se refletir na orientação espacial que se aplica a um objeto. Em alguns tipos de objetos, a escolha da orientação é variável, conforme as intenções do falante no contexto. Num sofá, por exemplo, o lugar direito pode ser aquele em que a pessoa sentada apóia o braço direito ou aquele em frente à mão direita do observador. No primeiro caso, a orientação é intrínseca, embora ela dependa não apenas do sofá, mas também da perspectiva de um observador (genérico). No segundo caso, a orientação é claramente extrínseca.

Um sofá é um objeto cujo campo interno serve para determinados fins (principalmente para pessoas se sentarem) e que externamente também exerce funções (p.ex., de componente central entre os móveis na sala de estar). Essas duas funções determinam duas orientações diferentes, uma a partir do campo interno, outra a partir do campo externo. Com móveis em geral (e outros objetos com funções internas e externas distintas), é bem comum misturar as orientações intrínseca e extrínseca. Num armário, por exemplo, a nossa concepção da dimensão frontal é intrínseca. Conforme sua direção padrão de posicionamento, concebemos como frente a parte mais próxima do usuário (com que ele se depara primeiramente) e como fundo a parte mais distante (a que ele chega apenas mais tarde). A dimensão lateral, no entanto, concebemos normalmente de maneira extrínseca, chamando de direito o lado em frente à mão direita do usuário e de esquerdo o lado em frente à sua mão esquerda.

Com um pouco de imaginação, a ambigüidade entre as orientações intrínseca e extrínseca pode ser mostrada também na dimensão vertical. Podemos pensar, por exemplo, em dois astronautas numa nave espacial onde não existe gravitação (cf. FRIEDERICI 1989). O que está em cima na orientação de um pode estar embaixo na orientação do outro.

Em relação às dimensões, já é mais difícil mostrar a possibilidade de divergências entre as orientações intrínseca e extrínseca. Podemos pensar numa pessoa em pé que conversa com uma pessoa deitada de costas. Nessa situação, a pessoa em pé provavelmente referir-se-á ao ventilador pendurado no teto como algo acima da pessoa deitada (dimensão vertical, orientação extrínseca). A pessoa deitada, por sua vez, poderia falar também do ventilador à sua frente (dimensão frontal, orientação intrínseca). Se houver um travesseiro entre o topo da cabeça

da pessoa deitada e a cabeceira da sua cama, a pessoa em pé poderá referir-se a ele como algo à direita ou esquerda da pessoa deitada (dimensão lateral, orientação extrínseca). Seria, no entanto, mais provável adotar a orientação da pessoa deitada e falar do travesseiro acima da sua cabeça (dimensão vertical, orientação intrínseca). Parece que, entre duas possibilidades de orientação em relação a uma cabeça humana, das quais uma envolve o eixo vertical e a outra não, a que envolve o eixo vertical é sempre preferida, já que se trata do eixo mais saliente (cf. FRIEDERICI 1989; também item 2.4.2.5. acima).

Em relação à distância, não há diferença clara entre as orientações intrínseca e extrínseca. Enquanto existem objetos com suas próprias dimensões verticais, frontais e laterais e com seus próprios lados de frente, de trás etc., que podem diferir das dimensões e dos lados definidos a partir da perspectiva de um observador, o contato ou não (distância curta ou longa) entre uma entidade situada e uma entidade de referência depende somente das próprias entidades envolvidas. Conseqüentemente, a distância sempre se baseia na orientação intrínseca. A mera possibilidade de que o afastamento entre dois objetos pareça curto para um observador e longo para um outro, não leva a diferenças de sentido em elementos lingüísticos.

Enquanto uma sentença como:

(55) O carro está atrás da casa.

pode receber duas interpretações diferentes, e até mesmo opostas, das quais uma se deve à orientação intrínseca e a outra à extrínseca, uma sentença como:

(56) O carro está perto da casa.

pode receber interpretações levemente diferentes, mas com certeza não opostas, e a interpretação sempre se constrói a partir da orientação intrínseca.

Em relação ao campo, finalmente, a situação é mais nítida ainda. Todo objeto concreto define por si só um campo interno e um campo externo, independentes de qualquer observador. Isso implica que o campo é sempre definido com base na orientação intrínseca. Casos extremos como no jogo de futebol, no qual o árbitro viu a bola dentro do gol e a câmera de TV a viu fora, não influem em nenhum momento na interpretação de elementos lingüísticos, na qual dentro é sempre dentro e fora é sempre fora.

Em resumo: a diferença entre as orientações intrínseca e extrínseca concerne principalmente à direção e à dimensão. Na direção, ela pode levar a

interpretações opostas de uma mesma preposição (variabilidade de até 180 graus). Na dimensão, ela pode levar à inserção de uma mesma preposição em diferentes eixos (variabilidade de até 90 graus). Em relação à distância, pode haver uma fraca influência do observador, que leva a uma determinada variabilidade escalar. Isso poderia eventualmente diluir em parte a diferença entre orientação intrínseca e extrínseca, mas não muda, a princípio, o sentido de uma mesma preposição. Em relação ao campo, a orientação é sempre e exclusivamente intrínseca.

3.2.1.3.2. Casos particulares

Entre as locuções prepositivas do português, há duas que se distinguem pelo fato de que, na maioria das vezes, exigem uma interpretação extrínseca. São essas as locuções *aquém de* e *além de* (cf. FIORIN 1996: 279):

- (45) De vez em quando, gostaria de ser redator de diário oficial, para me permitir a louvação do que deve ser louvado, sem o trabalho de pensar e fuçar um pouco além da superfície. (FOLHA, 31.12.1996)
- (57) Mas, se o goleiro tocou nela, configurou-se um segundo lance, no qual Edmundo estaria aquém da linha da bola, portanto, livre de qualquer impedimento. (FOLHA, 02.04.1995)
- (44) Tudo começou assim: uma dividida à qual Ronaldinho fingiu ir, mas não foi; deixou o adversário ser driblado pela própria bola. Tomando-a, partiu, ainda aquém da linha de meio-de-campo. (FOLHA, 14.10.1996)

No seu sentido prototípico, *aquém de* quer dizer "no mesmo lado da entidade de referência em que o observador se encontra", e *além de*, "no lado da entidade de referência que é oposto ao lado em que o observador se encontra". Em (45), o observador é o falante; em (57) e (44), o falante imagina-se na posição do respectivo personagem. Em (57), *aquém da linha da bola* significa "no mesmo lado da linha em que se encontra o personagem"; em (44), *aquém da linha de meio-de-campo* quer dizer "no mesmo lado da linha em que se encontra o gol do time do personagem". A fórmula a ser atribuída às duas preposições é, portanto, $[E \Leftrightarrow R \Leftrightarrow S]$ (cf. item 2.4.2.4. acima).

No português brasileiro atual, a preposição *aquém de* é usada frequentemente num sentido metafórico:

- (58) O total de despesas do pedetista está muito aquém das estimativas do próprio candidato. (FOLHA, 27.08.1996)

Nesse caso, não há uma relação espacial no sentido estrito, já que despesas e estimativas são entidades de segunda ordem. Mas pode-se reconstruir o caminho da transferência metafórica. A estimativa é vista como uma projeção, a partir do lugar em que o observador (o candidato) se encontra, e marca um outro lugar (o valor estimado) que serve de referência para a localização da entidade situada (o total de despesas). *Aquém de* indica, portanto, que E está localizado entre S e R.

É interessante ver que a construção correspondente no alemão não permite uma orientação extrínseca. No alemão usa-se, em contextos desse tipo, a preposição *hinter* [atrás] na aceção intrínseca. Uma tradução de (58) para o alemão seria:

- (59) Die Gesamtheit der Ausgaben des Pedetisten ist weit hinter den Schätzungen des Kandidaten selbst zurückgeblieben.

Nesse caso, a estimativa também é conceitualizada como uma projeção que marca um determinado lugar, mas não em relação ao observador, e sim, em relação a um ponto de partida independente. O observador não é relevante. Dessa forma, interessam apenas a estimativa do candidato (a entidade de referência) e o total de despesas (a entidade situada), que não atinge a estimativa.

Em alguns contextos, parece que *aquém de* e *além de* também são compatíveis com uma orientação intrínseca. Consideremos o seguinte exemplo:

- (60) A jogada nasce no meio-campo, aquém ou além da sua linha. (FOLHA, 08.03.1995)

Nesse caso fica pouco claro quem poderia ser o observador e em que lado da linha do meio-de-campo ele poderia estar localizado. Dessa maneira, a interpretação mais provável para *aquém ou além de* é "em um ou outro lado de" e não "no lado de cá ou no lado de lá de". Essa mesma interpretação fica praticamente inevitável no exemplo:

- (61) Todo imaginário cultural vem à luz por "nossas mãos". Por ele somos responsáveis e nenhum "Deus", além ou aquém de nós, pode cumprir a tarefa que nos foi dada. (FOLHA, 15.10.1995)

É difícil explicar o que poderia ser uma posição "no lado de cá de nós". Nesse caso, *além ou aquém de* seria ininterpretável, senão no sentido de "em um ou outro lado de". Na interpretação intrínseca, a fórmula a ser atribuída a ambas as preposições é $[E \Leftrightarrow R]$.

3.2.1.3.3. Adposições geográficas

Antes de terminar este item, gostaria de mencionar ainda a possibilidade de situar uma entidade no espaço com referência a um sistema geográfico normatizado. Com isso, reduz-se o máximo possível a relevância da localização do observador. Esse efeito é atingido quando se descrevem relações espaciais através dos pontos cardeais, i.e., das direções da rosa-dos-ventos. Quando um autor escreve:

- (62) Algumas dessas tribos, que vivem ao norte do rio Brahmaputra, querem um Estado autônomo em parte do Estado de Assam. (FOLHA, 31.12.1996),

essa descrição em hipótese nenhuma sofreria mudanças a partir da perspectiva de algum outro autor/observador, pois o sistema dos pontos cardeais é reconhecido e idêntico no mundo inteiro. Verificamos, porém, que ele não é um sistema absoluto, e sim, relativo ao situamento astronômico da terra. Para os astronautas acima mencionados, na sua nave espacial, a instrução de seguir sempre rumo ao norte faria pouquíssimo sentido.

3.2.1.4. Objetos de referência

A sistematização das preposições dada nas figuras 2 e 3 refere-se primeiramente ao seu sentido prototípico espacial, que se realiza em casos em que a entidade de referência é um objeto extenso e delimitado:

- (63) o livro sobre a mesa

Se a entidade de referência for um objeto não-delimitado, as preposições poderão gerar dificuldades de interpretação:

- (64) o vinho ao lado da água

- (65) a casa ao lado da água

Como objetos não-delimitados não têm forma própria no espaço, eles não se prestam facilmente como objetos de referência para relações espaciais. Assim, um sintagma preposicionado como *ao lado da água* não pode ser interpretado sem se considerar o contexto. No primeiro exemplo, em que o objeto situado e o objeto de referência são ambos líquidos potáveis, entender-se-á, provavelmente, que a relação espacial é estabelecida entre dois vasilhames (garrafas, copos etc.) que contêm esses líquidos. A mesma interpretação não seria provável no segundo exemplo, pois um copo ou uma garrafa de água não são objetos de referência

adequados para situar uma casa. Conseqüentemente, procurar-se-á uma outra interpretação desse exemplo, que será a de um lago, rio, mar, ou algo semelhante.

Se a entidade de referência for um objeto não-extenso, uma adposição de lugar poderá apenas ser interpretada metaforicamente:

- (66) os bolsistas no programa
- (67) as músicas no programa

Nesses exemplos, a entidade de referência (o programa) não tem extensão física espacial e, portanto, não abre um campo interno propriamente dito, em que outros objetos poderiam ser situados. Exige-se, portanto, uma interpretação não-litera da preposição *em*, que mesmo assim deve ser compatível com seu sentido primário. Como (64) e (65), assim também (66) e (67) exigem interpretações diferentes da entidade de referência, conforme a natureza da entidade situada. Em (66), o programa provavelmente será interpretado como um programa de bolsas, enquanto em (67), a interpretação será a do programa de um concerto ou de uma festa ou de um programa de rádio ou televisão.

Os exemplos discutidos nos levam à questão de como se escolhe uma entidade de referência adequada para situar um outro objeto. Tem-se observado que o objeto de referência é muitas vezes maior e menos móvel do que o objeto a ser situado (cf. SVOROU 1994: 8 ss.):

- (68) a bicicleta em frente da casa

Nesse exemplo, a casa é maior e menos móvel que a bicicleta. Quando o objeto de referência é menor do que o objeto localizado, ele é normalmente mais conhecido ou culturalmente mais significativo, como a casa em:

- (69) o mar atrás da casa

Freqüentemente o objeto situado recebe suporte físico do objeto de referência:

- (70) os óculos em cima da geladeira
- (71) a cortina no trilho

SVOROU (1994: 11) conclui que os objetos de referência devem ser mais salientes que os objetos localizados. Eu discordo dessa generalização, visto que o objeto localizado precisa se destacar diante do objeto de referência. Na minha opinião, o objeto localizado deve ser mais saliente que o objeto de referência, mas o objeto de referência pode ser mais empático.

3.2.1.5. Gramaticalização

Observamos que as preposições espaciais do português do Brasil que codificam relações estáticas são, em sua grande maioria, morfologicamente locuções prepositivas. As únicas preposições simples são *a*, *ante*, *em*, *entre*, *sob* e *sobre*. Podemos relacionar essa observação a uma série de outras que, em conjunto, caracterizam o estado atual de gramaticalização do inventário das preposições espaciais do português:

- (i) Entre as locuções prepositivas, distinguem-se dois tipos de formação: locuções compostas de dois componentes, como *fora de*, e locuções compostas de três componentes, como *em cima de*. As primeiras compõem-se de um advérbio, seguido de uma preposição simples; as segundas, de um substantivo ou adjetivo, precedido e seguido de preposições simples.
- (ii) A preposição simples que precede o substantivo ou adjetivo é sempre *em* ou *a*.¹⁸ Nota-se que *em* é a preposição espacial prototípica do português, que se caracteriza por sua variabilidade de funções (cf. item 3.2.1.2.1. acima). *A* é a preposição mais gramaticalizada do português contemporâneo, já quase esvaziada de significado. Quando precede um substantivo ou adjetivo, serve de preposição espacial, com sentido semelhante a *em*.
- (iii) A preposição simples que segue o substantivo, adjetivo ou advérbio é sempre *de* ou *a*. No português contemporâneo, essas duas podem funcionar como equivalentes de casos, já que os substantivos não têm mais declinação. A preposição *de* substitui o genitivo, e *a*, o dativo. Isso corresponde a dizer que *de* e *a*, nessa posição, não são preposições espaciais.
- (iv) As preposições *de* e *a* possuem ainda regência própria, que se mostra em pronomes (*de mim*, *a mim*). Como integrantes de locuções prepositivas, exercem, portanto, uma dupla função. Por um lado, têm regência sobre o complemento nominal da locução, por outro, associam-se a esse complemento, como indicadores do seu caso.

¹⁸ Não analiso no presente trabalho as locuções prepositivas formadas com *por*, como *por cima de*. Tanto quanto eu vejo, existem três variantes de uso dessas locuções. Numa variante, *por* indica uma localização imprecisa, pouco delimitada, como em *Na casa dele deve ter muito mofo por baixo do carpete*. Numa outra variante, *por* indica um lugar no campo interno da entidade de referência, quando a entidade situada é um entre vários componentes de uma mesma categoria dos quais consiste a entidade de referência, como em *A gramática está por cima daquela pilha de livros*. (A gramática é um livro que faz parte da pilha.) Numa terceira variante, *por* associa-se com estados de coisas dinâmicos, como em *O carro passou por cima do meu pé*. As locuções prepositivas com *por* devem ser pesquisadas em um estudo à parte.

Em uma locução prepositiva como *em cima do armário* temos, portanto, uma estrutura hierárquica relativamente complexa, em que a preposição *em* tem regência latente sobre o substantivo *cima*, o sintagma *em cima* tem regência aberta sobre a preposição *de* e esta tem regência latente sobre o sintagma nominal *o armário*.

A regência latente é uma regência que, historicamente, está desaparecendo. Ela toma como complemento um sintagma nominal. Seu desaparecimento ocorre em função do desaparecimento da declinação nominal. A regência aberta toma como complemento uma das preposições *de* e *a* que servem de equivalentes de caso.

Na medida em que desaparece a regência das preposições simples, elas mostram uma tendência a se juntarem aos seus complementos. Essa tendência observa-se em advérbios como *embaixo*, *abaixo* e *acima*, formados, no passado recente, a partir das preposições simples *em* e *a*, o adjetivo *baixo* e o substantivo *cima*. A junção da primeira preposição com o substantivo ou adjetivo transforma uma locução prepositiva do segundo tipo acima mencionado em uma do primeiro.

A segunda preposição simples também tende a se juntar com seu complemento, como já acontece com os artigos definidos (*do*, *da*, *ao*, *à* etc.) e os pronomes da terceira pessoa (*dele*, *dela*). Futuramente, a cliticização das preposições simples ao artigo/pronome poderia gerar novas formas declinadas do artigo/pronome. Nesse caso, a preposição simples deixaria de existir como componente da locução prepositiva, com a consequência de que o advérbio (*abaixo*, *acima* etc.) adotaria sozinho a função de uma preposição composta. Esta, por sua vez, poderia, em um futuro ainda mais remoto, sofrer erosão e dar origem a uma nova preposição simples.

Possuímos, portanto, no português contemporâneo, um sistema de preposições espaciais bastante elucidativo, em relação aos processos de gramaticalização que podem ocorrer nesse campo (cf. SVOROU 1994: 34 ss.). No todo, as preposições espaciais do português estão atualmente pouco gramaticalizadas, mas já indicam claramente a direção em que vão se gramaticalizando. Através da regência, o sistema das preposições está intimamente ligado à declinação nominal. Esse sistema está hoje praticamente desativado no português do Brasil, mas a língua já anuncia o surgimento de um novo sistema de declinação, paralelamente à gramaticalização de novas preposições.¹⁹

¹⁹ Já existem, inclusive, indícios de que o novo paradigma de declinação terá ao menos quatro casos oblíquos, pois, além de *de* e *a*, também *em* e *por* exibem a mesma tendência à cliticização (*no*, *na*, *nele*, *nela*, *pelo*, *pela*). De acordo com a tipologia de casos apresentada na nota de rodapé 3, no item 1.1. acima, é de se esperar que os casos formados a partir de *em* e *por* serão casos com nítida semântica espacial, talvez um inessivo (a partir de *em*) e um adessivo (a partir de *por*). Os casos formados a partir de *de* e *a* provavelmente não terão semântica

3.2.2. Advérbios

Outro recurso importante para determinar relações espaciais são os advérbios. Segundo CUNHA & CINTRA (1985: 529), "o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo." Como as preposições, os advérbios são indeclináveis e inconjugáveis, i.e., não mudam sua forma flexional.²⁰ Em termos semânticos, são mais independentes que as preposições (cf. CASTILHO 1997: 59), o que se comprova pelo fato de que as locuções prepositivas com sentido espacial são frequentemente formadas a partir de advérbios (p.ex., *fora de, perto de, diante de* etc.). O inverso, i.e., a formação de advérbios a partir de preposições, não ocorre.

Diferentemente das preposições, os advérbios espaciais não participam de relações gramaticais de regência, nem como regentes, nem como regidos. Isso corresponde a dizer que os advérbios são sempre selecionados por causa do seu significado próprio e nunca por exigência meramente formal. Não são, portanto, complementos em relação aos portadores de valência, mas funcionam como adjuntos. Por outro lado, os advérbios também não exigem complementos como as preposições o fazem.²¹ Em consequência, não ligam formalmente dois sintagmas nominais. Comparemos os seguintes exemplos:

- (72) A estação ferroviária fica longe do centro da cidade.
(73) A estação ferroviária fica longe.

Na primeira sentença, temos a locução prepositiva *longe de*. Ela relaciona o sintagma nominal *a estação ferroviária*, que designa a entidade situada E, ao sintagma nominal *o centro da cidade*, que designa a entidade de referência R. Na segunda sentença, temos o advérbio *longe*. Ele indica uma relação espacial entre a entidade situada E, designada pelo sintagma *a estação ferroviária*, e uma entidade de referência R não-mencionada que, em nosso exemplo, é provavelmente o falante no momento da enunciação. Essa característica, de indicar uma relação entre uma entidade situada mencionada e uma entidade de referência não-mencionada, é típica dos advérbios com sentido espacial. Ela exige do receptor que inferencie a entidade de referência a partir do contexto: ou da situação comunicativa ou do contexto linguístico ou, ainda, do seu conhecimento geral (cf. MEIRELES & BLÜHDORN 1997: 132 ss.). A única informação sobre a entidade de referência que os advérbios implicam é a de que

predominantemente espacial, embora o genitivo (a partir de *de*) possa assumir determinadas características de um ablativo e o dativo (a partir de *o*), características de um alativo. Mas tudo isso, é claro, permanece, por enquanto, especulação.

²⁰ Alguns advérbios, como, p.ex., *bem e mal*, têm gradação (cf. CUNHA & CINTRA 1985: 536 ss.). A gradação, porém, apresenta, segundo NAUMANN (1986: 10 s.), mais características de formação de palavras que de flexão. Portanto, não vou considerá-la aqui.

²¹ BIERWISCH (1988: 3) caracteriza os advérbios como preposições intransitivas.

se trata de uma entidade identificável (definida). Conseqüentemente, todos os advérbios espaciais, ao invés das preposições, são elementos dêiticos.²²

3.2.2.1. Tipologia formal

Em analogia com a classificação das preposições, podemos distinguir, no português, três classes formais de advérbios: os simples, os compostos e as locuções adverbiais (cf. CUNHA & CINTRA 1985: 529 ss., onde essa classificação permanece, porém, meio implícita).

Os advérbios espaciais simples são elementos como *fora*, *dentro*, *longe*, *perto* etc., bem como *aqui*, *aí*, *alillá*, *aquém*, *além*, *algures* e *onde*. Em grande parte, provêm de elementos que já no latim eram advérbios ou locuções adverbiais. Os advérbios compostos são elementos historicamente mais novos, formados a partir de substantivos, adjetivos ou advérbios que se juntaram com preposições, tais como *abaixo* (prep. *a* + adj./adv. *baixo*), *adiante* (prep. *a* + adv. *diante*), *defronte* (prep. *de* + subst. *fronte*), *acima* (prep. *a* + subst. *cima*) etc. As locuções adverbiais são os elementos mais novos, ainda escritos separadamente, como, p.ex., *no meio*, *ao redor*, *em cima*, *à direita*, *ao norte* etc. A princípio, são formadas da mesma maneira que os advérbios compostos, mas preservam uma estrutura morfológica mais transparente.

Em geral, observa-se um paralelismo bastante grande entre os advérbios e as preposições espaciais do português. A grande maioria das locuções prepositivas espaciais é formada através do acréscimo das preposições *de* ou *a* a advérbios simples, compostos ou a locuções adverbiais. Apenas as seis preposições espaciais simples (*a*, *em*, *entre*, *(per)ante*, *sob* e *sobre*) não participam dessa regra morfosintática e, em conseqüência, não têm correspondentes entre os advérbios.

3.2.2.2. Valor semântico

Os valores semânticos dos advérbios espaciais podem ser sistematizados conforme o mesmo procedimento aplicado às preposições.

²² Em outro trabalho (BLONDORN 1995 b: 147 s.), mostrei que a dêixis é um processo elíptico que consiste na não-explicitação de informações evidentes na situação comunicativa ou no contexto linguístico.

3.2.2.2.1. Relações intrínsecas

Analisemos primeiramente as relações intrínsecas indicadas pelos advérbios espaciais simples:

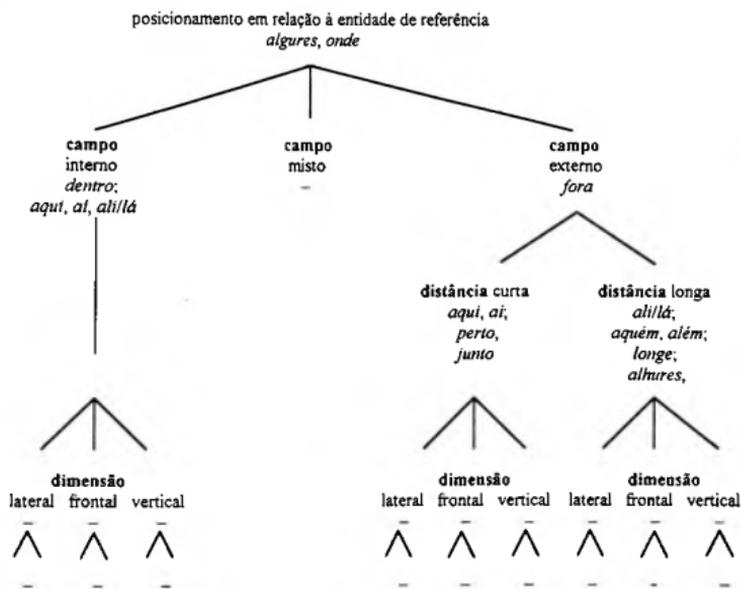


Fig. 4: Os advérbios espaciais simples do português como meios de indicar relações estáticas

Seguem-se alguns exemplos ilustrativos:

- (74) A maioria deve ir a Copacabana, onde haverá a maior queima de fogos da história. (FOLHA, 31.12.1996) (posição não especificada)
- (75) Um homem, dentro da nossa picape, de algum modo permitiu que um rifle de caça se descarregasse dentro da cabine, com a gente dentro. (FOLHA, 22.12.1996) (campo interno)
- (76) Depois de *Santa Joana dos Matadouros*, conhecemos *A vida de Galileu*. Ficamos impressionados como Brecht aqui se afasta do seu estilo árido. (campo interno)
- (77) No *Fausto*, me admirei muito com algumas palavras ali usadas. (campo interno)
- (78) Quem ainda não preparou nada para o almoço de hoje e pretende comer fora com a família, ainda há lugares para uma refeição diferente em restaurantes da cidade. (FOLHA, 25.12.1996) (campo externo)

- (79) Um interessante artigo no último número da "The Economist" observa que uma das maiores ofensas hoje a um político americano é chamá-lo de liberal. Curioso é que o sentido do termo para os americanos é justamente o inverso do sentido que lhe é dado aqui. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (80) Mas o que vocês estão fazendo ai hoje? Coisa boa é que não deve ser! (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (81) A EEEPG Dr. Edmundo de Carvalho tem sempre enorme demanda. A regra é escolher os alunos que morem mais perto. (FOLHA, 03.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (82) Com quem está a lanterna na virada do século? Se eu soubesse, já estava junto. (FOLHA, 29.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (83) A Argentina – pelo menos a de Buenos Aires – é um país arrogante, de gente racista como nunca se viu em toda a América do Sul. Contam-se nos dedos os negros que vivem lá. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância longa)
- (84) Até hoje não sei como tudo pode ter sido colocado ali tão rápido. Talvez Papai Noel não morasse tão longe. (FOLHA, 22.12.1996) (campo externo, distância longa)
- (85) Por que o Bem não pode estar além do Mal? Por que tem de estar aquém? (FOLHA, 21.03.1995) (campo externo, distância longa)
- (86) Até a praça da República chega-se tranquilamente, mas mais além está tudo em obras. (campo externo, distância longa)
- (87) O tema é complexo e fascinante. Merece tratamento mais sério do que o que tem sido dado no debate político aqui e alhures. (FOLHA, 31.12.1996) (campo externo, distância longa)

Os advérbios espaciais simples, 14 no total, cobrem mais posições do diagrama que as preposições simples. Privilegiam claramente a parte de cima do esquema. *Onde* (tanto interrogativo quanto relativo) é o advérbio espacial mais geral, que não se restringe em relação a nenhum dos quatro traços.

Considerando as preposições e os advérbios da língua portuguesa em conjunto, observa-se que as possibilidades de codificar relações espaciais com elementos simples estão limitadas. Em geral, a maior parte das relações espaciais codifica-se por meio de elementos complexos.

Vejamos, a seguir, os advérbios compostos (cf. figura 5).

Exemplos ilustrativos:

- (88) O interior parece mais um cockpit – posição de dirigir mais reclinada, banco envolvente e teto baixo. Atrás, o exíguo espaço serve apenas para duas crianças. (FOLHA, 29.12.1996) (campo interno, dimensão frontal)

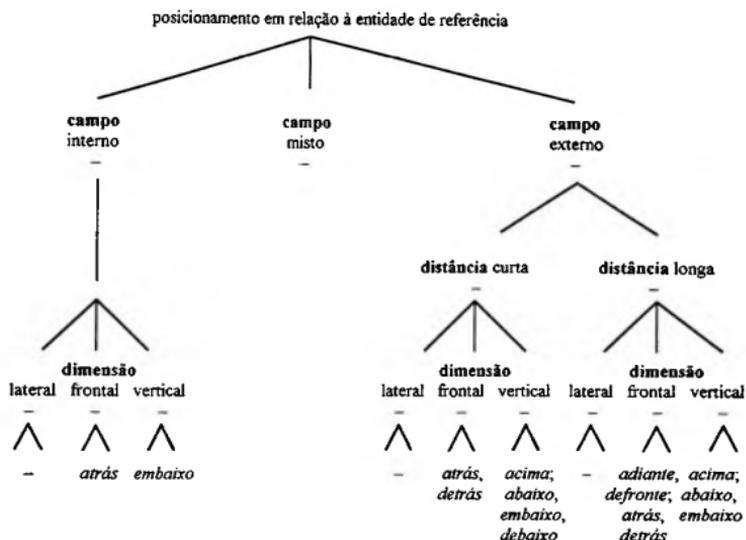


Fig. 5: Os advérbios espaciais compostos do português como meios de indicar relações estáticas

- (89) Ambiente: sala principal no primeiro andar, com cores vivas e afrescos nas paredes; embaixo há um terraço com mesas ao ar livre. (FOLHA, 20.12.1996) (campo interno, dimensão vertical)
- (90) A associação dirigida por Rosarina já ficou famosa no ano passado quando criou a "calcinha educativa", com dois bolsos laterais com camisinhas e o recado: "Programa-se antes do programa". Atrás há instruções de uso. (FOLHA, 23.12.1996) (distância curta, dimensão frontal)
- (91) A mãe rezava com as mãos para o alto e com os olhos fechados em um culto quando a criança sentiu vontade de urinar e pediu a uma mulher, que estava no banco detrás, que a levasse ao banheiro. (FOLHA, 17.05.1995) (distância curta, dimensão frontal)
- (92) Depois, divida o cabelo em mechas, torça, e prenda embaixo com os elásticos. (FOLHA, 23.12.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (93) Fica cheio de dedos quando tem de declarar para a gordona da fila que o debaixo é seu? Para saber como se comportar na vida, escreva para Barbara Gancia. (FOLHA, 17.11.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (94) Percorridos 3 km de estrada, uma placa indica que o próximo posto está 153 km adiante. (FOLHA, 29.12.1996) (distância longa, dimensão frontal)

- (95) Ali estava – defrente – o sertão. (FOLHA, 03.11.1996) (distância longa, dimensão frontal)
- (96) Atravessamos uns quatro metros de água. E não tinha jeito de voltar, havia um bocado de gente atrás. (FOLHA, 10.05.1996) (distância longa, dimensão frontal)
- (97) Estes simpáticos e afetuosos animais domésticos vivem dentro de apartamentos, mas fazem cocô e xixi na rua. Preferencialmente um pouco distante do prédio onde moram, na rua detrás, naquele agradável gramado de alguém que ele sequer conhece. (FOLHA, 25.03.1995) (distância longa, dimensão frontal)
- (98) Na mesma página, deparamo-nos com duas notícias distintas, onde cabem as observações acima. (FOLHA, 30.12.1996) (distância curta/longa, dimensão vertical)
- (99) E, nas fezes, há outros microorganismos, que podem provocar doenças (leia texto abaixo). (FOLHA, 31.12.1996) (distância curta/longa, dimensão vertical)
- (100) Enquanto o aparelho se prepara para a aterrissagem, surgem embaixo os minaretes e as cúpulas das antigas mesquitas do emaranhado da cidade velha de Samarkand. (FOLHA, 02.09.1996) (distância longa, dimensão vertical)

Enquanto as preposições compostas não servem para codificar relações espaciais, existem alguns advérbios compostos que podem cumprir essa tarefa. Todavia, seu número é bastante reduzido. Todos inserem-se na parte mais baixa do diagrama, completando posições que os advérbios simples não preenchem. Observamos, contudo, alguns efeitos de neutralização. *Acima*, *abaixo* e *detrás* são neutros em relação ao traço {distância}, i.e., podem ser utilizados indiscriminadamente para indicar distância curta e longa. *Atrás* e *embaixo* são neutros em relação aos traços {distância} e {campo}.

Analisemos, por último, as locuções adverbiais (cf. figura 6).

Exemplos:

- (101) Em algum lugar um pouco mais sério do que o Brasil, os 30% teriam provocado um escândalo. (Folha, 03.12.1996) (posição não especificada)
- (102) Pedi um bolo com cobertura, mas quero que seja de chocolate, e tão preto de chocolate por dentro como o traseiro do diabo. (FOLHA, 29.12.1996) (campo interno)
- (103) Em meados do século 17, o chocolate já se estabelecera como bebida de elite na Europa e América Espanhola. Qualquer que fosse a apresentação da massa de chocolate seco – bolo, cilindro ou tijolo – acrescentava-se a ela água quente, dentro de uma vasilha ou jarra especial para chocolate, dotada de uma tampa com um furo no meio,

para apoiar o cabo do "molinillo", tipo de colher de coquetel, usado para mexer a bebida a fim de formar espuma. (FOLHA, 29.12.1996) (campo interno)

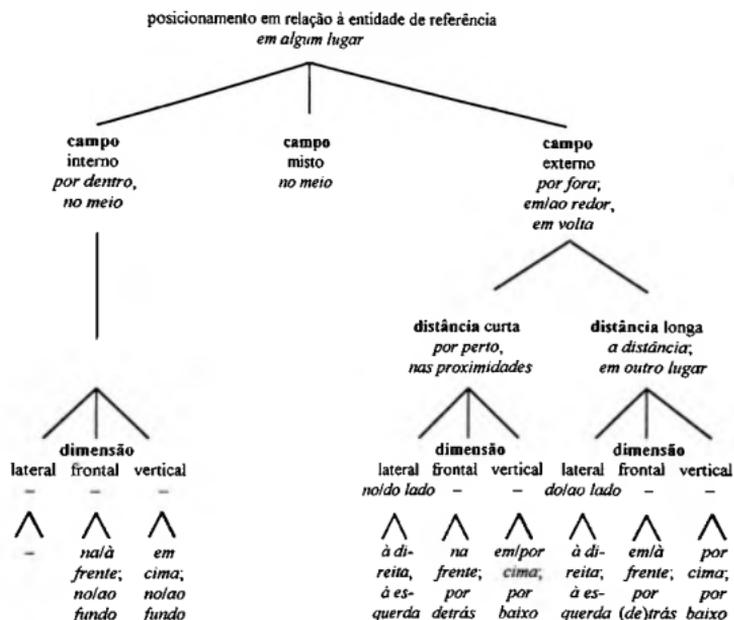


Fig. 6: As locuções adverbiais espaciais do português como meios de indicar relações estáticas

- (104) Apesar de o Barcelona ser muito ofensivo, lá eu jogo mais na frente, mas os pontas são bem abertos e os meias jogam mais atrás. (FOLHA, 17.12.1996) (campo interno, dimensão frontal)
- (105) A família Zilinskas no Boqueirão: ao fundo, Álvaro e Marilene; à frente, Fabiano, Paloma e Márcia Lettra. (FOLHA, 31.12.1996) (campo interno, dimensão frontal)
- (106) Muitos prédios do centro comercial têm uso misto, ou seja, lojas ou restaurantes embaixo e apartamentos em cima. (FOLHA, 22.09.1996) (campo interno, dimensão vertical)
- (107) Quatro pessoas foram levadas pela correnteza. O corpo da lavadeira Wanderléia Simões Pimenta foi encontrado preso entre pedras no fundo. (FOLHA, 30.12.1996) (campo interno, dimensão vertical)
- (108) Participaram da comemoração do campeonato Djalminha, Leonardo, Denilson, Sávio, Rivaldo, Rodrigo, sem falar em Zé Roberto, que também estava no meio. (campo misto)

- (109) Mas ela pode ser substituída pela fidelidade ao uso da borrachuda, ou seja, caso algum dos dois transe por fora, terá de usar a camisinha. (FOLHA, 09.12.1996) (campo externo)
- (110) Todas as garotas ao redor estavam de minissaia. (FOLHA, 22.12.1996) (campo externo)
- (111) Ele prendeu o irmão mais novo a uma estaca e espalhou álcool e madeira em volta. (FOLHA, 06.12.1996) (campo externo)
- (112) Ao chegar à capital, Hillary foi levada a uma tenda de nômades mongóis que estavam por perto. (FOLHA, 30.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (113) O Comando Militar do Leste nega que a bala tenha partido do quartel e que os soldados não tenham socorrido a vítima. Segundo a assessoria de imprensa do comando, os soldados disseram que o guardador não foi baleado nas proximidades. (Folha, 19.12.1996) (campo externo, distância curta)
- (114) Como não dei dinheiro ao rapaz do estacionamento, arranharam meu carro no lado. (distância curta, dimensão lateral)
- (115) Meu carro novo tem espelhos retrovisores à direita e à esquerda. (distância curta, dimensão lateral)
- (116) O fato de nos transformarmos em uma empresa norte-americana nos dará alavancagem comercial e política. Existe uma grande diferença em vender suco, para a Europa, por exemplo, tendo por detrás os Estados Unidos. (FOLHA, 07.08.1996) (distância curta, dimensão frontal)
- (117) Ando atrás de um ótimo moedor de pimenta, mas é difícil de achar. Pode ser como aqueles de cobre com uma manivela em cima, usados na Grécia para moer café. (FOLHA, 20.12.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (118) Um dos trabalhos mais originais dessa mostra são as "Mandalas" de Cristina Couto Teixeira, feitas com luz filtrada nos pratos de cristal de sua avó. Por cima a luz, por baixo o papel fotográfico. Entre os dois, o cristal e o passado. (FOLHA, 31.10.1996) (distância curta, dimensão vertical)
- (119) A distância, ouviu-se o barulho dos canhões. (campo externo, distância longa)
- (120) "Se esse jovem não tiver um emprego ou outros vínculos no assentamento, vai procurar em outro lugar", diz Fernandes. (FOLHA, 26.12.1996) (campo externo, distância longa)
- (121) Também em março começa a programação do cinquentenário do Museu de Arte de São Paulo, com uma mostra do pintor italiano Giorgio Morandi (veja outras mostras de destaque em texto ao lado). (FOLHA, 31.12.1996) (distância longa, dimensão lateral)
- (122) Quando escrevi a coluna, não poderia imaginar que voltaria a fazer um novo balanço trimestral do ombudsman (veja quadro à direita). (FOLHA, 29.12.1996) (distância longa, dimensão lateral)

- (123) Quinhentos metros à frente, atrás do Ceagesp, há outra pichação no muro da ferrovia. (FOLHA, 06.09.1996) (campo externo, distância longa, dimensão frontal)
- (124) Que muro enorme! Queria saber o que tem por trás. (distância longa, dimensão frontal)
- (125) Na minha carreira já estive muitas vezes por cima e por baixo e me reergui. (FOLHA, 12.12.1996) (distância longa, dimensão vertical)

Como no caso das preposições, também entre os advérbios, o maior inventário para codificar relações espaciais é o das locuções complexas. Os elementos incluídos no diagrama e ilustrados pelos exemplos representam apenas uma seleção que torna, contudo, evidente que as locuções adverbiais cobrem a grande maioria das posições previstas pelo esquema. Nas locuções *à frente* e *em cima*, observamos a neutralização do traço {campo}, nas locuções *à direita*, *à esquerda*, *por detrás*, *por cima* e *por baixo*, a neutralização do traço {distância} e na locução *nolao fundo*, a neutralização do traço {dimensão}. Em geral, os advérbios apresentam mais neutralizações que as preposições, o que equivale a dizer que são semanticamente mais flexíveis (menos especializados).²³

3.2.2.2. Relações contextuais

Nos advérbios espaciais, bem como nas preposições, distingue-se um uso intrínseco de um uso extrínseco. Mas, diferentemente das preposições, os advérbios são sempre dêiticos, pois exigem a interpolação da entidade de referência por parte do receptor. Isso implica que os advérbios sempre envolvem alguma relação contextual.

Consideremos primeiramente os advérbios *aqui*, *aí*, *alillá* e *aquém/além*. No item 2.4.2.4. acima, já vimos que *aqui* e *alillá* tomam o observador (no caso mais simples, o falante) como entidade de referência, enquanto *aí* estabelece a relação espacial a partir de uma entidade de referência afastada do observador (no caso mais típico, do destinatário). Dessa maneira, descrevemos a relação contextual indicada por *aqui* e *alillá* através da fórmula [R,S] e a indicada por *aí* através da fórmula [R ↔ S]. Em *aquém* e *além* encontramos características semelhantes às de *aí*. Os dois advérbios indicam, como entidade de referência, um objeto afastado do falante, sendo que *aquém* localiza a entidade situada no espaço entre a entidade de referência e o observador, enquanto *além* localiza, de forma inversa, a entidade de referência no espaço entre o observador e a entidade

²³ Também no capítulo sobre os advérbios, as locuções com *por* não serão analisadas em detalhe. Pretendo dedicar a elas, no futuro, um estudo separado.

situada. Esses dois advérbios assemelham-se fortemente às preposições no uso extrínseco:

(126)	<i>aqui</i>	E,R,S ²⁴
	<i>aí</i>	E,R ⇔ S
	<i>alíllá</i>	E ⇔ R,S ²⁵
	<i>aquém/além</i>	E ⇔ R ⇔ S

Aqui, aí, alíllá e aquém/além são sempre usados na orientação intrínseca, mesmo envolvendo uma relação contextual (k). Isso já nos mostra que a distinção entre as orientações intrínseca e extrínseca nos advérbios é mais complicada que nas preposições, pois os advérbios sempre exigem a interpolação da entidade de referência.

Vejamos o uso puramente intrínseco de outro advérbio:

- (88) O interior parece mais um cockpit – posição de dirigir mais reclinada, banco envolvente e teto baixo. Atrás, o exíguo espaço serve apenas para duas crianças. (FOLHA, 29.12.1996)

Em uma possível interpretação dessa sentença, o advérbio *atrás* refere-se ao lado de trás, definido pelo próprio carro como entidade de referência, identificável no contexto linguístico. Nesse caso, seu uso é independente da perspectiva de um observador, ou seja, o advérbio não especifica uma relação contextual. Seu emprego assemelha-se ao emprego intrínseco das preposições. A relação intrínseca indicada é campo interno, dimensão frontal, direção para trás. Essa interpretação é possível graças ao fato de que carros são objetos móveis com uma direção-padrão de movimento que define suas partes dianteira e traseira, independentemente do observador.

²⁴ O valor [E,R,S] é indicado também por *cá*:

- (127) Eles são anti-heróis, dois canalhinhas que sempre se ferram no final. Ao mesmo tempo, são um espelho neutro a refletir os idiotas do lado de cá da tela. (FOLHA, 26.12.1996)

Segundo FIORIN (1996: 269 s.), há no português duas séries de advérbios de lugar: "uma tricotômica, *aqui, aí, ali* e uma dicotômica, *cá, lá*." Citando Mattoso Câmara, afirma que *aqui* e *cá* se tornaram praticamente variantes livres, mas acrescenta na nota (ib.: 298) que *cá* é mais típico para indicar lugares envolvidos em relações dinâmicas. Seu correspondente em alemão pode ser *hier* (situação estático ou lugar de origem em deslocamentos), mas também *her* (lugar de destino em deslocamentos). Por estar mais interessado em relações estáticas, não analisarei *cá* de forma sistemática, neste capítulo.

²⁵ O valor [E ⇔ R,S] pode ser indicado também por *acolá*:

- (128) Na Folha, leio, no entanto, que a proliferação das luzinhas se deve, acima de tudo, ao baixo preço das pequenas lâmpadas que compõem uma árvore de Natal aqui, uma cascata de luzes ali, um Papai Noel acolá. (FOLHA, 25.12.1996)

e por *além*, em um uso hoje em dia pouco comum no português do Brasil (cf. item 3.2.2.4.2. adjante):

- (129) "Vou-me com ele, sem saber onde vamos. Além [→ lá longe], espera-nos o Jordão." (Tristão da Cunha; exemplo do dicionário AURELIO)

Parece-me que *ali, lá, acolá e além* indicam, nesta sequência, uma distância crescente entre E e R.

Em uma outra interpretação, o falante, que está (ou se imagina) no interior do referido carro, no assento do motorista, funciona como entidade de referência, sendo que *atrás* se refere ao espaço às suas costas. Essa interpretação, que leva às mesmas conclusões por um caminho diferente, também é intrínseca, mas envolve uma relação contextual. Por tomar o falante como entidade de referência, corresponde à fórmula $[E \leftrightarrow R, S]$. Nesse caso, a relação intrínseca indicada é campo externo, distância curta ou longa, dimensão frontal e direção para trás.

Outro exemplo da ambigüidade entre a orientação puramente intrínseca e a orientação intrínseco-contextual:

- (89) Ambiente: sala principal no primeiro andar, com cores vivas e afrescos nas paredes; embaixo há um terraço com mesas ao ar livre. (FOLHA, 20.12.1996)

Na interpretação puramente intrínseca, o advérbio *embaixo* toma como entidade de referência a casa, identificável no contexto lingüístico, e indica dimensão vertical e direção para baixo no campo interno ($[E, R]$). Em sua interpretação intrínseco-contextual, toma como entidade de referência um observador situado no primeiro andar da casa. Nesse caso, *embaixo* indica a mesma dimensão e direção, mas no campo externo em relação à entidade de referência ($[E \leftrightarrow R, S]$).

O uso de *atrás* na orientação extrínseca pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

- (130) Na praça há uma seringueira enorme. Sempre fico com medo que haja um ladrão escondido atrás.

Essa sentença obriga o intérprete a escolher a orientação extrínseca, uma vez que a seringueira por si só não possui um lado de trás, ou seja, o lado ao qual se refere o advérbio precisa ser o lado oposto ao do observador. A fórmula nesse caso é $[E \leftrightarrow R \leftrightarrow S]$, sendo a relação intrínseca campo externo, distância curta ou longa, dimensão frontal e direção para trás. Esse uso assemelha-se ao de *aquém* e *além*.

O emprego na orientação extrínseca ocorre somente com os advérbios que indicam dimensão e/ou direção. Da mesma maneira, mostrei no item 3.2.1.3.1. acima, em relação às preposições, que a diferença entre as orientações intrínseca e extrínseca se estende aos traços {direção} e {dimensão}, mas não a {distância} e {campo}. Essa mesma observação repete-se com os advérbios. Exemplos como (130) podem ser encontrados com *ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *em frente*,

atrás, em cima, embaixo, que indicam a dimensão e/ou direção, mas não com *perto, longe, dentro, fora* etc., que indicam somente campo e/ou distância.

Vejamos mais um exemplo da ambigüidade entre a orientação puramente intrínseca, a intrínseco-contextual e a extrínseca:

- (131) Charlene Barshefsky veio para o palco, sorridente. Apresentou seus principais assessores, sentados ao lado. (FOLHA, 14.12.1996)

Na interpretação puramente intrínseca do advérbio *ao lado*, temos o palco como entidade de referência. *Ao lado* indica campo interno e dimensão lateral. O sentido é "na parte lateral do palco" ([E,R]). A interpretação intrínseco-contextual (que é mais provável) toma Charlene Barshefsky como entidade de referência e observadora, indicando campo externo e dimensão lateral. O sentido é "ao lado de Charlene Barshefsky, visto a partir da perspectiva dela" ([E ↔ R,S]). Ambas as interpretações são intrínsecas, mas a segunda envolve uma relação contextual. Além disso, podemos ainda ter uma interpretação extrínseca, que toma Charlene Barshefsky como entidade de referência e a platéia como observador. Nesse caso, o sentido de *ao lado* é "ao lado de Charlene Barshefsky, visto a partir da perspectiva da platéia". Na prática, essa interpretação leva a resultados semelhantes aos da segunda. A diferença é que, na interpretação intrínseca, os assessores estão ao lado de Charlene Barshefsky quando se inserem na dimensão lateral definida pelo corpo dela e, na interpretação extrínseca, quando se inserem na dimensão lateral constituída pelo olhar dos espectadores ([E ↔ R ↔ S]). No caso padrão, em que a pessoa no palco olha em direção à platéia, não há diferença entre as duas interpretações, mas se Charlene Barshefsky estiver mostrando o perfil para os espectadores, a situação mais provável exige uma interpretação extrínseca de *ao lado*. Essa interpretação leva em conta, ainda, que a percepção espacial do palco, a partir da platéia, difere às vezes da percepção espacial dos atores, sendo que o público pode ter a impressão de que um ator está ao lado de um outro quando, na verdade, estão em profundidades diferentes no palco.

Concluimos, então, que todos os advérbios espaciais são dêiticos, sendo que a distinção entre orientação intrínseca e extrínseca se acrescenta a essa qualidade. Dessa maneira, os advérbios distinguem-se claramente das preposições, cujo uso primário é não-dêitico. Vários autores, p.ex. FRIEDERICI (1989: 23 s.) e DIEWALD (1991: 50 ss., 102 ss.) distinguem entre elementos dêiticos primários (ou fortes) e secundários (ou fracos). Os dêiticos primários espaciais, nessa concepção, são os advérbios *aquí, aí* e *alíllá*, que só permitem a orientação intrínseco-contextual. Os dêiticos secundários são elementos como as preposições e os advérbios espaciais que permitem a orientação puramente intrínseca e possivelmente a

intrínseco-contextual e a extrínseca. Tendo mostrado, contudo, que o comportamento dos advérbios é basicamente dêitico e o das preposições basicamente não-dêitico, considero a distinção entre esses dois tipos de elementos pelo menos tão importante quanto a entre dêíticos primários e secundários.

3.2.2.3. Sistemas de orientação

Analisarei, a seguir, mais detidamente, o uso dêitico dos advérbios espaciais. No item 3.2.2. acima, vimos que os advérbios não permitem a explicitação da entidade de referência, mas exigem sua interpolação a partir do contexto: da situação comunicativa, do contexto lingüístico ou do conhecimento de mundo. Essas três possibilidades definem três tipos de dêixis, em relação à escolha da entidade de referência (R): a *dêixis situacional* remete a uma entidade de referência na situação comunicativa, p.ex., o falante, o destinatário ou um objeto localizado na vizinhança do falante; a *dêixis referencial* (também chamada de *fórica*) remete a entidades mencionadas no contexto anterior (anáfora) ou posterior (catáfora); a *dêixis extra-situacional* remete a entidades pertencentes ao conhecimento geral de mundo, inclusive entidades mencionadas em outros textos.

A *dêixis situacional* pode ser exemplificada por uma situação em que um turista pergunta a um policial: *O Teatro Municipal fica longe?* e o policial responde: *Não, fica perto*. Nesse caso, os advérbios *longe* e *perto* indicam campo externo e distância longa/curta em relação aos falantes ([E,R]/[E ⇔ R]).

Para exemplificar a *dêixis referencial*, vejamos os seguintes exemplos:

- (132) No caos urbano da Vila Olímpia nasceram dois empreendimentos comerciais cosmopolitas. Um deles ocupa o espaço de uma antiga oficina mecânica, e a casa noturna Oficina Paradiso Caff. Ao lado, no galpão de uma antiga serraria, fica o Trio, novo restaurante de Charlô Whately. O Trio impõe uma idéia metropolitana logo na fachada, uma grande parede nua pintada de vermelho. Por dentro foi mantida a escala das instalações anteriores. (FOLHA, 27.12.1996)
- (133) Um exemplo que exige menos esforço: o homem infartado fica embaixo e a mulher senta sobre ele. (FOLHA, 22.12.1996)

No primeiro exemplo, a locução adverbial *ao lado* quer dizer "ao lado da casa noturna Oficina Paradiso Caff" e a locução *por dentro*, "por dentro do restaurante Trio". As duas locuções remetem a entidades de referência mencionadas no contexto anterior (anáfora). No segundo exemplo, o advérbio

embaixo quer dizer "embaixo da mulher", i.e., remete a uma entidade mencionada no contexto subsequente (catáfora).

A *dêixis extra-situacional* remete a uma entidade de referência fora da comunicação em andamento. Se, por exemplo, um político fala:

(134) Do ponto de vista do combate ao tráfico, o resultado fica muito aquém.

esse *aquém* quer provavelmente dizer "aquém das expectativas". O destinatário chega a essa interpretação, embora não encontre nenhum indicio formal a ela no enunciado. Isso funciona a partir do seu conhecimento geral de que políticos estabelecem expectativas às quais os resultados realmente atingidos vão ser comparados. Além disso, é possível que ele se lembre de outros contextos em que se falava de resultados que ficaram *aquém* de expectativas.

No exemplo (135), brinca-se com a diferença entre *dêixis* referencial e extra-situacional, dentro de um mesmo contexto:

(135) Novo BMW. Ou você está dentro, ou está atrás.

O primeiro advérbio, *dentro*, remete ao novo BMW como entidade de referência. Como se trata de uma entidade pré-mencionada, esse uso parece claramente referencial. O segundo advérbio, *atrás*, é ambíguo. Em uma possível interpretação, remete à mesma entidade de referência. Mas como *atrás* não é o contrário de *dentro*, começa-se a procurar por um outro sentido. Esse vai ser encontrado na interpretação extra-situacional que remete a uma entidade de referência não mencionada no contexto, a saber, o desenvolvimento tecnológico-cultural. A interpretação extra-situacional leva à conclusão de que aquele que não comprou o novo BMW está atrasado em termos tecnológicos. Retrospectivamente, a partir da ambigüidade de *atrás*, percebe-se uma ambigüidade análoga de *dentro* e descobre-se que esse advérbio pode também receber uma interpretação extra-situacional, significando "dentro da moda mais atual", ou seja, "dentro da sociedade".

Em relação à escolha e ao posicionamento do observador (S), podemos diferenciar outros três tipos de *dêixis*, de acordo com os chamados *Modi des Zeigens* [modos do mostrar] desenvolvidos por Karl BÜHLER (1934=1982: 80 s.; cf. também: EHRICH 1992: 9): a *dêixis física*, que identifica o observador com o falante e/ou o destinatário no momento da enunciação, a *dêixis textual*, que o identifica com o processador de texto, que está a cada momento num determinado lugar na cadeia de palavras por ele processada (cf. também DIEWALD 1991: 110 ss.; BLÜHDORN 1995 a: 128 ss.), e a *dêixis virtual* (chamada

por Bühler de *Deixis am Phantasma*; cf. SITTA 1991), que identifica o observador com outro ser em cuja posição/situação o falante se imagina.

O uso de advérbios na *dêixis física* pode ser ilustrado por uma situação em que dois executivos saem de um banco e, na calçada, um pergunta ao outro: *Cadê seu carro?* O outro responde: *Está à direita*. Nesse caso, o advérbio *à direita* indica uma posição na dimensão lateral e na direção à direita em relação ao falante, que é também o observador.

A *dêixis textual* pode ser ilustrada pela solicitação:

(136) Veja o quadro acima,

dentro de um texto jornalístico ou acadêmico. Para poder interpretar o advérbio *acima*, o leitor precisa se posicionar mentalmente num lugar dentro do texto, definido pela localização da própria solicitação.

A *dêixis virtual* é pouco usada no português, no âmbito das relações espaciais (cf. FIORIN 1996: 285 ss.). Ela pode ser melhor exemplificada no campo da pessoa. Quando uma mãe fala para o filho:

(137) A mamãe falou que está na hora de dormir,

ela usa a perspectiva de um observador fictício, afastado dela e do filho, o que a leva a falar de si mesma na terceira pessoa. No âmbito do espaço temos casos como:

(138) Em junho de 1812, Napoleão chegou às margens do rio Njemen. Aqui construiu um depósito de mantimentos antes de invadir o território russo.

O advérbio *aqui*, nesse exemplo, não se refere ao lugar em que se encontra o falante, e sim, ao lugar em que se encontrava Napoleão.

Cruzando as duas classificações, chega-se aos seguintes nove tipos de dêixis:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		1	4	7
dêixis referencial		2	5	8
dêixis extra-situacional		3	6	9

O tipo 1 é a *dêixis física situacional*, que parte da perspectiva física do falante e remete a uma entidade de referência na situação comunicativa. Um exemplo seria a frase:

(139) Aqui (neste bairro em que estamos) moram muitos imigrantes.

O tipo 2 é a *dêixis física referencial*. Ela parte também da perspectiva física do falante, mas remete a uma entidade de referência pré ou pós-mencionada:

(140) No dia seguinte, continuamos a viagem e chegamos ao Rio de Janeiro.
Passamos a noite na casa de amigos que ai moravam.

Nesse exemplo, o advérbio *ai* indica que E (a casa dos amigos do falante) situa-se no campo interno da entidade de referência pré-mencionada (do Rio de Janeiro), que é um lugar afastado de S (do falante).

O tipo 3 é a *dêixis física extra-situacional*. Ela parte da mesma perspectiva, mas remete a uma entidade de referência pertencente ao conhecimento geral de mundo. Ela pode ser ilustrada pelo exemplo já discutido acima:

(134) Do ponto de vista do combate ao tráfico, o resultado fica muito aquém.

Nesse caso, o observador é o falante. A entidade de referência (as expectativas) precisa ser inferida a partir do conhecimento geral.

O tipo 4 é a *dêixis textual situacional*. Ela parte da perspectiva do falante (ou do intérprete) como processador de texto e remete a uma entidade de referência na situação comunicativa:

(141) Trato aqui dos advérbios espaciais.

(136) Veja o quadro acima.

Nesses exemplos, o observador é o processador de texto, no momento em que chega ao lugar do elemento dêitico dentro da cadeia de signos lingüísticos. O elemento dêitico serve como entidade de referência que instaura seu próprio espaço textual ao seu redor (o texto como situação). Nesse espaço, estabelecem-se o campo interno e externo, a distância curta e longa, as dimensões e direções, sempre em relação ao elemento dêitico, visto a partir da perspectiva do processador de texto. Conseqüentemente, o advérbio *aqui* em (141) pode ser parafraseado como "no campo externo, a distância curta deste mesmo elemento dêitico" e o advérbio *acima* em (136), como "no campo externo, a distância

longa, na dimensão vertical, na direção para cima, a partir deste próprio elemento dêitico".

Exemplos como (142) também podem ser interpretados segundo esse esquema:

(142) Venho por meio desta, solicitar-lhe afastamento do meu cargo.

Mas aqui já aparece uma ambigüidade entre os tipos 4 e 1. A carta à qual o falante se refere com o pronome *esta* pode ser a carta em que está esse próprio elemento dêitico, vista da perspectiva de dentro (dêixis textual situacional). Por outro lado, pode também ser a carta que está perto do falante na situação comunicativa, vista da perspectiva do falante (dêixis física situacional).

O tipo 5 é a *dêixis textual referencial*. Ela parte novamente da perspectiva do falante como processador de texto, mas remete a uma entidade de referência pré ou pós-mencionada:

(143) Infelizmente o técnico é ruim. Esse é o maior problema.

Nesse caso, o pronome *esse* indica que E (o maior problema) é idêntico a R (o estado de coisas de que o técnico é ruim). A entidade de referência é pré-mencionada (e, nesse sentido, está afastada) em relação ao local em que se encontra o processador de texto (o lugar do pronome).

O tipo 6 é a *dêixis textual extra-situacional*. Ela parte também da perspectiva do falante como processador de texto, mas remete a uma entidade de referência que pertence ao conhecimento geral de mundo. Esse tipo de dêixis pode ser ilustrado por enunciados como:

(144) Me dá mais detalhes. No momento, não estou por dentro.

Essa sentença pode ser entendida a partir da perspectiva de um participante de um diálogo como processador de texto, que está consciente de que seu interlocutor está tratando de algum assunto específico, mas que nesse momento sente uma determinada falta de informações e, por isso, não consegue identificar bem o assunto. O advérbio *por dentro* tem que ser interpretado em relação a esse assunto como entidade de referência. Mas a palavra *assunto* não é mencionada e precisa consequentemente ser interpolada a partir do conhecimento geral.

O tipo 7 é a *dêixis virtual situacional*. Ela parte da perspectiva de outro ser, como se fosse o falante, e remete a uma entidade de referência dentro da situação em que esse ser se encontra. Esse tipo pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

- (145) (*Numa narrativa*) Ao olhar todas as roupas bonitas na loja, Maria não conseguiu decidir se preferia esta blusa amarela aqui ou aquela vermelha ali/lá.

Nesse caso, a primeira entidade situada (a blusa amarela) está próxima à entidade de referência (Maria) e a outra (a blusa vermelha) está afastada dela. Maria, além de ser a entidade de referência, também é a observadora (virtual).

O tipo 8, a *dêixis virtual referencial*, parte novamente da perspectiva de um outro ser, como se fosse o falante, e remete a uma entidade de referência pré ou pós-mencionada. O exemplo dado acima foi:

- (138) Em junho de 1812, Napoleão chegou às margens do rio Njemen. Aqui construiu um depósito de mantimentos antes de invadir o território russo.

Nesse exemplo, o falante adota a perspectiva da entidade de referência pré-mencionada (Napoleão). No português, esse tipo de dêixis restringe-se a textos histórico-literários. Já no alemão, ele parece mais usual:

- (146) Dann kamen wir nach Rio de Janeiro. Hier (in Rio de Janeiro) war es schrecklich heiß. [Então chegamos ao Rio de Janeiro. Aqui (no Rio de Janeiro) estava terrivelmente quente.]

Nesse caso, usar-se-ia no português a *dêixis física referencial* (tipo 2):

- (147) Então chegamos ao Rio de Janeiro. Lá (no Rio de Janeiro) estava terrivelmente quente.

O tipo 9, finalmente, é a *dêixis virtual extra-situacional*. Ela parte da perspectiva de outro ser, como se fosse o falante, e remete a uma entidade de referência pertencente ao conhecimento geral de mundo. Ilustra-se por exemplos como o seguinte:

- (148) Meu melhor amigo sempre estará aqui quando precisar dele.

Nesse exemplo, o falante deve estar pensando em qualquer situação de emergência, em que se precisa de bons amigos. O advérbio *aqui* parte da perspectiva fictícia do falante dentro de uma situação desse tipo, toma esse falante como entidade de referência e localiza o melhor amigo a curta distância dele ([E,R,S]). Como o enunciador, no momento da fala, não está realmente

numa situação emergencial, a entidade de referência precisa ser interpolada a partir do conhecimento de mundo.

3.2.2.4. Emprego dêitico dos advérbios espaciais

A seguir, pesquisarei como os advérbios espaciais do português se empregam nos diferentes tipos de dêixis.

3.2.2.4.1. *Aqui, aí e alillá*

Começemos com os advérbios *aqui*, *aí* e *alillá*, cujo uso físico situacional (tipo 1) se ilustra pelas seguintes sentenças:

- (149) Eu mantenho minha residência aqui. Minhas raízes também estão aqui.
(FOLHA, 04.12.1996) [E,R,S]
- (150) A mulher não gosta muito da idéia. "Ela passa por mim e diz: 'olha, isso aí ainda vai acabar em namoro', e eu dou risada." (FOLHA, 25.12.1996)
[E,R ↔ S]
- (151) Olha, ali/lá (no outro lado da rua) tem um bar. [E ↔ R,S]

Em (149), o observador S é o falante, que funciona, ao mesmo tempo, como entidade de referência R. A entidade situada E (a residência, as raízes) encontra-se a curta distância de R. Em (150), temos novamente o falante como S, mas o destinatário como R (R afastado de S). Aquilo que vai acabar em namoro (E) localiza-se a curta distância de R. Em (151), temos o falante como S/R e o bar como E, afastado de R.

Aqui indica campo externo e distância curta entre a entidade situada e a entidade de referência. Dependendo das categorias das duas entidades, pode receber interpretações distintas:

- (152) Você sabe onde fica a Rua Augusta? – É esta aqui.

Nesse exemplo, é possível entender que a Rua Augusta é a em que o falante está ou é uma rua (visível) a curta distância. Na primeira interpretação, a entidade de referência (o falante) está no campo interno da entidade situada (da Rua Augusta); na segunda, nenhuma das duas entidades está no campo interno da outra. No segundo caso, o advérbio *aqui* deveria vir reforçado por um gesto que aponta em direção à referida rua.

O uso físico referencial (tipo 2) de *ai* foi ilustrado, no item 3.2.2.3., pelo exemplo:

- (140) No dia seguinte, continuamos a viagem e chegamos ao Rio de Janeiro.
Passamos a noite na casa de amigos que ai moravam. [E,R ↔ S]

A mesma sentença com *lá*:

- (153) No dia seguinte, continuamos a viagem e chegamos ao Rio de Janeiro.
Passamos a noite na casa de amigos que moravam lá.

é um exemplo ainda mais característico desse tipo de dêixis. O uso físico referencial de *ai* limita-se a um estilo mais formal na língua escrita. Tanto *ai*, quanto *lá* parecem ambíguos nesse uso, podendo ser interpretados como indicadores de [E ↔ R,S] ou de [E,R ↔ S]. A diferença entre os dois advérbios parece ser a de que *lá* destaca mais a distância entre E (a casa dos amigos) e S (o falante no momento da enunciação) e *ai*, a proximidade entre E (a casa dos amigos) e R (o Rio de Janeiro).

Ali, por sua vez, parece ser uma alternativa neutra entre maior e menor afastamento, na dêixis física referencial:

- (154) O Dow Jones, índice das principais ações da Bolsa de Nova York, registrou alta próxima de 30% – desempenho que mereceu comentário do presidente do banco central dos EUA, Alan Greenspan, que viu ali uma "exuberância irracional". (FOLHA, 31.12.1996)

O uso físico referencial de *aqui* não é previsto, sendo que *aqui*, em exemplos como o seguinte, pode ser interpretado imediatamente como dêitico físico situacional (tipo 1):

- (155) Praia Grande está uma maravilha. Eu não trocaria meu apartamento aqui por um no Guarujá de jeito nenhum", diz Marilene Zilinskas, 48. (Folha, 31.12.1996) [E,R,S]

O uso físico extra-situacional (tipo 3) de *aqui* também não existe, pois não seria consistente. Como *aqui* estabelece a relação contextual [R,S], o falante deve funcionar como observador e, ao mesmo tempo, como entidade de referência. Como observador, deveria estar inserido na situação comunicativa (dêixis física) e como entidade de referência, deveria ser interpolado a partir do conhecimento geral (dêixis extra-situacional). Evidentemente, essas duas exigências são incompatíveis.

O uso físico extra-situacional de *aí* pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

- (156) Como um bom amigo, você deve estar sempre aí quando preciso de você.

Nesse caso, o falante/observador parte da sua perspectiva na situação comunicativa. Mas não se refere necessariamente ao interlocutor nessa mesma situação. Sua afirmação dá a entender que o comportamento exigido de um bom amigo vale para o interlocutor em qualquer situação, de forma que a entidade de referência deve ser interpolada a partir do conhecimento geral. Um uso análogo é possível com *lá* (mas não com *ali*):

- (157) Um bom amigo sempre está lá quando se precisa dele.

Também nesse exemplo, o ponto de partida é a situação comunicativa, mas *lá* refere-se a uma localização a ser computada a partir do conhecimento geral. Observamos que, nesse caso, *lá* indica novamente a relação [E,R ↔ S], típica de *aí*: o lugar em que está o bom amigo corresponde a um lugar perto da entidade de referência (uma pessoa numa situação emergencial) que fica afastada do falante/observador.

O uso textual situacional (tipo 4) de *aqui* pode ser exemplificado pela sentença:

- (158) A tese é do ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore. Na coluna de domingo, expliquei os critérios que levaram Pastore a projetar déficits comerciais tão altos para o próximo ano. Discuto, aqui, que implicações ele vê a partir desta situação. (FOLHA, 31.12.1996)

Com *aí* e *alilá*, esse uso não é possível, ou seja, eles não permitem a perspectiva de um processador de texto, em combinação com um R e/ou um S na situação comunicativa, fora do texto.

O uso textual referencial (tipo 5) parte da perspectiva do processador de texto. A entidade de referência tem que ser pré ou pós-mencionada:

- (76) Depois de *Santa Joana dos Matadouros*, conhecemos *A vida de Galileu*. Ficamos impressionados como Brecht aqui se afasta do seu estilo árido.

Nessa sentença, o advérbio *aqui* retoma anaforicamente o título *A vida de Galileu*. O observador (o falante ou o leitor) posiciona-se no lugar do advérbio no texto. *Aqui* indica que R está localizado a curta distância desse ponto e que E (o

estado de coisas de que Brecht se afasta do seu estilo árido) se localiza no campo interno de R [E,R,S]. Dessa maneira, não há outra opção, senão identificar R com a peça intitulada *A vida de Galileu*. Em particular, fica excluída a possibilidade de identificar R com a outra peça, *Santa Joana dos Matadouros*.

Um uso análogo de *lá* também me parece possível, especialmente em oposição imediata a *aqui*:

- (159) Depois de *Santa Joana dos Matadouros*, conhecemos *A vida de Galileu*. Aqui, finalmente, Brecht afasta-se daquele estilo árido que lá ainda foi sua marca.

Nesse exemplo, os dois advérbios fazem referência à distância textual entre eles mesmos e seus antecedentes. Visto a partir do lugar de *aqui*, a peça *A vida de Galileu* é o antecedente mais próximo, e a partir do lugar de *lá*, a peça *Santa Joana dos Matadouros* é o antecedente mais afastado.

O mesmo tipo de uso de *ai* e *ali* parece-me pouco provável, uma vez que ambos destacam menos a distância. Os advérbios em sentenças como:

- (160) Quando li o texto, chamaram minha atenção os substantivos ai usados.
(161) A minha mulher tem um livro de receitas da Bahia e gosta muito de preparar as comidas ali descritas.

serão, com maior probabilidade, interpretados como dêiticos físicos referenciais (tipo 2).

O uso textual extra-situacional (tipo 6) de *aqui*, *ai* e *alí* não existe.

O uso virtual situacional (tipo 7) de *aqui* e *alí* foi ilustrado pelo exemplo:

- (145) Ao olhar todas as roupas bonitas na loja, Maria não conseguiu decidir se preferia esta blusa amarela aqui ou aquela vermelha ali/lá.

O uso de *ai* neste tipo de dêixis não me parece previsto, uma vez que não marca de maneira suficientemente clara a distância entre E e S/R.

O uso virtual referencial (tipo 8) de *aqui* já foi ilustrado pelo exemplo:

- (138) Em junho de 1812, Napoleão chegou às margens do rio Njemen. Aqui construiu um depósito de mantimentos antes de invadir o território russo.

O mesmo uso de *alilà* ocorre no exemplo:

- (162) De casa, ele dirigiu-se para a praça. Enquanto *lá* apenas a mulher xingava, havia aqui uma multidão furiosa esperando-o.

Nesse caso, o falante toma a perspectiva do personagem em sua localização de chegada (na praça), de forma que *lá* deve indicar um lugar afastado dessa localização, que no contexto só pode ser a casa.

O mesmo uso de *ai* não me parece possível. Em contextos semelhantes, *ai* seria automaticamente interpretado como uso físico referencial (tipo 2):

- (163) Em junho de 1812, Napoleão chegou às margens do rio Njemen. *Ai* construiu um depósito de mantimentos antes de invadir o território russo.

Em geral, o uso virtual referencial parece relativamente raro no português.

O uso virtual extra-situacional (tipo 9) foi ilustrado acima pelo exemplo:

- (148) Meu melhor amigo sempre estará aqui quando precisar dele.

Observamos que esse uso está intimamente ligado ao uso físico extra-situacional (tipo 3) de *ai* e *lá*.

Também o uso na fórmula *aqui e ali* insere-se na dêixis virtual extra-situacional:

- (164) Refiro-me àqueles cinco meses em que o Palmeiras conseguiu conjugar aos seus pés todos os valores eternos do futebol: eficiência, brilho, gols em profusão, tudo, enfim, tocado em vertiginosa velocidade, no medido senso de coletivismo em que as individualidades se sobressaíam aqui e ali como estrelas em céu de desenho animado natalino. (FOLHA, 30.12.1996)

Em resumo, temos as seguintes possibilidades de uso de *aqui*, *ai* e *alilà*:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		<i>aqui, ai, alilà</i>	<i>aqui</i>	<i>aqui, alilà</i>
dêixis referencial		<i>ai, alilà</i>	<i>aqui, lá</i>	<i>aqui, alilà</i>
dêixis extra-situacional		<i>ai, lá</i>	–	<i>aqui, ali</i>

Como se verifica, o único uso em que podem ocorrer os quatro advérbios é o físico situacional. *Aqui* e *lá* são os elementos mais versáteis, com seis variantes de uso; *ali* tem cinco variantes, e *ai*, três.

No uso físico referencial (tipo 2), observamos que a diferença entre *ai* e *alillá* é parcialmente neutralizada, sendo que *ali* e *lá*, que no uso situacional sempre indicam [E ↔ R,S], podem ser interpretados como indicadores de [E,R ↔ S]. O uso de *ai* como dêitico referencial ocorre pouco na língua falada, restringindo-se praticamente à escrita.

No uso referencial neutraliza-se também a oposição entre campo interno e campo externo em *aqui*, *ai* e *alillá*. No uso situacional, *aqui*, *ai* e *alillá* sempre indicam que E está no campo externo de R. Assim, a sentença:

(165) Está frio aqui.

significa que o frio está perto, mas fora da entidade de referência, que é ao mesmo tempo o observador (o falante). Da mesma maneira, com a pergunta:

(166) Você tem o dicionário ai?,

o falante quer saber se o destinatário tem o dicionário perto, mas fora de si; e a sentença:

(167) Que bacana! Ali/lá tem cupuaçu.

indica que o cupuaçu está fora e a longa distância (p.ex., numa barraca um pouco à frente, na feira) em relação à entidade de referência (o falante).

Em muitos casos, *aqui*, *ai* e *alillá* permitem (ou até exigem) a interpretação de que R está no campo interno de E:

(168) Está frio ai?

(169) Olha, ai tem sombra.

Em (168), o destinatário (R) está dentro do frio (E), e em (169), um objeto que se encontra no lugar indicado por *ali* (R) está dentro da sombra (E).

No uso referencial, no entanto, *aqui*, *ai* e *alillá* podem indicar que E está no campo interno de R, o que não é possível no uso situacional:

(76) Depois de *Santa Joana dos Matadouros*, conhecemos *A vida de Galileu*. Ficamos impressionados como Brecht aqui (nesta peça) se afasta do seu estilo árido.

- (170) A minha mulher tem um livro de receitas baianas e gosta muito de preparar as comidas ai (nesse livro) descritas.
- (171) Hoje, a lagoa só dá tilápia, colocadas ali (na lagoa) pela prefeitura. (FOLHA, 29.12.1996)
- (172) Em 1774, Goethe publicou *Die Leiden des jungen Werthers*. Lá (nessa obra), ele ainda se mostra como representante legítimo do movimento *Tempestade e Ímpeto*.

Essas diferenças indicam que os usos referencial e extra-situacional são mais gramaticalizados que o uso situacional.

3.2.2.4.2. *Aquém e além*

No português brasileiro atual, os advérbios *aquém* e *além* são menos usados que as preposições *aquém de* e *além de*. Os advérbios têm dois usos marcadamente diferentes, um como dêiticos situacionais, o outro como referenciais e extra-situacionais.

No seu uso físico situacional (tipo 1), o advérbio *além* tem o sentido de "lá longe" (cf. item 3.2.2.2.2. acima):

- (173) À noite pousamos numa pequena aldeia no meio da estepe. "As montanhas ficam além", falou nosso guia.

Nesse exemplo, o observador S é o falante (o guia), na sua posição no momento da enunciação. Ao mesmo tempo, ele funciona como entidade de referência, e o advérbio *além* indica que a entidade situada (as montanhas) está longe dele. A fórmula a ser atribuída a *além*, nesse uso, é [E ↔ R,S]. Um uso análogo de *aquém* parece menos provável, mas não impossível:

- (174) Viajamos a toda velocidade em direção a Dallas, eu sempre com os olhos vendados. Depois de um tempo que me parecia muito longo, perguntei: "E o Rio Vermelho?" – "O Rio Vermelho já ficou aquém."

Nesse caso, entende-se que a entidade situada (o Rio Vermelho) ficou atrás do observador (do falante em sua posição no momento da enunciação), que ao mesmo tempo serve de entidade de referência. A fórmula é novamente [E ↔ R,S]. Em relação a *além*, o dicionário AURÉLIO (1986: 80) cita a variante situacional em primeiro lugar.

O uso físico referencial (tipo 2) representa a segunda variante do uso desses advérbios. Ele prevê como observador o falante enquanto pessoa física e como entidade de referência, um objeto pré ou pós-mencionado:

- (175) Você não precisa atravessar a rodovia, o tio José mora aquém.
(176) Você precisa atravessar a rodovia, o tio José mora além.

Nesse caso, a fórmula a ser atribuída aos dois advérbios é $[E \leftrightarrow R \leftrightarrow S]$. O mesmo uso existe também na variante metafórica discutida acima, no item 3.2.1.3.2., em que se transfere a orientação espacial a entidades de segunda ordem:

- (177) Em relação às minhas expectativas, os resultados ficaram muito aquém.

O uso físico extra-situacional (tipo 3) foi ilustrado, no item 3.2.2.3., pelo exemplo:

- (134) Do ponto de vista do combate ao tráfico, o resultado fica muito aquém.

Essa sentença distingue-se da anterior pela não-menção da entidade de referência (as expectativas). Conseqüentemente, esta precisa ser interpolada a partir do conhecimento geral.

Os usos textual situacional (tipo 4), textual referencial (tipo 5) e textual extra-situacional (tipo 6) de *aquém* e *além* não são possíveis.

O uso virtual situacional (tipo 7) de *além* ilustra-se pelo seguinte exemplo:

- (178) Os morros, mais perto, mais longe, erguiam-se alegres e verdejantes, ponteados de casinhas brancas, e lá se iam desdobrando, a fazer-se cada vez mais azuis e vaporosos, até que se perdiam de todo, muito além, nos segredos do horizonte, confundidos com as nuvens, numa só coloração de tintas ideais e castas. (Aluizio Azevedo, *Demônios*)

O autor parte da perspectiva de um personagem situado num determinado lugar descrito dentro da história narrada. *Além* indica um posicionamento da entidade situada (os morros) relativo ao lugar do observador, que ao mesmo tempo serve de entidade de referência ($[E \leftrightarrow R, S]$).

Aquém poderia ser usado num contexto análogo, indicando um situamento de E atrás do observador virtual:

- (179) Viajamos a toda velocidade em direção a Dallas. O Rio Vermelho já ficou aquém. [E ↔ R,S]

O uso virtual referencial (tipo 8) de *aquém* e *além* assemelha-se ao seu uso físico referencial (tipo 2):

- (180) Maria não precisava atravessar a rodovia, pois o tio José morava aquém.
 (181) Todos os dias, Maria atravessava a rodovia, pois o tio José morava além.

Nesses exemplos, temos a rodovia como entidade de referência pré-mencionada. Em (180), a entidade situada (a casa do tio José) localiza-se no mesmo lado da rodovia que a observadora, que é uma personagem da história; em (181), a entidade situada e a observadora estão em lados diferentes. Em ambos os casos, as relações codificadas por *aquém* e *além* correspondem à fórmula [E ↔ R ↔ S].

O uso virtual extra-situacional (tipo 9) pode ser exemplificado por uma variante do exemplo (134):

- (182) Do ponto de vista do combate ao tráfico, os resultados sempre ficarão aquém.

Nesse caso, o observador não é mais necessariamente o falante em sua localização no momento da enunciação, e sim, um observador virtual, diferente em cada caso individual.

Em resumo, as possibilidades de uso de *aquém* e *além* são as seguintes:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		+	-	+

É importante observar a diferença clara entre o uso situacional e os usos referencial e extra-situacional de *aquém* e *além*. No primeiro, é o observador (real ou virtual) que serve de entidade de referência (relação contextual [R,S]), enquanto nos segundos a entidade de referência precisa ser pré ou pós-mencionada ou interpolada a partir do conhecimento geral, o que leva a uma relação contextual do tipo [R ↔ S]. Em ambos os casos, a relação intrínseca indicada por *aquém* e *além* sempre será [E ↔ R].

Em comparação com *aqui*, *ai* e *alillá*, verificamos que o uso de *aquém* e *além* é bem mais limitado.

3.2.2.4.3. Os outros advérbios

Em relação aos demais advérbios, farei uma distinção entre três grupos:

- (i) os que não especificam campo, distância, dimensão e direção,
- (ii) os que especificam campo e/ou distância e
- (iii) os que especificam também dimensão e/ou direção.

Não vai ser possível discutir todos os advérbios espaciais existentes no português, mas tentarei apresentar uma seleção representativa que retrate de maneira suficientemente precisa e detalhada as possibilidades de codificação de relações espaciais estáticas oferecidas pela língua portuguesa do Brasil. Os advérbios que não poderão ser tratados aqui deveriam inserir-se em alguma das categorias oferecidas neste capítulo.

Dos advérbios do primeiro grupo, tratarei *onde*, *algures* e *em algum lugar*, do segundo, *dentro*, *fora*, *no meio*, *em volta*, *ao redor*, *longe*, *perto*, *junto*, *a distância*, *nas proximidades*, *alhures* e *em outro lugar*, e do terceiro, *ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *adiante*, *atrás*, *à frente*, *ao fundo*, *na frente*, *no fundo*, *em frente*, *em cima*, *embaixo*, *acima* e *abaixo*. Os advérbios do primeiro e do segundo grupo restringem-se às orientações puramente intrínseca e intrínseco-contextual, enquanto os do terceiro grupo permitem também a orientação extrínseca.

O emprego físico situacional (tipo 1) dos advérbios do primeiro grupo não é previsto. Em sentenças como:

- (183) O fato é que você tem que empregar essas pessoas em algum lugar.
(FOLHA, 06.10.1996)
- (184) Onde você vai empregar tantas pessoas?,

a interpretação dos advérbios grifados independe da localização do observador. A respectiva entidade de referência é uma grandeza indefinida que não está presente na situação comunicativa. Ela deve ser interpolada a partir do conhecimento geral. Portanto, trata-se da dêixis física extra-situacional (tipo 3).

O uso físico situacional dos advérbios do segundo grupo é possível, mas sem distinção muito clara entre as orientações intrínseca e intrínseco-contextual. A

orientação puramente intrínseca opera somente com uma entidade de referência dentro da situação comunicativa e não prevê um observador, enquanto a intrínseco-contextual atribui a função do observador à própria entidade de referência ([R,S]).

O nosso exemplo foi o do turista à procura do Teatro Municipal:

(185) O Teatro Municipal fica longe/perto?

Nele, os advérbios podem ser interpretados nas duas orientações, sendo a intrínseco-contextual a mais provável. O mesmo uso é possível com *nas proximidades*, *a distância*, *alhures* e *em outro lugar*:

(186) "Se houver algum problema maior, há a Santa Casa nas proximidades", diz Wladimir. (FOLHA, 05.12.1996)

(187) Estou ouvindo um barulho estranho a distância.

(188) Se levarmos em conta a baixa eficiência do investimento realizado pelos governadores (sem falar naqueles que pagam por um quilômetro de rodovia o que alhures custaria dois terços menos), consideraria um ato de sabedoria um governador que preferisse privatizar estradas, portos, serviços de água e outros. (FOLHA, 17.09.1996)

(189) O verdadeiro poder não é dado pelos jogadores. São os dirigentes entre eles que se dão o poder esportivo. Mas o poder popular é o jogador quem tem. Pelé, Zico, Maradona ou eu temos um poder que os dirigentes não terão jamais. Então eles são obrigados a buscar o poder em outro lugar. (FOLHA, 29.09.1996)

Além disso, é possível imaginar contextos com um uso semelhante de *dentro*, *fora* e *no meio*:

(190) (*Placa numa porta:*) Entrada proibida. Dentro encontram-se cobras venenosas.

(191) (*Placa na entrada da garagem de um condomínio:*) Entrada somente para moradores. Carros de visitantes devem permanecer fora.

(192) (*Diante de um bando de cachorros:*) Tá vendo? E o Bobão sempre no meio.

Nesses exemplos, procura-se também uma entidade de referência na situação comunicativa. Essa, contudo, não será o falante, mas sim a sala atrás da porta com a placa em (190), o terreno do condomínio em (191) e o bando de cachorros em (192). As sentenças inserem-se, portanto, na orientação puramente intrínseca.

Com os outros advérbios que não especificam dimensão nem direção, o uso físico situacional não é possível:

(193) O Teatro Municipal fica *junto.

(194) Onde fica a região central da cidade? – Fica *em volta/*ao redor.

Entre os advérbios do terceiro grupo, podemos ter o uso físico situacional na orientação intrínseco-contextual com *ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *adiante*, *em frente*, *em cima*, *embaixo*, *à frente*, *na frente*, *no fundo* e *atrás*:

(195) Onde fica a estação rodoviária? – Ela fica ao lado/à direita/à esquerda/adiante/em frente/em cima/embaixo.

(196) O shopping à frente é o maior da América Latina.

Nesse uso, o observador pode ser o falante ou o destinatário. Em ambos os casos, ele funciona, ao mesmo tempo, como entidade de referência ([E ↔ R,S]). A dimensão e a direção indicadas pelo advérbio remetem ao corpo dessa entidade, i.e., o advérbio pode ter duas interpretações: "à direita do falante" ou "à direita do destinatário", "à esquerda do falante" ou "à esquerda do destinatário", e assim por diante. Para desambiguá-lo, o falante pode usar um gesto mostrador em direção à entidade situada. Esse gesto, em conjunto com o advérbio, indicará se a entidade de referência é o falante ou o destinatário. A mesma ambigüidade pode ser observada com *adiante*, *em frente* e *à frente*, ou seja, com os advérbios que especificam a direção numa dimensão horizontal. Com *em cima* e *embaixo*, que se referem à dimensão vertical, e *ao lado*, que não especifica a direção, é menos importante saber se a entidade de referência é o falante ou o destinatário. Mesmo assim, uma resposta como, por exemplo:

(197) A estação rodoviária fica ao lado.

precisa de um gesto mostrador adicional para ser plenamente interpretável dentro da situação comunicativa.²⁶

Em alguns casos, a entidade de referência não é o próprio falante, mas sim, o prédio em que ele está:

²⁶ Com os advérbios que não indicam dimensão nem direção, como *perto*, *longe* etc., é pouco importante saber se a entidade de referência é o falante ou o destinatário. Com esses advérbios, a escolha da entidade de referência dificilmente leva a mal-entendidos. Isso se reflete, entre outros, na impossibilidade de reforçá-los por gestos mostradores.

- (198) *(Num supermercado que tem um estacionamento na frente e outro atrás/no fundo:)* Onde você estacionou seu carro, na frente ou atrás/no fundo?

O uso físico situacional na orientação intrínseco-contextual não é previsto com os advérbios *acima*, *abaixo* e *ao fundo*:

- (199) Cadê o Paulo? – Ele está *acima/*abaixo/*ao fundo.

Na orientação puramente intrínseca, podemos ter o uso físico situacional dos advérbios *ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *à frente*, *ao fundo*, *em cima*, *embaixo*, *acima*, *abaixo*, *na frente*, *no fundo* e *atrás*:

- (200) *(Diante de uma decoração de teatro:)* Que parte foi você que pintou? – O que está à direita/à esquerda/à frente/ao fundo.

- (201) *(Numa loja:)* As roupas que ficam em cima são mais caras; as que ficam embaixo estão em promoção.

- (202) *(Diante de um pódio, em que estão os vencedores de uma corrida de Fórmula 1:)* Acima, vemos Michael Schumacher, o primeiro colocado, e abaixo, os pilotos que conseguiram o segundo e o terceiro lugar.

- (203) *(Placa perto de um supermercado:)* Utilize o estacionamento na frente/no fundo/atrás.

Nesses exemplos, as entidades de referência são a decoração de teatro em (200), a prateleira de roupas em (201), o pódio com os vencedores em (202) e o prédio do supermercado em (203). Todas essas entidades estão presentes nas respectivas situações comunicativas. As entidades situadas (a parte que um dos dois falantes pintou, as roupas, Michael Schumacher, o estacionamento etc.) localizam-se nas suas regiões do fundo, da frente, de trás, de cima e de baixo. Tais regiões não se definem pelo olhar do observador, mas pela própria construção dessas entidades, embora elas sejam produzidas com vistas à perspectiva de um espectador. Portanto, o uso dos advérbios em (200) a (203) é puramente intrínseco.

A aplicação da orientação extrínseca é pouco provável na dêixis física situacional. Não é normal utilizar como entidade de referência um objeto presente na situação comunicativa, que não defina por si mesmo as direções no espaço, sem que se mencione previamente esse objeto. Dessa forma, não se diz:

- (204) A bicicleta está à direita.

para indicar que a bicicleta está posicionada à direita de uma árvore presente na situação comunicativa, vista a partir da perspectiva do falante e/ou do destinatário, e também não:

(205) A bicicleta está em frente.

para indicar que a bicicleta está posicionada entre o falante e/ou o destinatário e uma árvore presente na situação comunicativa (no sentido de "em frente à árvore").

A dêixis física referencial (tipo 2) de orientação puramente intrínseca é possível com todos os advérbios do primeiro grupo. Ela pode ser ilustrada pelo exemplo:

(74) A maioria deve ir a Copacabana, onde haverá a maior queima de fogos da história. (FOLHA, 31.12.1996)

Esse uso independe da localização do observador. A entidade de referência, no exemplo, é a praia de Copacabana pré-mencionada. Os seguintes exemplos ilustram o mesmo uso dos outros advérbios do primeiro grupo:

(206) "Se algures na Terra existe o Paraíso, não pode estar longe daqui", proclamou Américo Vespúcio.²⁷ (FOLHA, 13.08.1995)

(207) Doze meses depois, a fábrica coreana continua no papel. Nem o terreno foi escolhido, porque a Ásia ainda não sabe onde montar a fábrica. Será em algum lugar entre o Rio Grande do Sul e o Ceará, diz Keremian. (FOLHA, 13.10.1996)

Em (206), o advérbio *algures* é usado na variante catafórica. Toma como entidade de referência a Terra pós-mencionada. O uso de *em algum lugar*, em (207), também é catafórico.

Também os advérbios do segundo grupo permitem todos o uso na dêixis física referencial:

(208) No fim de semana passado fomos até a chácara de um amigo. Perto, tinha um rio com piranhas.

(209) Tom Jobim, como se sabe, é um virtuose da canção popular. Um gênio que sobrevive à morte. Um talento reconhecido aqui e alhures. (FOLHA, 11.11.1996)

Em (208), o advérbio *perto* toma como entidade de referência a chácara pré-mencionada e indica campo externo e distância curta em relação a ela. Em (209), o advérbio *aqui* estabelece a entidade de referência para *alhures*. A entidade

²⁷ Segundo FIOREN (1996: 270), o advérbio *algures* pode ser considerado obsoleto. Hoje em dia, prefere-se a expressão *em algum lugar*.

situada de *aqui* é o reconhecimento do talento de Tom Jobim (uma entidade de segunda ordem), que se localiza nas proximidades do falante como entidade de referência e observador. O falante é logo retomado como entidade de referência por *alhures*, que situa o mesmo E em outro lugar.

Um exemplo com os demais advérbios do mesmo grupo:

- (210) O Ronaldo tem uma casa bonita na França. Dentro é tudo de luxo. No meio tem uma sala de estar, toda com móveis feitos de madeiras nobres. Em volta ficam os quartos, todos com suíte. Fora moram os cachorros. Junto tem quatro garagens e perto, um restaurante três estrelas. Ao redor ficam vários parques arborizados e a polícia sempre se mantém longe.

Com os advérbios do terceiro grupo, a dêixis física referencial funciona da mesma maneira:

- (211) O Ronaldo tem uma casa bonita na França, com um telhado de tijolos em cima e um armazém de vinhos embaixo, no porão. No fundo, tem uma cozinha com uma ótima cozinheira, em frente, fica uma árvore de duzentos anos e atrás, um parque com coelhos. Ao lado, tem um igreja presbiteriana à direita e uma quadra de tênis à esquerda. Acima, vigiam os seguranças num helicóptero e abaixo, vivem ratazanas no canal de esgoto.

Os advérbios grifados remetem sempre à casa do Ronaldo, pré-mencionada no texto, como entidade de referência. *Em cima* significa "em cima da casa", *embaixo*, "embaixo da casa", e assim por diante.

Esse uso dos advérbios independe de um observador, já que a casa define suas próprias partes de cima, de baixo, de frente etc. Seria também possível tomar, por exemplo, o Ronaldo dentro da sua casa como observador, sem que o sentido mudasse. Mas essa interpretação intrínseco-contextual não corresponderia à dêixis física referencial, e sim, à virtual referencial (tipo 8), por ser o Ronaldo um observador virtual.

Por outro lado, podemos ter uma entidade de referência que não define ela mesma um lado de frente, de trás etc. Nesse caso, teremos a dêixis física referencial na orientação extrínseca:

- (212.a) Na praça, tem uma seringueira enorme. Em frente, está uma bicicleta encostada e atrás, tem alguém fazendo xixi.

Esse exemplo está no tempo presente de um repórter que relata imediatamente aquilo que está observando. Ele é, ao mesmo tempo, o falante e o observador, enquanto a entidade de referência é a seringueira pré-mencionada. Se transpusermos a mesma sentença para o tempo passado, teremos um observador fictício e, portanto, novamente a dêixis virtual referencial (tipo 8):

- (212.b) Na praça, tinha uma seringueira enorme. Em frente, estava uma bicicleta encostada e atrás, tinha alguém fazendo xixi.

Para ilustrar a dêixis física extra-situacional (tipo 3) dos advérbios do primeiro grupo, podemos pensar em exemplos como:

- (213) A impressão que fica, apesar do esforço, é de que Oscar não sabe onde vai pisar. (FOLHA, 31.12.1996)
- (214) É certo que Searle diz algures que uma análise das condições de satisfação (por contraste com as condições de verdade de uma sentença) ajuda a elucidar o que seja a "satisfação" da crença ou do desejo. (FOLHA, 02.10.1995)
- (215) Mas nenhum destes programas chegava aos pés da popularidade de "I Love Lucy", que desde sua estréia em 1951 até hoje é o enlatado mais visto na história. Nesse momento, em algum lugar, "somebody is loving Lucy". (FOLHA, 13.10.1996)

Onde, *algures* e *em algum lugar*, nesses exemplos, não só independem da localização de um observador, mas independem também de uma entidade de referência dentro da situação comunicativa ou no próprio texto. A entidade de referência, que sempre é necessária para poder conceber uma relação espacial, i.e., um lugar, é alguma entidade indefinida, fornecida pelo conhecimento geral.

Entre os advérbios do segundo grupo, também há alguns que permitem esse tipo de uso:

- (216) É que a nova LDB é "uma lei enxuta" – como gosta de definir o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Cria a possibilidade de o ensino regular ser ministrado a distância (com TVs e Internet). (FOLHA, 30.12.1996)
- (217) Cadê o Paulo? – No momento ele está fora, mas volta em 30 minutos.
- (218) Eles têm idade suficiente e uma existência suficientemente vazia para saber que a vida está sempre em outro lugar. (FOLHA, 02.12.1996)

A dêixis extra-situacional remete a uma entidade de referência que não pode ser univocamente inferenciada a partir da situação comunicativa e nem do contexto linguístico. Em (216), trata-se do respectivo professor, em relação ao qual o

aluno está afastado. No caso de (217), é necessário interpolar um prédio, uma casa, um escritório ou outro ambiente em que se espera a presença da referida pessoa. *Fora* indica que a entidade situada (Paulo) está afastada desse ambiente. Em (218), finalmente, a entidade de referência vão ser as referidas pessoas em sua localização atual. (Esse último exemplo também pode ser interpretado como dêixis virtual situacional (tipo 7); vide explicação abaixo).

Um uso semelhante pode-se imaginar com *perto* e *longe*, no sentido de "perto/longe de qualquer lugar":

(219) Mesmo num país tão grande, a pobreza não fica longe/fica perto.

Entre os advérbios que indicam dimensão e/ou direção, podemos pensar em sentenças como:

(220) No fundo, ela tem razão.,

onde *no fundo* significa "no fundo das coisas" (no sentido de "na substância"). Da mesma forma, *na frente* pode significar "na frente das metas estabelecidas" ou "na frente dos concorrentes", como em:

(221) Nas últimas pesquisas, Paulo Maluf estava na frente.

Atrás pode significar "atrás das metas estabelecidas" ou "atrás dos concorrentes":

(222) Independentemente do trabalho que você pede a ele para fazer, ele sempre vai ficar atrás.

Em cima e *embaixo* podem significar "na parte de cima/de baixo da hierarquia social":

(223) Os que estão em cima sempre serão mais poderosos que os que estão embaixo.

Os mesmos conceitos, também em relação a outras escalas de valores, podem ser codificados, num estilo levemente mais formal, por *acima* e *abaixo*:

(224) Com o Roberto, que está acima no departamento, eu, que estou abaixo, nem posso falar.

(225) Há uma noção que surgiu nos últimos 30 anos que talvez ajude a explicar: é a noção de repertório. Você só entende uma coisa que esteja dentro de seu repertório cultural. Se você não entende aqueles signos, ele está acima ou abaixo. (FOLHA, 30.06.1996)

À direita e à esquerda podem significar "à direita/à esquerda do panorama político":

- (226) Antigamente, Fernando Henrique era da esquerda, mas hoje em dia fica cada vez mais à direita.

Com *dentro, junto, no meio, em volta e ao redor*, bem como *à frente, ao fundo, ao lado, adiante e em frente*, não consigo imaginar contextos em que poderiam ser empregados na dêixis física extra-situacional, mas isso não implica que tal emprego seja realmente impossível. O uso extra-situacional sempre envolve uma determinada idiomaticidade, podendo se restringir às convenções de determinados grupos de falantes, ou até mesmo às preferências de determinados indivíduos.

A dêixis física extra-situacional insere-se na orientação puramente intrínseca ou intrínseco-contextual. A orientação extrínseca não é possível nesse tipo de dêixis.

A dêixis textual situacional (tipo 4) toma o processador de texto como observador e um componente da situação comunicativa como entidade de referência. Esse uso dos advérbios do primeiro grupo não é previsto. Uma sentença como:

- (227) Onde é que Goethe usa a palavra *Wonnegraus*?

é interpretada sem que se adote a perspectiva do processador de texto, tomando como entidade de referência um texto indefinido da autoria de Goethe, não necessariamente presente na situação em que o falante enuncia essa sentença.

Do segundo grupo, somente *alhures* e *em outro lugar* permitem esse uso:

- (228) Eu já discuti esse assunto em outro lugar.

Nesse caso, precisa-se, sim, adotar a perspectiva do processador de texto, para poder interpretar a sentença. O falante está se referindo a um assunto sobre o qual já se manifestou por outra ocasião. O lugar em que ocorreu aquela outra manifestação é situado a partir do lugar textual atual, em que está a locução adverbial *em outro lugar*, e essa locução serve paralelamente de entidade de referência ([E ↔ R,S]).

Com os outros advérbios que indicam somente campo e distância, esse uso não é possível:

- (229) Eu já discuti esse assunto *longe/*perto/*dentro/*fora/*no meio/*junto/*em volta/*ao redor.

Entre os advérbios do terceiro grupo há alguns que permitem o uso na dêixis textual situacional. No item 3.2.2.3. acima, ele foi ilustrado pela sentença:

- (136) Veja o quadro acima.

Também nesse caso, o observador é o processador de texto no momento em que processa o advérbio *acima*. A relação intrínseca (campo externo, distância longa, dimensão vertical, direção para cima) é estabelecida a partir do próprio advérbio, que serve de entidade de referência. Temos, portanto, novamente a orientação intrínseco-contextual, que corresponde à fórmula [E ⇔ R,S].

O mesmo uso é possível com *ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *acima*, *abaixo*, *adiante*:

- (230) Confira a tabela ao lado/à direita/à esquerda/acima/abaixo/adiante.

mas não com *em frente*, *atrás*, *à frente*, *ao fundo*, *na frente*, *no fundo*, *em cima* e *embaixo*.

A orientação puramente intrínseca nesse uso dos advérbios não existe. O mesmo é válido em relação à orientação extrínseca, que não seria possível, pois a dêixis textual exige o posicionamento do observador dentro do texto.

O uso textual referencial (tipo 5) pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

- (231) A explicação acima, com o respectivo gráfico ao lado, já esclareceu a síntese da vitamina C.

Nesse exemplo, que poderia ser proveniente de um livro de química, o advérbio *ao lado* toma como entidade de referência um trecho pré-mencionado do próprio texto e localiza a entidade situada (o gráfico) no campo externo e na dimensão lateral, em relação a esse trecho. O observador é o processador de texto, que está no local do advérbio *ao lado*. Para poder encontrar o gráfico, ele deve primeiramente procurar a entidade de referência com a ajuda do advérbio *acima* (que está em seu uso textual situacional) e posteriormente localizar, a partir daí, a entidade situada.

Esse uso é possível com os advérbios do primeiro grupo:

- (232) Em algum lugar neste número da nossa revista escondemos R\$ 10.000.
Falta apenas saber onde.

A entidade de referência, nesse exemplo, é o número da revista, pós-mencionado em relação à locução adverbial *em algum lugar*, e pré-mencionado em relação ao advérbio *onde*.

Dos advérbios do segundo grupo, novamente só *alhures* e *em outro lugar* admitem esse uso:

- (233) Neste livro, já discutimos esse assunto alhures/em outro lugar.

A entidade de referência é o livro pré-mencionado.

O exemplo (234) ilustra o uso de advérbios do terceiro grupo na dêixis textual referencial:

- (234) A explicação na página anterior, com o respectivo gráfico à direita/à esquerda/acima/abaixo, já esclareceu a síntese da vitamina C.

Com *adiante*, que permite um uso textual situacional, a variante textual referencial não funciona:

- (235) A explicação na página anterior, com o respectivo gráfico *adiante, já esclareceu a síntese da vitamina C.

Os advérbios restantes, como *em cima*, *embaixo*, *em frente*, *atrás*, *à frente*, *ao fundo*, *na frente* e *no fundo*, também não prevêem o uso textual referencial. A dêixis textual referencial segue sempre a orientação intrínseca e não admite as orientações intrínseco-contextual e extrínseca.

A dêixis textual extra-situacional (tipo 6) foi ilustrada, no item 3.2.2.3. acima, pelo exemplo:

- (144) Me dá mais detalhes. No momento, não estou por dentro/estou por fora.

onde *por dentro/por fora* podem ser parafraseados como "por dentro/por fora do assunto em discussão". *No fundo*, em:

- (220) No fundo, ela tem razão.,

poderia ser interpretado como "no fundo do raciocínio ora desenvolvido".

Em geral, esse uso parece limitado a pouquíssimas expressões lexicalizadas, de modo que não me ocorrem exemplos com outros advérbios. A orientação pode ser intrínseca ou intrínseco-contextual.

A dêixis virtual situacional (tipo 7) funciona de maneira semelhante à física situacional (tipo 1). A única diferença é que a dêixis virtual funciona a partir da perspectiva de um personagem fictício, dentro de uma situação fictícia. O seguinte exemplo ilustra esse uso com os advérbios do primeiro grupo:

- (236) Eu não sabia onde estava. Parecia um jardim ou algo semelhante. Em algum lugar, um sabiá começou a cantar melancolicamente.

Nesse caso, os advérbios *onde* e *em algum lugar* não podem ser interpretados a partir da situação comunicativa em que o receptor decodifica o enunciado. Eles referem-se a uma situação criada dentro do texto, em que o falante (eu) exerce um papel de personagem. Os advérbios devem ser interpretados a partir da perspectiva desse personagem e no âmbito da sua situação.

Entre os advérbios que não indicam a dimensão e a direção, *longe* e *perto*, *nas proximidades* e *a distância*, bem como *dentro* e *fora* possibilitam esse uso:

- (237) Então responda, língua: qual foi sua intenção quando, ao abrir-se a boca em que você está contida, você se projetou em direção a uma menina de 12 anos – 12 anos, senhores! – que casualmente estava nas proximidades? Hein? O que tinha você em mente? (FOLHA, 12.12.1996)
- (238) Maria tinha que esperar. Ela se sentia só. A rua com o barulho do trânsito parecia tão longe/perto.
- (239) Maria tinha que esperar. Ela se sentia só. Fora, fazia um calor infernal, mas dentro, estava fresco e escuro.

Além disso, é possível com *alhures* e *em outro lugar*:

- (240) À classe média, cujo destino é inchar, vai faltar dinheiro, por exemplo, para pagar domésticos porque este trabalho também vai custar mais caro. E o doméstico vai faltar porque estará ganhando mais alhures. (Folha, 05.05.1996)
- (218) Eles têm idade suficiente e uma existência suficientemente vazia para saber que a vida está sempre em outro lugar. (FOLHA, 02.12.1996)

Alhures, em (240), deve ser interpretado a partir da perspectiva de um integrante da classe média na situação da qual o falante trata, ainda não real no momento da enunciação. *Em outro lugar*, em (218) – exemplo já discutido acima, por ocasião da dêixis física extra-situacional –, pode ser interpretado a partir da perspectiva dos adolescentes que são o assunto dessa sentença.

Entre os advérbios do terceiro grupo, há vários que permitem o uso na dêixis virtual situacional:

- (241) A rua principal da cidade estava abandonada. O calor do início da tarde era insuportável. À direita, a igreja estava fechada. Na janela da loja em frente, tinha uma placa dizendo "Em férias". De repente, ela viu um homem estranho adiante.

O texto é narrado a partir da perspectiva de uma personagem da própria história. Ela desempenha a função do observador e, ao mesmo tempo, da entidade de referência ([R,S]).

O mesmo uso existe também com *atrás*, *à frente* e *ao fundo*:

- (242) Maria tinha que esperar. Ela se sentia só. A porta atrás estava fechada.
(243) Maria rezava. À frente, ela viu o crucifixo dourado. Ela se sentia só. Em algum lugar, ao fundo, rezavam mulheres.

Em grande parte, os advérbios que permitem o uso virtual situacional são os mesmos que permitem também o uso físico situacional (tipo 1). As exceções são *no meio*, *em cima*, *embaixo*, *na frente*, *no fundo*, *acima* e *abaixo*, que permitem o uso físico situacional, mas não o virtual situacional, e *onde*, *algures* e *em algum lugar*, que permitem o virtual situacional, mas não o físico situacional. *Junto*, *em volta* e *ao redor* não permitem nenhum dos dois usos.²⁸

A orientação na dêixis virtual situacional é sempre a intrínseco-contextual. A orientação puramente intrínseca não funciona, já que esse tipo de dêixis não pode dispensar a presença de um observador. A orientação extrínseca também não é possível, pelos mesmos motivos que valem para a dêixis física situacional. Na

²⁸ *Em volta*, *ao redor*, *à frente* e *na frente*, cuja segunda parte é ainda claramente reconhecível como substantivo, permitem o uso na dêixis virtual situacional com um possessivo que identifica a entidade de referência:

(244) Maria entrou numa grande sala de espera. Em sua volta/ao seu redor, ouviu um sussurrar misterioso. A sua frente/na sua frente, os balcões de venda de passagens estavam em reforma.

O possessivo que aparece nessas construções é o genitivo de um pronome pessoal e corresponde ao complemento introduzido por *de* nas locuções prepositivas *em volta de*, *ao redor de*, *à frente de* e *na frente de*. Portanto, *em sua volta*, *à sua frente* etc. não são locuções adverbiais propriamente ditas, e sim, locuções prepositivas com complemento pronominal.

dêixis virtual situacional, não se pode usar, como entidade de referência, um objeto que não defina por si mesmo as direções no espaço. Portanto, não podemos interpretar os advérbios *à direita* e *em frente*, no nosso exemplo:

- (241) A rua principal da cidade estava abandonada. O calor do início da tarde era insuportável. À direita, a igreja estava fechada. Na janela da loja em frente, tinha uma placa dizendo "Em férias".

no sentido de "à direita de/em frente a algum objeto presente na situação", mas sim, somente no sentido de "à direita da/em frente à personagem-observadora". Em casos como:

- (245.a) Maria viu uma seringueira enorme. Em frente, tinha uma bicicleta encostada e atrás, alguém fazendo xixi.

temos a orientação extrínseca, mas já na dêixis virtual referencial.

A dêixis virtual referencial (tipo 8) é possível com todos os advérbios espaciais do português. Vejamos um exemplo com advérbios do primeiro grupo:

- (246) Quando chegou a Santa Maria das Três Lagoas, João já estava com a bochecha inchada. Mas em algum lugar naquela cidade tinha que ter um dentista.

Nesse exemplo, a perspectiva é a do personagem João. A entidade de referência, por sua vez, é a cidade pós-mencionada.

O mesmo uso com advérbios do segundo grupo ilustra-se pelos exemplos:

- (247) Bombeiros chegam ao local do acidente após 15 minutos e escoram o estande. Os feridos recebem primeiros socorros antes de serem transferidos para um ambulatório no próprio salão e para hospital nas proximidades. (FOLHA, 25.10.1996)
- (248) A donzela ferida poderia ter problemas nos joelhos da adversária? Talvez pudesse, se fosse como um daqueles gêmeos univitelinos especiais, os irmãos corsos do Alexandre Dumas: um dava uma canelada aqui, o outro gemia acolá; um amava aqui, o outro se esvaía alhures; um perdia o emprego aqui, o outro chorava em Pindamonhangaba. (FOLHA, 12.02.1996)
- (249) Para o programador que jogava um software gratuito na rede, vê-lo multiplicar-se era sucesso suficiente. Seu nome era carregado pela Internet afora e ele podia se tornar uma minicelibridade. O dinheiro ele podia ganhar em outro lugar. (FOLHA, 28.05.1996)

Em (247), a entidade de referência para a interpretação da locução adverbial *nas proximidades* é o estande pré-mencionado. Em (248), a entidade de referência para *alhures* é definido pelo advérbio *aqui* pré-mencionado: o lugar em que está a entidade de referência de *aqui*, i.e., o irmão. Em (249), a entidade de referência para *em outro lugar* é a Internet.

O uso na dêixis virtual referencial dos advérbios do terceiro grupo já foi ilustrado acima pelo exemplo:

- (211) O Ronaldo tem uma casa bonita na França, com um telhado de tijolos em cima e um armazém de vinhos embaixo, no porão. No fundo, tem uma cozinha com uma ótima cozinheira, em frente, fica uma árvore de duzentos anos e atrás, um parque com coelhos. Ao lado, tem um igreja presbiteriana à direita e uma quadra de tênis à esquerda. Acima, vigiam os seguranças num helicóptero e abaixo, vivem ratazanas no canal de esgoto.,

em que o intérprete toma o próprio Ronaldo dentro da sua casa como observador. Essa é a dêixis virtual referencial na orientação intrínseco-contextual.

Além disso, existe também a orientação extrínseca nesse tipo de dêixis, que foi ilustrada pelo exemplo:

- (245.b) Na praça, vi uma seringueira enorme. Em frente, tinha uma bicicleta encostada e atrás, alguém fazendo xixi.

A orientação puramente intrínseca não é prevista na dêixis virtual referencial.

A dêixis virtual extra-situacional (tipo 9), finalmente, é muito rara. Podemos, talvez, pensar em exemplos com os advérbios *à direita* e *à esquerda*, no sentido político, ou *em cima* e *embaixo*, em relação à hierarquia social. O emprego desses advérbios em seus sentidos extra-situacionais sempre parte da perspectiva de um observador, pois a esquerda e a direita política não são valores absolutos, e nem o em cima e o embaixo na sociedade. Assim, para poder compreender bem uma sentença como:

- (250) Na opinião de José, esse papa privilegia muitos os que estão em cima.,

precisa-se saber quem é o referido José (o observador) e qual é sua posição em que sociedade. Somente a partir dessas informações, pode-se interpretar adequadamente o advérbio *em cima*.

O uso virtual extra-situacional, como os tipos 3 e 6, caracteriza-se por sua idiomatização. Não é possível afirmar que determinados advérbios espaciais seriam excluídos desse uso, mas em geral ele não parece ser um uso muito freqüente. Restringe-se à orientação intrínseco-contextual.

Como se percebe, nem todas as orientações combinam-se com todos os tipos de dêixis. As orientações intrínseca (i), intrínseco-contextual (c) e extrínseca (e) distribuem-se da seguinte forma:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		i,c	c	c
dêixis referencial		i,e	i	c,e
dêixis extra-situacional		i,c	i,c	c

A dêixis situacional e a dêixis virtual são predominantemente intrínseco-contextuais. Apenas a variante física situacional permite também a orientação puramente intrínseca e a variante virtual referencial, a orientação extrínseca. Na dêixis referencial, as variantes física (tipo 2) e textual (tipo 5) e a variante virtual (tipo 8) são complementares: as primeiras duas permitem a orientação intrínseca e a última, a orientação intrínseco-contextual. A dêixis física referencial e a virtual referencial permitem também a orientação extrínseca. A dêixis extra-situacional, que é a mais convencionalizada e especializada, existe nas orientações puramente intrínseca e intrínseco-contextual, sendo a primeira a mais típica. É interessante ver que a orientação extrínseca, no uso dos advérbios, se restringe não só aos elementos que especificam dimensão e/ou direção, mas, além disso, ao seu uso referencial.

Se negligenciarmos, para o momento, a dêixis extra-situacional, poderemos distinguir sete grupos de advérbios, conforme seu uso na dêixis situacional e referencial:

O grupo (a) contém os advérbios *alhures*, *em outro lugar*, *ao lado*, *à direita* e *à esquerda*. Esses caracterizam-se por uma grande flexibilidade entre os diferentes tipos de dêixis. Em particular, permitem o uso em todas as variantes da dêixis situacional e referencial.²⁹

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	+	+
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		(+)	-	(+)

²⁹ Uso doravante o símbolo (+) para indicar que alguns membros do grupo permitem o uso no referido tipo de dêixis (no caso, *à direita* e *à esquerda*), enquanto outros não o permitem (no caso, *ao lado*).

O grupo (b) contém apenas *adiante*. Esse advérbio permite todos os usos situacionais e referenciais, com a exceção da dêixis textual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	+	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		-	-	-

O grupo (c) contém *longe, perto, nas proximidades, a distância, dentro, fora, em frente, atrás, à frente e ao fundo*, que excluem a dêixis textual:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		(+)	(+)	-

O grupo (d) contém *no meio, em cima, embaixo, na frente e no fundo*, que excluem a dêixis textual situacional, virtual situacional e textual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	-
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		(+)	(+)	(+)

O grupo (e) contém *acima e abaixo*, que excluem o uso virtual situacional:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	+	-
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		+	-	-

O grupo (f) consiste de *onde, algures e em algum lugar*, que permitem os três tipos da dêixis referencial, mas só um tipo da dêixis situacional, a virtual situacional:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		-	-	+
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		+	-	-

O grupo (g), finalmente, contém os advérbios *junto, em volta e ao redor*, que somente permitem os usos físico e virtual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		-	-	-
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		-	-	-

Ao analisarmos a distribuição dos advérbios nos diferentes tipos de uso, observamos a importância de três características distintivas: a situacionalidade, a textualidade e a referencialidade. Os advérbios dos grupos (a) e (b) permitem todas as variantes da dêixis situacional. Podemos marcá-los, portanto, com o traço {+ situacional}. Os advérbios do grupo (g), ao contrário, não permitem nenhum uso situacional. Podemos atribuir a eles o traço {- situacional}. Os advérbios dos grupos (a) e (e) permitem duas variantes da dêixis textual. Podem ser marcados pelo traço {+ textual}. Os advérbios dos grupos (c), (d) e (g), por outro lado, são caracterizados pelo traço {- textual}. Os advérbios dos grupos (a), (e) e (f) caracterizam-se pelo traço {+ referencial}, por permitirem todas as variantes do uso referencial. Os advérbios dos outros grupos caracterizam-se pelo traço {± referencial}, por permitirem só duas variantes do uso referencial.

Considerando a situacionalidade, podemos agrupar os advérbios da seguinte maneira:

{+ situacional}	{± situacional}	{- situacional}
<i>alhures, em outro lugar, ao lado, à direita, à esquerda, adiante</i>	<i>longe, perto, nas proximidades, a distância, dentro, fora, em frente, atrás, à frente, ao fundo, no meio, em cima, embaixo, na frente, no fundo, acima, abaixo, onde, algures, em algum lugar</i>	<i>junto, em volta, ao redor</i>

Conforme sua textualidade, temos a seguinte distribuição:

{+ textual}	{± textual}	{- textual}
<i>alhures, em outro lugar, ao lado, à direita, à esquerda, acima, abaixo</i>	<i>adiante, onde, algures, em algum lugar</i>	<i>longe, perto, nas proximidades, a distância, em frente, atrás, dentro, fora, no meio, em cima, embaixo, à frente, ao fundo, na frente, no fundo, junto, em volta, ao redor</i>

De acordo com a referencialidade, temos somente dois grupos:

{+ referencial}	{± referencial}
<i>alhures, em outro lugar, ao lado, à direita, à esquerda, acima, abaixo, onde, algures, em algum lugar</i>	<i>adiante, longe, perto, em frente, atrás, dentro, fora, no meio, em cima, embaixo, à frente, ao fundo, na frente, no fundo, junto, em volta, ao redor</i>

Resumindo os perfis dos seis grupos de advérbios, podemos constatar que os integrantes dos grupos (a) e (b) têm grande variabilidade de uso com situacionalidade, textualidade e referencialidade altas ou intermediárias, os advérbios dos grupos (c) e (d) têm situacionalidade e referencialidade intermediárias e textualidade baixa, os do grupo (e) apresentam textualidade e

referencialidade altas e situacionalidade intermediária, os do grupo (f) caracterizam-se por referencialidade alta e situacionalidade e textualidade intermediárias e os do grupo (g) caracterizam-se por referencialidade intermediária e situacionalidade e textualidade baixas.

3.2.2.4.4. Combinações com *aqui, aí* ou *alilá*

Muitos advérbios espaciais do português podem ser combinados com *aqui, aí* ou *alilá*. Nessas combinações, modificam-se com frequência as possibilidades de usá-los nos diferentes tipos de dêixis.

Em alguns contextos, não se pode usar advérbios como *dentro, fora, no meio* etc. sozinhos na dêixis física situacional. Em combinações com *aqui, aí* ou *alilá*, esse uso é possível:

(251) Cadê o Paulo? – Ele está *dentro/aqui dentro, *fora/lá fora, *no meio/aqui no meio, *em cima/lá em cima, *embaixo/aqui embaixo, *na frente/lá na frente, *no fundo/ali no fundo.

(252) Onde você estacionou seu carro? – Ele está *ao fundo/lá ao fundo, *atrás/lá atrás.

O mesmo é válido para *em volta* e *ao redor*:

(253) *Em volta/aqui em volta/*ao redor/aqui ao redor tem muitos parques bonitos.

Também a maioria dos advérbios que sozinhos já permitem o uso físico situacional aceitam esse uso em combinação com *aqui, aí* ou *alilá*:

(254) Você conhece um restaurante chinês aqui em algum lugar?

(255) Onde fica o Teatro Municipal? – Fica aqui perto/lá longe/aqui ao lado/ali à direita/lá à esquerda/ali adiante/lá em frente.

(256) O shopping ali à frente é o maior da América Latina. (FOLHA, 07.05.1995)

(257) Eu morava há muitos anos em outro condomínio, aqui nas proximidades, mas estava procurando uma casa maior.

(258) Naquele dia, vieram os policiais. Primeiramente, ficavam lá a distância, nos barracões, espiando quem chegava e quem saía.

As únicas exceções a essa regra são *alhures* e *em outro lugar*:

(259) Ela queria morar *aqui alhures/*lá em outro lugar.³⁰

Por outro lado, há advérbios que não aceitam o uso físico situacional nem em combinação com *aqui*, *ai* ou *alilá*, como *acima*, *abaixo* e *junto*:

(260) Cadê o Paulo? – Ele está *junto/*aqui junto/*ai junto/*ali junto/*lá junto/*acima/*aqui acima/*ai acima/*ali acima/*lá acima/*abaixo/*aqui abaixo/*ai abaixo/*ali abaixo/*lá abaixo.

Em casos como (251) a (253), os advérbios *aqui*, *ai* e *alilá* estabelecem a ligação entre a entidade situada e a situação comunicativa, ou seja, são responsáveis pela relação contextual (k), enquanto o segundo advérbio especifica a relação intrínseca (i).

Analisemos mais detidamente essa divisão de trabalho entre dois advérbios, começando com o exemplo:

(261) O carro está ali à frente.

O advérbio *ali* indica que o falante é o observador e, ao mesmo tempo, a entidade de referência e que a entidade situada se localiza a distância dele ([E ↔ R,S]). Esse uso de *ali* é físico situacional, na orientação intrínseco-contextual. *À frente* especifica a relação intrínseca entre a entidade situada e a entidade de referência (o falante), indicando que a primeira está na dimensão frontal e na direção da frente em relação à segunda. Esse uso também é físico situacional, mas na orientação puramente intrínseca. *Ali* sozinho não indicaria a dimensão e a direção, enquanto *à frente* sozinho não poderia estabelecer a relação contextual. Os dois advérbios dividem seu trabalho dentro do mesmo tipo de dêixis e dentro do mesmo sistema de orientação. Também remetem à mesma entidade de referência. Portanto, estão em uma relação apositiva, um ao outro.

Vejamos um segundo exemplo em que a divisão de trabalho funciona de maneira diferente:

(262) (Na cozinha:) Onde estão as panelas? – Elas estão lá dentro.

O advérbio *lá* indica que o falante é o observador e também a entidade de referência e que a entidade situada se localiza a distância dele ([E ↔ R,S]). *Dentro* indica que a entidade situada se localiza no campo interno da entidade de

³⁰ *Lá em outro lugar* só não é possível enquanto *lá* for interpretado como advérbio espacial propriamente dito. Mas se esse advérbio for interpretado como indicador catafórico de "informação nova no texto" (cf. MARTELOTTA & RÊGO 1996), a sentença será plenamente aceitável.

referência. Essa constelação exige uma interpretação diferente da do exemplo anterior. Se tivéssemos aqui também uma relação apositiva entre os dois advérbios, a interpretação teria que ser a de que as painéis estariam afastadas do falante e, ao mesmo tempo, dentro dele. Evidentemente, essa interpretação seria absurda. De fato, a interpretação adequada é a de que as painéis estão dentro de um armário não-mencionado, e esse armário é localizado com a ajuda do advérbio *lá*. Conseqüentemente, os dois advérbios não são apostos nesse exemplo. O primeiro é usado como dêitico físico situacional, na orientação intrínseco-contextual, e serve para estabelecer o armário como entidade de referência para o segundo. O segundo advérbio, por sua vez, é usado como dêitico físico referencial (tipo 2), na orientação puramente intrínseca, pois retoma como entidade de referência uma entidade pré-estabelecida no texto. A diferença entre esse tipo de uso referencial e o discutido no item 3.2.2.4.3. acima, é que aqui a entidade de referência não é explicitamente pré-mencionada, mas sim, implicitamente pré-estabelecida. Concluímos, então, que os dois advérbios em (266) seguem diferentes tipos de dêixis, se bem que dentro do mesmo sistema de orientação. Remetem a diferentes entidades de referência e não estão, portanto, numa relação apositiva, um ao outro.

Observamos também que, em (262), o advérbio *lá* deve vir acompanhado por um gesto mostrador. *Lá* sozinho indica apenas o campo e a distância em que a entidade situada (o armário) se localiza em relação ao falante. Como essa entidade deve ser utilizada como entidade de referência para o segundo advérbio (*dentro*), ela precisa ser claramente identificada. Supondo que estamos em um ambiente em que existam várias entidades (armários) que poderiam eventualmente conter painéis, a informação codificada por *lá* pode ser insuficiente para garantir a interpretação desejada de *dentro*. Por isso, precisa-se de um gesto que acrescente a informação sobre a dimensão e a direção em que o armário em questão está posicionado em relação ao falante.

Analisemos agora um terceiro exemplo, em que a divisão de trabalho entre dois advérbios funciona de maneira ainda diferente:

(263) O carro está lá atrás.

O advérbio *lá* indica novamente a relação [E \leftrightarrow R,S], com a entidade situada a distância do falante, e *atrás* indica que a entidade situada fica na dimensão frontal, na direção de trás, em relação à entidade de referência. Nesse caso, a interpretação dos dois advérbios como apostos é possível. Segundo ela, o carro está numa posição a distância, atrás do falante. Mas a interpretação do segundo advérbio como dêitico referencial também é possível. De acordo com ela, *atrás* remete a uma entidade de referência estabelecida por *lá* (atrás de uma casa, atrás

de uma árvore). Como no exemplo anterior, é preciso acrescentar um gesto mostrador, para indicar claramente a entidade de referência.

Como *atrás* é um advérbio que indica dimensão e direção, temos em (263) ainda a ambigüidade entre uma interpretação intrínseca e uma extrínseca, conforme a escolha da entidade de referência. A posição *atrás* de uma casa poderia referir-se ao lado de *trás* definido pela própria casa, enquanto *atrás* de uma árvore seria claramente uma posição definida a partir da perspectiva extrínseca de um observador. Essa ambigüidade não ocorre no exemplo anterior, pois *dentro* indica somente o campo. Nesse caso, a interpretação é necessariamente intrínseca. Com os advérbios que indicam dimensão e direção, ao contrário, parece-me que, em combinação com *lá*, a interpretação é preferencialmente extrínseca.

Observamos, então, que, na terceira variante, a combinação de dois advérbios é ambígua. Sua interpretação como apostos é possível, mas podem também seguir diferentes tipos de dêixis, inclusive dentro de diferentes sistemas de orientação.

Um outro tipo de ambigüidade, já discutido no item 3.2.2.4.3. acima, pode ocorrer com os advérbios *à direita*, *à esquerda* e *em frente*, em combinação com *aqui*, *aí* ou *ali/lá*:

(264) O livro está ali à direita.

Ali indica a relação [E \leftrightarrow R,S], *à direita* indica dimensão lateral e direção à direita. Os dois advérbios podem ser interpretados como apostos, dentro do mesmo tipo de dêixis (física situacional) e no mesmo sistema de orientação (intrínseco-contextual/intrínseca). Mas enquanto *ali* toma sempre o falante como entidade de referência, a direção indicada pelo advérbio *à direita* pode ser calculada a partir do falante ("ali à minha direita") ou a partir do destinatário ("ali à sua direita"). Portanto, temos uma interpretação de *ali à direita* em que os dois advérbios remetem à mesma entidade de referência, e uma outra em que remetem a entidades de referência diferentes. Na segunda interpretação não são apostos um ao outro. A ambigüidade tem que ser resolvida por um gesto mostrador.

Além dessas duas interpretações, *ali à direita* permite ainda a interpretação em que o segundo advérbio é referencial, novamente com uma variante intrínseca e uma outra extrínseca e, dentro da orientação extrínseca, com a ambigüidade entre a perspectiva do falante e a do destinatário. Isso corresponde a dizer, que *ali à direita*, na sentença (264) tem, no total, cinco interpretações: "a distância do falante, na direção à direita a partir da perspectiva do falante", "a distância do falante, na direção à direita a partir da perspectiva do destinatário", "à direita de

um objeto de referência que define seus próprios lados direito e esquerdo e que fica a distância do falante", "à direita de um objeto de referência que fica a distância do falante, visto a partir da perspectiva do falante" e "à direita de um objeto de referência que fica a distância do falante, visto a partir da perspectiva do destinatário". Em parte, essas ambigüidades devem ser pouco relevantes para a comunicação, mas em casos em que poderiam levar a mal-entendidos precisam ser resolvidas por gestos mostradores.

Ainda outro tipo de ambigüidade ocorre com *aqui*, que tem duas interpretações físicas situacionais distintas, como vimos no item 3.2.2.4.1. acima: uma em que R está no campo interno de E, e uma outra em que E está perto de R, mas nenhuma das duas entidades fica no campo interno da outra. Essa ambigüidade repete-se em combinações como *aqui dentro*:

(265) A bicicleta deve estar aqui dentro.

Em uma interpretação, *aqui* refere-se ao recinto (E) em que está o falante (S/R). Nesse caso, R fica no campo interno de E (p.ex., o falante está dentro de uma garagem e a bicicleta também). Na outra interpretação, *aqui* refere-se a um recinto perto do falante em que ele mesmo, contudo, não está. Nesse caso, R não fica no campo interno de E (p.ex., a bicicleta está dentro de uma garagem perto do falante). Em ambos os casos, os dois advérbios não podem ser apostos. *Aqui* localiza o recinto que serve de entidade de referência para a interpretação de *dentro*, de modo que *aqui* é um dêitico físico situacional, na orientação intrínseco-contextual, enquanto *dentro* é um dêitico referencial, na orientação intrínseca.

Os advérbios *aqui*, *aí* e *alí*, em combinações com outros advérbios, mantêm, a princípio, seus valores dêiticos normais, i.e., *aqui* indica que a entidade situada se encontra perto do falante, que serve, ao mesmo tempo, de entidade de referência ([E,R,S]), *ali* e *lá* indicam distância longa do falante ([E ↔ R,S]) e *aí* indica que a entidade situada fica perto de uma entidade de referência afastada do falante, mas identificável no contexto (normalmente o interlocutor) ([E,R ↔ S]). Em combinações apositivas, levam a efeitos aumentadores ou diminuidores, em relação à distância. *Ali* e *lá*, junto com advérbios que indicam distância longa, como *fora* e *longe*, indicam um afastamento maior:

(266) O primeiro grande obstáculo para maior incremento das nossas exportações são as barreiras protecionistas que enfrentamos lá fora.
(FOLHA, 29.12.1996)

Também em combinações com advérbios que sozinhos são neutros quanto à distância, como *atrás*, ou que tendem a indicar distância curta, como *em cima* e *embaixo*, *ali* e *lá* criam esse efeito:

(267) Lá embaixo tá o nosso dinheirinho, lá em cima o preço da alimentação.
(FOLHA, 15.10.1996)

(268) Cadê teu carro? – Ele tá lá atrás.

Aqui, por outro lado, diminui o afastamento, tanto em combinações com advérbios que indicam distância curta, tais como *perto*:

(269) "Moro aqui perto e vim a pé." (FOLHA, 25.11.1996),

quanto em combinação com advérbios neutros em relação à distância, como *atrás*, ou com advérbios que tendem a indicar uma distância maior, como *em frente*:

(270) Cadê teu carro? – Ele tá aqui atrás.

(271) Estou procurando um orelhão. – Tem um aqui em frente.

Em combinações não-afirmativas, em que o segundo advérbio é um dêitico referencial, *aqui* indica que a entidade de referência à qual remete o segundo advérbio está perto do falante, *alilá* indicam que ela está longe do falante, e *ai* indica que ela está perto de uma outra entidade de referência, identificável no contexto (tipicamente o interlocutor).

Percebemos que a interpretação de combinações de dois advérbios dêiticos, que a primeira vista pode parecer uma tarefa fácil, é de fato bastante complicada. Distinguimos quatro oposições conceituais que criam possíveis ambigüidades:

- (i) uso situacional vs. uso referencial do segundo advérbio,
- (ii) orientação intrínseca vs. orientação extrínseca dos advérbios que indicam dimensão e/ou direção,
- (iii) interpretação de [E,R] como inclusão de R em E ou como proximidade sem inclusão, no caso de *aqui*,
- (iv) perspectiva do falante vs. outra perspectiva situacional (p.ex., do destinatário), em relação ao segundo advérbio.

A primeira oposição divide os advérbios em três grupos: os que, nas combinações, são sempre situacionais, os que permitem as duas interpretações e os que nunca são situacionais. Ao primeiro grupo pertencem os advérbios *longe*, *a distância*, *fora*, *adiante*, *à frente* e *ao fundo*, ao segundo, *perto*, *nas*

proximidades, ao lado, à direita, à esquerda, em frente, atrás, em cima, embaixo, na frente e no fundo e ao terceiro, dentro, no meio, em volta e ao redor.

Os advérbios do primeiro grupo indicam toda distância longa. Podem também sozinhos ser usados como dêiticos físicos situacionais. Combinam-se mais facilmente com *alíllá* que com *aquí*:

- (272) Olha o pássaro alí/lá fora. (*alíllá*: [E ↔ R,S] situacional; *fora*: [E ↔ R] situacional)

Os do terceiro grupo, ao contrário, indicam toda distância curta. Não são tipicamente usados sozinhos como dêiticos físicos situacionais. Combinam-se igualmente com *aquí*, *aí*, *alí* e *lá*.

- (273) (*Falando ao telefone*.) Mas, Maria, como você pode? Tem tantas farmácias aí em volta! (*aí*: [E,R ↔ S] situacional; *em volta*: [E,R] referencial)

Os advérbios do segundo grupo são mais diversos, mas têm sistematicamente duas variantes:

- (274) Tem uma farmácia lá em frente. (*lá*: [E ↔ R,S] situacional; *em frente*: [E ↔ R] situacional)

- (275) Tem uma farmácia por aqui? – (*Mostrando para uma esquina a distância*.) Olha lá. Tem uma lá em frente. (*lá*: [E ↔ R,S] situacional; *em frente*: [E ↔ R] referencial)

A segunda e a terceira oposição não apresentam efeitos particulares nas combinações de advérbios. A orientação extrínseca só é possível com os advérbios que indicam dimensão e/ou direção, e somente no seu uso referencial. A interpretação de *aquí* depende do contexto e não do advérbio com que é combinado.

A quarta oposição distingue principalmente entre a perspectiva do falante e a do destinatário. Mas possibilita ainda outros efeitos que se aproximam da dêixis virtual e/ou da dêixis extra-situacional. Consideremos o seguinte exemplo:

- (276) (*Ao telefone*.) Seu Hardarik, é o motorista de táxi falando. O senhor pode descer. Já estou aquí embaixo.

Nessa sentença, *aquí* indica a relação [E,R,S], concebida a partir da perspectiva do falante, i.e., do motorista de táxi. *Embaixo*, por sua vez, refere-se ao mesmo

lugar a partir da perspectiva do interlocutor (Hardarik) e indica um situamento na dimensão frontal em relação ao prédio em que ele está. Os dois advérbios são usados na dêixis física situacional, o primeiro na orientação intrínseco-contextual e o segundo, na orientação intrínseca, mas com perspectivas opostas. A adoção da perspectiva do destinatário, pode, nesse caso, ser interpretada como um meio de polidez.

Um caso semelhante é:

- (277) Uma carga de quase 3 toneladas foi passada da Atlantis para a Mir. "Realmente gostamos de trabalhar com esses caras. Foi uma só equipe internacional, aqui em cima", disse o astronauta Bill Readdy sobre os colegas da Mir. (FOLHA, 24.09.1996)

Aqui indica [E,R,S]. O observador é o falante, que serve também de entidade de referência. O falante está a bordo da estação espacial Mir. *Em cima* indica campo externo, dimensão vertical e posição superior, em relação a uma entidade de referência não mencionada que, pelo contexto, só pode ser a Terra. Outra vez, a perspectiva do segundo advérbio adapta-se à do destinatário, que deve ser um jornalista na Terra.

Os seguintes exemplos ilustram o mesmo tipo de dêixis, mas já com uma tendência para a dêixis virtual:

- (278) Os quartos e banheiros ficam na parte posterior. Aqui no fundo, temos a edícula com um quarto, área de serviço e churrasqueira.
- (279) Na ala franciscana, aqui ao fundo, outra escada leva a um estábulo no andar de baixo, onde, acreditam os católicos, Jesus deve ter nascido.

Nessas sentenças, temos como entidades de referência dos segundos advérbios um prédio não-mencionado, mas presente na situação comunicativa. Enquanto *aqui* parte da perspectiva do falante, *no fundo* e *ao fundo* pressupõem um observador localizado na parte posterior do prédio, pois só a partir dessa posição o lugar do falante seria "no fundo"/"ao fundo". Nesse caso, contudo, é pouco provável que a perspectiva adotada fosse a do interlocutor no momento da fala, pois provavelmente o interlocutor está junto com o falante. Mas talvez eles tenham realizado, antes, um percurso dentro do prédio que tenha começado na sua parte posterior. Nesse caso, o segundo advérbio retomaria a perspectiva do interlocutor de uma etapa anterior dessa trajetória, o que equivaleria a uma variante da dêixis virtual situacional.

Em outros casos, a perspectiva do segundo advérbio pode se aproximar da dêixis extra-situacional, como em (284), onde a entidade de referência é um campo de futebol visto a partir da perspectiva de um dos dois times. Quando se fala de futebol, *atrás* e *na frente* são convencionalmente relacionados ao campo dessa maneira perspectivado:

- (280) Mas, se o Santos era confuso lá atrás, aqui na frente era um azougue.
(FOLHA, 26.06.1995)

Um caso mais claro de dêixis extra-situacional encontra-se no exemplo (281), onde *embaixo* se refere à sociedade brasileira:

- (281) "Como é que o presidente usa o dinheiro do povo para salvar um banco de caciques? Será que ele acha que os brasileiros aqui embaixo não pensam, não têm sentimentos?" (FOLHA, 18.08.1995)

Também nesse caso, o primeiro advérbio exige a orientação intrínseco-contextual, e o segundo, a orientação puramente intrínseca.

Em relação às combinações de dois advérbios, o uso físico situacional com suas diversas variações é a parte mais interessante. Vejamos ainda brevemente algumas das demais possibilidades de emprego dessas combinações.

Em exemplos como (282), temos o uso referencial clássico (tipo 2) do segundo advérbio:

- (282) Uma lanchonete nos fundos do palco vende cerveja e refrigerantes.
Aqui atrás, os atores costumam encontrar-se nos intervalos dos ensaios.

Nesse caso, *atrás* toma o palco pré-mencionado como entidade de referência. Em casos desse tipo, a entidade de referência do segundo advérbio não é estabelecida implicitamente pelo primeiro, como em:

- (283) As panelas estão lá dentro.

De fato, a função do primeiro advérbio é bem diferente nos dois exemplos. Em (283), *lá* estabelece o ponto de partida para a localização da entidade situada. Primeiramente, constrói-se a relação contextual, a partir do falante dentro da situação comunicativa para que se chegue à entidade de referência que serve de base para a relação intrínseca codificada por *dentro*. Em (282), pelo contrário, interpreta-se imediatamente a relação intrínseca codificada pelo advérbio *atrás*, com a ajuda da entidade de referência pré-mencionada (o palco). Para entrelaçar

essa relação intrínseca com a situação comunicativa, usa-se o advérbio *aqui*, que indica que o observador está nas proximidades da entidade situada (a lanchonete, lugar dos encontros dos atores). Essa combinação cria um efeito presentificador que convida o receptor a imaginar, de maneira bastante concreta, a situação atrás do palco. Em outras palavras, em (283), o caminho interpretativo parte do observador e chega, via a entidade de referência, à entidade situada, enquanto, em (282), parte da entidade de referência e chega, via a entidade situada, ao observador.

O uso textual das combinações de advérbios não apresenta grandes diferenças em relação ao uso textual dos advérbios individuais. A maioria dos advérbios espaciais não permite o uso textual:

- (284) Compare a tabela *longe/*perto/*em frente/*atrás/*dentro/*fora/*no meio/*em cima/*embaixo/*à frente/*ao fundo/*na frente/*no fundo/*junto/*em volta/*ao redor/*de trás/*debaixo.

Entre eles, há alguns poucos que eventualmente aceitam esse uso quando acompanhados por *aqui*, *aí* ou *alí*:

- (285) Compare a tabela aqui em cima/aqui embaixo/aqui de trás/lá debaixo.

Os outros continuam não-textuais, também nessas combinações:

- (286) Compare a tabela *lá longe/*aqui perto/*aqui em frente/*aqui atrás/*aqui dentro/*ali fora/*lá no meio/*lá à frente/*lá ao fundo/*ali na frente/*lá no fundo/*aqui junto/*aqui em volta/*ali ao redor.

Os advérbios que sozinhos podem ter um uso textual (*ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *adiante*, *acima* e *abaixo*), entram também em combinações com *aqui*, *aí* ou *alí*, nesse uso. Podemos distinguir quatro variantes em relação à interpretação dessas combinações. Começemos com o uso textual situacional (tipo 4) com *aqui*, como em:

- (287) Compare a tabela aqui adiante/aqui ao lado/aqui à direita/aqui acima/aqui abaixo/aqui de trás.

Nessas construções, os segundos advérbios podem ser interpretados como apostos dos primeiros, sendo que os primeiros indicam o campo e a distância e os segundos, a dimensão e a direção. Os dois advérbios são, então, dêiticos textuais situacionais, na orientação intrínseco-contextual. Ambos especificam tanto uma relação intrínseca quanto uma contextual.

Os mesmos exemplos podem, contudo, também receber uma interpretação não-apositiva, em que os primeiros advérbios são textuais situacionais, na orientação intrínseco-contextual e os segundos, textuais referenciais (tipo 5), na orientação puramente intrínseca. Nesse caso, *aqui* identifica um lugar no texto, onde está esse próprio advérbio e onde está também o processador de texto, enquanto os segundos advérbios tomam *aqui* como entidade de referência e remetem a partir daí a um outro lugar dentro do texto.

Essa interpretação é possível com *aqui*, mas não com *lá*, pois *lá*, como vimos no item 3.2.2.4.1. acima, não permite o uso textual situacional. Combinações como *lá ao lado* e *lá à direita* em:

- (288) A ilustração na página 67 mostra a construção de uma casa típica da região. Compare também a tabela *lá ao lado/lá à direita*.

terão, portanto, uma interpretação em que o primeiro advérbio já é textual referencial. *Lá* precisa de um antecedente que especifica previamente o referido lugar (no caso, *na página 67*). Retoma esse antecedente mas, ao mesmo tempo, insere-se na orientação intrínseco-contextual, indicando o afastamento a partir do observador (o processador de texto que está processando esse próprio advérbio). O segundo advérbio é também interpretado como dêitico textual referencial, mas na orientação puramente intrínseca. Ele toma o lugar indicado por *lá* como entidade de referência e indica, a partir daí, um outro lugar.

A interpretação dos dois advérbios como textuais referenciais, mas em orientações diferentes é típica das combinações de *lá* com os advérbios do grupo (a) do item anterior. Já com *adiante*, que em muitos aspectos se assemelha a eles, a situação é outra:

- (289) Na página 67, discutir-se-á esse assunto. *Lá adiante*, veremos que...

Essa sentença só pode se encontrar num lugar bem antes da página 67 no texto em questão. Novamente, precisamos de um antecedente para poder interpretar *lá*, o que corresponde a dizer que é um dêitico textual referencial. Sua orientação é intrínseco-contextual. *Adiante*, por sua vez, é um dêitico textual situacional que remete ao mesmo lugar, a partir da sua própria posição no texto. Sua orientação também é intrínseco-contextual. A interpretação será, portanto, "em um lugar adiante, afastado do lugar em que está atualmente o processador de texto" e não "em um lugar adiante em relação a outro lugar afastado do lugar em que está atualmente o processador de texto".

Em relação aos advérbios textuais *acima* e *abaixo*, combinações com *lá* parecem-me impossíveis. Conseqüentemente, as quatro variantes de combinações de advérbios na dêixis textual são as seguintes:

- (i) dois advérbios situacionais apostos, na orientação intrínseco-contextual (interpretação facultativa de *aqui adiante*, *aqui ao lado* etc.),
- (ii) o primeiro advérbio situacional, na orientação intrínseco-contextual, e o segundo, referencial, na orientação puramente intrínseca (interpretação facultativa de *aqui adiante*, *aqui ao lado* etc.),
- (iii) dois advérbios referenciais, o primeiro na orientação intrínseco-contextual e o segundo na orientação puramente intrínseca (interpretação obrigatória de *lá ao lado*, *lá à direita* etc.),
- (iv) o primeiro advérbio referencial e o segundo, situacional, ambos na orientação intrínseco-contextual (interpretação obrigatória de *lá adiante*).

Em relação ao uso virtual, vimos no item anterior que existem dois grupos de advérbios: os que permitem os usos virtual situacional (tipo 7) e virtual referencial (tipo 8) (*alhures*, *em outro lugar*, *ao lado*, *à direita*, *à esquerda*, *adiante*, *longe*, *perto*, *nas proximidades*, *a distância*, *dentro*, *fora*, *em frente*, *atrás*, *à frente*, *ao fundo*, *onde*, *algures* e *em algum lugar*) e os que permitem somente o uso virtual referencial (*no meio*, *em cima*, *embaixo*, *na frente*, *no fundo*, *acima*, *abaixo*, *junto*, *em volta* e *ao redor*).

O uso virtual referencial apresenta poucas particularidades nas combinações de dois advérbios. Ele é geralmente possível, já que todos os advérbios espaciais podem ser usados na dêixis referencial. Até mesmo *alhures* e *em outro lugar* combinam-se com *lá*, como mostram os seguintes exemplos, dos quais o primeiro é uma variante do exemplo (248), do item 3.2.2.4.3. acima:

- (290) Talvez pudesse, se fosse como um daqueles gêmeos univitelinos especiais, os irmãos corsos do Alexandre Dumas: um dava uma canelada aqui, o outro gemia acolá; um amava aqui, o outro se esvaia lá alhures.
- (291) Na sexta-feira, ele teve que ir novamente ao médico e, como se isso não fosse o suficiente, ainda foi obrigado a buscar os resultados lá em outro lugar.

Nesses exemplos, o primeiro advérbio exige uma interpretação como dêitico virtual situacional³¹ e o segundo, como virtual referencial, ambos na orientação

³¹ Em (291), *lá* pode também ser interpretado como indicador catafórico de "informação nova no texto" (cf. MARTELOTTA & RÉGO 1996).

intrínseco-contextual. *Alhures*, em (290), retoma a entidade de referência de *aqui* e *em outro lugar*, em (291), o consultório do médico pré-mencionado.

No uso virtual situacional, observamos, em geral, que as combinações com *aqui*, *aí* ou *alillá* aumentam levemente as possibilidades de uso dos advérbios. Os do primeiro grupo aceitam o uso virtual situacional sem e com *aqui*, *aí* ou *alillá*:

- (292) Maria tinha que esperar. Ao lado/lá ao lado/à direita/lá à direita tinha uma farmácia.
- (293) Maria tinha que esperar. Ela viu um homem estranho adiante/ali adiante. Bem longe/lá longe, ouviu o barulho da fábrica.
- (294) Maria tinha que esperar. Perto/ali perto tinha uma farmácia.
- (295) Maria tinha que esperar. Em frente/lá em frente, ela viu uma igreja.
- (296) Maria tinha que esperar. Ela ouviu um barulho estranho atrás/ali atrás.
- (297) Maria tinha que esperar. Fora/lá fora, ela ouviu as vozes dos vizinhos. Dentro/aqui dentro, o ar estava muito abafado.
- (298) Maria rezava. Ao fundo/lá ao fundo, ela ouviu um barulho estranho.

Entre os advérbios do segundo grupo, há alguns que permitem um uso virtual situacional quando acompanhados por *aqui*, *aí* ou *alillá*:

- (299) Maria tinha que esperar. *No meio/*em cima/*embaixo/*no fundo/*detrás/, ela ouviu um barulho estranho.
- (300) Maria tinha que esperar. Aqui embaixo estava tudo silencioso. Lá no meio/lá em cima/ali no fundo/lá detrás, ela ouviu um barulho estranho.

Outros excluem o uso virtual situacional mesmo nessas combinações:

- (301) Maria tinha que esperar. *Junto/*ali junto/*acima/*lá acima/*abaixo/*aqui abaixo/*em volta/*ali em volta/*ao redor/*lá ao redor/, ela ouviu um barulho estranho.

Em todos esses casos, os dois advérbios são apostos. Em:

- (302) Lá longe, ela ouviu o barulho da fábrica.,

por exemplo, *lá* toma como ponto de partida a personagem da história e localiza a entidade situada (no caso, o barulho da fábrica) a distância dela. *Longe*, por sua vez, parte do mesmo observador como entidade de referência e remete à mesma entidade situada. Ambos os advérbios são dêiticos virtuais situacionais, na orientação intrínseco-contextual.

As diversas variantes de interpretação que distinguimos para o uso físico situacional das combinações de advérbios parecem reduzir-se bastante no uso virtual. O uso referencial do segundo advérbio, a orientação extrínseca e a adoção da perspectiva do destinatário ou de uma outra entidade dentro da situação narrada são menos prováveis, senão impossíveis, na dêixis virtual. Essa redução explica-se pelo fato de que a dêixis virtual já constitui um sistema derivado, que exige do intérprete um processo de abstração. Em geral, a dêixis é uma maneira bastante flexível de codificar informações, que se adapta facilmente aos mais diversos contextos pragmáticos. Por outro lado, ela é uma maneira de codificação pouco explícita (cf. BLÜHDORN 1995 b), o que pode dificultar a compreensão, no caso de usos muito derivados. Esse fato explica porque algumas variantes de uso teoricamente possíveis pouco ocorrem na prática.

3.2.2.4.5. Advérbios geográficos

Antes de terminar este item, precisamos ainda mencionar os advérbios espaciais geográficos: *ao norte*, *ao sul*, *ao leste*, *a oeste* etc. (bem como seus correspondentes eruditos e mais raros, *setentrionalmente*, *meridionalmente*, *orientalmente* e *ocidentalmente*). Ao contrário das preposições geográficas, esses não reduzem necessariamente a relevância da localização do observador, pois exigem, como todos os advérbios, a interpolação de uma entidade de referência. No exemplo:

- (303) A oitenta quilômetros do litoral fica a capital São Paulo, com a Serra da Mantiqueira ao norte, e a Serra do Mar ao sul.

entender-se-á que a Serra da Mantiqueira fica "ao norte de São Paulo" e a Serra do Mar "ao sul de São Paulo". Esse uso é referencial (tipo 2), pois São Paulo é pré-mencionado. Os advérbios geográficos podem também ser empregados como dêiticos situacionais, tanto com a perspectiva de um observador físico (tipo 1):

- (304) Osasco fica a oeste (daqui),

quanto com um observador virtual (tipo 7):

- (305) Maria tinha que decidir. A 30 quilômetros ao norte (da sua presente localização) vivia seu tio.

Com o acréscimo de *aqui* ou *lá*, indica-se menor ou maior distância entre a entidade situada e a entidade de referência:

- (306) Osasco fica aqui a oeste.
(307) Maria tinha que decidir. Lá ao norte vivia seu tio.

Aqui a oeste, em (306), indica uma distância relativamente curta, *lá ao norte*, em (307), uma distância longa.

No primeiro exemplo, podemos ter duas interpretações, uma com os dois advérbios como dêiticos físicos situacionais apostos e outra com o primeiro como dêitico físico situacional e o segundo como dêitico físico referencial. No primeiro caso, a interpretação é "em um lugar próximo ao falante, a oeste da sua presente localização", no segundo, "a oeste da presente localização do falante". A segunda interpretação, em comparação à primeira, sugere um afastamento maior entre Osasco e a presente localização do falante.

No exemplo (307), existem três interpretações de *lá ao norte*. Em uma, os dois advérbios são dêiticos físicos situacionais na orientação intrínseco-contextual. Nesse caso, *lá ao norte* significa "em um lugar afastado da personagem, ao norte da sua presente localização". Nas outras duas interpretações, o advérbio *lá* é um dêitico físico referencial, na orientação intrínseco-contextual, indicando a relação [E,R ↔ S] (proximidade a uma entidade de referência pré-mencionada, afastada da personagem), como em:

- (308) Maria pensou em Belo Horizonte. Lá ao norte vivia seu tio.

Nesse exemplo, *lá* retoma a cidade Belo Horizonte. *Ao norte* pode ser entendido como dêitico físico situacional na orientação intrínseco-contextual, que parte da presente localização da personagem e situa Belo Horizonte em relação a ela ("no lugar pré-mencionado, afastado da personagem, ao norte da sua presente localização"), ou como dêitico físico referencial na orientação puramente intrínseca, que toma como entidade de referência a entidade situada de *lá*, Belo Horizonte, e localiza a moradia do tio a partir de lá ("em um lugar ao norte do lugar pré-mencionado, afastado da personagem"). A princípio, essas possibilidades de interpretação não se distinguem das que foram descritas para os demais advérbios.

Os usos textuais dos advérbios geográficos não me parecem possíveis. Usos extra-situacionais são raros com os advérbios, mas ocorrem com frequência com seus correspondentes substantivos. No português, como em outras línguas, *oeste* representa o mundo ocidental, com sua superioridade militar, economia capitalista, civilização tecnológica, religião cristã e filosofia individualista e pragmática, enquanto *leste* representa o mundo oriental, o desconhecido, inferior no campo militar, tecnológico e econômico, mas potencialmente perigoso, com

religiões misteriosas e filosofia coletivista e irracional. *Norte*, no Brasil, representa o vasto espaço não-civilizado, terra do índio e da natureza, habitantes pobres e fronteiras mal asseguradas; *sul*, pelo contrário, o espaço limitado, urbano e civilizado, dominado pela tecnologia, com habitantes ricos e fronteiras bem demarcadas.

3.2.2.5. Conclusão

O enfoque principal no meu tratamentos dos advérbios codificadores de relações espaciais estáticas da língua portuguesa esteve na função desses elementos como recursos dêiticos. Mediante a distinção de nove tipos de dêixis e três sistemas de orientação, tentei organizar uma parte significativa da diversidade de variantes existentes e explicitá-la para o leitor. A partir de numerosos exemplos, mostrei ambigüidades inerentes à codificação dêitica que, às vezes, nem no contexto da comunicação se resolvem univocamente.

Em vista disso, é importante ressaltar que o sistema exposto no presente trabalho não deve ser entendido como uma abordagem classificatória que se contenta com a afixação de rótulos a cada caso individual. A dêixis é um recurso semiótico extremamente dinâmico e flexível, que permite a codificação de nuances conceituais bastante sutis, em muitos casos justamente mediante a não-definição unívoca do sentido (cf. BLÜHDORN 1995 a). Essa flexibilidade a torna um instrumento poderoso para o usuário da língua. Ao mesmo tempo, ela constitui um desafio para o linguísta que é sempre obrigado a buscar sistematizações e idealizações heurísticas e didáticas, mas nunca pode perder de vista a realidade da linguagem natural.

A plena potência da codificação dêitica não se mostra em lexemas individuais, como *eu*, *aqui* e *agora*, mas sim, nas combinações de vários elementos, cujos valores se complementam e, em parte, também se neutralizam, uns aos outros. Por isso, dediquei um item relativamente longo às combinações de advérbios, que mostra como funciona, a princípio, essa interação. Ao mesmo tempo, é evidente que uma análise realmente satisfatória não deveria se ater ao nível de complexidade da sentença. Muitos dos efeitos de sentido produzidos pela dêixis mostram-se plenamente apenas no nível do texto. Essa é mais uma das limitações inevitáveis do presente trabalho, que somente futuros estudos poderão compensar.

3.3. Considerações finais sobre o português

Cabe lembrar, ao terminar o capítulo sobre a língua portuguesa, que a codificação de relações estáticas constitui apenas uma pequena parte da lingüística do espaço. Uma parte muito maior é a codificação de relações dinâmicas, que neste trabalho não foi possível tratar. A codificação de relações dinâmicas baseia-se na codificação das relações estáticas, pois a descrição dos caminhos percorridos em movimentos e deslocamentos funciona, em grande parte, mediante a descrição de lugares de partida, lugares de passagem e lugares de chegada (cf. SVOROU 1994: 24 ss.). Além disso, precisam-se pesquisar ainda os âmbitos da extensão espacial (cf., p.ex., BIERWISCH & LANG 1987) e do aspecto espacial, sendo esse último um tema por enquanto pouco tratado na lingüística.

Nas gramáticas da língua portuguesa, as informações sobre o espaço que se encontram são geralmente muito reduzidas e superficiais (cf., p.ex., CUNHA & CINTRA 1985: 529 ss., 542 ss.; NICOLA & INFANTE 1993: 194; HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS 1998: 252 ss., 270 ss.). É difícil de acreditar que uma gramática tão importante como a de MIRA MATEUS & al. (1983) não contenha um único item sobre informação espacial. Parece que o espaço e sua codificação lingüística não foram descobertos ainda como assunto legítimo pelos gramáticos do português. Espero, com a elaboração do presente capítulo, ter contribuído para sua descoberta.

4. A codificação de informação espacial no alemão

A seguir, analisarei a codificação de relações espaciais estáticas na língua alemã. A estrutura do capítulo é plenamente paralela à do capítulo anterior. Veremos que os recursos lingüísticos e seus usos se assemelham bastante entre as duas línguas, mas observaremos também algumas diferenças importantes.

4.1. Relações espaciais e especificações de lugar

Como no português, pode-se acrescentar a praticamente toda sentença do alemão uma especificação de lugar:

- (1) In Absurdistan ist Theologie eine Wissenschaft. [No Absurdistão, a teologia é uma ciência.]
- (2) Die Kinder spielen auf der Straße mit dem Ball. [As crianças jogam bola na rua.]
- (3) Der Polizist hat die Autonummer in seinem Notizblock. [O policial tem o número do carro no seu bloco de notas.]

Na primeira dessas sentenças, a especificação de lugar *in Absurdistan* [no Absurdistão] localiza uma entidade de terceira ordem, a saber, a proposição THEOLOGIE IST EINE WISSENSCHAFT [A TEOLOGIA É UMA CIÊNCIA]. Segundo o princípio de inclusão (cf. item 3.1. acima), que vale também para o alemão, a especificação de lugar situa ao mesmo tempo as pessoas que consideram essa proposição verdadeira.

Na segunda sentença, o elemento *auf der Straße* [na rua] localiza uma entidade de segunda ordem, a saber, o estado de coisas de que as crianças brincam com a bola. Por inclusão, situa também as crianças e a bola, pois supomos que os jogadores e o instrumento (a bola) precisam estar presentes no lugar do jogar. Não se refere, porém, à entidade de terceira ordem, a saber, à proposição DIE KINDER SPIELEN MIT DEM BALL [AS CRIANÇAS JOGAM BOLA], pois a interpretação da sentença não seria a de que as pessoas na rua consideram verdadeira essa proposição.

Na terceira sentença, a especificação *in seinem Notizblock* [no seu bloco de notas] situa uma entidade de primeira ordem, a saber, o número do carro. Não se refere, no entanto, ao estado de coisas de que o policial tem o número do carro, e, conseqüentemente, não ao policial.

4.2. Recursos lingüísticos

Os meios lingüísticos disponíveis na língua alemã para codificar relações espaciais estáticas são, a princípio, os mesmos que no português: substantivos, adjetivos, advérbios, adposições e afixos derivacionais, determinadores e alguns verbos.

Entre os substantivos, existem palavras como *Ort* [lugar], *Platz* [lugar, praça], *Stelle* [lugar], *Grund* [fundo], *Boden* [chão, base], *Rumpf* [tronco], *Seite* [lado], *Spitze* [ponta], *Fuß* [pé] etc. que, pelo menos em alguns dos seus sentidos, codificam relações espaciais. Vários desses substantivos entram em construções convencionalizadas que servem de locuções adverbiais, como *am Grund* [no fundo], *am Boden* [no chão, no fundo], *an der Seite* [ao lado], *an der Spitze* [em primeiro lugar], *am Fuß* [no sopé, nas faldas] etc. Com o substantivo *Stelle* formou-se a preposição composta *anstelle* [em vez de].

Entre os adjetivos que codificam relações espaciais, temos *äußer-* [externo, de fora], *äußerlich-* [externo], *dortig-* [de lá], *fern-* [afastado], *hiesig-* [daqui], *hinter-* [posterior, traseiro], *inner-* [interno, de dentro], *innerlich-* [interno], *link-* [esquerdo], *nah-* [próximo], *ober-* [superior, de cima], *obig-* [acima], *recht-* [direito], *seitlich-* [lateral], *unter-* [inferior, de baixo], *vorder-* [anterior, da frente], entre outros, como em:

- (4) Nach ausgiebiger Prüfung verfaßte Hoffmann einen kurzen, doch gründlichen "Bericht von der herrlichen Krafft und dem nützlichen so wohl innerlichen wie äußerlichen Gebrauch des Lauchstädter Martialischen Gesund-Brunnens". (ZEIT, 26.07.1996) [Após experimentações detalhadas, Hoffmann redigiu um breve, mas profundo "Relatório sobre a força magnífica e o proveitoso emprego, tanto interno quanto externo, da água do Lauchstädter Martialischer Gesund-Brunnen".]

Os adjetivos formam um inventário paralelo ao dos advérbios. Vários, como *nah-*, *fern-*, *innerlich-* etc., têm forma idêntica aos advérbios correspondentes, mas com a diferença de que os adjetivos são declinados e os advérbios não. Outros, como *inner-*, *äußer-*, *ober-* etc., têm formas semelhantes, mas não idênticas. Nesse grupo, os adjetivos terminam sistematicamente em *-er-* e os advérbios em *-en* (cf. *unter-* vs. *unten*). Os adjetivos *hiesig-* e *dortig-* são derivados dos advérbios *hier* e *dort*.³²

³² O adjetivo *dasig-*, derivado do advérbio *da*, existia ainda na época de Goethe. No alemão padrão moderno, ele é considerado obsoleto, mais sobrevive nos dialetos da Áustria e da Suíça (cf. DUDEN 1989: 320; PAUL 1992: 163).

Os afixos derivacionais com semântica espacial dividem-se em dois grupos, os de origem germânica e os de origem grega e latina, em grande parte introduzidos à língua alemã na época do Humanismo e do Renascimento (séculos XV e XVI; cf. POLENZ 1991: 219 ss.). Ao primeiro grupo pertencem *an-* [ad-]³³, *auf-* [super-, sobre-], *außen-* [extra-], *außer-* [extra-], *binnen-* [infra-], *ein-* [in-], *hinter-* [posterior], *in-* [in-], *inne-* [in-], *innen-* [intra-], *nach-* [pós-], *neben-* [contíguo], *ober-* [super-, supra-], *rück-* [re-], *über-* [super-], *unter-* [sob-], *vor-* [pré-], *zwischen-* [inter-], entre outros, ao segundo, *ad-*, *endo-*, *extra-*, *inter-*, *infra-*, *intra-*, *para-*, *peri-*, *post-*, *prä-*, *supra-*, *trans-*, *ultra-*, *zirkum-*, entre outros. Grande parte dos afixos do segundo grupo têm forma e sentido semelhantes ou idênticos aos afixos correspondentes do português. Os afixos de ambos os grupos derivam de antigos advérbios ou adposições.

Entre os verbos, podemos pensar primeiramente nos cinco verbos posicionais *stehen* [estar em pé], *sitzen* [estar sentado], *liegen* [estar deitado], *stecken* [estar inserido] e *hängen* [estar pendurado]. Como as traduções mostram, todos esses verbos são, a princípio equivalentes de *estar* em português, diferenciados entre si pela postura da entidade situada em relação à entidade de referência. Cada um dos cinco verbos corresponde a um verbo de deslocamento, *stehen* a *stellen* [colocar em pé], *sitzen* a *setzen* [sentar], *liegen* a *legen* [deitar], *stecken* a *stecken* [meter, inserir] e *hängen* a *hängen* [pendurar], sendo que os verbos posicionais são intransitivos e morfologicamente irregulares, enquanto seus correspondentes dinâmicos são transitivos e têm morfologia regular. Além desses verbos, que constituem uma particularidade lexical da língua alemã, existem outros com semântica relacional espacial, como *tragen* [carregar, sustentar], *stützen* [apoiar], *begrenzen* [(de)limitar], *umgeben* [cercar, circundar] etc. Alguns desses verbos estão morfologicamente ligados a substantivos, como *stützen* a *Stütze* [apoio, suporte] e *begrenzen* a *Grenze* [fronteira, margem, limite].

Os determinadores demonstrativos da língua alemã formam um sistema diádico, composto de *dies-* [este], que indica proximidade, e *jen-* [aquele], que indica afastamento, com *der/das/die* como forma neutra. A distância indicada por *dies-* e *jen-* é relacionada ao observador, que serve, ao mesmo tempo, de entidade de referência:

- | | | |
|-----|--------------|---------|
| (5) | <i>dies-</i> | E,R,S |
| | <i>jen-</i> | E ⇔ R,S |

³³ Evidentemente, as traduções dos afixos só podem dar uma ideia provisória e superficial da sua semântica, já que seus significados dependem fortemente do contexto. O mesmo é válido para as traduções das adposições dadas no próximo item.

Um equivalente a *esse*, que originalmente indica proximidade ao destinatário ([E,R ↔ S]), não existe no alemão. Mas com sua redução para dois valores, observada por Fiorin (1996: 266; cf. item 3.2. acima), o sistema dos determinadores demonstrativos da língua portuguesa está se tornando mais semelhante ao do alemão.

No itens que se seguem, restringir-me-ei à análise das adposições e dos advérbios codificadores de relações espaciais estáticas, assim como o fiz no capítulo sobre o português.

4.2.1. Adposições

Na terminologia gramatical alemã tradicional, as adposições são chamadas de *Verhältniswörter* (cf. DUDEN 1995: 375), i.e., palavras de relação, ou *Fügewörter* (cf. HELBIG & BUSCHA 1986: 401), i.e., palavras de ligação. O primeiro desses termos é mais adequado do que o segundo (cf. a discussão no item 3.2.1. acima).

Diferentemente do português, o alemão possui, além de preposições, também algumas posposições, p.ex., *-zufolge* [segundo] e *betreffend* [em relação a]:

- (6) Dem Gutachten zufolge ist das Projekt in Ordnung. [Segundo o parecer, o projeto está em ordem.]
(7) Die Reise betreffend habe ich noch keine Antwort. [Em relação à viagem, não tenho ainda nenhuma resposta.]

e circumposições, p.ex., *um ... willen* [por amor de]:

- (8) Um deiner Kinder willen, komm zurück nach Hause. [Por amor dos seus filhos, volte para casa.]

Várias adposições alemãs podem ser utilizadas tanto como pré quanto como posposições, sem diferenças de sentido, p.ex., *wegen* [por causa de] e *gemäß* [conforme], entre elas também algumas com semântica espacial, como *gegenüber* [em frente a]:

- (9.a) Die Arbeiter kamen wegen des Regens ins Haus. [Os operários entraram na casa por causa da chuva.]
(9.b) Die Arbeiter kamen des Regens wegen ins Haus.
(10.a) Bitte machen Sie alles gemäß den Anweisungen. [Por favor, faça tudo conforme as instruções.]

- (10. b) Bitte machen Sie alles den Anweisungen gemäß.
- (11. a) Gegenüber der Post ist eine Telefonzelle. [Em frente ao correio tem um telefone público.]
- (11. b) Der Post gegenüber ist eine Telefonzelle.

Na maioria dos casos, contudo, as adposições que codificam relações espaciais estáticas são usadas como preposições.

4.2.1.1. Tipologia formal

No alemão existem os mesmos três tipos de adposições que existem no português, adposições simples e compostas e locuções adpositivas³⁴. Adposições simples (na tradição terminológica alemã, denominadas de preposições primárias; cf. HELBIG & BUSCHA 1986: 402 s.) são *an* [em], *auf* [sobre], *bei* [perto de], *gegen* [contra], *in* [em], *mit* [com], *nach* [após, para], *neben* [ao lado de], *von* [de] etc.; adposições compostas são *angesichts* [em vista de], *anlässlich* [por ocasião de], *betreffend* [em relação a], *eingedenk* [em vista de], *entsprechend* [de acordo com], *gegenüber* [em frente a], *gemäß* [conforme], *inmitten* [no meio de, em meio a], *ungeachtet* [a despeito de] etc.; e locuções adpositivas são *anhand von* [com base em], *aufgrund von* [por causa de], *im Gefolge von* [em consequência de], *in Bezug auf* [em relação a], *mit Hilfe von* [com a ajuda de] etc. Nas gramáticas alemãs, as adposições compostas e as locuções adpositivas são chamadas de preposições secundárias (cf. ib.).

As adposições simples podem ser regidas ou não-regidas, enquanto as compostas e as locuções adpositivas são sempre não-regidas. Relações espaciais propriamente ditas podem ser codificadas somente por adposições não-regidas.

Quanto à regência própria das adposições, que no português só fica visível quando o complemento é um pronome, existem novamente três tipos em alemão: as que regem o acusativo, tais como *für* [para], *gegen* [contra], *um* [em volta de] etc., as que regem o dativo, tais como *aus* [para fora de], *bei* [perto de], *mit* [com], *nach* [após] etc., e as que regem o genitivo, tais como *abseits* [afastado de], *angesichts* [em vista de], *anlässlich* [por ocasião de] etc. Existe também um grupo de nove adposições que mudam de regência conforme seu sentido. Com sentido estático, regem o dativo, com sentido dinâmico, o acusativo: *in* [em], *an* [em], *auf* [sobre], *über* [acima de], *unter* [sob], *vor* [diante de], *hinter* [atrás de], *neben* [ao lado de] e *zwischen* [entre]. Em geral, a maioria das adposições

³⁴ Em relação ao português, utilizei o termo *locuções prepositivas*. Como a língua alemã possui também posposições e circumposições, falo agora em *locuções adpositivas*.

simples rege o acusativo ou o dativo e a maioria das compostas o genitivo (cf. DIEWALD 1997: 66).³⁵ Nas locuções adpositivas encontramos uma hierarquia de regências, como em *mit Hilfe von* [com a ajuda de], onde *mit* rege o dativo (*Hilfe*), *mit Hilfe*, o genitivo ou o complemento *von*, e *von*, o dativo.

A regência gramatical (exigência de uma forma oblíqua do complemento), que no português se mantém somente nas preposições simples, não sofre exceções nas adposições do alemão. Observam-se, contudo, em alguns casos, inseguranças de uso, de modo que podemos encontrar adposições como *außer* [exceto], *während* [durante], *innerhalb* [dentro de] e algumas outras, ora com o genitivo, ora com o dativo (cf. DUDEN 1995: 387). *Zufolge* [segundo] rege o genitivo enquanto preposição (*zufolge seines Wunsches* [segundo seu pedido]) e o dativo enquanto posposição (*seinem Wunsch zufolge*), sem diferença semântica. Da mesma maneira, *entlang* [ao longo de] rege o dativo ou genitivo enquanto preposição e o acusativo enquanto posposição:

- (12.a) Entlang dem Weg (DAT)/des Wegs (GEN) haben sie Sonnenblumen gepflanzt. [Ao longo do caminho plantaram girassóis.]
(12.b) Den Weg (AKK) entlang haben sie Sonnenblumen gepflanzt.

4.2.1.2. Valor semântico

A seguir, analisarei a semântica das adposições espaciais do alemão, conforme as relações intrínsecas e contextuais por elas indicadas.

4.2.1.2.1. Relações intrínsecas

As relações intrínsecas são descritas mediante o esquema dos quatro traços {campo}, {distância}, {dimensão} e {direção}. Comecemos com as adposições espaciais simples:

³⁵ Segundo BIERWISCH (1988: 38 s.), o caso prototipicamente regido pelas adposições alemãs é o dativo. Essa afirmação explica-se por uma observação histórica. As adposições alemãs recém-formadas (compostas, com estrutura composicional ainda transparente) tendem a reger o genitivo. Ao se gramaticalizarem e se tornarem semanticamente mais opacas (i.e., ao se tornarem adposições mais típicas), tendem a mudar de regência para o dativo. Essa mudança ocorreu em tempos recentes, p.ex., com *statt* [em vez de], *wegen* [por causa de] e *laut* [segundo]. Atualmente, ela pode ser observada com *mangels* [por falta de], *einschließlich* [inclusive] e *kraft* [em virtude de], entre outras (cf. DUDEN 1995: 387). *Trotz* [apesar de] e *dank* [graças a], por outro lado, que regeram primeiramente o dativo, assumiram em tempos mais recentes regência do genitivo, talvez em função de hipercorreção, em analogia ao uso conservador de *wegen*. De qualquer forma, a afirmação de BIERWISCH é uma idealização. Parece que, no alemão contemporâneo, a regência do genitivo é também bastante típica das adposições. Regência do acusativo, por sua vez, é claramente uma exceção.

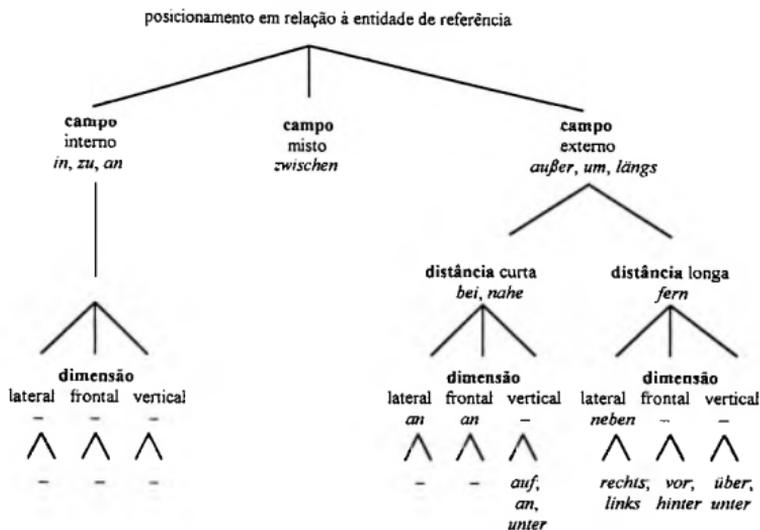


Fig. 7: As adposições espaciais simples do alemão como meios de indicar relações estáticas

Os seguintes exemplos, na sua maioria provenientes do jornal alemão *Die Zeit*, ilustram o uso dessas adposições:

- (13) In den USA kämpfen Regierung, Industrie und eine elektronische Guerillatruppe darum, wieviel abhörsichere Datenverschlüsselung ein Staat ertragen kann. (ZEIT, 30.12.1994) Nos Estados Unidos, o governo, a indústria e uma tropa eletrônica de guerrilha disputam a questão de quantos dados criptografados impenetráveis um estado suporta.] (campo interno)
- (14) Der Film lief mittags zwischen halb zwei und drei, so daß ich, wenn wir nur fünf Stunden hatten, rechtzeitig nach der Schule zu Hause sein konnte. (ZEIT, 30.12.1994) [O filme passou entre uma e meia e três da tarde, de forma que, em dias que tivemos só cinco aulas, consegui estar a tempo em casa depois da escola.] (campo interno)
- (15) Eine Vielzahl weiblich geführter Ateliers und Schülerinnen an Photofachschulen belegen die erstaunliche Präsenz von Frauen in diesem Beruf. (ZEIT, 30.12.1994) [Um grande número de ateliês dirigidos por mulheres e de alunas de escolas técnicas de fotografia comprovam a presença surpreendente de mulheres nessa profissão.] (campo interno)
- (16) Was die Region zwischen Alpen und Apennin sehenswert macht, ist ihre ursprüngliche Natur. (ZEIT, 30.12.1994) [O que torna a região entre os Alpes e os Apeninos interessante de se ver é a sua natureza intocada.] (campo misto)

- (17) Die Eltern, der Wegmacher Fritz Julmy und die Zugehfrau Margrete, geborene Windisch, waren außer Haus, bei Freunden zu einem Grillabend. (ZEIT, 13.01.1995) [Os pais, o calceteiro Fritz Julmy e a diarista Margrete, nascida Windisch, estavam fora, na casa de amigos num churrasco.] (campo externo)
- (18) Auf den Schultern des Jungen steht der Vater mit einer Schlinge um den Hals. (ZEIT, 30.12.1994) [Sobre os ombros do menino, o pai está em pé com uma corda no pescoço.] (campo externo)
- (19) Frankfurt an der Oder, Standort Güterbahnhof. Längs der Gleise Kohlehalden und das Grau von Lagerhallen, deren Türen schwer ins Schloß fallen. (ZEIT, 10.02.1995) [Frankfurt no Oder, localização: estação ferroviária de carga. Ao longo dos trilhos, depósitos de carvão e o cinza de armazéns, cujas portas se fecham sozinhas de tão pesadas.] (campo externo)
- (20) Die Brücke bei Dömitz, die "Brücke der deutschen Einheit", zwei Jahre nach dem Neubau schon wieder zerrüttet. (ZEIT, 30.12.1994) [A ponte perto de Dömitz, a "ponte da unidade alemã", dois anos após a reforma já novamente deteriorada.] (campo externo, distância curta)
- (21) Nahe der Grenze gab es damals noch Schilder, die vor Minen warnten. [Perto da fronteira havia naquela época ainda placas que advertiam das minas.] (campo externo, distância curta)
- (22) An den Wänden türmt sich in Regalen gut sortiert alles, was der Mensch zum Feiern braucht. (ZEIT, 30.12.1994) [Nas paredes amontoa-se, em prateleiras, bem separado, tudo o que se precisa para festejar.] (distância curta, dimensão lateral)
- (23) In den Ohren eine kleine Perle, die weiße Haut sanft geschminkt, so sitzen sie morgens gegen neun Uhr mit drei, vier Geschäftskollegen am Tisch. (ZEIT, 30.12.1994) [Nas orelhas uma pequena pérola, a pele branca suavemente maquiada, assim elas ficam sentadas à mesa por volta das nove horas da manhã, com três ou quatro colegas de trabalho.] (distância curta, dimensão frontal)
- (24) Wenn im Fernsehen ein Film mit Fred Astaire läuft, liegt er mit der Zeitung auf der Couch. (ZEIT, 30.12.1994) [Quando passa na televisão um filme com Fred Astaire, ele fica deitado, com o jornal, no sofá.] (distância curta, dimensão vertical)
- (25) An der Decke verläuft seither eine rußschwarze Linie. (ZEIT, 06.01.1995) [No teto corre, desde então, uma linha preta de fuligem.] (distância curta, dimensão vertical)
- (26) In der Schule klebte immer Kaugummi unter den Tischen. [No colégio, sempre colava chiclete embaixo das mesas.] (distância curta, dimensão vertical)
- (27) Wie groß aber war die Sehnsucht fern der Heimat! [Mas quão grande era a saudade longe da pátria!] (campo externo, distância longa)
- (28) Auf dem Parkplatz neben der Halle steht ein schwarzer Rolls-Royce. (ZEIT, 06.01.1995) [No estacionamento ao lado do prédio há um Rolls Royce preto.] (distância longa, dimensão lateral)

- (29) Die andere Geschichte handelt von sich immer weiter gen Himmel schraubenden Straßen, ohne daß sich links und rechts des Asphaltbandes, wie es sich gezielte, tiefverschneite Landschaften präsentieren. (ZEIT, 27.01.195) [A outra história trata de estradas que se espiralam cada vez mais adiante rumo ao céu, sem que se apresentem à esquerda e à direita da linha do asfalto, como deveria, paisagens profundamente cobertas de neve.] (distância longa, dimensão lateral)
- (30) Laughton ist der Dirigent, der endlich vor dem englischen König spielen darf und dem der zu enge Frack platzt. (ZEIT, 30.12.1994) [Laughton é o regente que finalmente pode tocar perante o rei inglês e cujo fraque muito apertado arrebenta.] (distância longa, dimensão frontal)
- (31) Ihre Vorgängerinnen begingen noch Selbstmord, wurden wahnsinnig oder beendeten ihr Leben hinter Klostermauern. (ZEIT, 30.12.1994) [Suas antecessoras ainda cometeram suicídio, ficaram loucas ou terminaram suas vidas atrás de muros de conventos.] (distância longa, dimensão frontal)
- (32) Wie genial sie ist, wie kühn: die Hamburger Köhlbrandbrücke, wie sie abends über den Lichtern des Hafens schwebt, über all den Kränen und Tanks und tuckermnden Barkassen. (ZEIT, 30.12.1994) [Como ela é genial, como é ousada: a Köhlbrandbrücke de Hamburgo, como paira no final da tarde sobre as luzes do porto, sobre todos os guindastes e tanques e lanchas fazendo seu barulhinho.] (distância longa, dimensão vertical)
- (33) Blaß sehen sie aus, Theo Steegmann und Dieter Kelp, mit Ringen unter den Augen und tiefen Falten. (ZEIT, 30.12.1994) [Eles parecem pálidos, Theo Steegmann e Dieter Kelp, com olheiras sob os olhos e rugas profundas.] (distância longa, dimensão vertical)

O número total das adposições espaciais simples do alemão corresponde a pelo menos 18, i.e., o triplo do número desses elementos no português. Existem adposições simples para a grande maioria das posições na parte de cima e no ramo direito do diagrama. Somente para o ramo esquerdo, o alemão não possui adposições simples.

Examinemos agora as adposições compostas. Há, entre elas, preposições, como *unweit*, *seitlich* ou *oberhalb*, e elementos pré e posponíveis, como *entlang*, *zunächst* e *gegenüber*:

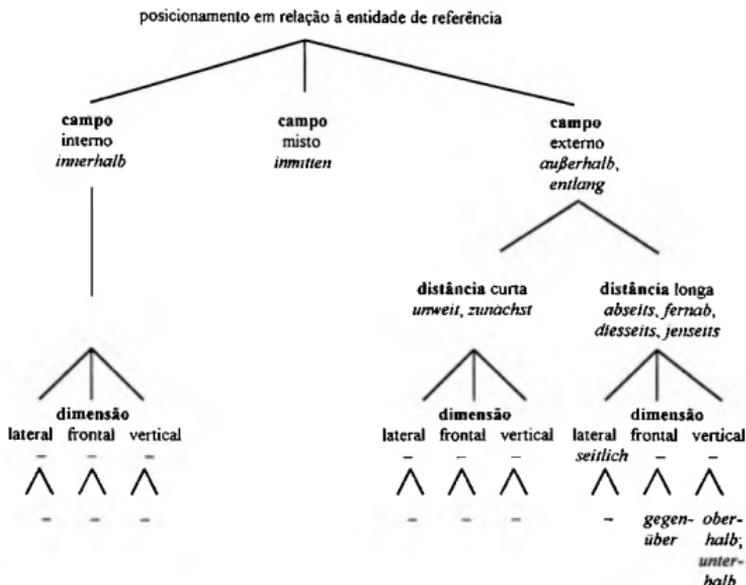


Fig. 8: As adições espaciais compostas do alemão como meios de indicar relações estáticas

Os seguintes exemplos ilustram o uso desses elementos:

- (34) Auf keinen Fall jemals innerhalb der Europäischen Union, eine deutsche Verletzung wichtiger französischer Interessen und Gefühle oder französischen Nationalstolzes! (ZEIT, 13.01.1995) [De maneira alguma e jamais dentro da União Européia, uma ofensa alemã a importantes interesses franceses e a sentimentos ou ao orgulho nacional francês!:] (campo interno)
- (35) Eine Palme und zwei Feigenbäume auf dem seidenen Perserteppich, ein antiker Schreibtisch vor einem passenden Schrank, Softwarekartons und Andenken, und inmitten der Stilmöbel ein grauer Computertisch. (ZEIT, 06.01.1995) [Uma palmeira e duas figueiras no tapete persa de seda, uma escrivaninha antiga em frente a um armário do mesmo estilo, caixas de software e lembranças, em meio aos móveis de estilo uma mesa cinza de computador.] (campo misto)
- (36) Craig hat das erste große stilisierte Theater außerhalb Rußlands hergestellt. (ZEIT, 06.01.1995) [Craig criou o primeiro grande teatro estilizado fora da Rússia.] (campo externo)
- (37) Entlang der Linie, an der einst der Eisene Vorhang verlief, sollen verschärfte Asylparagrafen und verschärfte Patrouillen den befürchteten Ansturm der Zuzügler abwehren. (ZEIT, 30.12.1994) [Ao

- longo da linha, na qual outrora corria a Cortina de Ferro, parágrafos de asilo mais rigorosos e patrulhas mais rigorosas devem repelir a temida afluência de imigrantes.) (campo externo)
- (38) Am vergangenen Wochenende drängelten sich im nüchternen Betonbau des Raschplatzpavillons unweit des Hauptbahnhofs über 100 Aussteller an 92 Messeständen. (ZEIT, 20.01.1995) [No fim de semana passado apertaram-se, na sóbria construção de concreto do *Raschplatzpavillon*, não longe da ferroviária principal, mais de 100 expositores em 92 estandes.] (campo externo, distância curta)
- (39) Diejenigen, die dem Kanzler zunächst standen, bemerkten den Schwächeanfall als erste. [Aqueles que estavam mais próximos ao chanceler foram os primeiros a notar a crise de fraqueza.] (campo externo, distância curta)
- (40) Denn absents dieses Geschehens begegnen sich zwei andere Übeltäter. (ZEIT, 30.12.1994) [Pois longe desses acontecimentos encontram-se dois outros malfeitores.] (campo externo, distância longa)
- (41) Was auf der Strecke blieb, war das Erlebnis Reise. Die Mehrzahl der Jumbo-Passagiere sitzt fernab der Fenster, bar jeglicher Wahrnehmung von Himmel oder Erde. (ZEIT, 30.01.1995) [O que foi perdido no caminho foi a experiência da viagem. A maioria dos passageiros do Jumbo senta longe das janelas, sem qualquer percepção de céu ou terra.] (campo externo, distância longa)
- (42) Die ärmellosen schmalen Kleider – diesseits und jenseits des Atlantiks als Hit für die neue Saison geplant – bieten durch das Armloch keinen wohlfeilen Durchblick auf den Busen. (ZEIT, 30.12.1994) [Os vestidos justos sem mangas – previstos como sucesso para a nova estação, aquém e além do Atlântico – não oferecem visão gratuita dos seios através das cavas dos braços.] (campo externo, distância longa)
- (43) Seitlich des Altars steht eine vergoldete Madonna. [Ao lado do altar há uma Virgem Maria dourada.] (distância longa, dimensão lateral)
- (44) Mitten in der Altstadt gegenüber dem Schloß der Herzöge von Savoyen steht ein Haus, von dessen Vergangenheit als Gefängnis noch die vergitterten Fenster erzählen. (ZEIT, 30.12.1994) [No meio do antigo centro da cidade em frente ao palácio dos duques de Savoy há uma casa, de cujo passado como prisão ainda contam as janelas gradeadas.] (distância longa, dimensão frontal)
- (45) Der Gerichtsmediziner entdeckte im Stirnbereich des Toten, oberhalb der rechten Augenbraue, einen Bluterguß, der bislang nicht im Protokoll verzeichnet war. (ZEIT, 30.12.1994) [O médico legista descobriu na região da testa do falecido, acima da sobrancelha direita, um hematoma que, até então, não constava no processo.] (distância longa, dimensão vertical)
- (46) Er übernachtete unterhalb des Passes am Ufer eines kleinen Sees. (ZEIT, 06.01.1995) [Ele pernoitou abaixo do desfiladeiro na beira de um pequeno lago.] (distância longa, dimensão vertical)

Embora esse levantamento possa ser incompleto, ele certamente traz a maioria das adposições espaciais compostas do alemão. Observamos que seu número é claramente menor que o número das adposições espaciais simples. Por outro lado, lembramos que no português nenhuma preposição composta serve para codificar relações espaciais estáticas. Concluímos que no alemão existem muito mais adposições espaciais monolexemáticas do que no português. A distribuição no diagrama mostra o mesmo quadro já descrito antes. Existem elementos monolexemáticos para a parte de cima e para o ramo direito, mas não para o ramo esquerdo. No ramo direito verificamos que os elementos que indicam distância longa são especializados por dimensão e direção, o que não ocorre com os elementos indicadores de distância curta.

Vejamos, por fim, as locuções adpositivas do alemão:

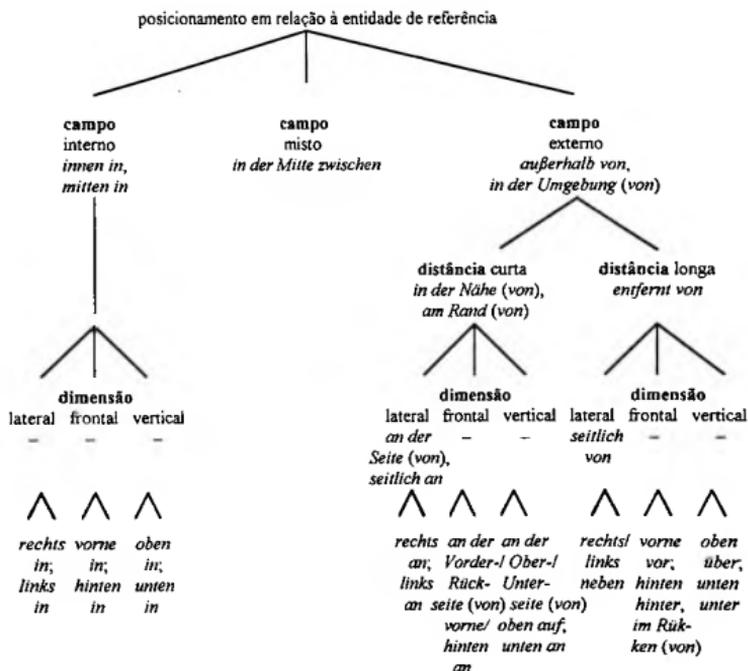


Fig. 9: As locuções adpositivas espaciais do alemão como meios de indicar relações estáticas

Seguem-se alguns exemplos:

- (47) Innen in der Jacke ist ein Loch im Futter. [Dentro do paletó tem um furo no forro.] (campo interno)
- (48) Gegenüber, im "Platzl", wurde das große Bayern gefeiert, jeden Abend weiß und blau ausgeflaggt, die Kapelle stieß ins Blech, die Sänger sangen, und die Kirche blieb mitten in der Großstadt im Dorf. (ZEIT, 30.12.1994) [Em frente, no "Platzl", comemorava-se a grande Bavária, todas as noites embandeirado em branco e azul, a fanfarra soprava os metais, os cantores cantavam, e no meio da cidade grande, a igreja dava o tom da ordem aldeã.] (campo interno)³⁶
- (49) Die Handtücher liegen rechts/links/vorn/hinten/oben/unten im Schrank. [As toalhas estão à direita/à esquerda/à frente/ao fundo/em cima/abaixo no armário.] (campo interno, com indicação de dimensão e direção)
- (50) In der Mitte zwischen all den Hochhäusern liegt verloren ein Kinderspielplatz. [Em meio a todos os prédios fica perdido um playground.] (campo misto)
- (51) Jetzt wohnen sie außerhalb von Köln. [Agora eles moram fora de Colônia.] (campo externo)
- (52) Die Folge war ein infernalischer Gestank, der sich in der Umgebung der Friedhöfe verbreitete und wütende Proteste der Nachbarn hervorrief. (ZEIT, 06.01.1995) [A consequência foi um fedor infernal, que se espalhou nos arredores dos cemitérios e despertou protestos furiosos por parte dos vizinhos.] (campo externo)
- (53) Zusätzliche Gästehäuser sollen Anfang 1996 in der Nähe von Cangas de Onis in Nordspanien entstehen. (ZEIT, 30.12.1994) [Pensões adicionais devem ser construídas no início de 1996 nas proximidades de Cangas de Onis, no Norte da Espanha.] (campo externo, distância curta)
- (54) Wir stehen am Rande des Abgrunds. (ZEIT, 31.03.1995) [Estamos à beira do abismo.] (campo externo, distância curta)
- (55) An der Seite der Kirche eine schmale Gasse und an der Gasse ein unscheinbares Haus aus dem neunzehnten Jahrhundert. [Ao lado da igreja, um beco estreito e no beco, uma casa modesta do século dezenove.] (distância curta, dimensão lateral)
- (56) Äußerlich fallen an dem anthrazitgrauen Mercedes nur vier warzenartige Erhebungen seitlich an der Karosserie auf. (ZEIT, 05.07.1996) [Por fora, chamam atenção no Mercedes cinza grafite apenas quatro pequenas elevações em forma de verrugas, nos lados da carroceria.] (distância curta, dimensão lateral)
- (57) Sie hat rechts und links am Auto Rückspiegel. [Ela tem espelhos retrovisores à direita e à esquerda no carro.] (distância curta, dimensão lateral)
- (58) Vorne an der Kühlerhaube hat er eine kleine Metallfigur angebracht. [Na frente do capô ele colocou uma miniatura de metal.] (distância curta, dimensão frontal)

³⁶ Na verdade, o fraseologismo *die Kirche im Dorf lassen* quer dizer "não exagerar", "não extrapolar", "manter a ordem". A minha tradução afasta-se levemente desse sentido, ficando mais próxima do sentido literal das palavras.

- (59) Mit einer Kurbel an der Rückseite des Radios wird ein kleiner, stabiler Generator geladen. (ZEIT, 07.04.1995) [Com uma manivela no lado de trás do rádio carrega-se um pequeno gerador robusto.] (distância curta, dimensão frontal)
- (60) Oben auf dem Schrank lagen alte Landkarten. [Em cima do armário havia mapas antigos.] (distância curta, dimensão vertical)
- (61) Unten an der Tischplatte ist noch ein altes Etikett zu erkennen: G. Fischer und Söhne. [Debaixo da tábua da mesa ainda se reconhece uma etiqueta antiga: G. Fischer e filhos.] (distância curta, dimensão vertical)
- (62) Mitten im Zentrum des 30 000-Einwohner-Städtchens Emsdetten, etwa 25 Kilometer entfernt von Münster, liegt die 1873 gegründete Firma. (ZEIT, 17.02.1995) [No meio do centro da cidadezinha de 30.000 habitantes de Emsdetten, cerca de 25 quilômetros distante de Münster, fica a empresa fundada em 1873.] (campo externo, distância longa)
- (63) Seitlich von mir saß der Gemeindediener, der schon um diese Zeit nach Alkohol roch. [Ao meu lado estava sentado o sacristão, que a essa hora já cheirava a álcool.] (campo externo, distância longa)
- (64) Auf dem Sofa rechts neben der Tür stapeln sich schwarze Geräte. (ZEIT, 06.01.1995) [No sofá, ao lado direito da porta, amontoam-se aparelhos pretos.] (distância longa, dimensão lateral)
- (65) Vorne vor dem Haus ein gepflegter Ziergarten. [À frente da casa, um jardim de flores bem cuidado.] (distância longa, dimensão frontal)
- (66) Die Mülltonnen stehen hinten hinter der Garage. [As latas de lixo ficam lá atrás, atrás da garagem.] (distância longa, dimensão frontal)
- (67) Im Rücken des Teufels steht seine Großmutter. [Por trás do diabo fica a sua avó.] (distância longa, dimensão frontal)
- (68) Und oben über der ganzen Herrlichkeit schwebten Tausende von Luftballons. [E lá em cima, acima de todo esse esplendor, voavam milhares de balões de gás.] (distância longa, dimensão vertical)
- (69) Die Fußballschuhe liegen unten unter dem Bett. [As chuteiras estão lá embaixo, embaixo da cama.] (distância longa, dimensão vertical)

Esse levantamento das locuções adpositivas é claramente incompleto. Tentei apenas listar as locuções mais típicas que se usam com relativa frequência.

Verifica-se que muitas das locuções levantadas são compostas de dois elementos formalmente quase idênticos, uma adposição precedida pelo advérbio correspondente, da mesma etimologia, tais como *unten unter*, *hinten hinter*, *oben über* etc. Essas locuções são típicas da língua falada informal. Nos exemplos, dei traduções como *lá embaixo*, *embaixo de*, *lá atrás*, *atrás de* e *lá em cima*, *em cima de*. Elas esclarecem a semântica tautológica das locuções, mas não correspondem à sua função discursiva, pois parecem, no português, estruturas de aposto. No alemão, as referidas locuções são pronunciadas sem pausa nem destaque de acento, de modo que devem ser mesmo consideradas elementos únicos, historicamente a caminho para a formação de palavras compostas.

4.2.1.2.2. Relações contextuais

No alemão, como no português, o uso prototípico das adposições insere-se na orientação intrínseca, mas a orientação extrínseca (com a relação contextual [R ↔ S]) também é possível, como no exemplo:

- (31) Ihre Vorgängerinnen begingen noch Selbstmord, wurden wahnsinnig oder beendeten ihr Leben hinter Klostermauern. (ZEIT, 30.12.1994)
[Suas antecessoras ainda cometeram suicídio, ficaram loucas ou terminaram suas vidas atrás de muros de conventos.]

Muros de conventos não possuem, por si só, um lado da frente e um lado de trás. Essa distinção é constituída somente pela perspectiva de um observador que se localiza fora do convento. A partir dessa perspectiva, tudo que está fora do convento, no mesmo lado que o observador, fica em frente ao muro e tudo que está dentro, atrás do muro. Na verdade, a própria expressão *hinter Klostermauern*, como ela é usada no exemplo, alude ao fato de que o muro fica entre o observador e a entidade situada e, dessa forma, garante a invisibilidade da entidade situada para o observador.

4.2.1.3. Sistemas de orientação

4.2.1.3.1. Observações gerais

A diferença entre as orientações intrínseca e extrínseca implica, como vimos para o português no item 3.2.1.3.1. acima, a possibilidade de ter duas descrições diferentes de uma mesma relação espacial, que pode inclusive levar a mal-entendidos. Essa possibilidade restringe-se às adposições que indicam dimensão e/ou direção. No alemão, encontramos, nesse aspecto, a mesma situação que no português. Assim, a sentença:

- (70) Du hast ein Stück Nudel rechts an der Backe. [Você está com um pedaço de macarrão na bochecha direita.]

pode receber interpretações diferentes a partir da perspectiva do falante o do interlocutor, pois a bochecha direita em uma perspectiva é a bochecha esquerda na outra.

Da mesma forma, quando uma pessoa deitada de costas fala para uma pessoa em pé ao lado da cama:

- (71) Hier ist eine Mücke, die mir die ganze Zeit vor der Nase herumfliegt.
[Tem um mosquito aqui voando o tempo todo em frente ao meu nariz,]

a pessoa em pé pode responder:

- (72) Ja, hier über deinem Gesicht fliegt sie gerade. [Sim, aqui acima do seu rosto ele está voando.]

Nesse diálogo, o emprego das adposições *vor* (dimensão frontal) e *über* (dimensão vertical) mostra como a mesma entidade situada na mesma relação espacial com a mesma entidade de referência é inserida em diferentes dimensões por observadores diferentes.

4.2.1.3.2. Casos particulares

Como o português, o alemão também possui duas adposições (no caso, compostas) que exigem sempre uma interpretação extrínseca, a saber, as preposições *diesseits (von)* [aquém de, no lado de cá de] e *jenseits (von)* [além de, no lado de lá de]:

- (42) Die ärmellosen schmalen Kleider – diesseits und jenseits des Atlantiks als Hit für die neue Saison geplant – bieten durch das Armloch keinen wohlfeilen Durchblick auf den Busen. (ZEIT, 30.12.1994) [Os vestidos justos sem mangas – previstos como sucesso para a nova estação, aquém e além do Atlântico – não oferecem visão gratuita dos seios através das cavas dos braços.]

Nesse exemplo, a entidade situada (a previsão do sucesso) é localizada em relação à entidade de referência (o Atlântico) e em relação ao observador (o autor e o leitor). A fórmula a ser atribuída a *diesseits* e *jenseits* é [E ↔ R ↔ S]. Diferentemente de *aquém de* e *além de* no português, seus equivalentes no alemão não permitem um uso na orientação intrínseca.

4.2.1.3.3. Adposições geográficas

Como o português, o alemão possui adposições compostas que possibilitam a referência aos pontos cardeais, liberando a descrição parcialmente da perspectiva do observador:

- (73) Die besten Bayern spielen nicht mehr in Bayern, sondern nördlich der Donau. (ZEIT, 06.01.1995) [Os melhores bávaros não jogam mais na Bavária, e sim, ao norte do Danúbio.]
- (74) Das Rübchen, das bisher nur in heimischen Töpfen schmorste, soll der Stadt wieder auf die Beine helfen und nun in die große, weite Welt hinaus, Teltow berühmt und reich machen. Denn nur hier im kargen Sand südwestlich von Berlin gedeiht es. (ZEIT, 20.01.1995) [A beterrabinha, que até agora só se refogava em panelas locais, deve ajudar a cidade a se reerguer, sendo lançada para o mundo para tornar Teltow famosa e rica. Pois somente aqui na areia pobre a sudoeste de Berlim ela cresce.]

É necessário, contudo, lembrar que o sistema geográfico não libera do observador, independentemente do contexto. O sistema não é absoluto, mas foi criado para captar as condições espaciais existentes na Terra. Fora do nosso planeta, é necessário usar outros sistemas intersubjetivos de orientação, e o último sistema de orientação será sempre o sistema subjetivo de cada observador.

4.2.1.4. Objetos de referência

As figuras 7 a 9 referem-se primeiramente ao uso das adposições espaciais para descrever relações entre objetos extensos e delimitados:

- (75) die Katze unter dem Auto [o gato embaixo do carro]

Com objetos de referência não-extensos e/ou não-delimitados, as adposições exigem reinterpretações ou do objeto ou da relação:

- (76) Der Zucker steht neben dem Salz. [O açúcar está ao lado do sal.]
- (77) Die Teilnahme lag über dem Durchschnitt. [A participação estava acima da média.]

No primeiro exemplo, o sal como entidade de referência não será interpretado simplesmente como substância, mas sim, como substância contida em e delimitada por um vasilhame. No segundo exemplo, a relação espacial será reinterpretada como relação de quantidade. Os mecanismos de reinterpretação e os princípios que norteiam a escolha do objeto de referência são os mesmos mencionados para o português, no item 3.2.1.4. acima. No presente trabalho, não poderei analisar esses princípios de maneira pormenorizada.

4.2.1.5. Gramaticalização

Enquanto a semântica das adposições espaciais do alemão se assemelha à semântica dos seus correspondentes do português, observam-se diferenças relativamente grandes em relação à sua morfossintaxe. No português, as adposições espaciais estáticas são predominantemente polilexemáticas; no alemão, as monolexemáticas constituem cerca de 50 % do inventário. Juntando essa observação com algumas outras, podemos caracterizar o estado atual de gramaticalização das preposições espaciais do alemão:

- (i) Entre as locuções adpositivas distinguem-se os mesmos dois tipos de formação que existem no português: locuções compostas de dois componentes, como *aufßerhalb von*, e locuções compostas de três ou quatro componentes, como *in der Mitte zwischen*. As primeiras compõem-se de um advérbio, seguido de uma preposição simples; as segundas, de um substantivo com artigo definido, precedido e seguido de preposições simples.
- (ii) A preposição simples que precede o artigo definido é normalmente *in* ou *an*.³⁷ *In*, como *em* no português, é a preposição espacial prototípica do alemão. *An* é uma preposição fortemente gramaticalizada. Seus sentidos espaciais são mais variados do que os sentidos de *in* (cf. item 4.2.1.2.1., Fig. 7, acima).
- (iii) A preposição simples que segue um substantivo ou um advérbio pode ser de três tipos. Preposições do primeiro tipo codificam sozinhas a mesma relação espacial codificada pelo advérbio ou pelo substantivo junto com a preposição que o precede, e também pela locução adpositiva como um todo. Esse é o caso de *in der Mitte zwischen*, onde *in der Mitte* e *zwischen* sozinhos, como também a locução como um todo, indicam campo misto, sem especificar outros traços. As preposições do segundo tipo codificam uma relação espacial que complementa a relação codificada pelo advérbio ou o substantivo junto com a preposição precedente, como em *vorne in*, onde o sentido da locução como um todo é composto dos sentidos dos seus componentes. Nesses dois casos, a preposição tem semântica espacial. Todas as preposições simples do alemão podem ocorrer. A única preposição do terceiro tipo é *von*, como em *in der Umgebung von*. No alemão contemporâneo, essa preposição pode funcionar como equivalente de caso, substituindo o genitivo. Isso corresponde a dizer que, nessas locuções, *von* não é uma preposição espacial.³⁸ Diferentemente do

³⁷ Como variantes das formas com *an*, existem também locuções adpositivas com *auf*, como *auf der Rückseite von*. Essas locuções não têm sentido claramente diferente das com *an*. Por isso, não vou analisá-las sistematicamente neste trabalho.

³⁸ Em outros contextos, *von* pode servir de preposição espacial dinâmica que indica a origem de um deslocamento, como em: *Sie kam von der Schule* [Ela veio do colégio].

português, é sempre possível usar o genitivo como alternativa (muitas vezes mais elegante em termos estilísticos), já que a declinação dos substantivos, artigos e pronomes ainda existe.

- (iv) Todas as preposições contidas em locuções adpositivas possuem regência própria, que se mostra abertamente em artigos, pronomes e substantivos que entram na posição do complemento. A preposição *von* exerce uma dupla função, paralela à de *de* e *a* nas locuções prepositivas do português: por um lado, ela tem regência sobre o sintagma nominal que complementa a locução, por outro, ela associa-se ao complemento como indicador de caso.

Numa locução adpositiva como *in der Nähe von Köln* [nas proximidades de Colônia], observamos uma estrutura hierárquica muito semelhante à descrita, no item 3.2.1.5. acima, para o português (cf. também item 4.2.1.1.). A preposição *in* tem regência sobre o sintagma nominal *die Nähe*, a locução adpositiva *in der Nähe* tem regência sobre a preposição *von* e essa, sobre o complemento nominal *Köln*.

A língua alemã possui um sistema ativo de declinação nominal, em especial dos determinadores, quantificadores e adjetivos, com quatro casos relativamente bem discrimináveis. Em consequência, possui também regência aberta em todas as adposições. Como portadores de regência, as preposições simples não apresentam tendência a se juntarem aos seus complementos. Um dos poucos advérbios alemães aparentemente paralelo a formas do português como *acima*, *embaixo* etc. é *inmitten*, que parece ser composto da preposição *in* e de uma forma do substantivo *Mitte* [centro]. Mas, na verdade, essa não é sua origem etimológica. *Inmitten*, assim como *mitten in*, provém de um antigo adjetivo *mitten* que se transformou em um advérbio e posteriormente em uma adposição (cf. KLUGE 1975: 327). Isso significa que *inmitten* é uma composição de duas adposições, das quais uma possui ainda traços de um advérbio. Esse é um modelo de formação bastante típico das adposições do alemão (cf. *gegenüber*, *zunächst*, *abseits*, *fernab*). Com frequência, a parte adverbial de tais composições deriva de um substantivo ou adjetivo que se tornou advérbio independentemente da outra parte (cf. *-nächst* em *zunächst*, *-seits* em *abseits*, *fern-* em *fernab*). Esse é também o caso das composições com *-halb*, como *oberhalb*, sendo que o advérbio *-halb* deriva de um antigo substantivo *halbe*, que significava "lado" (cf. ib.: 283). As locuções adpositivas do segundo tipo mencionado no item (iii) acima, como *vorne in*, tendem à junção segundo esse modelo de composição. As poucas adposições compostas que não seguem esse modelo derivam de advérbios mediante conversão (cf. *seitlich*) ou afixação (cf. *entlang*, *unweit*). *Diesseits* e *jenseits* são composições com determinadores.

Na língua alemã existem formas contraídas de adposições e artigos, como *am* (→ *an dem*), *im* (→ *in dem*), *beim* (→ *bei dem*) etc., que parecem semelhantes às formas contraídas do português, como *do*, *da*, *no*, *na*, *ao*, *à* etc. (cf. item 3.2.1.5. acima). Contudo, é interessante verificar que as formas contraídas do alemão não têm nada em comum com as respectivas formas do português. Elas provêm de processos totalmente diferentes e de naturezas até mesmo opostas.

Em relação à morfologia, observa-se que, nas contrações do português, os determinadores permanecem completos e as preposições se reduzem. Nas formas contraídas, as vogais são oriundas dos determinadores e as consoantes, das preposições. Nas contrações do alemão, ao invés disso, as adposições permanecem, via de regra, completas e os determinadores reduzem-se. Nas formas contraídas, as vogais provêm das adposições e as consoantes, dos determinadores. Isso significa que, no português, as preposições cliticizam aos determinadores, transformando determinadores indeclináveis em determinadores declináveis, enquanto no alemão, os determinadores cliticizam às adposições, transformando adposições com regência em preposições sem regência.

Em relação à função, observa-se que a cliticização no português é só possível entre a preposição e seu complemento. Em casos em que um determinador que segue a preposição não é o complemento, a contração não pode ocorrer:

- (78.a) o fato do desemprego crescente
(78.b) o fato de o desemprego estar crescendo

Em (78.a), o complemento da preposição *de* é o sintagma nominal *o desemprego crescente*, de modo que a cliticização é possível e obrigatória. Em (78.b), ao contrário, o complemento da preposição *de* é o verbo *estar crescendo*, de modo que não pode haver cliticização da preposição ao determinador *o*. A cliticização obedece a uma condição sintática definida pela preposição.

No alemão, ao contrário, as condições em que pode haver cliticização são de natureza pragmática e são definidas pelo determinador. A forma completa do artigo (*der/das/die*) não é somente um indicador de definitude, mas apresenta também fraca demonstratividade. Mais precisamente, o indicador de demonstratividade é o radical *d-*. Os pronomes pessoais da terceira pessoa (*er/es/sie*), que não possuem esse radical, não apresentam demonstratividade. Dependendo do contexto, a demonstratividade do artigo definido não é comunicativamente necessária, nem desejada. É nesses casos que pode e deve ocorrer a cliticização, que elimina o radical *d-*. Todos os contextos que exigem demonstratividade, por outro lado, excluem a cliticização (cf. BISLE-MÜLLER 1991: 59 ss.):

- (79.a) Gestern waren wir im Kino. [Ontem fomos ao cinema.]
(79.b) Hier, in dem Kino waren wir gestern. [Aqui, a este cinema fomos ontem.]

Em (79.a), o falante faz referência a um cinema que o interlocutor pode identificar sem dificuldades. Em (79.b), a identificação do cinema em questão pode ser mais difícil, p.ex., devido à existência de mais de um cinema no referido lugar. Nessa condição, a demonstratividade é necessária, e não pode haver cliticização.

No item 3.2.1.5. acima, cheguei à conclusão de que o sistema das preposições espaciais estáticas da língua portuguesa está atualmente pouco gramaticalizado. As preposições têm predominantemente morfologia complexa, mas obedecem a restrições posicionais rígidas (só anteposição, em relação ao complemento). Os antigos sistemas de regência preposicional e declinação nominal desapareceram quase completamente, mas novos sistemas já estão surgindo no seu lugar.

No alemão, ao contrário, temos um sistema de adposições espaciais estáticas bastante gramaticalizado. Grande parte das adposições tem morfologia simples, enquanto as restrições posicionais são fracas (há pré, pós e circumposições). Existem sistemas bastante ativos de regência adposicional e declinação nominal, que, contudo, apresentam alguns indícios de erosão. A regência adposicional está desaparecendo em novas preposições formadas mediante cliticização de determinadores (*im, am, beim* etc.)³⁹; a declinação está se reduzindo cada vez mais nos substantivos, e também nos determinadores e quantificadores em apostos (cf. DUDEN 1995: 716 ss.) e alguns outros ambientes. Existe uma adposição simples, *von*, que pode ser regida por outras adposições e funciona como equivalente de caso (genitivo). Ela mantém, contudo, sua própria regência (do dativo) e não apresenta, por enquanto, nenhuma tendência à cliticização. Um equivalente adposicional consagrado do dativo não existe no alemão contemporâneo.

4.2.2. Advérbios

A análise dos advérbios do alemão será efetuada, como a das adposições, de maneira paralela à análise elaborada para os elementos correspondentes do

³⁹ Um outro indicio da erosão paulatina da regência adposicional é o número crescente de adposições com regência variável (cf. ENGEL 1988: 704; DUDEN 1995: 383 ss.).

português. Dessa forma, espera-se facilitar a comparação entre as duas línguas, tornando nítidas suas semelhanças e diferenças.

Do ponto de vista gramatical, os advérbios espaciais do alemão, assim como os do português, são inflexionáveis, não-regidos e não têm regência sobre outros elementos. Semanticamente, são dêiticos, pois exigem a interpolação de uma entidade de referência a partir do contexto. No desenvolvimento histórico, muitos elementos que hoje são adposições provêm de antigos advérbios (cf. DUDEN 1995: 375). O inverso, i.e., a derivação de advérbios a partir de adposições seria claramente uma exceção. Em comparação com as adposições, os advérbios são elementos com forma e significado mais independentes, que estão mais perto do início dos processos erosivos característicos da história das línguas (cf. BLÜHDORN & CASTILHO DA COSTA 1999).

4.2.2.1. Tipologia formal

Em relação à sua forma, podemos distinguir novamente três classes de advérbios: os simples, os compostos e as locuções adverbiais. Essa classificação não é comum nas gramáticas do alemão, mas é adequada tanto para o alemão quanto para o português e facilita a comparação entre as duas línguas.

Os advérbios espaciais simples são elementos como *hier* [aqui], *da* [aí, ali] e *dort* [lá], *unten* [lá embaixo, abaixo], *oben* [lá em cima, acima], *vorne* [à frente], *hinten* [lá atrás] etc. Geralmente, são palavras antigas, que existem há muito tempo na função de advérbios.

Aos advérbios compostos pertencem elementos como *irgendwo* [algures], *obenan* [no topo, à cabeceira], *nebenan* [ao lado], *anbei* [junto, em anexo], *obenauf* [no topo], *diesseits* [aquém], *jenseits* [além], *abseits* [fora, afastado], *dabei* [perto], *daneben* [ao lado] etc. Esses são formados a partir de outros advérbios e adposições (adv. *oben* [lá em cima] + adpos. *an* [em]), de adjetivos (*irgend-* [alg-]), determinadores e substantivos (det. *dies* [este] + subst. *Seite* [lado]), às vezes também de duas adposições (*an* [em] + *bei* [perto de], *neben* [ao lado de] + *an* [em], *gegen* [contra] + *über* [acima de]). Quando um advérbio composto contém uma adposição, é interessante observar que essa ocupa frequentemente o segundo lugar. Por um lado, isso mostra que, nessas formas compostas, as adposições mantêm determinadas qualidades adverbiais; por outro, comprova a oscilação das adposições alemãs entre o posicionamento antes e após seu complemento (cf. item 4.2.1. acima). Entre os advérbios compostos e as adposições compostas, há uma série de elementos idênticos, tais como *außerhalb* [fora], *abseits* [distante], *seitlich* [lateralmente], *gegenüber* [em frente], *oberhalb*

[na parte de cima], *unterhalb* [na parte de baixo] etc. Enquanto adposições, esses têm regência sobre um complemento nominal que deve aparecer no dativo (com *gegenüber*) ou no genitivo (com os demais); como advérbios, não têm regência e são empregados sozinhos. Seus significados, no entanto, permanecem os mesmos nos dois casos, i.e., os advérbios exigem uma interpretação que acrescente a entidade de referência não-mencionada a partir do contexto, enquanto as adposições sempre vêm acompanhadas pelo elemento que indica a entidade de referência.

As locuções adverbiais dividem-se em três tipos, paralelos aos três tipos de locuções adpositivas (cf. item 4.2.1.5. acima). As locuções do primeiro tipo podem ser exemplificadas por *innen drin* [por dentro]. São compostas de dois advérbios ou de um sintagma adposicionado e um advérbio, sendo que cada uma das duas partes codifica a mesma relação espacial também codificada pela locução como um todo. As locuções do segundo tipo, como, por exemplo, *rechts innen* [lá dentro à direita], compõem-se de dois advérbios que se complementam semanticamente, um ao outro. Cada um dos advérbios codifica uma determinada relação espacial, e o sentido da locução como um todo combina essas duas relações. As locuções do terceiro tipo são simples sintagmas adposicionados em função de advérbios, como, por exemplo, *in der Mitte* [no meio], *an der Seite* [ao lado], *in der Nähe* [nas proximidades] etc. (prep. *in* [em] + det. *der* [o] + subst. *Mitte* [meio] etc.).

Em relação ao português, observei, no item 3.2.2.1. acima, um paralelismo geral entre os inventários dos advérbios e das preposições espaciais. A grande maioria dos advérbios simples e compostos e das locuções adverbiais pode ser transformada em locuções prepositivas mediante o acréscimo das preposições *de* ou *a*, que servem de equivalentes de caso. Os únicos advérbios que não participam dessa regra são *aquí, aí, ali, cá, lá, acolá, onde, alhures, algures* e *em algum lugar*; as únicas preposições não formadas dessa maneira são as seis preposições simples *a, em, entre, (per)ante, sob* e *sobre* e algumas das locuções prepositivas do ramo esquerdo do diagrama.

No alemão, a transformação de advérbios em adposições mediante o acréscimo da adposição *von* como equivalente de caso é limitada a alguns poucos advérbios simples (*rechts* → *rechts von* [à direita (de)]; da mesma maneira, *links* [à esquerda], *nah* [perto], *weit* [longe] e *fern* [distante]), uma série de advérbios compostos (os com *-seits* e *-halb*, como *diesseits* → *diesseits von* [aquém (de)] e *oberhalb* [na parte de cima], além de *entfernt* [afastado], *fernab* [longe], *auswärts* [fora], *seitlich* [lateralmente] e *gegenüber* [em frente]) e as locuções adpositivas do terceiro tipo (*in der Nähe* → *in der Nähe von* [nas proximidades (de)] etc.). Mais do que a metade dos advérbios alemães não permitem a

transformação em adposições dessa maneira. Em compensação, há geralmente pares de advérbios e adposições etimologicamente aparentados, como *oben* [em cima] e *über* [em cima de].⁴⁰

4.2.2.2. Valor semântico

No que se segue, analisarei a semântica dos advérbios espaciais do alemão conforme o mesmo modelo que foi aplicado às adposições do português e do alemão e aos advérbios do português.

4.2.2.2.1. Relações intrínsecas

As relações intrínsecas são descritas pelos traços {campo}, {distância}, {dimensão} e {direção}.

Vejam, primeiramente, os advérbios simples (cf. figura 10).

Alguns exemplos de uso, a título de ilustração:

- (80) Wo bahnt sich im Osten etwas an, wo ist etwas da? (ZEIT, 30.12.1994) [Em que lugar no Leste está se preparando algo, em que lugar já existe algo?] (posição não especificada)
- (81) Fichtes Entlassung erfolgte nachweislich auf Bestreben der Weimarer Regierung; den Anlaß gab der sogenannte Atheismusstreit, der hier nicht referiert werden kann. (ZEIT, 30.12.1994) [A demissão de Fichte ocorreu comprovadamente por iniciativa do governo de Weimar; a justificativa foi o chamado debate sobre ateísmo, que não pode ser relatado aqui.] (campo interno)
- (82) In Buenos Aires gibt es Riesenkinos mit zwei- bis dreitausend Plätzen. Aber es gab in den vierziger Jahren auch ein kleines, das nur Klassiker spielte. Da habe ich mehrmals die Filme gesehen, die noch heute meine Lieblinge sind. (ZEIT, 30.12.1994) [Em Buenos Aires há cinemas gigantescos com dois a três mil lugares. Mas nos anos quarenta também tinha um pequeno que só passava clássicos. Ai eu vi várias vezes os filmes que ainda hoje são meus favoritos.] (campo interno)

⁴⁰ RANKE (1999) mostra que essa diferença entre o alemão e o português é responsável por um determinado tipo de erro, cometido com frequência por aprendizes brasileiros de alemão como língua estrangeira. Em analogia à formação de locuções prepositivas a partir de advérbios em sua língua materna (*dentro* → *dentro de*), formam em alemão locuções adpositivas inexistentes, como **drinnen von*, derivado do advérbio *drinnen* [dentro]. Além disso, os falantes nativos de português tendem a substituir o genetivo alemão por uma construção com *von*, que nem sempre é igualmente idiomática.

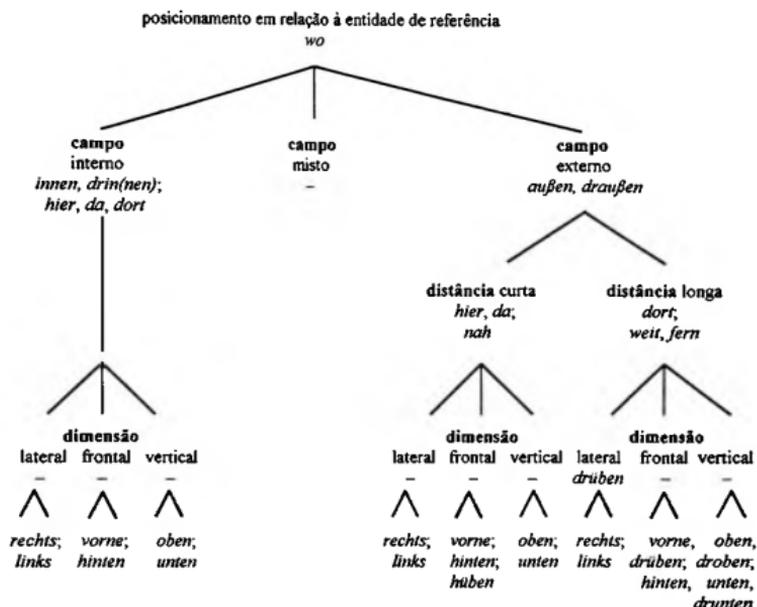


Fig. 10: Os advérbios espaciais simples do alemão como meios de indicar relações estáticas

- (83) Diffies Interesse an Kryptologie erwachte endgültig, als er 1966 ans Massachusetts Institute of Technology (MIT) kam. Er sah den niedrigen Sicherheitsstandard des dort verwendeten Großrechners. (ZEIT, 30.12.1994) [O interesse de Diffie por criptologia despertou definitivamente quando chegou em 1966 ao Massachusetts Institute of Technology (MIT). Ele viu o baixo padrão de segurança do macro-computador ai usado.] (campo interno)
- (84) Der Mensch verspürt Todesangst, und je älter er ist, desto mehr. Mich beunruhigen schon lange diese Schmerzen in der Brust, irgendwie links. (ZEIT, 17.02.1995) [O ser humano sente medo da morte e tanto mais, quanto mais velho fica. Me perturbam há muito tempo essas dores no peito, de algum modo, à esquerda.] (campo interno, dimensão lateral)
- (85) Alleingelassen spricht der Tänzer jetzt zum Publikum. Und schließlich verstummt der stumme Redner und erstarrt. Wie am Anfang steht er in einem weißen, leeren Kasten, nur ein paar Meter weiter vorne. (ZEIT, 27.01.1995) [Sozinho, o bailarino fala agora ao público. E finalmente cala-se o orador mudo e imobiliza-se. Como no início, está em pé numa caixa branca vazia, apenas uns metros mais à frente.] (campo interno, dimensão frontal)

- (86) Nach massiver Kritik ihrer Kunden bessert die Lufthansa ihr Expreß-Konzept nach: Für Business-Passagiere gibt es mehr Service und mehr Plätze, hinten wird das Kontingent für Billigflieger verdoppelt. (ZEIT, 20.01.1995) [Após críticas massivas de seus clientes, a Lufthansa aperfeiçoa seu *Expreß-Konzept*. Oferece mais serviço e mais lugares para passageiros da executiva, atrás dobra o contingente para passageiros da segunda classe.] (campo interno, dimensão frontal)
- (87) Die einfache, klare und schlichte Form des Hauses – unten Geschäftsräume, oben Wohngeschosse – war die Antithese zur prunkvollen, barocken Hofburg. (ZEIT, 03.02.1995) [A forma simples, clara e modesta da casa – embaixo, espaços comerciais, em cima, andares residenciais – foi a antítese à suntuosa mansão barroca.] (campo interno, dimensão vertical)
- (88) Mit dem Nationalsozialismus kamen die falschen Pralinen auf. Außen braun, innen Sägemehl. (ZEIT, 30.12.1994) [Com o nacional-socialismo surgiram os bombons falsos. Marrons por fora, por dentro, serragem.] (campo externo)
- (89) Dann fiel dem vortragenden Sänger auch schon die Blechmusik ins Wort, es war fast so schön wie draußen auf dem Land. (ZEIT, 30.12.1994) [Daí o cantor recitante já foi interrompido pela fanfarra, foi quase tão belo como lá (fora) no campo.] (campo externo)
- (90) "Das schlimmste an der Hüttenstillegung ist, daß es für die Jugendlichen hier keine Arbeitsplätze mehr gibt," sagt Pfarrer Dieter Kelp. (ZEIT, 30.12.194) ["O pior do fechamento da siderúrgica é que não tem mais empregos para os jovens aqui," diz o padre Dieter Kelp.] (campo externo, distância curta)
- (91) Weite Teile der Intelligenz haben den automatischen Anrufbeantworter, und man hört immer, daß sie im Moment nicht da seien, daß man aber eine Nachricht hinterlassen könne. (ZEIT, 30.12.1994) [Grandes partes da inteligência têm a secretária eletrônica e sempre se ouve que no momento não estão lá, mas que se pode deixar uma mensagem.] (campo externo, distância curta)
- (92) Aber das rettende Ufer ist nah: der trockene märkische Sand. (ZEIT, 27.01.1995) [Mas a praia salvadora está perto: a areia árida brandemburguesa.] (campo externo, distância curta)
- (93) Ein verrückter Hut und verschieden große Ohringe links und rechts. [Um chapéu maluco e brincos de tamanho diferente à esquerda e à direita.] (distância curta, dimensão lateral)
- (94) Er hat nur einen einzigen Verbesserungsvorschlag. Weil doch so viele Opernballbesucher so viele Orden tragen – er auch – möge also erlaubt werden, Orden vorne und hinten zu tragen; die einseitige Last verkrümme die Rückgrate. (ZEIT, 24.02.1995) [Ele tem só uma proposta de emenda. Como tantos participantes do baile da ópera – também ele – usam tantas condecorações, que seja permitido, então, usar as condecorações na frente e atrás, a carga unilateral entorta as colunas.] (distância curta, dimensão frontal)

- (95) An der Kreuzung Rhinstraße/Allee der Kosmonauten im Ostberliner Stadtteil Lichtenberg hat die Wiedervereinigung an der Ampelanlage begonnen: Hüben grüßt das stämmige Ost-Männchen mit dem Honecker-Hut, drüben die dynamische West-Version. (ZEIT, 20.01.1995) [No cruzamento da Rhinstraße com a Allee der Kosmonauten, no bairro Lichtenberg de Berlim oriental, a reunificação começou no semáforo: no lado de cá acena o homenzinho atarracado do Leste com o chapéu Honecker, no lado de lá, a versão dinâmica do Oeste.] (distância curta, dimensão frontal)
- (96) Die Flasche steckte unten in einem geflochtenen Korb, und oben hatte sie einen verzierten Korken. [A garrafa estava (com a parte de baixo) dentro de uma cestinha trançada e em cima tinha uma rolha enfeitada.] (distância curta, dimensão vertical)
- (97) Daraufhin sei Barschel vom Mossad nach Genf gelockt und dort liquidiert worden. (ZEIT, 30.12.1994) [Em seguida, Barschel teria sido atraído pelo Mossad para ir a Genebra e lá teria sido liquidado.] (campo externo, distância longa)
- (98) Unendlich weit scheint der Lichterglanz der Kapitale, endlos fern die romantischen Buchten der Côte d'Azur, die schroffen Küsten der Bretagne. (ZEIT, 20.01.1995) [Infinitamente longe parece o brilho das luzes da capital, imensamente afastadas, as baías românticas da Côte d'Azur, as costas escarpadas da Bretanha.] (campo externo, distância longa)
- (99) Die Kinder waren heute den ganzen Tag drüben bei den Nachbarn. [As crianças ficaram hoje o dia todo aqui ao lado na casa dos vizinhos.] (distância longa, dimensão lateral)
- (100) Im Studio 54 konnte Klein diese muskulösen jungen Männer auflesen, Typ Collegestudent, die seine Spezialität wurden. Gute Eroberungen nahm er, so Gaines, mit in sein Apartment, wo neben seinem Doppelbett rechts eine Schale mit feinstem Kokain, links eine Schale mit dem Aufputzmittel "Quaalude", eine Art angel's dust, bereitstanden. (ZEIT, 30.12.1994) [No Studio 54 Klein pôde arrebancar esses jovens homens musculosos, tipo estudante de faculdade, que se tornaram sua especialidade. Boas conquistas, segundo Gaines, ele levou para seu apartamento, onde estavam preparadas, ao lado da cama de casal, uma tigela com cocaína finíssima à direita e uma tigela com o estimulante "Quaalude", uma espécie de angel's dust, à esquerda.] (distância longa, dimensão lateral)
- (101) Fast gelassen sitzt Mannheimer vorne, weißes Hemd, Krawatte, darüber einen blauen Pullover. (ZEIT, 27.01.1995) [Quase tranqüilo, Mannheimer está sentado à frente, camisa branca, gravata, por cima, uma blusa azul.] (distância longa, dimensão frontal)
- (102) Es waren mal achtzehn Mitarbeiter. Heute sind es noch vier, fünf Leute. Die Lagerhalle ist hinten bei den Garagen. (ZEIT, 30.12.1994) [Eram então dezoito funcionários. Hoje são apenas quatro ou cinco pessoas. O armazém fica no fundo, perto das garagens.] (distância longa, dimensão frontal)

- (103) Das Haus gegenüber ist ein Neubau aus den siebziger Jahren mit viel Glas und Beton. Selten nur werden da drüben die Vorhänge zugezogen. (ZEIT, 01.09.1995) [O edifício em frente é uma construção nova dos anos setenta com muito vidro e concreto. Apenas raramente fecham-se aí em frente as cortinas.] (distância longa, dimensão frontal)
- (104) In einem fernen Land am Strand im Sand, das heißt darunter, gräbt sich ein riesiger Polyp Gänge und lebt in einem unterirdischen Polypenzimmer. Die Strandgäste oben breiten ihr Badetuch aus, seifen sich mit Sonnencreme ein und lassen sich in der Hitze bräunen. (ZEIT, 30.12.1994) [Num país distante, na praia, na areia, isto é, debaixo dela, um polvo gigante escava túneis e vive em um quarto de polvo subterrâneo. Os banhistas em cima estendem sua toalha de banho, ensaboam-se com protetor solar e se deixam dourar no calor.] (distância longa, dimensão vertical)
- (105) Einmal auf der großen Mole von Zoppot hinausgehen, immer weiter, ins Meer. Oder über eine schmale Hängebrücke, tief unten der Grund der Schlucht, wie auf dem Umschlag von Thornton Wilders Roman "Die Brücke von San Luis Rey". (ZEIT, 30.12.1994) [Uma vez sair pelo grande molhe de Zoppot, cada vez mais adiante, rumo ao alto-mar. Ou passar por uma estreita ponte pênsil, bem abaixo, o fundo do abismo, como na capa do romance de Thornton Wilder "The bridge of San Luis Rey".] (distância longa, dimensão vertical)
- (106) Hoch droben schwebt der eitle Gott des Lichts und des Krieges. Die Menschen drunten sind gerettet. (ZEIT, 21.04.1995) [Lá em cima paira o deus vaidoso da luz e da guerra. Os homens (aqui) embaixo são salvos.] (distância longa, dimensão vertical)

O levantamento apresentado, de 21 advérbios simples, talvez não seja totalmente completo, mas deve ser quase exaustivo. Verificamos novamente que o inventário de elementos simples do alemão é consideravelmente maior que o inventário correspondente do português. Particularmente nas partes de baixo do diagrama, onde se inserem os elementos com significado mais específico, a língua alemã apresenta um vocabulário mais extenso. Por outro lado, repete-se a observação de que a parte de cima e o ramo da direita do diagrama estão mais completamente preenchidos que o ramo da esquerda. Esse fato provavelmente se explica por uma necessidade reduzida na comunicação de especificar mais detalhadamente as relações espaciais no campo interno de um objeto de referência.

O advérbio *wo* é o elemento menos específico, que serve para qualquer relação espacial estática, independentemente do campo, da distância, da dimensão e da direção. Entre os elementos mais específicos, ocorrem uma série de neutralizações. Os advérbios *rechts*, *links*, *vorne*, *hinten*, *oben* e *unten* são neutros em relação aos traços {campo} e {distância}; *drüben* é neutro entre as

dimensões horizontais, de modo que pode indicar tanto a dimensão lateral quanto a horizontal (com a direção à frente).

Analisemos, a seguir, os advérbios compostos:

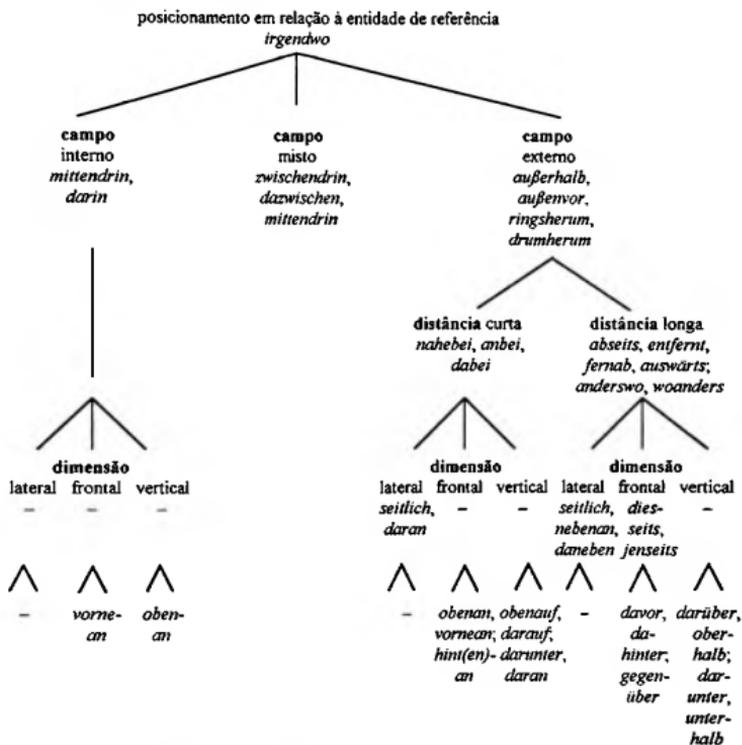


Fig. 11: Os advérbios espaciais compostos do alemão como meios de indicar relações estáticas

Alguns exemplos ilustrativos:

- (107) Besonders lieben wir ja die Straßenumfragen: Kaum eine vergeht, ohne daß irgendwo ein bekanntes Gesicht auftaucht. (ZEIT, 13.01.1995) [Particularmente adoramos as pesquisas de opinião nas ruas. Quase não há nenhuma em que não apareça em algum lugar um rosto conhecido.] (posição não especificada)
- (108) Eigentlich wollte man das Buch ja gar nicht lesen, aber am Ende – und schon mittendrín – gewöhnt man sich Wörter wie *eigentlich* ab. (ZEIT, 02.02.1996) [A princípio, não se queria ler o livro, mas no final – e já

- no meio – deixa-se de usar expressões como *a principio*.] (campo interno)
- (109) Aus heute greifbaren Unterlagen geht hervor, daß die Stasi ein Telegramm des Genfer CIA-Residenten abgefangen und entschlüsselt habe. Darin wird von einem Waffenhändlerreffen am 10. Oktober 1987 in Genf berichtet. (ZEIT, 30.12.1994) [A partir de documentos hoje disponíveis, fica claro que a Stasi interceptou e decifrou um telegrama do residente da CIA em Genebra. Aí (dentro do telegrama) relata-se um encontro de comerciantes de armas em 10 de outubro de 1987 em Genebra.] (campo interno)
- (110) Wenn du in den Schrank schaut, findest du die Teller gleich vornean. [Se você olhar no armário, vai encontrar os pratos logo na frente.] (campo interno, dimensão frontal)
- (111) *Freiheit* – wer kann es leugnen, daß dieses Wort jetzt obenan steht auf der Tagesordnung der Geschichte? (ZEIT, 12.07.1996) [*Liberdade* – quem pode desmentir que essa palavra está agora no topo da pauta da história?] (campo interno, dimensão vertical)
- (112) Die Beinknochen sind vom Boden aus ordentlich bis zur Decke aufgeschichtet. Zwischendrin starren Schädel die Besucher an. (ZEIT, 06.01.1995) [Os ossos de perna estão empilhados ordenadamente do chão até o teto. No meio deles, crânios encaram os visitantes.] (campo misto)
- (113) Der Rasen, die Gehwege, die Blumeninseln sind angelegt wie auf einer Modelleisenbahn. Dazwischen prächtige Gebäude im holländischen Stil, klassizistische Portale, alabasterweiße Wände. (ZEIT, 13.01.1995) [O gramado, os caminhos, as ilhas de flores foram projetados como numa maquete de trenzinho elétrico. Em meio a isso, edifícios luxuosos em estilo holandês, portais classicistas, paredes brancas de alabastro.] (campo misto)
- (114) Die Welt als Tummelplatz von Amokkühlen, Malariamücken, Taschendieben und der Tourist mittendrin. (ZEIT, 11.08.1995) [O mundo como parque de lazer com vacas assassinas, mosquitos de malária, ladrões de carteira e o turista sempre no meio.] (campo misto)
- (115) Er ließ sich in Hongkong nieder und verfolgte die Idee, in den Geschäftszentren des asiatisch-pazifischen Wirtschaftsraums Clubs für Geschäftsleute einzurichten, Häuser in der Stadt, Anwesen mit Golfplatz außerhalb. (ZEIT, 13.01.1995) [Ele estabeleceu-se em Hong Kong e seguiu a ideia de construir, nos centros comerciais da região pacífico-asiática, clubes para executivos, casas urbanas, sítios com campo de golfe no interior (fora da cidade).] (campo externo)
- (116) Dann gehen alle ins Kino hinein. Nur wer keine Eintrittskarte hat, bleibt außenvor. [Daí todos entram no cinema. Só quem não tem ingresso fica de fora.] (campo externo)
- (117) Die Stimmung ist eindrucksvoll: eine riesige Menge, aus allen Ecken der Stadt herbeigeströmt aus Freude an guter Musik, dazu die schwarzen Umriss der Berge jingsherum und der Sternenhimmel darüber. (ZEIT, 06.10.1995) [A atmosfera é impressionante: uma imensa

- multidão vinda em massa de todos os cantos da cidade em virtude do prazer por boa música, além disso os contornos pretos das montanhas ao redor e o céu estrelado acima.] (campo externo)
- (118) Der Vorhof des "Savoy" wurde unter Wasser gesetzt, und drumherum entstand eine genaue Nachbildung von Venedig. (ZEIT, 30.12.1994) [O átrio do "Savoy" foi inundado e ao redor construiu-se uma reprodução precisa de Veneza.] (campo externo)
- (119) Ich wußte nicht, daß vier Wochen zuvor in einem Wald nahebei ein Junge erschlagen worden war, dessen Beschreibung haargenau auf mich paßte. (ZEIT, 05.05.1995) [Não sabia que quatro semanas atrás um rapaz fora morto num bosque ali perto, cuja descrição física combinava perfeitamente comigo.] (campo externo, distância curta)
- (120) Anbei finden Sie eine Kopie des Zahlungsbelegs. [Em anexo encontra-se uma cópia do comprovante de pagamento.] (campo externo, distância curta)
- (121) Es war ein Teich dabei, darin ein braver Karpfen saß. (Heinrich Seidel, *Das Huhn und der Karpfen*) [Tinha um lago lá perto, em que vivia uma carpa bem-comportada.] (campo externo, distância curta)
- (122) Da lernt man, daß der Grünfink seitlich einen gelben Schwanzfleck trägt und djuí ruft (der Zilpzalp hingegen hüid). (ZEIT, 04.08.1995) [Ai se aprende que o verdelhão tem no lado uma mancha amarela na cauda e diz djuí (a tutinegra, todavia, hüid.)] (distância curta, dimensão lateral)
- (123) Das Haus ist von einer Mauer umgeben. Daran lehnt ein Fahrrad. [A casa é circundada por um muro. Aí está encostada uma bicicleta.] (distância curta, dimensão lateral)
- (124) Am Tisch sitzen dreizehn Personen, obenan der Chef. [À mesa estão sentadas treze pessoas, à cabeceira, o chefe.] (distância curta, dimensão frontal)
- (125) Vor der Tür steht schon eine Schlange von Besuchern, vornean der Bürgermeister. [Em frente à porta já tem uma fila de visitantes, em primeiro lugar, o prefeito.] (distância curta, dimensão frontal)
- (126) Vor allem aber standen die meisten Handwerksbetriebe bei der Versorgung mit Investitionsgütern hintenan. (ZEIT, 17.03.1995) [Particularmente, porém, a maioria das pequenas empresas está nos últimos lugares em relação à disponibilidade de bens de investimento.] (distância curta, dimensão frontal)
- (127) Das Waschbecken ist an mehreren Stellen geplatzt, ein matschiger Klumpen Seife liegt obenaufl, der Haken für die Handtücher ist verwaist. (ZEIT, 05.05.1995) [A pia está trincada em vários lugares, uma massa gosmenta de sabonete em cima dela, o cabide para as toalhas está nu.] (distância curta, dimensão vertical)
- (128) Ihre Scheinwerfer haben den Gedenkstein für die Opfer in grelles Licht getaucht. "Laßt alle Seelen hier in Frieden ruhen, denn wir werden den Fehler nicht wiederholen" ist darauf zu lesen. (ZEIT, 06.01.1995) [Seus refletores espalharam luz ofuscante sobre o monumento às vítimas.]

- "Deixem todas as almas descansar em paz aqui, pois não repetiremos esse erro", lê-se sobre ele.] (distância curta, dimensão vertical)
- (129) Das volle Oval des Gesichtes wird beherrscht von zwei großen, klug und neugierig blickenden Augen, die Nase hebt leicht ab in die Höhe, ein kleiner Mund sitzt weich darunter. (ZEIT, 27.01.1995) [O cheio oval do rosto é dominado por dois grandes olhos, inteligentes e curiosos, o nariz empina levemente para cima, uma boca pequena suave fica abaixo.] (distância curta, dimensão vertical)
- (130) An der Decke ein Kronleuchter, und daran hängt der Wirt. [No teto, um lustre de cristal e nele está pendurado o dono da casa.] (distância curta, dimensão vertical)
- (131) Für die seltenen Gäste war ein etwas abseits stehender Tisch reserviert. (ZEIT, 13.01.1995) [Para os fregueses esporádicos era reservada uma mesa que ficava um tanto afastada.] (campo externo, distância longa)
- (132) Vom köstlichen Curry, das eine Heerschar Kellner den Hotelgästen zum Dinner bei Kerzenschein serviert, können 500 Tamilenfamilien nur träumen, die wenige Kilometer entfernt in den Baracken des Flüchtlingscamps hausen. (ZEIT, 20.01.1995) [Com o Curry delicioso, servido por um exército de garçons aos hóspedes do hotel, no jantar a luz de velas, apenas podem sonhar as 500 famílias tâmeis, que habitam os barracos do campo de refugiados afastado dali alguns quilômetros.] (campo externo, distância longa)
- (133) Noch hat Christo mit seinem Opus magnum nicht begonnen, da findet seine Idee fernab in der Provinz schon ihre ersten Nachahmer. (ZEIT, 05.05.1995) [Christo mal começou o seu opus magnum, e sua idéia já tem seus primeiros imitadores lá longe no interior.] (campo externo, distância longa)
- (134) Statt dessen hat sich Böhmert hoch dosiert Fußball verschrieben. Zu Hause in Bremen und auch auswärts. (ZEIT, 16.06.1995) [Em vez disso, Böhmert prescreveu a si mesmo futebol em alta dosagem. Em casa em Bremen e também fora.] (campo externo, distância longa)
- (135) Von PGP heißt es, es habe Freiheitskämpfer in Lettland und anderswo geschützt. (ZEIT, 30.12.1994) [De PGP diz-se que protegeu guerrilheiros na Letônia e em outros lugares.] (campo externo, distância longa)
- (136) Woanders erkennen wir in düster bewölkter dunkelgrüner Dämmerung einen vollschlanken Herrn mit Schwert, Siegfried. (ZEIT, 12.05.1995) [Em outro lugar reconhecemos, num escuro crepúsculo verde nublado, um senhor forte com uma espada, Siegfried.] (campo externo, distância longa)
- (137) Seitlich neben dem Altar aufgestellt wollte Baselitz sein Bild nicht sehen. (ZEIT, 01.09.1995) [Colocado lateralmente ao lado do altar, Baselitz não queria ver seu quadro.] (distância longa, dimensão lateral)
- (138) Seine Frau Petra, die im Büro nebenan arbeitet, trägt schwere Goldohrringe. (ZEIT, 06.01.1995) [Sua mulher Petra, que trabalha no escritório ao lado, usa brincos pesados de ouro.] (distância longa, dimensão lateral)

- (139) Im Konferenzzimmer hängt das Bild des ermordeten Erzbischofs Oscar Romero. Auf eine weiße Tafel daneben hat jemand "Freiheit für Joaquim Villalobos" gekritzelt. (ZEIT, 06.01.1995) [Na sala de reuniões está pendurado o quadro do arcebispo assassinado Oscar Romero. Num mural branco ao lado, alguém rabiscou "Liberdade para Joaquim Villalobos".] (distância longa, dimensão lateral)
- (140) Die Debatte, die jenseits des Atlantiks so heftig geführt wird, ist diesseits längst überfällig. (ZEIT, 04.08.1995) [O debate, que se conduz tão veementemente, além (do outro lado) do Atlântico, deste lado (aquém) está há tempos defasado.] (distância longa, dimensão frontal)
- (141) Während wir immer noch diesseits des Flusses nach einer seichten Stelle suchten, verschwanden die anderen schon jenseits im Unterholz. [Enquanto procurávamos ainda por um lugar raso no lado de cá do rio, os outros já desapareceram além no matagal.] (distância longa, dimensão frontal)
- (142) Man betritt das Gebäude von der Avenue Céramique, an der das Museum die Hausnummer 250 führt. Rechts davor steht die nach ihrem Architekten Jan Gerko Wiebenga benannte schöne Fabrikhalle von 1911. (ZEIT, 10.03.1995) [Entra-se no edifício a partir da Avenue Céramique, na qual o museu tem o número 250. Em frente à direita fica o belo salão da fábrica de 1911 nomeado, em homenagem ao seu arquiteto, de Jan Gerko Wiebenga.] (distância longa, dimensão frontal)
- (143) Schier endlos ziehen vor den vergitterten Fenstern die sattgrünen Reisfelder vorbei, dahinter die im Monsunnebel verschleierte Berge. (ZEIT, 13.01.1995) [Quase sem fim, passa o verde saturado das plantações de arroz em frente às janelas gradeadas, ao fundo, as montanhas encobertas pela névoa da monção.] (distância longa, dimensão frontal)
- (144) Es ist sechs Uhr, und ich sitze am Fenster. Gegenüber brennt noch kein Licht. [São seis horas e eu estou sentado à janela. Em frente, a luz ainda não está acesa.] (distância longa, dimensão frontal)
- (145) Auf dem Sofa neben der Tür stapeln sich schwarze Geräte, Taschen und Kartons. Die Bilderwand darüber legt Zeugnis ab von den zwei großen Leidenschaften, die Lieven neben der Arbeit hat. (ZEIT, 06.01.1995) [No sofá ao lado da porta, amontoam-se aparelhos pretos, bolsas e caixas. O mural de fotos em cima testemunha as duas grandes paixões que Lieven mantém, fora o seu trabalho.] (distância longa, dimensão vertical)
- (146) Weiter oberhalb werden wir noch ausgedehnte brennende Abraumdeponien am Flußufer passieren, die ihren stinkenden Qualm kilometerweit durch das Flußtal schicken. (ZEIT, 28.04.1995) [Mais acima passaremos ainda por extensos depósitos de entulho em chamas, à beira do rio, que lançam sua fumaça fedorenta por quilômetros ao longo do vale.] (distância longa, dimensão vertical)
- (147) Nach der Legende stießen Irokesen auf den süßen Geschmack, als ein Krieger seinen Tomahawk in einen Baum schlug und der Saft in einen zufällig darunter stehenden Topf floß. (ZEIT, 10.02.1995) [Segundo a

lenda, os iroqueses descobriram o sabor doce quando um guerreiro meteu sua machadinha no tronco de uma árvore e a seiva escorreu para dentro de uma panela, que por coincidência estava embaixo.] (distância longa, dimensão vertical)

- (148) Wir stehen im Burgtor. Unterhalb nichts als Weinberge. [Estamos no portão do castelo. Abaixo, nada além de vinhedos.] (distância longa, dimensão vertical)

Embora o levantamento seja sem dúvida incompleto, percebe-se que também os advérbios espaciais estáticos compostos do alemão são mais numerosos que o grupo correspondente do português. Outra vez, temos uma maior concentração de elementos na parte de cima e no ramo direito do diagrama. Nos advérbios mais específicos, observamos uma série de neutralizações: do traço {campo} em *mittendrin*, *vornean* e *obenan* e do traço {distância} em *seitlich*. *Obenan* indica dimensões diferentes em campos diferentes: a dimensão vertical no campo interno e a frontal no campo externo.

Verificamos que um grupo relativamente grande dos advérbios compostos do alemão é formado a partir do elemento inicial *da-*: *dazwischen*, *daneben*, *darin*, *daran* etc. Esses são os chamados *Pronominaladverbien* [advérbios pronominais] (cf. EISENBERG 1994: 268 s.; DUDEN 1995: 365 ss.). O componente *da-* tem características em comum com o advérbio simples *da*, mas também com o determinador *der/das/die* [o/a]. A segunda parte é sempre uma adposição, cuja casa vazia destinada ao complemento é preenchida por *da-*. Essa estrutura mostra novamente que as adposições do alemão podem se posicionar tanto antes como após seus complementos. Muitas vezes, os advérbios pronominais espaciais são usados em função anafórica, para remeter a uma entidade de referência pré-mencionada, sendo que o componente *da-* indica a definitude da entidade de referência e a adposição, a relação entre ela e a entidade situada:

- (149) Hier steht der Zucker und daneben das Salz. [Aqui está o açúcar e ao lado (dele) o sal.]

Em composições cujo segundo componente é uma adposição que começa com uma vogal, intercala-se, para evitar o hiato, um *-r-* entre o *da-* e a preposição: *da-* + *-r-* + *-in* → *darin* etc. (cf. ENGEL 1988: 704). Na língua falada, e às vezes também na escrita, essas formas podem ser abreviadas, omitindo-se o *-a-* de *da-*: *darin* → *drin*, *daran* → *dran*, *darauf* → *drauf* etc.

Paralelamente à série dos advérbios pronominais com *da-*, existe uma outra com o componente inicial *hier-*, que indica menor afastamento entre o observador e a

entidade de referência: *hierbei, hierin, hieran* etc. (cf. EISENBERG 1994: 268). Também esses elementos são muitas vezes usados como anafóricos:

- (150) Die Mutter gab Rotkäppchen einen großen Korb. Hierin waren Kuchen und Wein. [A mãe deu a Chapeuzinho Vermelho uma cesta grande. Lá dentro tinha bolo e vinho.]

Uma terceira série de advérbios pronominais compostos forma-se com *wo-*: *worin, woran, worauf* etc. (cf. *ib.*). Esses servem de elementos relativos (i.e., anafóricos) ou interrogativos:

- (151) Ist das der Schrank, worin der Zucker ist? (relativo) [É este o armário em que está o açúcar?]
(152) Worin ist denn der Zucker? (interrogativo) [Dentro de que está o açúcar?]

Os advérbios com *hier-* e *wo-* inserem-se nos mesmos lugares do esquema como os formados com *da-*.

Com *dort*, por outro lado, não se formam advérbios pronominais compostos. Podem se formar, contudo, locuções adverbiais como *dort drin, dort dran, dort drauf* etc. Essas indicam um maior afastamento entre o observador e a entidade de referência. Além disso, não são usados como elementos anafóricos, e sim, como dêiticos físicos situacionais:

- (153.a) Zucker und Salz sind dort drin. [O açúcar e o sal estão lá dentro.]

Locuções do mesmo tipo formam-se também com *hier* e *da*:

- (153.b) Zucker und Salz sind hier drin. [O açúcar e o sal estão aqui dentro.]
(153.c) Zucker und Salz sind da drin. [O açúcar e o sal estão ai dentro.]

Vejamos, por último, as locuções adverbiais (cf. figura 12).

Exemplos:

- (154) Das sind wunderschöne Äpfel, aber innen drin sind sie faul. [Essas são maçãs muito bonitas, mas por dentro estão podres.] (campo interno)
(155) In der Mitte stand ein runder Eichentisch mit sieben Stühlen. [No meio tinha uma mesa redonda de carvalho com sete cadeiras.] (campo interno)

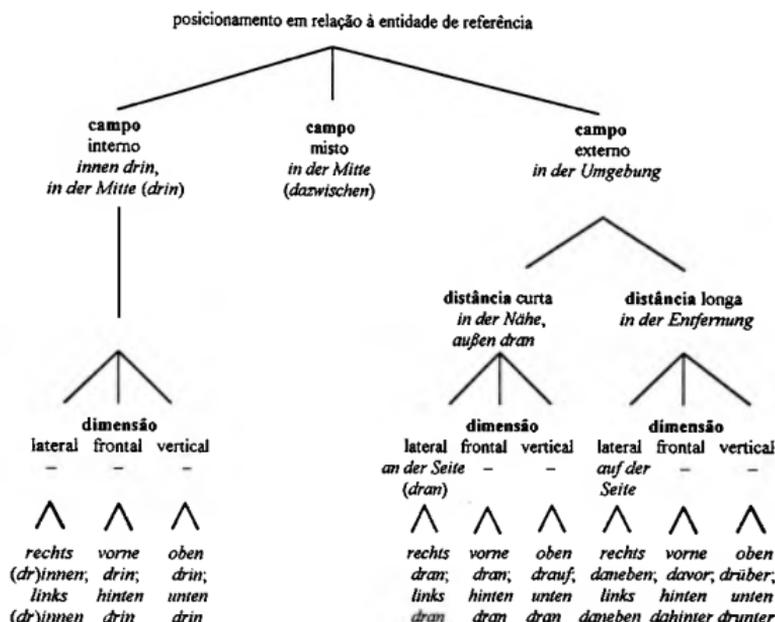


Fig. 12: As locuções adverbiais espaciais do alemão como meios de indicar relações estáticas

- (156) Die Papiere müssen in meiner Jacke sein. Schau mal rechts innen. [Os papéis devem estar no meu paletó. Olhe lá dentro à direita.] (campo interno, dimensão lateral)
- (157) Du mußt nur den Kofferraum aufmachen. Der Fußball ist gleich vorne drin. [Você só precisa abrir o porta-malas. A bola de futebol está logo na frente (lá dentro).] (campo interno, dimensão frontal)
- (158) Du mußt den Saft vorher schütteln. Sonst bleibt ja das ganze Fruchtfleisch unten drin. [Você precisa agitar o suco antes. Senão toda a polpa vai ficar por baixo (lá dentro).] (campo interno, dimensão vertical)
- (159) Auf dem Schulhof Kinder aller Hautfarben, Gustav in der Mitte dazwischen. [No pátio da escola, crianças de todas as cores, Gustavo no meio entre elas.] (campo misto)
- (160) Die Rundfunkprogramme werden von den Veranstaltern per Telefax übermittelt; fünf freie Mitarbeiterinnen, die in der Umgebung wohnen, tippen sie in Heimarbeit ins Redaktionssystem. (ZEIT, 06.01.1995) [Os programas de rádio são transmitidos pelos organizadores por fax, cinco colaboradoras free-lance, que moram nos arredores, inserem-nos, em suas casas, no sistema da redação.] (campo externo)
- (161) Diese sogenannte Aspirin-Theorie hat allerdings nicht viele Anhänger: Wo ein Kopfveh ist, muß auch ein Kopf in der Nähe sein. (ZEIT,

- 06.01.1995) [Essa assim chamada teoria da Aspirina, contudo, não tem muitos adeptos: onde há uma dor de cabeça, deve haver uma cabeça por perto.] (campo externo, distância curta)
- (162) Der Apotheker füllte die Körner in ein kleines Fläschchen mit einem bunten Etikett außen dran. [O farmacêutico pôs os grãos num pequeno frasco com um rótulo colorido no lado de fora.] (campo externo, distância curta)
- (163) Das Auto hat ja gar keinen Rückspiegel an der Seite! [Ué, este carro não tem espelho retrovisor do lado!] (distância curta, dimensão lateral)
- (164) Hier bitte, das ist der Schrank, und rechts dran hängen die Fotos. [Aqui ó, este é o armário e no lado direito dele estão penduradas as fotos.] (distância curta, dimensão lateral)
- (165) Dann habe ich ein Fahrrad gesehen mit einem Anhänger hinten dran. [Aí eu vi uma bicicleta com uma carreta a reboque atrás.] (distância curta, dimensão frontal)
- (166) Hier geht's rund ums Pferd. Warum auch nicht? Obendrauf sitzen, das kann fast jeder. (ZEIT, 30.12.1994) [Aqui tudo gira em torno de cavalos. E por quê não? Sentar lá em cima, isso quase qualquer um consegue.] (distância curta, dimensão vertical)
- (167) In der Entfernung hörte man Musik von einem Gartenfest. [A distância, ouvi-se música de uma festa num jardim.] (campo externo, distância longa)
- (168) Eine atemberaubende Schotterpiste, die sich durch das Küstengebirge schlängelt. Auf der Seite immer wieder verrostete Autowracks. [Uma estrada de cascalho de tirar o fôlego, que serpenteia pela serra litorânea. Ao lado, de vez em quando, destroços enferrujados de carros.] (distância longa, dimensão lateral)
- (169) In der Mitte ein großer, rechteckiger Durchgang, rechts daneben ein Fenster. (ZEIT, 13.01.1995) [No meio uma grande passagem retangular, ao lado à direita uma janela.] (distância longa, dimensão lateral)
- (170) Ein altes Steinhaus mit einem blauen Lattenzaun vorne davor. [Uma antiga casa de pedra com uma cerca azul de ripa na sua frente.] (distância longa, dimensão frontal)
- (171) An der Wand steht sein Schreibtisch mit einer einfachen Glühbirne oben drüber. [Encostada na parede está sua escrivaninha, com uma lâmpada simples acima dela.] (distância longa, dimensão vertical)
- (172) Liegen die Zeichnungen im Regal? – Ich glaube, sie liegen unten drunter. [Os desenhos estão na estante? – Eu acho que estão embaixo dela.] (distância longa, dimensão vertical)

Ao contrário do português, as locuções adverbiais do alemão são menos numerosas que os advérbios simples e compostos. Observa-se que grande parte delas são tautológicas, juntando dois elementos com o mesmo significado: *innen drin*, *oben drauf*, *oben drüber*, *unten drunter* etc. O primeiro componente dessas locuções é sempre um advérbio simples que sozinho já codifica a mesma relação espacial. O segundo é um advérbio pronominal, normalmente na forma

abreviada. O componente *da-* remete a uma entidade de referência definida, enquanto a adposição indica novamente a mesma relação espacial. Essas locuções são típicas da língua falada informal e raramente se usam na escrita.

As locuções tautológicas correspondem ao primeiro dos três tipos descritos nos itens 4.2.1.5. e 4.2.2.1. acima. Verificamos que esse e o terceiro tipo de locuções (simples sintagmas adposicionados) ocupam as posições de cima e do ramo direito do diagrama, para cuja codificação também existem advérbios simples e compostos, enquanto as locuções do segundo tipo (dois advérbios semanticamente complementares) se limitam às posições no ramo esquerdo do diagrama, para cuja codificação não há outros recursos.

4.2.2.2.2. Relações contextuais

As relações contextuais indicadas pelos advérbios espaciais do alemão podem ser descritas em analogia com a caracterização dos advérbios portugueses, dada no item 3.2.2.2.2. acima. *Hier* e *dort* indicam que o observador é a entidade de referência, o que corresponde ao valor [R,S]. *Da*, por outro lado, indica que a entidade de referência é definida, mas distinta do observador. R deve ser uma entidade presente na situação comunicativa, como, por exemplo, o destinatário, ou um objeto pré-mencionado no contexto. Conseqüentemente, a relação contextual indicada é [R \leftrightarrow S]. Nessa característica, *da* corresponde ao advérbio *ai* do português, com a diferença de que *ai* toma preferencialmente o interlocutor como entidade de referência. Essa restrição não é válida para *da*.

Pela simetria, podemos também incorporar os advérbios *diesseits* (*hüben*) [aquém] e *jenseits* (*drüben*) [além] na nossa descrição, como o fizemos para o português, sendo que esses últimos apresentam um comportamento semelhante a vários outros advérbios espaciais. Desse modo, obtemos o seguinte quadro:

(173)	<i>hier</i>	E,R,S
	<i>da</i>	E,R \leftrightarrow S
	<i>dort</i>	E \leftrightarrow R,S
	<i>diesseits/jenseits</i>	E \leftrightarrow R \leftrightarrow S

Como no português, precisamos distinguir no alemão, entre a orientação puramente intrínseca, a orientação intrínseco-contextual e a orientação extrínseca, em relação ao uso dos advérbios espaciais. A orientação puramente intrínseca pode ser ilustrada pelo seguinte exemplo:

- (174) Von Brücken zum Beispiel, davon liest man immer gern. Im Reiseteil der Zeitungen, oft unter "Vermischtes", auch vorne, auf der Seite eins. (ZEIT, 30.12.1994) [Sobre pontes, por exemplo, sobre isso gosta-se sempre de ler. No caderno de viagens, muitas vezes sob "Assuntos variados", também na frente, na página um.]

O advérbio *vorne* [na frente], nessa sentença, situa um suposto texto sobre pontes dentro de um jornal, no caso, em sua parte da frente. Essa parte define-se pela própria estrutura do jornal, independentemente de um possível observador (p.ex., o leitor), ou seja, a frente do jornal vai ser sempre a frente do jornal. *Vorne* indica, portanto, a relação puramente intrínseca [E,R].

A orientação intrínseco-contextual ilustra-se pelo exemplo:

- (175) Wie üblich ist das "Lipp" voll, sein historisches Interieur von 1900 farbenprächtig wie eh und je, auch dort, wo wir sitzen, nämlich hinten, während vorne die Stammgäste residieren, die wissen wollen, wer hereinkommt. (ZEIT, 19.05.1995) [Como de costume, o "Lipp" está lotado, seu interior histórico de 1900 esplendidamente colorido como sempre, também (lá) onde nós estamos sentados, a saber, na parte de trás, enquanto na frente residem os fregueses habituais que querem saber quem entra.]

Nesse caso, o lugar indicado por *vorne*, onde residem os fregueses habituais, poderia ser considerado na frente pela própria arquitetura do referido restaurante. Essa interpretação seguiria a orientação puramente intrínseca. *Vorne* indicaria, então, campo interno, dimensão frontal e direção para frente ([E,R]). Mas ficamos sabendo que existe um observador, o falante, localizado na parte de trás do restaurante. Conseqüentemente, o advérbio *vorne* é melhor interpretado a partir da perspectiva desse observador, indicando que os fregueses habituais inserem-se na dimensão e direção do seu olhar. Nessa condição, *vorne* indica campo externo, distância longa, dimensão frontal e direção para frente, sendo a entidade de referência o próprio observador ([E ↔ R,S]).

O uso extrínseco, no alemão como no português, limita-se aos advérbios que indicam dimensão e/ou direção:

- (176) Während die beiwohnenden Priester die Bestattungsliturgie sangen und die schwarz verhangenen Wagen segneten, warfen Knechte die Gebeine durch einen Schacht in die Tiefe. Dort wurden sie zu einer Wand aufgestapelt, nach vorne schön gleichmäßig mit dekorativen Schädelmustern, dahinter wild durcheinander. (ZEIT, 06.01.1995) [Enquanto os sacerdotes presentes cantavam a liturgia fúnebre e abençoavam as carroças encobertas por panos pretos, os servos

jogavam os ossos através de um poço para as profundezas. Lá, foram empilhados para formar uma parede, de maneira bem regular na frente, com ornamentos decorativos de crânios, e na parte de trás, tudo bagunçado.]

Nesse caso, *vorne* indica que a entidade situada (os ornamentos decorativos de crânios) se localiza entre a entidade de referência (a parede de ossos) e o observador. Essa constelação corresponde à orientação extrínseca, já que a parede em si não tem nem parte da frente nem de trás.

4.2.2.3. Sistemas de orientação

A seguir, analisaremos os diferentes tipos de uso dêitico possíveis com os advérbios espaciais do alemão. No item 3.2.2.3. acima, estabelecemos o seguinte diagrama para distinguir entre nove tipos de dêixis:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		1	4	7
dêixis referencial		2	5	8
dêixis extra-situacional		3	6	9

O diagrama mostra, no eixo vertical, a dêixis situacional (com a entidade de referência dentro da situação comunicativa), a dêixis referencial (com a entidade de referência no texto) e a dêixis extra-situacional (com a entidade de referência no conhecimento geral de mundo). No eixo horizontal, temos a dêixis física (com o falante e/ou o destinatário como observador), a dêixis textual (com o processador de texto como observador) e a dêixis virtual (com uma personagem fictícia na função de observador).

Em primeiro lugar, exemplificarei brevemente cada um desses tipos de dêixis no alemão.

O tipo 1 é a *dêixis física situacional*:

(177) Schau, da liegt ja das Buch, das du suchst. [Olha, ali está o livro que você procura.]

Da, nesse exemplo, parte do falante como observador dentro da situação comunicativa e localiza a entidade situada (o livro) nas proximidades de uma entidade de referência identificável no contexto.

O tipo 2 é a *dêixis física referencial*:

- (178) Rotkäppchen ging mit dem Wein und dem Kuchen in den Wald. Da begegnete ihm der Wolf. [Chapeuzinho Vermelho foi com o vinho e o bolo à floresta. Aí o lobo cruzou o seu caminho.]

Nesse caso, *da* retoma a entidade de referência mencionada na sentença anterior (a floresta).

O tipo 3, a *dêixis física extra-situacional*, engloba sentidos idiomatizados dos advérbios, como em:

- (179) Hessen ist immer noch vorne, weil alle Kräfte gemeinsam an der Strategie des politischen Nonsens gegen jeglichen Fanatismus und Fundamentalismus arbeiten. (ZEIT, 27.01.1995) [Hessen ainda está na frente porque todas as forças desenvolvem em conjunto a estratégia do *nonsense* político contra qualquer fanatismo e fundamentalismo.]

Nesse exemplo, o advérbio *vorne* quer dizer "na frente dos seus concorrentes", sendo essa entidade de referência somente inferenciável a partir do conhecimento geral de mundo.

O tipo 4 é a *dêixis textual situacional*:

- (180) Hiermit fordere ich Sie zum letzten Mal auf, den Raum zu verlassen. [Com estas palavras, intimo o senhor pela última vez a sair deste lugar.]⁴¹

Nesse exemplo, o componente *hier-* do advérbio *hiermit* remete ao signo (o enunciado) usado pelo falante para intimar o destinatário a sair do lugar. Trata-se de um elemento que reúne características de um advérbio e de um determinador sinalizador de definitude (cf. item 4.2.2.2.1. acima).

O tipo 5 é a *dêixis textual referencial*:

- (181) Oben sehen Sie ein Foto des neuen Ministers und rechts daneben seine biographischen Daten. [Acima, vê-se uma foto do novo ministro e ao lado direito, seus dados biográficos.]

⁴¹ Algumas das traduções dadas neste item são duvidosas em relação ao estilo idiomático do português. Elas devem ser entendidas em primeiro lugar como ajuda ao leitor para compreender melhor o funcionamento dos advérbios dêiticos do alemão.

Daneben [ao lado], nessa sentença, remete à foto do ministro como entidade de referência e localiza a entidade situada (os dados biográficos) na dimensão lateral em relação a ela.

O tipo 6, a *dêixis textual extra-situacional*, é raro no alemão, como no português. Um exemplo seria:

- (182) Kannst du dich erinnern, wann Goethe gelebt hat? – Tut mir leid, ich bin im Moment etwas draußen. [Você lembra quando viveu Goethe? – Sinto muito, no momento, estou um pouco por fora.]

Nesse contexto, *draußen* remete ao conhecimento geral que se espera de uma pessoa de um determinado nível cultural. A entidade situada é o falante. Ele situa-se no campo externo da entidade de referência.

O tipo 7 é a *dêixis virtual situacional*:

- (183.a) Als sie vor sich die schönen Äpfel sah, konnte sie sich kaum entscheiden, ob sie lieber diese roten hier oder lieber jene gelben dort nehmen wollte. [Quando ela viu à sua frente as maçãs bonitas, ela mal conseguiu decidir se preferia comprar estas vermelhas aquí ou aquelas amarelas ali.]

Nessa sentença, os advérbios *hier* e *dort* partem da perspectiva da referida personagem, que, ao mesmo tempo serve de entidade de referência, e localizam a entidade situada (as maçãs vermelhas e amarelas) a curta distância (no caso de *hier*) e a longa distância (no caso de *dort*), em relação a ela.

O tipo 8, a *dêixis virtual referencial*, já foi ilustrado no item 3.2.2.3. acima:

- (184) Dann kamen wir nach Rio de Janeiro. Hier (in Rio de Janeiro) war es schrecklich heiß. [Então chegamos ao Rio de Janeiro. Aquí (no Rio de Janeiro) estava terrivelmente quente.]

No alemão, diferentemente do português, ela constitui um uso bastante normal, restrito, contudo, à língua escrita.

O tipo 9, finalmente, a *dêixis virtual extra-situacional*, pode ser ilustrado por exemplos como:

- (185) Als Kind spielte sie viel lieber drin als draußen. [Quando criança, ela gostava muito mais de brincar dentro (de casa) do que fora (de casa).]

Drin [dentro] e *draußen* [fora], nesse exemplo, indicam posições no campo interno/externo de uma entidade de referência que tem que ser inferida a partir do conhecimento geral de mundo. Pela convenção, será uma casa ou um apartamento, ou seja, o lugar em que mora a família da referida criança.

4.2.2.4. Emprego dêitico dos advérbios espaciais

A seguir, analisarei mais detalhadamente as possibilidades de uso dos advérbios espaciais do alemão nesses diferentes tipos de dêixis.

4.2.2.4.1. *Hier, da e dort*

Começemos com os advérbios *hier, da e dort*. Seu uso físico situacional (tipo 1) pode ser ilustrado pelos seguintes exemplos:

- (186) "Herr Heller", fragte ich, "was ist ein schlechtes Plakat?" – "Zum Beispiel dieses hier!" sagte er (ZEIT, 30.12.1994) ["Senhor Heller", perguntei, "o que é um cartaz ruim?" – "Este aqui, por exemplo!" disse ele.] [E,R,S]
- (187) Da ist der Ausgang. [Ali fica a saída.] [E,R ⇔ S]
- (188) Ist das hier das Kleid, das ich anziehen soll? – Nein, nein, dein Kleid liegt dort. [É este aqui o vestido que eu devo pôr? – Não, não, seu vestido está lá.] [E ⇔ R,S]

Em (186), o falante é ao mesmo tempo o observador e funciona como entidade de referência. A entidade situada, o cartaz, está na sua proximidade. Em (187), a entidade situada, a saída, fica perto de uma entidade de referência não-mencionada, a distância do falante/observador. Em (188), o falante/observador funciona novamente como entidade de referência, mas a entidade situada fica longe dele. No uso físico situacional, os três advérbios indicam sempre campo externo.

O uso físico referencial (tipo 2) é possível com *da e dort*, mas não com *hier*:

- (189.a) Um zehn Uhr kam Peter in die Schule. Da/dort traf er seine Freunde.
[Às dez horas, Pedro chegou à escola. Aí/lá encontrou seus amigos.]
[E,R ⇔ S]/[E ⇔ R,S]

O observador é o falante dentro da situação comunicativa, e a entidade de referência é a escola, pré-mencionada no enunciado. Tanto *da* quanto *dort* são ambíguos nesse exemplo, i.e., podem ser interpretados como indicadores de

[E,R ⇔ S] ou de [E ⇔ R,S]. Parece-me que *da* destaca mais a proximidade entre E e R, enquanto *dort* destaca mais a distância entre E e S. Nesse sentido, temos a mesma situação que com *ai* e *lá* no português (cf. item 3.2.2.4.1. acima). Como seus correspondentes no português, *da* e *dort* podem indicar campo interno, no uso físico referencial.

O exemplo (189) com *hier*:

- (189.b) Um zehn Uhr kam Peter in die Schule. Hier traf er seine Freunde. [Às dez horas, Pedro chegou à escola. Aqui encontrou seus amigos.] [E,R,S]

tem duas interpretações. A primeira é a física situacional (tipo 1): o falante como observador e entidade de referência encontra-se na escola. A partir dessa perspectiva, usa o advérbio *hier*. A segunda é a virtual referencial (tipo 8): a entidade de referência é a escola pré-mencionada e a perspectiva é a de um observador virtual que está aí situado. Ambas as interpretações não pertencem ao uso físico referencial.

O uso físico extra-situacional (tipo 3) de *da* pode ser ilustrado pelo exemplo:

- (190) Ist Ihre Frau zu Hause? – Nein, sie ist nicht da. [A sua esposa está em casa? – Não, ela não está (em casa).]

DIEWALD (1991: 154 ss.) sugere que *da*, em casos desse tipo, codifica uma relação idêntica à codificada por *hier*, que em nosso modelo só poderia corresponder à fórmula [E,R,S], na dêixis física situacional. Essa hipótese, no entanto, nos obrigaria a explicar por que *da* indica relações diferentes, dependendo do contexto. A interpretação do exemplo (190) como dêixis extra-situacional é mais econômica. Com ela, o valor semântico de *da* continua sempre [E,R ⇔ S], traduzível pela paráfrase "no lugar esperado". Essa relação não pode ser codificada por *hier*, de modo que não precisamos (nem podemos) assumir sinonímia parcial de *hier* e *da*. *Hier* e *dort* são sempre dêiticos situacionais ou referenciais, enquanto *da* pode também assumir um valor extra-situacional.

O uso textual situacional (tipo 4) de *hier* já foi exemplificado pela sentença:

- (180) Hiermit fordere ich Sie zum letzten Mal auf, den Raum zu verlassen. [Com estas palavras, intimo o senhor pela última vez a sair deste lugar.] [E,R,S]

Um outro exemplo seria:

- (191.a) Es handelt sich hier um einen Befehl. [Trata-se aqui de uma ordem./Isto é uma ordem.] [E,R,S]

Em (191.a), a entidade situada é a ordem efetuada pelo falante, que se situa no enunciado por ele produzido (a entidade de referência). O enunciado, por sua vez, situa-se nas proximidades do falante/observador (dentro da situação comunicativa). O advérbio *hier* funciona praticamente como pronome dêitico.

O uso textual situacional não é possível com *da* ou *dort*:

- (191.b) Es handelt sich da um einen Befehl. [Trata-se ai de (isso é) uma ordem.] [E,R ↔ S]
(191.c) Es handelt sich dort um einen Befehl. [Trata-se ali de (aquilo é) uma ordem.] [E ↔ R,S]

Com *da*, a entidade de referência (o enunciado) deve ficar longe do falante (p.ex., como enunciado de uma outra pessoa). Nesse caso, R precisaria ser pré-mencionado para ser identificável (uso referencial). Com *dort*, a entidade situada E (a ordem) teria que ficar longe do falante, que seria ao mesmo tempo a entidade de referência. Nessa condição, E precisaria ser pré-mencionado para ser identificável (também uso referencial).

O uso textual referencial (tipo 5) existe com *hier* e *dort*. Ele ocorre quando se pretende discriminar entre duas entidades pré-mencionadas, conforme a distância textual entre o advérbio e seu antecedente:

- (192) Vom Lago Maggiore fuhren wir an den Gardasee. Hier blühten schon die Mandelbäume, während es dort noch geschneit hatte. [Do Lago Maior fomos até o Lago de Garda. Aqui já estavam florescendo as amendoeiras, enquanto lá ainda nevava.]

Nesse exemplo, o advérbio *hier* indica que a entidade de referência (o antecedente) está perto do lugar textual do observador (o lugar do advérbio) e *dort* indica a localização afastada da entidade de referência. Dessa forma, fica claro que *hier* se refere ao Lago de Garda e *dort*, ao Lago Maior. A relação espacial indicada por *hier* corresponde à fórmula [E,R,S], o que equivale ao valor indicado por esse advérbio em seus outros usos. *Dort*, pelo contrário, assume um valor no uso textual referencial (como também no uso físico referencial, tipo 3) que se distingue do seu valor nos outros usos, e que corresponde à relação [E,R ↔ S], normalmente indicada por *da*. Temos aqui a mesma situação que descrevemos para o uso textual referencial de *alillá* no português (vide item

3.2.2.4.1. acima). No seu uso textual referencial, *hier* e *dort* podem também indicar campo interno.

A interpretação de *da* como dêitico textual referencial é pouco provável, uma vez que *da* não destaca a distância. Em um exemplo como:

- (193) Dieses Jahr haben wir vier Wochen unseres Urlaubs in Italien verbracht. So lange sind wir zuletzt 1982 da gewesen. [Neste ano passamos quatro semanas das nossas férias na Itália. Ficamos lá o mesmo tanto pela última vez em 1982.] [E,R ↔ S],

da receberá uma interpretação como dêitico físico referencial (tipo 2).

O uso textual extra-situacional (tipo 6) de *hier*, *da* e *dort* não existe.

Para o uso virtual situacional (tipo 7), já vimos o exemplo:

- (183.a) Als sie vor sich die schönen Äpfel sah, konnte sie sich kaum entscheiden, ob sie lieber diese roten hier oder lieber jene gelben dort nehmen wollte. [Quando ela viu à sua frente as maçãs bonitas, mal conseguiu decidir se preferia comprar estas vermelhas aqui ou aquelas amarelas ali.]

Nesse exemplo, o observador é identificado com a personagem da história (ela), que serve ao mesmo tempo de entidade de referência. A entidade situada (as maçãs) fica perto dessa pessoa, no caso de *hier* [E,R,S] e longe dela, no caso de *dort* [E ↔ R,S].

O advérbio *da* também pode ter esse uso, assumindo um valor semelhante a *dort*:

- (183.b) Als sie vor sich so viele schöne Äpfel sah, konnte sie sich nicht entscheiden, ob sie die roten hier nehmen sollte oder lieber die gelben da. [Quando ela viu à sua frente tantas maçãs bonitas, não conseguiu decidir se preferia comprar as vermelhas aqui ou as amarelas ali.]

Enquanto *dort* indica simplesmente que as maçãs estão afastadas do observador, *da* indica que elas ficam perto de algum outro objeto não mencionado, mas identificável para o observador dentro da situação. Pragmaticamente, essa diferença pode ser interpretada no sentido de que *die gelben Äpfel da* estão a menor distância do observador do que *die gelben Äpfel dort*.

O uso virtual referencial (tipo 8) de *hier* já foi ilustrado e discutido a partir do exemplo:

- (184) Dann kamen wir nach Rio de Janeiro. Hier (in Rio de Janeiro) war es schrecklich heiß. [Então chegamos ao Rio de Janeiro. Aqui (no Rio de Janeiro) estava terrivelmente quente.]

Esse uso é mais típico para o alemão que para o português. Em geral, ele sugere ao receptor uma evocação bastante viva da referida situação.

Também *dort* permite o uso virtual referencial, particularmente em oposição direta a *hier*:

- (194.a) Von zu Hause begab er sich auf den Marktplatz. Während dort nur seine Frau geschimpft hatte, erwartete ihn hier schon eine wütende Menschenmenge. [De casa, ele dirigiu-se para a praça. Enquanto lá (na sua casa) apenas a mulher xingava, havia aqui (na praça) uma multidão furiosa esperando-o.]

Nesse caso, *dort* indica que a entidade situada (o xingar da sua mulher) se localiza no campo interno da entidade de referência (sua casa), que fica longe do lugar em que está o observador (o personagem no momento em que chega à praça) [E,R ↔ S]. Esse valor é o mesmo indicado por *dort* em seus usos físico referencial (tipo 2) e textual referencial (tipo 5). *Hier*, por outro lado, indica que a entidade situada (a multidão furiosa) se localiza no campo interno da entidade de referência (a praça), que fica perto do observador ([E,R,S]).

Um uso correspondente de *da* é possível, com o mesmo efeito descrito para seu uso virtual situacional:

- (194.b) Von zu Hause begab er sich auf den Marktplatz. Während da nur seine Frau geschimpft hatte, erwartete ihn hier schon eine wütende Menschenmenge. [De casa, ele dirigiu-se para a praça. Enquanto lá (na sua casa) apenas a mulher xingava, havia aqui (na praça) uma multidão furiosa esperando-o.]

mas parece-me menos provável, uma vez que não indica uma oposição nítida entre a localização da praça (perto do observador) e da sua casa (perto de uma outra entidade não mencionada). Por isso, não serve muito bem para estimular uma evocação viva da situação.

O uso virtual extra-situacional (tipo 9), assim como o uso físico extra-situacional (tipo 3), é possível com *da*. Podemos pensar em exemplos como:

- (195) Sie wollte gern mit Hans sprechen, aber er war nicht da. [Ela queria conversar com Hans, mas ele não estava (lá).]

Esse caso é plenamente paralelo ao uso físico extra-situacional, com a única diferença de que a perspectiva é a de uma personagem narrada e não a de um observador presente na situação comunicativa.

Além disso, as fórmulas *hier und da* e *hier und dort* [aqui e ali] são exemplos desse tipo de dêixis:

- (196) Wer die teuren Modestraßen von Mailand und Paris kennt und in diesen Tagen die New Yorker Fifth Avenue entlanggeht, wundert sich. An den Frauen, die mit schnellen Schritten und hochehobenen Köpfen vorüberziehen, glänzt nichts. Keine Goldnadel, keine Kette, kein Ohrring – höchstens hier und da ein Clip aus grünem Malachit oder eine Perle. (ZEIT, 30.12.1994) [Quem conhece as caras ruas de moda de Milão e Paris e anda, nestes dias, pela Quinta Avenida de Nova Iorque, admira-se. Nas mulheres que passam correndo, com passos rápidos e cabeças empenadas, nada brilha. Nenhum alfinete de ouro, nenhuma corrente, nenhum brinco – no máximo, aqui e ali, um clipe de malaquita verde ou uma pérola.]
- (197) Schnurgerade, schmale Alleen versinken irgendwo im Dunst des Horizonts. Über die weiten, ebenen Felder hallt Hundegebell. Schnee knirscht unter den Füßen. In den Vorgärten grunzen Ferkel, schnattern Enten, hier und dort brüllt eine Kuh. (ZEIT, 28.04.1995) [Alamedas estreitas e completamente retas afundam, em algum lugar, na névoa do horizonte. Sobre os campos amplos e planos ecoam latidos de cachorros. Neve range sob os pés. Nos jardins frontais roncam leitões, grasnam patos, aqui e ali muge uma vaca.]

Podemos resumir as possibilidades de uso dêitico de *hier*, *da* e *dort* no seguinte quadro:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		<i>hier, da, dort</i>	<i>hier</i>	<i>hier, da, dort</i>
dêixis referencial		<i>da, dort</i>	<i>hier, dort</i>	<i>hier, da, dort</i>
dêixis extra-situacional		<i>da</i>	–	<i>hier, da, dort</i>

Diferentemente do português, onde *aqui* e *lá* apresentam mais possibilidades de uso que *ali* e *aí*, temos no alemão uma distribuição equilibrada. Em geral, as possibilidades e variantes assemelham-se bastante entre o alemão e o português. Nas duas línguas ocorrem as neutralizações parciais da diferença entre *aí/alí/lá* e *da/dort* e da oposição entre campo interno e externo, no uso referencial.

Para destacar melhor as diferenças entre *hier*, *da* e *dort* e seus equivalentes no português, é interessante compará-los de maneira ainda mais aprofundada. FIORIN (1996: 269 s.) observa, seguindo Mattoso Câmara (cf. item 3.2.2.2.2. acima), que no português existem dois sistemas paralelos de advérbios. Modificando levemente sua análise, podemos dizer que ambos os sistemas são triádicos. O primeiro sistema, *aqui*, *ai* e *ali*, contém dois termos, *aqui* e *ai*, que codificam a relação intrínseca [E,R] (relação de proximidade), enquanto o terceiro, *ali*, codifica [E ↔ R] (relação de afastamento). O segundo sistema, *cá*, *lá* e *acolá*, possui a arquitetura inversa: um termo, *cá*, codifica a relação de proximidade [E,R], e dois, *lá* e *acolá*, afastamento [E ↔ R]. Os sistemas podem ser visualizados pelo seguinte gráfico:

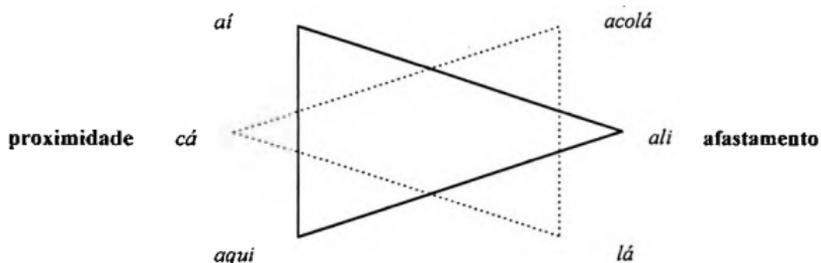


Fig. 13: Os dois sistemas triádicos de advérbios espaciais do português

Em cada sistema existem dois advérbios que codificam a mesma relação intrínseca. Um deles é o termo não-marcado e o outro, o termo marcado. Entre *aqui* e *ai*, *aqui* é não-marcado, indicando proximidade a qualquer R próximo ao falante, e *ai*, marcado, indicando proximidade a outro R. Entre *lá* e *acolá*, *lá* é não-marcado, indicando qualquer E afastado, e *acolá*, marcado, indicando outro E afastado. O termo não-marcado pode ser utilizado em todos os contextos em que o traço particular do termo marcado não importa. Assim, usa-se *aqui* para fazer referência a qualquer entidade próxima à situação comunicativa, incluindo nessa situação o destinatário e outras entidades presentes. Somente quando importa distinguir entre o falante e outro ser na função de R, usa-se *ai*. Da mesma forma, usa-se *lá* para fazer referência a qualquer entidade afastada da situação comunicativa, e somente quando é relevante distinguir entre duas entidades afastadas, começa-se a usar *acolá*.

Os termos solitários *cá* e *ali* também possuem marcação intrassistêmica, pelos contrastes com *lá* e *aqui* (proximidade vs. afastamento). Além disso, entram em contraste e adquirem marcação na interação entre os dois sistemas. Esses contrastes intersistêmicos existem entre *cá* e o termo não-marcado indicador de proximidade, *aqui*, e entre *ali* e o termo não-marcado indicador de afastamento,

lá. Entre *aqui* e *cá*, o primeiro especializou-se na codificação de relações estáticas e o segundo, na codificação de relações dinâmicas. Entre *ali* e *lá*, o primeiro especializou-se na dêixis situacional e o segundo, na dêixis referencial. A especialização de *cá* fica mais forte que a de *aqui* e a especialização de *ali*, mais forte que a de *lá*, de forma que *cá* e *ali* se tornaram elementos duplamente marcados.

No alemão existe apenas um sistema triádico, composto de *hier*, *da* e *dort*. *Hier* e *da* codificam a relação de proximidade [E,R] e *dort*, a relação de afastamento [E ⇔ R]:

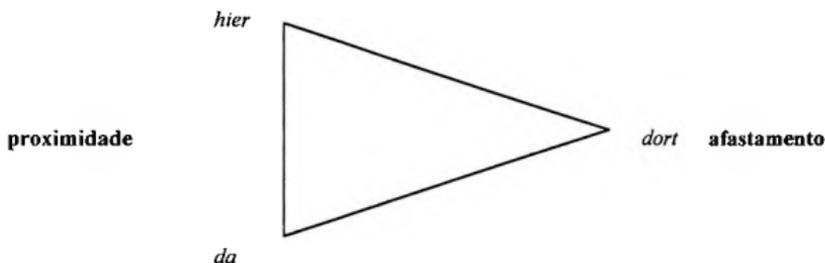


Fig. 14: O sistema triádico de advérbios espaciais do alemão

Na oposição entre *hier* e *da*, *da* é o termo não-marcado que pode ser usado em todos os contextos em que a entidade de referência é identificável na situação comunicativa, enquanto *hier* é usado somente quando for relevante que a entidade de referência seja o observador. Isso significa que a marcação intrassistêmica entre *da* e *hier* inverte exatamente a relação de marcação existente entre *aqui* e *ai*.

Analiseemos, com maior detalhamento, o uso de *da*, sem dúvida um dos elementos mais interessantes da língua alemã. Segundo DIEWALD (1991: 154 ss.), trata-se de um "arquidêitico" que não determina claramente a distância entre E e S, mas que sinaliza "a pressuposição da existência da entidade apresentada"⁴² (ib.: 155), que corresponde à nossa entidade situada.

Primeiramente, observamos que *da* não se restringe ao sentido espacial, mas tem também variantes temporais, causais e modais (cf. DIEWALD 1991: 155; DUDEN 1989: 312):

⁴² "(...) die Präsupposition der Existenz des 'Präsentierten'."

- (198) Am 30. Januar 1933 ergriff Hitler die Macht. Da (zu diesem Zeitpunkt) begann das sogenannte Dritte Reich. [Em 30 de janeiro de 1933, Hitler assumiu o poder. Aí (nesse momento) começou o assim chamado Terceiro Império.] (advérbio com sentido temporal)
- (199) Als ich am Abend allein zu Hause war, hörte ich plötzlich ein Geräusch an der Wohnungstür, als ob jemand von außen die Tür öffnete. Da (zu diesem Zeitpunkt/aus diesem Grund) habe ich mich schnell im Schlafzimmer im Kleiderschrank versteckt. [Quando estava à noite sozinho em casa, ouvi de repente um barulho na entrada do apartamento, como se alguém abrisse por fora a porta. Aí (nesse momento/por esse motivo), fui me esconder rapidamente no armário de roupas no quarto.] (advérbio com sentido temporal-causal)
- (200) Ich habe Alkohol auf die Kohlen gegossen. Da (aus diesem Grund/unter dieser Bedingung) brennen sie sehr gut. [Derramei álcool sobre o carvão. Dáí (por esse motivo/nessa condição) ele queima muito bem.] (advérbio com sentido causal-condicional)
- (201) Maria muß sich auf die Prüfung vorbereiten. Da (unter dieser Bedingung/angesichts dieser Notwendigkeit) kann sie nicht ins Kino gehen. [Maria precisa se preparar para a prova. Aí (nessa condição/em vista dessa necessidade), ela não pode ir ao cinema.] (advérbio com sentido condicional-modal)

Além disso, *da* ocorre também como conjunção, num uso claramente derivado do uso adverbial. Como conjunção, ele está em alternância com *wo* [onde], com o qual compartilha a semântica basicamente espacial. O sentido de ambos pode se estender novamente à temporalidade, causalidade e modalidade. O uso espacial de *da* como conjunção, que está mais próximo do uso adverbial, é obsoleto hoje em dia:

- (202.a) Da (wo) ich bin, könnt ihr nicht hinkommen. [Onde eu estou, vós não podeis vir.] (João 7,34; cf. PAUL 1992: 157) (advérbio → conjunção, com sentido espacial; uso obsoleto, talvez ainda raramente na linguagem bíblica)
- (203) Da (als) die Engel von ihnen gen Himmel fuhren, sprachen die Hirten untereinander: Laßt uns nun gehen nach Bethlehem. [Logo que os anjos se retiraram deles para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos já até Belém.] (Lucas, 2,15) (conjunção com sentido temporal; uso quase obsoleto)
- (204) Als ich jung war, war ich Optimist. Jetzt, da (wo) ich alt bin, bin ich vorsichtiger. [Quando eu era jovem, era otimista. Agora que sou velho, sou mais cuidadoso.] (conjunção com sentido temporal-causal; uso literário)
- (205) Da (wo) es den ganzen Tag geregnet hat, hat sie nicht eingekauft. [Como choveu o dia todo, ela não foi fazer compras.] (conjunção com sentido causal)

- (206) Da (wo) du schon hier bist, kannst du auch zum Abendessen bleiben.
[Já que você está aqui, pode ficar para jantar.] (conjunção com sentido condicional-modal)

Na língua alemã contemporânea, usa-se a conjunção *da* principalmente nos seus sentidos causais, condicionais e modais e apenas raramente no sentido temporal. A conjunção *wo* continua comum em todos os sentidos mencionados, inclusive como advérbio/conjunção espacial.

Os modelos tradicionais utilizados para analisar a semântica de *hier*, *da* e *dort* baseiam-se na relação entre apenas duas entidades: a entidade situada e a entidade de referência (cf. DIEWALD 1991: 133 ss.). O observador é geralmente ignorado. No caso de *hier* e *dort*, isso não leva a dificuldades, já que a entidade de referência é normalmente o observador. Mas uma análise satisfatória de *da* só pode ser elaborada a partir de uma distinção clara entre os dois.

Em ambas as suas funções, como advérbio e como conjunção, *da* indica que a entidade de referência é identificável no contexto, mas não é o observador. Analisemos, sob essa perspectiva, os exemplos acima. Em (198), a entidade de referência temporal é o estado de coisas de que Hitler assume o poder. A entidade temporalmente situada em relação a esse R é o estado de coisas de o Terceiro Império começar (sobre a semântica relacional da temporalidade, cf. BLÜHDORN 1999 a). Em (199), a entidade de referência temporal-causal é o estado de coisas de que o personagem ouve um barulho na entrada do apartamento, e a entidade temporal/causalmente situada é o estado de coisas de ele se esconder no armário. Em (200), a entidade de referência causal-condicional é o estado de coisas de que o falante derramou álcool sobre o carvão, e a entidade causal/condicionalmente situada é o estado de coisas de o carvão queimar muito bem (sobre a semântica relacional da causalidade, cf. BLÜHDORN 1999 b). Em (201), a entidade de referência condicional-modal é o estado de coisas de que Maria precisa se preparar para a prova, e a entidade condicional/modalmente situada é o estado de coisas de ela não poder ir ao cinema (sobre a semântica relacional da modalidade, cf. BLÜHDORN & GUEDES EVANGELISTA 1999).

Na sua função de conjunção, em (202.a):

- (202.a) Da ich bin, könnt ihr nicht hinkommen. [Onde eu estou, vós não podeis vir.],

da remete ao falante (*ich* – Jesus) como entidade de referência (R). A entidade espacialmente situada em relação a ele (E) são os destinatários (*ihr*), que queriam

estar nas suas proximidades ([E,R]). Mas essa localização é só imaginária, pois diz o falante que os destinatários não podem chegar lá na realidade. O observador também são os destinatários, mas em sua localização real, afastada do falante ([E,R ↔ S]).

Reticoricamente, esse exemplo é muito interessante. Como a entidade de referência é o falante e a entidade situada se localiza a curta distância dele, o falante poderia ter usado o elemento *hier* em vez de *da*:

(202.b) Hier, wo ich bin, könnt ihr nicht hinkommen. [Aqui onde eu estou, vós não podeis vir.]

Nessa condição, ele adotaria sua própria perspectiva de observador ([E,R,S]), o que inclusive combinaria bem com o verbo *kommen* [vir]. Por outro lado, o prefixo *hin-*, que indica um deslocamento que se afasta do observador, parece um tanto fora de lugar. De acordo com a mesma perspectiva, o prefixo deveria ser *her-*, que indica um deslocamento que se aproxima do observador:

(202.c) Hier, wo ich bin, könnt ihr nicht herkommen. [Para cá, onde eu estou, vós não podeis vir.]

Ao usar, na sentença original, o advérbio *da* e o prefixo *hin-*, o falante indica que o observador está de fato a distância em relação a ele, ou seja, corresponde aos destinatários. Mas essa perspectiva também não é mantida na sentença toda. Se o falante tivesse desejado adotá-la plenamente, deveria ter falado:

(202.d) Da ich bin, könnt ihr nicht hingehen. [Lá, onde eu estou, vós não podeis ir.]

Nesse caso, inclusive, poderia ter escolhido a terceira pessoa do singular para fazer referência a si mesmo, como Jesus costumava fazer em outros contextos (p.ex., "o filho do homem"; Lucas 18,31):

(202.e) Da der Menschensohn ist, könnt ihr nicht hingehen. [Lá, onde está o filho do homem, vós não podeis ir.]

A sentença original apresenta, portanto, uma mistura das perspectivas do falante (*ich*, *ihr*, *kommen*) e dos destinatários (*da*, *gehen*). Verificamos que cada uma das perspectivas, se não fosse misturada com a outra, destacaria bastante a distância da qual a sentença fala. Já pela mistura das perspectivas, ou seja, pela adoção parcial da perspectiva dos destinatários, o falante reduz perceptivelmente a distância, fazendo com que ela pareça menos assustadora para os destinatários.

No exemplo (203):

- (203) Da die Engel von ihnen gen Himmel führen, sprachen die Hirten untereinander: Laßt uns nun gehen nach Bethlehem. [Logo que os anjos se retiraram deles para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos já até Belém.],

a conjunção temporal *da* toma como entidade de referência o estado de coisas de que os anjos se retiram para o céu e como entidade situada o estado de coisas de os pastores falarem uns aos outros. Em (204):

- (204) Als ich jung war, war ich Optimist. Jetzt, da ich alt bin, bin ich vorsichtiger. [Quando eu era jovem, era otimista. Agora que sou velho, sou mais cuidadoso.],

a conjunção temporal-causal *da* toma como R o estado de coisas de que o falante é velho e como E o estado de coisas de ele ser mais cuidadoso. Em (205):

- (205) Da es den ganzen Tag geregnet hat, hat sie nicht eingekauft. [Como choveu o dia todo, ela não foi fazer compras.],

a conjunção causal *da* toma como R o estado de coisas de que choveu o dia todo e como E o estado de coisas de a referida pessoa não ter feito compras, e em (206):

- (206) Da du schon hier bist, kannst du auch zum Abendessen bleiben. [Já que você está aqui, pode ficar para jantar.],

a conjunção condicional-modal *da* toma como R o estado de coisas de que o destinatário está nas proximidades do falante e como E o estado de coisas de ele poder ficar para jantar.

Em todos os casos discutidos, o observador é o falante/narrador, que está distanciado dos estados de coisas aos quais se refere. Observamos também que *da* nos sentidos não-espaciais, seja como advérbio ou como conjunção, sempre requer que a entidade de referência seja explicitamente mencionada: no caso do advérbio, pré, no caso da conjunção, pós-mencionada. Ambas as variantes de *da* são, portanto, dêiticos referenciais, o advérbio, do tipo anafórico e a conjunção, do tipo catafórico. Seu sentido corresponde sempre à fórmula [E,R ↔ S].

Como já vimos no item 4.2.2.2.1. acima, *da*, bem como *hier* e *wo* (mas não *dort*), forma advérbios compostos pronominais, juntando-se com adposições,

p.ex., *darin* [nisso, lá dentro], *dabei* [perto disso, perto de lá], *darauf* [nisso, sobre isso, lá em cima], *daneben* [ao lado disso, lá ao lado] etc. Nesses elementos, o componente *da* é, na grande maioria das vezes, um dêitico referencial anafórico, como em (207) e (208):

- (207) Auf einer Meierei, / Da war einmal ein braves Huhn, / Das legte, wie die Hühner tun, / An jedem Tag ein Ei (...) / Es war ein Teich dabei, / Darin ein braver Karpfen saß / Und stillvergnügt sein Futter fraß (...) (Heinrich Seidel, *Das Huhn und der Karpfen*) [Numa fazenda, / Ai era uma vez uma galinha honesta, / Que punha, como as galinhas costumam fazer, / A cada dia um ovo (...) Tinha um lago lá perto, / Em que vivia uma carpa bem-comportada / Que comia sua ração, contente consigo mesma.]
- (208) Siegfried K. (48) betritt selbstbewußt den Saal. Energisch ergreift er einen Stuhl und plaziert seine prall gefüllte Aktentasche darauf. (ZET, 30.12.1994) [Siegfried K. (48) adentra, consciente de si, o salão. Energicamente apanha uma cadeira e assenta sua pasta repleta sobre ela.]

O mesmo ocorre com *hier-* e *wo-*:

- (209) Das Ehepaar M. ließ sich auf einer Wiese nieder. Herr M. breitete auf dem Gras ein mitgebrachtes weißes Tischtuch aus und legte hierauf die Würste, die Frau M. aus dem Picknickkorb zog. [O casal M. sentou-se num prado. O sr. M. estendeu na grama uma toalha de mesa branca que trouxeram e colocou sobre ela os salsichões que a sra. M. tirou da cesta de piquenique.]
- (210) Im Garten wurde ein Tisch aufgestellt, worauf man das Bierfaß setzte. [No jardim foi montada uma mesa, sobre a qual se colocou o barril de chope.]

O uso desses advérbios como indicadores de definitude (identificabilidade no contexto) não se restringe a contextos em que podem ser interpretados com sentido espacial. Os seguintes exemplos comprovam que a mesma função ocorre em composições com adposições temporais e causais e também com adposições regidas:

- (211) Die beiden Frauen kennen sich aus Tunis; auch Fatmeh Birnawi, die vor siebenundzwanzig Jahren ein Jerusalemer Kino in die Luft gesprengt hat und danach lange Zeit in israelischer Haft saß, ist erst kürzlich in den Gazastreifen gekommen. (ZET, 30.12.1994) [As duas mulheres conhecem-se de Tunis; também Fatmeh Birnawi, que há vinte e sete anos atrás explodiu um cinema em Jerusalém e, depois disso, esteve durante muito tempo em detenção israelita, chegou apenas recentemente à Faixa de Gaza.] (com adposição temporal)

- (212) Santamaria ist Rechtsanwalt und vermittelte schon früher zwischen Arbeitern und Unternehmern, wobei er, wie er sagt, "ein wenig Konflikterfahrung" sammelte. (ZEIT, 06.01.1995) [Santamaria é advogado e já intermediava no passado entre trabalhadores e empresários, atividade essa em que, como afirma, acumulou "um pouco de experiência em conflitos".] (com adposição temporal)
- (213) Jetzt muß der Osten Luft holen, nachdenken und sich selber wieder erkennen können. Darum brauchen wir diese Diskussion. (ZEIT, 30.12.1994) [Agora o Leste precisa poder respirar, refletir e reconhecer novamente a si mesmo. Por isso, precisamos dessa discussão.] (com adposição causal)
- (214) Ich kann mir den Tod von Jeanne-Claude nicht vorstellen. Ich will nicht daran denken. (ZEIT, 02.06.1995) [Não consigo imaginar a morte de Jeanne-Claude. Não quero pensar nisso.] (com adposição regida)
- (215) Die Bareis-Kommission behauptet einerseits, alle Einkunftsarten gleichmäßig behandeln zu wollen. Andererseits schreckt sie hiervor dann doch zurück. (ZEIT, 21.06.1996) [A comissão de Bareis afirma, por um lado, que quer tratar todos os tipos de renda de maneira uniforme. Por outro lado, recua justamente disso com receio.] (com adposição regida)

A única restrição é a de que não se pode ter um ser humano como entidade de referência. Como regra geral, os advérbios pronominais usam-se somente com entidades de referência não-humanas, enquanto com seres humanos se usa o pronome pessoal regido pela respectiva adposição⁴³:

- (217) Noch wie betäubt, streift sich der Fluggast langsam die Schlafmaske vom Gesicht und reibt sich die Augen. Schließlich blickt er in das leicht ungeduldige Gesicht einer Stewardess. Offenbar möchte sie jetzt endlich das Tablett mit dem Frühstück bei ihm/*dabei loswerden. (ZEIT, 06.01.1995) [Ainda um tanto aturdido, o passageiro tira devagar a máscara de dormir do seu rosto e esfrega os olhos. Por fim, olha para o rosto um pouco impaciente de uma aeromoça. Parece que ela gostaria de despachar finalmente a bandeja com o café da manhã para ele.]
- (218) Es gab Gefängnis ohne Bewährung für einen Grenzzoffizier, der einen Flüchtling erschossen hatte, als der schon festgenommen war und wehrios vor ihm/*davor lag. (ZEIT, 06.01.1995) [Foi dada pena de prisão sem condicional para um oficial de fronteira que matara um

⁴³ Essa restrição não é válida para o elemento *wo*, que se usa, nos dialetos do sul da Alemanha e na língua falada sub-standard, como pronome relativo:

- (216) Lang schon, vor ich selber ans Heiraten denkt hab, war Feindschaft zwischen die Brüder. Jeder hat an Schatz ghabt, jeder hat am Hof bleiben wollen, und keiner is drauf eingangen, daß der, wo aussieiret, bloß die Zinsen kriegt, derweil 's Geld am Haus bleibt. (Ludwig Ganghofer, *Die Seeleinersleut*). [Há muito tempo, antes de eu mesma pensar em casamento, havia inimizade entre os irmãos. Cada um tinha um amorzinho, os dois queriam ficar no patrimônio e nenhum consentia que aquele que se casar com uma pessoa de fora só receba os rendimentos, enquanto o dinheiro permaneça na casa.]

fugitivo a tiros quando este já havia sido preso e estava deitado indefeso na sua frente.]

Podemos, em resumo, descrever o valor semântico de *da* mediante quatro traços. *Da*

- (i) sinaliza a definitude de R (e não de E, como DIEWALD (1991: 155) assume),
- (ii) atribui o valor $[E, R]$ à relação intrínseca, característica essa compartilhada com *hier*,
- (iii) atribui o valor $[E \leftrightarrow S]$ à relação espacial, característica essa compartilhada com *dort*, e
- (iv) atribui o valor $[R \leftrightarrow S]$ à relação contextual, i.e., exclui que a entidade de referência possa ser o observador.

Entre esses traços existe uma hierarquia em termos de relevância, sendo que o primeiro é o mais importante e o último, o menos importante.

Por um lado, percebe-se que o significado de *da* é bastante semelhante ao de *ai*. Ambos compartilham a codificação da relação $[E, R \leftrightarrow S]$, indicam identificabilidade contextual da entidade de referência e excluem o observador nessa função. Por outro lado, é que a atualização comunicativa desse valor semântico, ou seja, a hierarquia dos quatro traços mencionados, difere entre as duas línguas.

Da sugere primeiramente uma interpretação referencial, tanto na língua falada quanto na escrita. A interpretação situacional, com a possibilidade de inserir o destinatário como entidade de referência, existe, mas é apenas uma entre várias possibilidades e certamente não a mais típica. Além do uso na dêixis física, *da* permite também o uso na dêixis virtual.

O uso de *ai*, por outro lado, é mais típico na dêixis física situacional, com o destinatário como entidade de referência. Também tem um uso físico referencial, mas esse limita-se praticamente à língua escrita. Isso corresponde a dizer que a seqüência dos quatro traços é exatamente a inversa. *Aí*

- (i) atribui o valor $[R \leftrightarrow S]$ à relação contextual, i.e., exclui que a entidade de referência possa ser o observador,
- (ii) atribui o valor $[E \leftrightarrow S]$ à relação espacial, característica essa compartilhada com *allíá*,
- (iii) atribui o valor $[E, R]$ à relação intrínseca, característica essa compartilhada com *aquí*, e
- (iv) sinaliza a definitude de R.

Enquanto *da* é o advérbio menos marcado do sistema alemão, *ai* é um elemento marcado no sistema do português. O elemento menos marcado do sistema duplo do português, é *lá*, enquanto *dort*, no alemão, que em muitos aspectos parece seu equivalente, é um elemento marcado. *Aqui*, no português, é um elemento de marcação fraca. Está apenas em uma oposição intersistêmica com *lá*, em que é marcado para proximidade, enquanto *lá* pode neutralizar o traço {distância} no uso referencial. *Hier*, em alemão, também é um elemento marcado (para proximidade ao falante).⁴⁴

4.2.2.4.2. *Diesseits e jenseits, hūben e drūben*

Os advérbios *diesseits* e *jenseits*, como seus equivalentes *aquém* e *além* no português, são menos usados no alemão contemporâneo que as preposições correspondentes. *Jenseits*, diferentemente de *além* (cf. item 3.2.2.4.2. acima), possui apenas um único uso, que corresponde à fórmula [E ↔ R ↔ S]. *Diesseits*, por outro lado, tem dois usos distintos, assim como *aquém* no português, mas com valores diferentes.

O uso físico situacional (tipo 1) de *jenseits* pode ser ilustrado por um exemplo como:

⁴⁴ As estruturas divergentes de oposições e marcação nos sistemas triádicos dos advérbios espaciais do português e do alemão levam a cinco fenômenos de interferência, característicos de aprendizes alemães de português e de aprendizes brasileiros de alemão como línguas estrangeiras (cf. CASTILHO DA COSTA 1999):

- (i) O elemento menos marcado do sistema, *lá* em português e *da* em alemão, é geralmente preferido na dêxis referencial. Essa é uma fonte de erros para aprendizes brasileiros do alemão, que tendem a usar, na dêxis referencial, *dort* (como tradução de *lá*) no lugar de *da*.
- (ii) A oposição intrassistêmica entre *aqui* e *ai* leva a dificuldades para aprendizes alemães de português. No alemão não existe um advérbio como *ai*, especializado na indicação de proximidade ao destinatário, com a consequência de que os alemães tendem a usar o termo não-marcado *lá* (como tradução de *da*) no lugar de *ai*.
- (iii) A oposição intrassistêmica entre *lá* e *acolá* também afeta o uso do português por aprendizes alemães. No alemão não existe um advérbio como *acolá*, para fazer referência a uma outra entidade afastada do observador, com a consequência de que os alemães tendem a usar *lá* (como tradução de *dort*) no lugar de *acolá*.
- (iv) A oposição intersistêmica entre *aqui* e *cá* leva a dificuldades para aprendizes brasileiros de alemão. O advérbio *cá*, às vezes usado na codificação de relações espaciais estáticas, mas com maior frequência na codificação de relações dinâmicas, não tem um único equivalente no alemão. Quando *cá* indica um sítio estático ou de partida/origem, seu equivalente é *hier*, quando indica um sítio de chegada/destino, o equivalente é *her*. Essa é uma fonte de erros para brasileiros, que tendem a usar *hier* no lugar de *her*.
- (v) A oposição intersistêmica entre *ali* e *lá* leva de novo a dificuldades para aprendizes alemães de português. No alemão não existe um advérbio como *ali*, indicador de afastamento e especializado na dêxis situacional, com a consequência de que os alemães tendem a usar *lá* (como tradução de *dort*) no lugar de *ali*.

- (219) "Ihr wartet auf die Überfahrt, ich auch", sagte der Ankommende, "es wird nicht mehr lange dauern, so besteigt der alte Fährmann seine Fähre." – "Eine Fähre hier?" – "Seht nur in den Winkel hinter den Weiden jenseits; jetzt ist sie schwer zu erkennen, das Wasser steht hoch, und die Kronen der Weiden treten vor; da liegt sie." (Achim von Arnim, *Die Kronenwächter*) ["Vocês esperam pela travessia, eu também", disse o recém-chegado, "não vai demorar muito para que o velho balseiro embarque em sua balsa." – "Uma balsa aqui?" – "Olhem só no canto atrás dos salgueiros lá no outro lado; agora está difícil reconhecê-la, a água está alta e as copas dos salgueiros destacam-se, ali está ela."]

A isotopia semântica entre *Überfahrt* [travessia], *Fährmann* [balseiro], *Fähre* [balsa], *Weiden* [salgueiros] e *Wasser* [água] sugere que a entidade de referência é um rio não explicitamente mencionado. Ele pode ser localizado a maior ou menor distância do observador, com a entidade situada a maior ou menor distância no seu outro lado ([E ↔ R ↔ S]). Um uso análogo de *diesseits* também é possível:

- (220) Diesseits wartet alles auf die Fähre. [No lado de cá, todo mundo espera a balsa.]

Novamente, o advérbio corresponde à fórmula [E ↔ R ↔ S], com a diferença de que a entidade situada e o observador estão no mesmo lado da entidade de referência. Ambos podem estar a maior ou menor distância dela, mas provavelmente a entidade situada está perto do observador.

A outra variante do uso físico situacional de *diesseits* é típica da linguagem técnico-administrativa:

- (221) Von da an ging es mit dem "aufgeweckten, ordentlichen jungen Mann" bergauf, zumal "etwas Nachteiliges nicht bekannt geworden" war und "diesseits keine Bedenken" bestanden. (ZEIT, 02.08.1996) [A partir de então, o "rapaz vivo e organizado" prosperou, já que "não se soube de nada desabonador" e não existiam "restrições de nossa parte".]

Nesse uso, *diesseits* significa "da parte de quem fala", o que corresponde à fórmula [E,R,S]. Uma dissociação entre o falante/observador e a entidade de referência não é possível. Um emprego análogo de *jenseits* ("da parte de outra pessoa" – [E ↔ R,S]) não existe.

Comparando o uso físico situacional de *aquém* e *além*, no português, e de *diesseits* e *jenseits*, no alemão, observamos que, nesse uso, os dois advérbios do

português codificam indiferentemente o valor [E ↔ R,S]. No alemão, tal relação não é codificada nem por *diesseits* nem por *jenseits*. O valor tipicamente codificado pelos dois advérbios do alemão é [E ↔ R ↔ S], que se restringe no português aos usos referenciais e extra-situacionais. O valor [E,R,S] pode ser codificado por *diesseits*, mas não por *aquém*.

O uso físico referencial (tipo 2) de *diesseits* e *jenseits* ocorre em variantes anafóricas e catafóricas. A variante anafórica de *diesseits* é ilustrada pelo exemplo:

- (140) Die Debatte, die jenseits des Atlantiks so heftig geführt wird, ist diesseits längst überfällig. (ZEIT, 04.08.1995) [O debate, que se conduz tão veementemente, além (do outro lado) do Atlântico, deste lado (aquém) está há tempos defasado.]

Nessa sentença, *diesseits* toma como entidade de referência o Atlântico, pré-mencionado como complemento da preposição *jenseits*. A entidade situada pode se encontrar a maior ou menor distância em relação a ela, e a entidade de referência, a maior ou menor distância do observador ([E ↔ R ↔ S]).

O próximo exemplo ilustra o uso de *jenseits* na mesma variante, sendo a entidade de referência o rio pré-mencionado:

- (222) Eine schöne romantische Landschaft. Ein Waldstrom kommt aus dunkel beschatteter Tiefe des Waldes fern herab. Vorn an einem Absturz, wo die Fluthen die Erde von den Wurzeln einer knotichten Eiche weggespült haben, liegt Jaques mürrisch und melancholisch. Der verwundete Hirsch geht ins Wasser; jenseits steht noch einer, in der Ferne mehrere. (Georg Forster, *Ansichten vom Niederrhein*) [Uma paisagem bonita e romântica. Um rio silvestre vem descendo de longe, das escuras profundezas sombreadas da floresta. Na frente, perto de uma queda, onde as águas levaram a terra das raízes de um carvalho nodoso, está deitado Jaques, mal-humorado e melancólico. O cervo ferido entra na água; além há mais um, lá ao longe, vários.] [E ↔ R ↔ S]

Em ambos os exemplos, temos o falante como observador, o que torna a situação comunicativa o sistema relevante de orientação.

Vejamos ainda o uso referencial catafórico:

- (223) Und fröhlich greif ich in die Saiten, / O Mädchen, jenseits überm Fluß, / Du lauschest wohl und hörst's von weitem / Und kennst den Sänger an dem Gruß! (Joseph von Eichendorff, *Liebe in der Fremde*) [E

alegremente toco nas cordas, / Oh, garota, além do rio, / Tu deves estar
escutando e ouves de longe / E reconheces o cantor pela saudação!
[E ⇔ R ⇔ S]

Nesse exemplo, *jenseits* localiza a entidade situada (a garota) em relação a uma entidade de referência pós-mencionada (o rio).⁴⁵ Observamos que, no uso referencial, o valor semântico de *diesseits* e *jenseits* é o mesmo de *aqueém* e *além*, no português.

O uso físico extra-situacional (tipo 3) de *jenseits* ilustra-se por exemplos como:

- (224) Das Abendmahl war nur mit unsäglicher Mühe dem Sünder beigebracht worden, ihn schauderte davor, trotz dem starken feurigen Wein im Abendmahlskelch, er war matt von den vielen Verhören und wollte nicht ohne Mut den letzten Weg gehen, so trank er ihn aus, der Wein schlug auch an, aber schwer ist zu glauben, daß er mit derselben Unbefangenheit jenseits sei aufgetreten vor dem göttlichen Richterstuhl, wie er hier dem Schwertstreich mit Lächeln und großer Ruhe den Hals hinstreckte. (Bettina von Arnim, *Dies Buch gehört dem König*) [A comunhão fora ensinada ao pecador com esforço indizível, ele sentiu calafrios, apesar do vinho forte e feroso no cálice eucarístico, ele estava exaurido pelos muitos interrogatórios e não queria percorrer o último caminho sem coragem, assim esvaziou-o até a última gota, o vinho também surtiu efeito, mas é difícil de acreditar que ele tenha aparecido (no) além, perante a cadeira judicial divina, com a mesma ingenuidade com que ofereceu o pescoço, de maneira sorridente e muito tranqüila, ao golpe da espada.]

Nesse caso, a entidade situada (o aparecimento do pecador perante a cadeira judicial de Deus) é localizada em relação a uma entidade de referência que, a partir do conhecimento geral, só pode ser identificada como a morte. Visto da perspectiva do falante como observador, a entidade de referência fica a distância e a entidade situada, no seu lado oposto, o que corresponde à fórmula [E ⇔ R ⇔ S]. Esse mesmo uso ocorre no português quando se fala do além, no sentido de "reino dos espíritos".

No alemão existe um uso análogo também para *diesseits* que não é previsto no português:

- (225) Herr Gott, Dein Wille soll ergehn! / Ich sünd'ges Menschenkind, / Ich kann ihn leider nicht verstehn, / Ich bin zu blöd und blind. / Doch heb

⁴⁵ À primeira vista, poderia se ter a impressão de que *jenseits* é preposição e rege o substantivo *Fluß*. Mas esse não é o caso, sendo que *Fluß* é regido pela preposição *über* e os dois sintagmas adverbiais *jenseits* e *überm Fluß* estão em relação de apóstos.

ich zu Dir auf in Müh / Das schmerzbeladne Haupt, / Und denke spät
 und denke früh: / Dort schaut, wer diesseits glaubt. (Friedrich de la
 Motte Fouqué, *Lied nach der Schlacht von Dresden*) [Senhor Deus,
 Vossa vontade seja instaurada! / Eu, apenas um humano pecaminoso, /
 Infelizmente não a consigo compreender, / Sou muito fraco e cego. /
 Mas me esforço em levantar para Vós / A cabeça carregada de dores, /
 E penso tarde e penso cedo: / Lá enxerga aquele que aqui crê.]

Nesse exemplo, a entidade situada, o estado de coisas de crer, localiza-se no mesmo lado que o falante/observador, em relação à entidade de referência não-mencionada, que é novamente a morte. Portanto, a interpretação de *diesseits* é "no lado de cá da morte" ([E ⇔ R ⇔ S]). Nesse uso, *diesseits* e *jenseits* codificam os mesmos valores que seus correspondentes do português.

Os usos textual situacional (tipo 4), textual referencial (tipo 5) e textual extra-situacional (tipo 6) de *diesseits* e *jenseits* não são possíveis, assim como os usos correspondentes de *aquém* e *além*.

O uso virtual situacional (tipo 7) de *diesseits* e *jenseits* assemelha-se ao tipo 1, com a única diferença de que o sistema de orientação não é a situação comunicativa, mas sim, uma situação fictícia estabelecida no próprio texto. Esse uso é típico da literatura ficcional e combina-se frequentemente com o uso de um tempo verbal do passado:

- (226) Aber Terrain war unsererseits nicht zu gewinnen, und als eine Stunde später allerhand Verstärkungen auch beim Feinde eintrafen, ging dieser mit einem vollzähligen Dragonerregiment abermals zum Angriff über. Diesseits war momentan nichts zur Hand als ein in Ablösung unserer Avantgarde in die Front gezogenes Kürassierregiment. (Theodor Fontane, *Vor dem Sturm*) [Mas território foi impossível de ganhar por nossa parte e quando, uma hora depois, chegaram reforços diversos ao inimigo, este retomou o ataque com um pleno regimento de dragões. No lado de cá não havia nada à disposição no momento, a não ser um regimento de couraceiros, que foram para o front em substituição da nossa vanguarda.]

O advérbio *diesseits* ("no lado de cá"), nesse exemplo, remete ao lugar em que está o falante/observador, que é um personagem da história narrada ([E,R,S]). Para o leitor, essa história fica remota no passado, de maneira que ele não pode identificar seu próprio lugar (a situação comunicativa) com o *diesseits* do texto.

O uso de *diesseits* com o valor [E ⇔ R ⇔ S] também é possível:

- (227) Am Spätnachmittag schlugen wir ein Lager auf. Wir wollten mit der Überfahrt bis zum Einbruch der Dunkelheit warten, denn diesseits waren wir geschützt durch dichtes Unterholz. [No final da tarde, montamos um acampamento. Queríamos adiar a travessia até o cair da escuridão, pois, no lado de cá, estávamos protegidos por um denso matagal.]

Entende-se, nesse exemplo, que existe um rio ou algo semelhante como entidade de referência. *Diesseits* refere-se ao lado em que está o personagem que funciona como observador/narrador.

O uso virtual situacional de *jenseits* pode ser ilustrado pelo próximo exemplo, em que a entidade situada (o amanhecer) se encontra numa posição afastada, não do leitor, e sim, de um personagem como observador fictício (Friedrich):

- (228) Friedrich, dem jetzt auf einmal viele Sonderbarkeiten des Mädchens nur zu klar wurden, klagte sich in tiefem, stummem Schmerze bei sich selber an (...). – Währenddes fing jenseits über dem Walde der Morgen an zu dämmern und beleuchtete die seltsame Gruppe. (Joseph von Eichendorff, *Ahnung und Gegenwart*) [Friedrich, para quem agora, subitamente, ficaram extremamente claras muitas das esquisitices da garota, acusou-se perante si mesmo em dor profunda e calada (...). – Enquanto isso, começou além, acima da floresta, a manhã a raiar e iluminou o estranho grupo.] [E ⇔ R ⇔ S]

O uso virtual referencial (tipo 8) assemelha-se ao tipo 2. Em sua variante anafórica, ele ocorre no exemplo:

- (229) Der Tag war hinter Berge still versunken, / Ich wünschte jenseits auch mit ihm zu sein, / Weil er mir diesseits, mit dem kalten Lehrer / Und seinen Lehren, stets so leer erschien. (Clemens Brentano, *Szene aus meinen Kinderjahren*) [O dia afundara silencioso atrás das montanhas, / Eu desejava também estar com ele lá além, / Pois aquém, com o frio professor / E seus ensinamentos, ele sempre me parecia tão vazio.] [E ⇔ R ⇔ S]

Nesse caso, temos uma entidade de referência pré-mencionada (as montanhas) à qual remetem tanto *jenseits* quanto *diesseits*. O observador é o falante que se insere como personagem na história narrada, como indica o uso de um tempo verbal do passado.

No próximo exemplo, os dois advérbios remetem a uma entidade de referência pós-mencionada (o pólo), o que caracteriza a variante catafórica desse uso:

- (230) "Ach, der ewige Nansen. Nansen, der, weil er die *diesseits* verlorene Hose *jenseits* in Grönland wiederfand, auf den Gedanken kam: 'Was die Hose kann, kann ich auch.' Und daraufhin fuhr er über den Pol. Oder wollte wenigstens." (Theodor Fontane, *Der Stechlin*) ["Ai, sempre esse Nansen. Nansen que, por ter encontrado, *além* na Groenlândia, a calça que perdeu *aquem*, teve a ideia: 'O que a calça pode fazer eu também posso.' E, em seguida, atravessou o pólo. Ou pelo menos queria."] [E ↔ R ↔ S]

O uso virtual extra-situacional (tipo 9), finalmente, não me parece previsto com *diesseits* e *jenseits*.

As possibilidades de uso de *diesseits* e *jenseits* são resumidas na seguinte tabela:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		+	-	-

Observamos que essas possibilidades são as mesmas existentes para *aquém* e *além*, com a única exceção do uso virtual extra-situacional (tipo 9), que é possível em português, mas não em alemão. No que diz respeito às relações codificáveis por esses advérbios, as principais diferenças encontram-se no seu uso situacional, enquanto, nos seus usos referenciais e extra-situacionais, os quatro advérbios sempre codificam a relação [E ↔ R ↔ S].

Além de *diesseits* e *jenseits*, a língua alemã possui os advérbios quase sinônimos *hüben* e *drüben*. Mas enquanto *diesseits* e *jenseits* funcionam como advérbios e como preposições, *hüben* e *drüben* são só advérbios. Formas como *hüben von* [aquém de] e *drüben von* [além de] não existem. *Drüben*, formado de *da-* + *-r-* + *-üben*⁴⁶, é mais antigo (comprovado desde o início do século XVII; cf. PAUL 1992: 183) e continua usual até hoje. *Hüben* (de *hie-* + *-üben*) foi formado, em analogia com *drüben*, no século XVIII (cf. ib.: 420) e parece se tornar paulatinamente obsoleto. Em quase todas as ocorrências desse advérbio que encontrei em CD-ROMs com mais de cem mil páginas de textos literários e jornalísticos dos séculos XVIII a XX, ele é usado em contraposição imediata a *drüben*. Um uso independente de *hüben* provavelmente nunca se estabeleceu na língua alemã.

⁴⁶ Variante do advérbio *oben*, correspondente à preposição *über* (cf. *unten* vs. *unter* etc.), com o sentido de "além" (cf. PFEIFER & al. 1989: 311). Hoje não mais usada. Um exemplo do século XIX:

(231) Meine Stube ist so düster, das Licht wird gleich ausgehn, die Berge da *üben* sind so grausend, man sieht sonderbare Gestalten. (Bettina von Arnim, *Die Götterode*) [Minha sala é tão sombria, a luz logo apagar-se-á, as montanhas lá *além* são tão medonhas, vêem-se vultos estranhos.]

O emprego físico situacional (tipo 1) de *drüben* ocorre em exemplos como:

- (232) Hast du Margot gesehen? – Ja, sie ist drüben beim Friseur. [Você viu a Margot? – Sim, ela está lá no outro lado, no cabeleireiro.]

Em casos como esse, procura-se na situação comunicativa por uma rua ou algo semelhante que pode servir de entidade de referência para a interpretação do advérbio. *Drüben* indica que o observador está em um lado de R e a entidade situada, no outro.

Um uso análogo de *hüben* praticamente não existe no alemão contemporâneo. Na obra de Goethe, encontramos exemplos raros como:

- (233) Bleib noch hüben, beste, teuerste Frau! Und du, meine Tochter, wenn alles bestellt ist, komm herüber, und verweilt im Gartensaal, wartet auf mich. (Johann Wolfgang von Goethe, *Stella*) [Fique ainda deste lado, boníssima e caríssima senhora! E tu, minha filha, quando tudo estiver pronto, venha para cá, e permaneçam no salão do jardim, esperem por mim.]

Mais frequente que *drüben* sozinho, no uso físico situacional, é a combinação *da drüben* (uma expressão tautológica, pois *drüben* mesmo já contém o elemento *da-*; cf. também o exemplo (231), citado na nota de rodapé 46):

- (234) Damals belagerten die Fernsehteams aus aller Welt den Zentralfriedhof von Goma, und ihre Bilder von Leichenbergen schockierten die Welt. Jetzt erinnern nur noch weiße Steinkreise an das Grauen. "Da drüben liegen 1450 Tote. Hier sind es 1600. Und dort ..." Raymond, der Totengräber, ist geschwätzig wie ein Fremdenführer. (ZEIT, 13.01.1995) [Naquele tempo, as equipes de televisão do mundo inteiro cercavam o cemitério central de Goma, e suas imagens de pilhas de corpos chocavam o mundo. Agora, apenas círculos brancos de pedras ainda lembram o terror. "Lá além jazem 1450 mortos. Aqui são 1600. E ali ..." Raymond, o coveiro, é tagarela como um guia turístico.]

Em Goethe encontra-se um exemplo de um uso análogo de *hier hüben* (combinação igualmente tautológica):

- (235) Des andern Morgens jedoch war das erste, daß die Familie zusammenlief und den Kindern streng verboten ward, nicht aus der Türe zu gehen, indem ein greulicher Bär oder sonst ein Ungetüm in der Nähe sich aufhalten müsse, denn es habe die Nacht über von der Kapelle her dergestalt gestöhnt und gebrummt, daß Felsen und Häuser hier hüben hätten erzittern mögen. (Johann Wolfgang von Goethe,

Wilhelm Meisters Wanderjahre) [Na outra manhã, porém, a primeira coisa que aconteceu foi que a família se reuniu e foi terminantemente proibido às crianças de não sair pela porta, uma vez que um urso horrível, ou algum outro monstro devia estar nas redondezas, pois durante a noite havia se escutado tal gemido e ronco da direção da capela, que rochas e casas aqui no lado de cá teriam querido tremer.]

O emprego físico referencial (tipo 2) de *hüben* e *drüben* parece mais comum na língua alemã contemporânea do que o uso físico situacional:

- (236) Tag und Nacht schlüpfen einst auf diese Weise Informationen durch den Eisernen Vorhang. Hüben wie drüben saß ein Heer von Spionen am Radio und wartete auf neue Aufträge. (ZEIT, 04.08.1995) [Dia e noite esgueiravam-se desse modo, outrora, as informações pela Cortina-de-Ferro. No lado de cá como no lado de lá, um exército de espões ficava sentado perto do rádio aguardando novas ordens.]

A entidade de referência pré-mencionada é a Cortina de Ferro. *Hüben* localiza a entidade situada (os espões) no mesmo lado em que está o observador (o autor do texto), e *drüben* localiza-a no lado oposto.

Depois de 1945, a fronteira entre as antigas República Federal e República Democrática tornou-se um fato cultural tão saliente na Alemanha que ela pode até hoje servir de entidade de referência para *hüben* e *drüben* sem ser explicitamente mencionada (cf. PAUL 1992: 183). Isso caracteriza o uso físico extra-situacional (tipo 3) dos dois advérbios:

- (237) Die Marktforscher und Demoskopien haben sämtliche Facetten deutsch-deutscher Befindlichkeit durchleuchtet. Wie man liebt und woran man stirbt in Ost und West, was man isst und trinkt, wie häufig man sich hüben und drüben die Zähne putzt – jede noch so belanglose Alltagsverrichtung wurde unter die Lupe gepackt. (ZEIT, 11.08.1995) [Os pesquisadores de mercado e os demóscopos investigaram todas as facetas da situação alemã-alemã. Como se ama e de que se morre no Leste e no Oeste, o que se come e bebe, com que frequência se escova os dentes nos lados de cá e de lá – qualquer ação, por irrelevante que fosse, foi enfiada por baixo da lupa.]

Nos anos sessenta a oitenta, quando muitas pessoas na Alemanha Ocidental temiam histericamente o comunismo, costumava-se falar para quem criticou o capitalismo:

- (238) Wenn es dir hier nicht gefällt, dann geh doch nach drüben. [Se você não gosta daqui, então vá para lá (para o outro lado).]

Os usos textual situacional, textual referencial e textual extra-situacional (tipos 4 a 6) de *hüben* e *drüben* não são previstos. Os usos virtual situacional e virtual referencial (tipos 7 e 8) existem paralelamente aos usos físico situacional e físico referencial, seguindo a mesma analogia entre esses usos que já foi descrita para *diesseits* e *jenseits*. O uso virtual extra-situacional (tipo 9) não é previsto.

A tabela que resume os possíveis usos de *hüben* e *drüben* é, portanto, a mesma dos usos de *diesseits* e *jenseits*:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		+	-	-

O valor semântico de *hüben* e *drüben* corresponde sempre à fórmula $[E \Leftrightarrow R \Leftrightarrow S]$, o que os difere de *aquém* e *além* no português.

4.2.2.4.3. Os outros advérbios

Os outros advérbios do alemão serão tratados nos mesmos moldes que os do português, distinguindo entre os nove tipos de dêixis e, ainda, entre as orientações puramente intrínseca, intrínseco-contextual e extrínseca. Como no português, a orientação extrínseca só é possível com os advérbios que especificam dimensão e/ou direção, e principalmente no seu uso referencial.

Como já vimos, os advérbios espaciais monolexemáticos do alemão são mais numerosos que os do português, em virtude dos mecanismos de formação de palavras, típicos da língua alemã. Não vai ser possível, neste item, considerar todos os advérbios e todas as locuções adverbiais existentes. Como foi feito para o português, dividirei os advérbios em três grupos:

- (i) os que não especificam nenhum dos traços {campo}, {distância}, {dimensão} e {direção},
- (ii) os que especificam somente {campo} e/ou {distância} e
- (iii) os que especificam também {dimensão} e/ou {direção}.

Do primeiro grupo, analisarei *wo* [onde] e *irgendwo* [algures, em algum lugar]; do segundo, *innen* [dentro], *außen* [por fora], *drin(nen)* [(aqui/lá) dentro], *draußen* [lá fora], *darin* [lá dentro], *mittendrin* [no meio], *zwischen* [no meio], *dazwischen* [em meio a isso], *außerhalb* [fora], *außenvor* [de fora, fora], *ringsherum* [ao redor], *drumherum* [ao redor], *in der Mitte* [no meio], *in der Umgebung* [nos arredores], *nah* [perto], *weit* [longe], *fern* [afastado], *nahebei* [ai

perto, ali perto], *anbei* [junto, em anexo], *dabei* [(lá) perto, junto], *abseits* [fora, distante], *entfernt* [afastado], *fernab* [lá longe], *auswärts* [fora], *anderswo* [em outro(s) lugar(es)], *woanders* [alhures, em outro lugar], *in der Nähe* [nas proximidades] e *in der Entfernung* [a distância]; e do terceiro, *rechts* [à direita], *links* [à esquerda], *vorne* [à frente, na frente], *hinten* [(lá) atrás, ao fundo, no fundo], *oben* [(lá) em cima, acima], *unten* [(lá) embaixo, abaixo], *droben* [lá em cima], *drunten* [lá abaixo, lá embaixo, aqui embaixo], *drüben* [aqui ao lado, em frente], *seitlich* [lateralmente, no lado], *nebenan* [ao lado], *daneben* [ao lado], *darüber* [em cima (disso), acima], *darunter* [embaixo (disso), abaixo], *oberhalb* [na parte de cima, acima], *unterhalb* [na parte de baixo, abaixo], *obenan* [no topo, à cabeceira], *obenauf* [no topo, em cima], *darauf* [sobre isso, em cima (disso)], *daran* [aí encostado, aí pendurado], *vornean* [na frente, em primeiro lugar], *hint(en)an* [nos últimos lugares], *davor* [em frente], *dahinter* [lá atrás, ao fundo, no fundo], *gegenüber* [em frente], *an der Seite* [ao lado] e *auf der Seite* [ao lado]. Os demais advérbios, que não poderão ser tratados, deveriam, a princípio, inserir-se em alguma das categorias estabelecidas.

Começamos novamente com a dêixis física situacional (tipo 1). Os advérbios do primeiro grupo não permitem um emprego nesse tipo de dêixis. Em um exemplo como:

- (239) Wo ist denn der Schlüssel? Der muß doch irgendwo sein. [Cadê a chave? Ela tem que estar em algum lugar.]

o emprego dos advérbios espaciais independe da localização do observador, e a entidade de referência não se encontra na situação comunicativa. Os advérbios remetem a um R generalizado que provém do conhecimento geral. Esse exemplo ilustra, portanto, o uso físico extra-situacional (tipo 3), na orientação puramente intrínseca.

Entre os advérbios do segundo grupo, temos alguns que permitem o uso físico situacional, na orientação intrínseco-contextual:

- (240) Wissen Sie, wo der Bahnhof ist? – Der ist ganz nah/in der Nähe./Der muß in der Umgebung sein. [O senhor sabe onde fica a estação de trem? – Ela fica bem perto/nas proximidades./Ela deve ficar nos arredores.]
- (241) Moskau ist weit. (ZEIT, 05.05.1995) [Moscou fica longe.]
- (242) Das faschistische Europa ist fern (ZEIT, 12.04.1996) [A Europa fascista fica longe.]
- (243) Es ist Abend. Wir sitzen im Garten und beobachten Fledermäuse. In der Entfernung hört man Musik von einem Fest. [É noite. Estamos sentados

no jardim, observando morcegos. Ao longe ouve-se música de uma festa.]

- (244) "Warum soll ich nicht beim Gehen", / Sprach er, "in die Ferne sehen? / Schön ist es auch anderswo, / Und hier bin ich sowieso." (Wilhelm Busch, *Plisch und Plum*) ["Por que não posso, ao andar", / Disse ele, "olhar para longe? / Bonitos são também outros lugares, / E aqui estou eu de qualquer forma."]
- (245) "Das war unsere größte Hypothek, daß wir das Mißtrauen in die eigenen Bilder letzten Endes nicht ausräumen konnten. Deshalb sind die Bilder von woanders den Deutschen immer noch vertrauter als die eigenen." (ZEIT, 05.05.1995) [Essa foi nossa maior hipoteca, não termos conseguido eliminar, no fim das contas, a desconfiança em relação às próprias imagens. Por isso, as imagens de outros lugares são ainda mais familiares para os alemães do que suas próprias.]

Nesses exemplos, temos como entidade de referência o falante que funciona, ao mesmo tempo, como observador. Ele usa o tempo presente como um repórter. *Nah* e *in der Nähe* codificam a relação [E,R,S], *weit*, *fern*, *in der Entfernung*, *anderswo* e *woanders*, [E ↔ R,S]. A relação [R,S] define a orientação intrínseco-contextual.

No exemplo seguinte, a entidade de referência não é simplesmente o falante/observador, mas sim, a cidade em que ele está no momento da fala:

- (246) Onkel Fritz und Tante Inge wohnen außerhalb/auswärts. [O tio Fritz e a tia Inge moram fora da cidade.]

Mesmo assim, temos aqui a orientação intrínseco-contextual, pois a entidade de referência é definida pela localização do falante.

Em outros casos, procura-se uma entidade de referência dentro da situação comunicativa, independente do falante, como em:

- (247) (*No jardim*.) Wo ist Paul? – Der ist drin. [Onde está o Paulo? – Ele está dentro (da casa).]
- (248) (*Placa na entrada de uma loja, com um desenho de um cachorro*.) Wir müssen draußen bleiben. [Nós temos que ficar fora.]
- (249) (*Placa na porta de um elevador*.) Vorsicht! Innen und außen frisch gestrichen. [Atenção! Tinta fresca dentro e fora.]
- (250) (*Em vista de uma briga*.) Siehst du, und dein Sohn immer mittendrin/zwischen drin! [Está vendo, e seu filho sempre no meio!]

- (251.a) (No caixa de um supermercado, ao pagar:) Oh, jetzt ist mir eine Mark runtergefallen. – Schau mal, die liegt dazwischen.⁴⁷ [Xi, caiu uma moeda de um marco. – Olha, ela está aí no meio.]

As entidades de referência são a casa e a loja, em (247) e (248), o elevador, em (249), o grupo de pessoas briguintas, em (250), e as mercadorias, entre as quais caiu a moeda, em (251.a). Em todos esses casos, a localização do falante/observador é irrelevante para a interpretação do advérbio, de modo que estamos na orientação puramente intrínseca.

Os demais advérbios do segundo grupo parecem-me não permitir o uso físico situacional sozinhos, sem acompanhamento de *hier*, *da* ou *dort*. Sentenças como as seguintes, teriam que receber interpretações conforme outros tipos de dêixis, mais provavelmente interpretações referenciais:

- (252) Das Stadtzentrum liegt ringsherum/drumherum (in Bezug auf etwas Vorerwähntes). [A região central da cidade fica ao redor (em relação a algo pré-mencionado).]
- (253) Wissen Sie, wo die Universitätsbibliothek liegt? – Die liegt nahebei (in Bezug auf etwas Vorerwähntes). [O senhor sabe onde fica a biblioteca universitária? – Ela fica ali perto (em relação a algo pré-mencionado).]

Dos advérbios do terceiro grupo, alguns permitem o uso físico situacional na orientação intrínseco-contextual:

- (254) Vorne/hinten sehen Sie das Stadttheater, links die Oper. [Em frente/lá atrás, vocês vêem o Teatro Municipal, à esquerda, a Ópera.]
- (255) Oben sieht man jetzt die Burg und unten den Rhein. [Acima vê-se agora o castelo e abaixo, o Reno.]
- (256) Rechts liegt nun die Felsbucht von Meavag, in der ich eines Morgens, beim Vorbeiradeln, unheimliche Seufzer gehört hatte. (ZEIT, 28.04.1995) [À direita fica agora a enseada rochosa de Meavag, onde eu escutara gemidos sinistros, numa manhã, quando passava de bicicleta.]
- (257) "Wirket, solange es Tag ist", befiehlt wie eh und je die Sonnenuhr doben am Ulrichsmünster, doch der Bürgersohn Brecht scheute das Licht des Augsburger Kleingewerbefleißes. (ZEIT, 10.02.1995) ["Ajam

⁴⁷ Esse exemplo é certamente marginal. A variante mais correta seria uma combinação de *dazwischen* com *hier*, *da* ou *dort* (vide item 4.2.2.4.4. adiante):

(251.b) Oh, jetzt ist mir eine Mark runtergefallen. – Schau mal, die liegt hier dazwischen. [Xi, caiu uma moeda de um marco. – Olha, ela está aqui no meio.]

Para falantes da variante *standard* do alemão contemporâneo, *dazwischen* e outros advérbios compostos com *da-*, devem ser inadequados, sozinhos, para o uso físico situacional. Para viabilizar uma sentença como (251.a), precisa-se acentuar na pronúncia tanto *da-* quanto *-zwischen*, condição essa, em que se pode ter dúvidas se o advérbio é mesmo *dazwischen* ou *da (da)zwischen*, com omissão do segundo *da*.

enquanto é dia", ordena, como tem acontecido desde sempre, o relógio de sol lá em cima na catedral de São Ulrich, mas o filho de burgueses Brecht temia a luz da diligência pequeno-burguesa de Augsburg.]

- (258) Der Aufschwung, den Augsburg mit der Industrialisierung des 19. Jahrhunderts noch einmal nahm, begann drunten, wo die alte Römerstadt schon gefährlich ins Vorstädtisch-Lechhauserische lappt, bei der MAN und der Haindlschen Papierfabrik. (ZEIT, 10. 02. 1995) [A prosperidade que Augsburg vivenciou novamente com a industrialização do século XIX começou lá embaixo, onde a antiga cidade romana já penetra perigosamente no ambiente suburbano-Lechhausiano, na MAN e na fábrica de papel Haindl.]
- (259) Wo ist denn die evangelische Kirche? – Die ist nebenan/gegenüber. [Onde fica a igreja evangélica? – Ela fica (aqui) ao lado/(aqui) em frente.]

Na interpretação de (254) e (255), podemos imaginar, como falante, um guia que explica a cidade para um grupo de turistas. O observador e a entidade de referência podem ser o falante ou os destinatários. Em ambos os casos, a relação codificada é [E ⇔ R,S], mas a localização da entidade situada pode diferir. Essa ambigüidade, que pode ser resolvida por gestos mostradores, já foi descrita para os advérbios correspondentes do português, no item 3.2.2.4.3. acima.

O falante em (256) é uma pessoa que volta, depois de muitos anos, para a região em que passou sua infância. Falando no tempo presente como um repórter, ela identifica componentes da paisagem.

Droben e drunten, em (257) e (258), ambos de uso regional (sulista) no alemão contemporâneo, exemplificam a dêixis física situacional (tipo 1) ou física virtual (tipo 7), dependendo da localização do falante. Se o falante estiver no centro da cidade de Augsburg, falando, por exemplo, a um grupo de turistas, ele mesmo servirá de observador e de entidade de referência. Então teremos a dêixis física situacional, na orientação intrínseco-contextual. Mas se o texto estiver dentro de um livro que é lido em outro lugar, teremos a dêixis física virtual, que parte da perspectiva de um observador fictício, localizado no centro da cidade de Augsburg.

Em (259), finalmente, podemos imaginar um pedestre que pergunta a localização da igreja ao dono de um bar. Os advérbios *nebenan* e *gegenüber* tomam como entidade de referência o falante ou – mais provavelmente – o bar em que ele está. Em outros contextos podem remeter também à sala ou até mesmo ao país em que se encontra o falante:

- (260) (*Num prédio de escritórios:*) Paul ist nebenan/gegenüber. [O Paulo está (na sala) lá ao lado/ali em frente (no outro lado do corredor).]

- (261) Gleich nebenan im Norden zum Beispiel: Da entwickelt eine dänische Künstlerin mit Unterstützung staatlicher und privater Mäzene eine neue Idee für den Jahrestag. (ZEIT, 24.02.1995) [Logo ao lado no norte, por exemplo: lá uma artista dinamarquesa desenvolve, com o apoio de mecenas públicos e privados, uma nova idéia para o aniversário.]

O mesmo uso existe com *drüben*:

- (262) (*Num prédio de escritórios*:) Paul ist drüben. [O Paulo está (na sala) lá em frente (no outro lado do corredor).]

Também *oben*, *unten*, *vorne* e *hinten* permitem um uso semelhante:

- (263) Wo ist denn das Bad? – Oben/unten. [Onde fica o banheiro? – Lá em cima/lá embaixo.]
(264) Hast du dein Auto vorne oder hinten geparkt? [Você estacionou seu carro na frente ou atrás (em relação ao prédio)?]

Nesses exemplos, a entidade de referência é o prédio em que está o falante. Os advérbios *oben* e *unten* referem-se a lugares na parte de cima/de baixo, no campo interno da entidade de referência, e podem ser parafraseados por "na parte de cima/de baixo (no andar de cima/de baixo) deste prédio", respectivamente. *Vorne* e *hinten* podem se referir a lugares na dimensão frontal, no campo interno ou externo, a curta ou longa distância, em relação ao prédio.

Podemos considerar os advérbios *oben*, *unten*, *vorne*, *hinten*, *nebenan*, *gegenüber* e *drüben*, nesse uso, equivalentes mais específicos de *hier* ([E,R,S]). A pergunta *Ist Clara hier?* [A Clara está aqui?], pode se responder:

- (265.a) Ja, sie ist oben. [Sim, ela está (lá) em cima.]

Mas pode-se também responder:

- (265.b) Nein, sie ist oben. [Não, ela está (lá) em cima.]

Isso indica que *oben* e os outros advérbios podem codificar tanto [E,R,S] quanto [E ⇔ R,S] (cf. item 4.2.2.2.1. acima).

O advérbio *gegenüber* tem ainda outro uso, que se assemelha ao emprego de *drüben*, discutido no item anterior. Nesse uso, toma como entidade de referência uma rua, um rio ou outra entidade com caráter de fronteira:

- (266) Schräg gegenüber liegt das Gefängnis, ein von der Sonne aufgeheizter Betonbunker mit vergitterten Luken, durch die kaum Luft eindringt. (ZETT, 12.05.1995) [Quase em frente fica a penitenciária, um abrigo de concreto que ferve sob o sol, com frestas gradeadas, pelas quais mal entra ar.]

Nesse caso, *gegenüber* significa "no outro lado da rua" e codifica [E ↔ R,S] ou [E ↔ R ↔ S], dependendo da distância entre o observador e a entidade de referência.

Alguns advérbios do terceiro grupo permitem, ainda, o uso físico situacional na orientação puramente intrínseca, tomando como entidade de referência um objeto dentro da situação comunicativa, independente do falante:

- (267) (*Ao abrir uma mala:*) Siehst du, die Hemden liegen gleich obenan/obenauf. [Está vendo, as camisas estão logo em cima.]
(268) (*Ao abrir um armário:*) Die Gläser sollen gleich vornean stehen. Ich sehe keine! [Ela disse que os copos estariam logo na frente. Eu não estou vendo nenhum!]
(269) (*Diante de um sofá barroco:*) Wunderschön! Und schau mal, darunter/davor/dahinter/daneben liegt ein Hund. [Lindo! E olha, lá embaixo/lá em frente/lá atrás/lá ao lado está um cachorro.]

Em (267), a entidade de referência é a mala, em (268), o armário. Em (269), os advérbios compostos com *da-* possam talvez ser melhor interpretados como dêiticos referenciais que remetem a uma entidade de referência implicitamente pré-estabelecida por um gesto mostrador.

Os demais advérbios, como *seitlich*, *oberhalb*, *unterhalb*, *hint(en)an*, *an der Seite* e *auf der Seite*, parecem-me não prever o uso físico situacional. A orientação extrínseca também não é possível nesse uso, pelos mesmos motivos expostos para o português, no item 3.2.2.4.3. acima.

A dêixis física referencial (tipo 2) é possível com quase todos os advérbios espaciais do alemão. Começemos com os advérbios do primeiro grupo, mostrando, inclusive, as variantes anafórica e catafórica:

- (270) Ich suche ein Haus, wo ich wohnen kann. [Estou procurando uma casa, onde possa morar.] (uso anafórico)
(271) Wo kann man in São Paulo eine Wohnung finden? [Onde consegue-se achar um apartamento em São Paulo?] (uso catafórico)
(272) Im Süden ist irgendwo ein Flugzeug abgestürzt. [No Sul caiu, em algum lugar, um avião.] (uso anafórico)

- (273) Ich möchte irgendwo im Süden wohnen. [Quero morar em algum lugar no Sul.] (uso catafórico)

A entidade de referência para a interpretação do advérbio *wo* [onde] é a casa pré-mencionada, em (270), e a cidade de São Paulo pós-mencionada, em (271). Em (272) e (273), temos o Sul como entidade de referência de *irgendwo* [em algum lugar]. A relação codificada é sempre [E,R], na orientação puramente intrínseca.

Continuemos com os advérbios do segundo grupo. Em geral, a variante anafórica é mais freqüente, mas a catafórica também existe. Alguns exemplos:

- (88) Mit dem Nationalsozialismus kamen die falschen Pralinen auf. Außen braun, innen Sägemehl. (ZEIT, 30.12.1994) [Com o nacional-socialismo surgiram os bombons falsos. Marrons por fora, por dentro, serragem.] (uso anafórico)
- (274) Zahllose Parteimitglieder, so scheint es wenige Tage vor dem PDS-Parteitag an diesem Wochenende, stehen zwischen den Fronten oder ganz außerhalb. (ZEIT, 27.01.1995) [Inúmeros membros do partido, é o que parece poucos dias antes do congresso do PDS, neste fim de semana, estão entre as frentes ou totalmente por fora.] (uso anafórico)
- (275) Auch Pauline und Juliet sind Sonderlinge. In der Mädchenschule tragen sie Uniform wie alle anderen, aber beim Turnunterricht sitzen sie abseits auf der Bank. (ZEIT, 20.01.1995) [Também Pauline e Juliet são esquisitas. No colégio feminino, usam uniforme como todas as outras, mas na aula de ginástica mantêm-se distantes, sentadas no banco.] (uso anafórico)
- (276) Er hat lange in Erlangen gelebt. – Wollte er nicht lieber woanders/anderswo leben? [Ele viveu durante muito tempo em Erlangen. – Será que ele não preferia morar em outro lugar?] (uso anafórico)
- (277) Außen sind die falschen Pralinen braun. [Por fora, os bombons falsos são marrons.] (uso catafórico)
- (278) Nur wer außerhalb wohnt, kann das Leben in der Stadt schön finden. [Só quem vive fora pode gostar da vida na cidade.] (uso catafórico)
- (279) Nahebei eine Bäckerei und ein Friseur, und auch ein Supermarkt in der Nähe. Günstiger könnte die Wohnung von Martin M. gar nicht liegen. [Uma padaria e um cabeleireiro por perto, e também um supermercado nas proximidades. Mais conveniente a localização do apartamento de Martin M. não poderia ser.] (uso catafórico)
- (280) Woanders/anderswo als in Königsberg wollte Kant nie leben. [Em outro lugar a não ser Königsberg, Kant nunca quis viver.] (uso catafórico)

Em (88), (274), (275) e (276), as entidades de referência pré-mencionadas são os bombons, o partido PDS, o grupo de alunas e a cidade de Erlangen. Em (277), (278), (279) e (280), temos os bombons, a cidade, o apartamento de Martin M. e

a cidade de Königsberg como entidades de referência pós-mencionadas. A orientação é sempre puramente intrínseca.

Ainda no segundo grupo, temos o advérbio *anbei*, que se restringe a textos como entidade de referência:

- (281) Ein Mehr an Unterstützung für den Fuß verspricht der "Reebok Country Walker", der soeben das Gehen am Land neu erfunden hat. Wie aber soll die als Verkaufshelferin dem anbei abgebildeten Lowa-Schuh zur Seite stehende Kuh zu einem gesteigerten Lebensgefühl beitragen? (ZEIT, 22.03.1996) [Um algo-mais em apoio ao pé promete o "Reebok Country Walker", que acabou de reinventar o andar em terra firme. Mas a vaca que acompanha como assistente de vendas o sapato Lowa retratado ao lado, como pode ela contribuir para um ânimo mais eufórico?]

Nesse exemplo, a entidade de referência é uma propaganda de sapatos esportivos pré-mencionada, e o advérbio *anbei* situa um quadro em relação a ela. Com entidades de referência de outra categoria, o uso de *anbei* não seria correto:

- (282) Das Dorf besteht aus fünf bis zehn Häusern, und es steht auch eine kleine Steinkirche aus dem 14. Jahrhundert dabei/nahebei/*anbei. [A aldeia consiste de cinco a dez casas, e há também uma pequena igreja de pedras do século XIV junto.]

Com um grupo de casas como entidade de referência, a relação espacial campo externo/distância curta só pode ser codificada por *dabei* ou *nahebei*.

Também entre os advérbios do terceiro grupo, a grande maioria permite o uso físico referencial. Alguns exemplos:

- (283) Für die Unterstadt blinken die Fenster der Wahrzeichen oben auf dem Hügel: das Massiv des Rathauses, der Perlachturm daneben und links und rechts die beiden Dome. (ZEIT, 10.02.1995) [Para a cidade baixa, brilham as janelas dos prédios-símbolo lá em cima, no morro: o maciço da Câmara Municipal, a Torre Perlach ao lado e, à esquerda e à direita, as duas catedrais.]
- (284) Im Fall Mexikos reichte es schon aus, daß sich plötzlich die politischen Spannungen häuften und andere Märkte größere Anreize boten. Nebenan stiegen die Vereinigten Staaten aus der Talsohle der Rezession empor und hoben ihre Zinssätze an. (ZEIT, 17.03.1995) [No caso do México, já bastou que de repente as tensões políticas se acumulavam e outros mercados ofereceram maiores estímulos. Ao lado, os Estados Unidos subiram do fundo da recessão e aumentaram suas taxas de juros.]

- (285) Ich wählte, als die Maske saß, allerhand Tücher, die ich in der Art eines Turbans um den Kopf wand, so daß der Rand der Maske oben und seitlich fast ganz verdeckt war. (Rainer Maria Rilke, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*) [Escolhi, quando a máscara serviu, diversos panos que enrolei em volta da cabeça à moda de turbante, de forma que as beiras da máscara, em cima e nos lados, ficaram quase totalmente encobertas.]
- (286) Noch war es Zeit, denn alle Fenster des Hauses waren noch schwarz, zum Zeichen, daß das oberhalb herrschende Feuer noch nirgends in die Zimmer hinein gebrochen war. (Adalbert Stifter, *Katzensilber*) [Ainda havia tempo, pois todas as janelas da casa estavam ainda escuras, como sinal de que o incêndio, que se alastrava mais acima, não havia ainda, em nenhum lugar, invadido os cômodos.]

Em (283), a entidade de referência para *daneben*, *links* e *rechts* é a Câmara Municipal, em (284), para *nebenan*, o México, em (285), para *oben* e *seitlich*, a máscara, e em (286), para *oberhalb*, a casa. Todas são pré-mencionadas.

Alguns advérbios permitem a distinção entre as orientações intrínseca e extrínseca:

- (287) Nur hinter dem Mann stört die Wand, hoch und rosa, hinten und an den Seiten die Bühne. (ZEIT, 13.01.1995) [Só atrapalha, atrás do homem, a parede, alta e cor-de-rosa, no fundo e nos lados do palco.]
- (288) John wird's nie langweilig bei der Kulisse, die sich ihm bietet: weite, leuchtend weiße Strände, dahinter tintenblaues Meer, über das weiße Gischtmähen galoppieren. Und noch weiter hinten ein dunkles Wolkenvlies, welches auf das Eiland Taransay zueilt, wo alljährlich Hunderte von Schafen zum Weiden ausgesetzt werden. (ZEIT, 28.04.1995) [John nunca se entedia com o panorama que se oferece a ele: amplas praias, resplandecentemente brancas, atrás o mar, azul-escuro, sobre o qual galopam brancas crinas de espuma. E ainda mais atrás, um escuro velo de nuvens, que corre em direção da Ilha Taransay, onde anualmente são desembarcadas centenas de ovelhas para pastar.]

Em (287), a direção para trás é definida pela entidade de referência, o homem pré-mencionado. Como o corpo do homem tem lados de frente e de trás por ele mesmo definidos, trata-se da orientação intrínseca. Já em (288), temos como entidades de referência para *dahinter* e *hinten* a praia e o mar, respectivamente, entidades essas que não definem seus próprios lados de trás. *Dahinter* e *hinten* serão, portanto, interpretados na orientação extrínseca, a partir da perspectiva do observador, indicando que a entidade de referência está entre ele e a entidade situada.

Em geral, os advérbios compostos com *da-* (e *hier-* e *wo-*; cf. itens 4.2.2.2.1. e 4.2.2.4.1. acima), como *darin*, *daran*, *dazwischen* etc., são elementos especialmente destinados para o uso referencial. Isso vale também para a maioria dos compostos, em que o componente *da-* já está formalmente reduzido, como em *drin(nen)*, *draußen*, *mittendrin*, *drumherum* etc. Uma exceção, contudo, encontra-se nos advérbios *droben*, *drunten* e *drüben*, que não permitem o uso físico referencial:

- (289) Sie wohnt in einem Haus an der Hauptstraße. Oben/*droben sind Wohnungen, unten/*drunten ein Friseursalon. Nebenan/*drüben gibt es eine Bäckerei. [Ela mora numa casa na rua principal. Na parte de cima, tem apartamentos, embaixo, um salão de cabeleireiro. Ao lado, tem uma padaria.]

Em (289), a entidade de referência para os três advérbios é a casa pré-mencionada. As relações a serem codificadas são campo interno/dimensão vertical/direção para cima, campo interno/dimensão vertical/direção para baixo e campo externo/distância curta/dimensão lateral. Na dêixis referencial, essas podem ser codificadas pelos advérbios *oben*, *unten* e *nebenan*, mas não por *droben*, *drunten* e *drüben*.

Essa observação nos alerta para uma diferença importante entre dois padrões distintos de formação de advérbios compostos com *da-*:

- (i) no primeiro (*darin*, *daneben* etc.), juntam-se o advérbio *da* em seu uso referencial (como indicador de definitude) e uma preposição (espacial ou não), para formar um advérbio pronominal de emprego predominantemente referencial;
- (ii) no segundo (*droben* etc.), juntaram-se o advérbio *da* em seu uso situacional (como indicador de proximidade, em relação a uma entidade afastada do falante, mas identificável na situação comunicativa) e um outro advérbio (*oben*, *unten*, *üben*, *innen* ou *außen*) (todos espaciais), para formar um novo advérbio, não-pronominal, mas sim demonstrativo.

O primeiro padrão é o primeiro em termos de produtividade no alemão contemporâneo, mas não em termos históricos. Historicamente, o segundo é o mais antigo, mas hoje em dia, ele já perdeu sua produtividade e sobrevive em apenas cinco advérbios, dos quais dois são de uso regional. Nele, o componente *da-* já está definitivamente reduzido a *d-*, de modo que formas como *daroben*, *darunten* ou *darüben* são incorretas.

Os advérbios *drin(nen)* e *draußen* apresentam, nesse quadro, uma certa ambigüidade. Por sua forma, pertencem claramente ao segundo padrão, mas assumiram qualidades semânticas e pragmáticas do primeiro. No caso de *draußen*, esse processo é explicável pela falta de uma preposição simples de uso generalizado, que indique campo externo. A preposição *aufßer* é pouco usada, sendo *aufßerhalb* a alternativa geralmente preferida. O advérbio pronominal *daraufßerhalb* não existe, porque o padrão de formação de advérbios pronominais só aceita componentes morfologicamente simples. *Daraufßer*, por sua vez, juntou-se funcionalmente com *daraußen* e *draußen*, do tipo (ii), justamente porque a preposição *aufßer* foi pouco usada. No caso de *drinnen* existe o advérbio pronominal correspondente *darin*, claramente do tipo (i). Mas os dois elementos são tão freqüentemente usados que ambos muitas vezes se reduzem para *drin*, perdendo suas vogais não-acentuadas (a primeira, no caso de *darin*, e a segunda, no caso de *drinnen*). Dessa maneira, também esses dois elementos tendem à junção funcional, porém por motivos históricos totalmente diferentes.

A dêixis física extra-situacional (tipo 3) restringe-se a um número reduzido de advérbios. Geralmente, esses usos convencionalizados assemelham-se bastante às possibilidades descritas para o português, no item 3.2.2.4.3. acima.

Os advérbios *wo* e *irgendwo* são normalmente usados nesse tipo de dêixis:

- (290) Wenn die Raketen geplatzt waren, wußte man, daß man lebt. Ich hatte den Tag über hysterische Kinder, die sich immer fragten, wo ist denn die Bombe gefallen, ist sie auf unser Zuhause gefallen? (ZEIT, 06.01.1995) [Quando os mísseis explodiram, sabia-se que se vivia. O dia inteiro, eu tinha crianças histéricas que sempre se perguntavam onde caiu a bomba, será que ela caiu na nossa casa?]
- (291) Andererseits ließen die Rechnungen der Kernphysiker hoffen, daß irgendwo im Meer der immer rascher zerfallenden künstlichen Elemente "Inseln der Stabilität" zu finden seien. (ZEIT, 30.12.1994) [Por outro lado, os cálculos dos físicos nucleares permitiram esperar que, em algum lugar no oceano dos elementos artificiais, que se desintegram cada vez mais rápido, possa haver "ilhas de estabilidade".]

Nesses exemplos, as entidades situadas não estão definidas. As sentenças podem ser aplicadas a várias situações em que diferentes indivíduos tomam o lugar da entidade situada. Portanto, adotam-se entidades de referência generalizadas, também indefinidas, que cabem para as diversas situações de aplicação possíveis. Nesse sentido, o uso dos advérbios é extra-situacional.

Um uso semelhante existe com *nebenan*, que pode remeter a qualquer vizinho, como entidade de referência:

- (292) "Die Neonazis nebenan" – unter diesem Titel berichteten wir im April vergangenen Jahres über die Aktivitäten der rechtsradikalen "Freiheitlichen Arbeiterpartei" (FAP). (ZEIT, 13.01.1995) ["Os neonazistas na vizinhança" – sob esse título relatamos em abril do ano passado sobre as atividades do "Freiheitliche Arbeiterpartei" (FAP) de extrema direita.]

Também nesse exemplo, temos uma entidade de referência generalizada. O autor quer dizer que os neonazistas podem ser os vizinhos de qualquer um.

Drin e *draußen* podem remeter a qualquer prédio:

- (293) Wollen wir drin oder draußen spielen? [Vamos brincar dentro ou fora?]

Abseits e *fernab*, em seu uso físico extra-situacional, indicam afastamento da entidade situada em relação à vida pública, à atividade exercida pela sociedade ou por um determinado grupo:

- (131) Für die seltenen Gäste war ein etwas abseits stehender Tisch reserviert. (ZEIT, 13.01.1995) [Para os fregueses esporádicos era reservada uma mesa que ficava um tanto afastada.]

- (294) "Lohnt es sich nicht, alles politisch Vernünftige zu tun, um eine Kultur zu bewahren?" fragt seinerseits Jacques Dufresne. Wenngleich er fernab in einem Holzhaus auf dem Lande lebt, hat der Schriftsteller und Philosoph doch viel von einem französischen Intellektuellen. (ZEIT, 03.11.1995) ["Não vale a pena fazer tudo que for politicamente razoável para preservar uma cultura?" pergunta, por sua parte, Jacques Dufresne. Apesar de morar afastado numa casa de madeira no campo, o escritor e filósofo tem muito de um intelectual francês.]

Rechts, *links*, *oben* e *unten*, assim como seus correspondentes no português, podem adotar sentidos extra-situacionais em relação ao panorama político e à hierarquia social:

- (295) "Die Grenze verläuft nicht zwischen rechts und links, sondern zwischen oben und unten." (ZEIT, 13.01.1995) ["A fronteira não fica entre a direita e a esquerda, mas sim, entre em cima e embaixo."]

Vorne e *hinten* podem se referir à posição relativa numa concorrência:

- (296) Bei den Österreichern reicht es stets für das Mittelfeld. Von dem werden sie verschluckt und als Kleingedrucktes im Sportteil der internationalen Presse wieder ausgespuckt. Ganz vorne nicht dabei und

ganz hinten auch nicht – das ist das Geheimnis des österreichischen Sports. (ZEIT, 03.03.1995) [Os austríacos têm sempre o suficiente para o pelotão intermediário. Por ele são engolidos e cuspidos novamente como letras miúdas na parte de esporte da imprensa internacional. Bem na frente não aparecem e bem atrás também não – este é o segredo do esporte austríaco.]

Hint(en)an toma como entidade de referência a importância na opinião pública e/ou no discurso público:

(297) Die Touristen stehen hier seit neustem ganz hint(en)an. [Nestes tempos mais recentes, os turistas ficam em último lugar aqui.]

Em exemplos como esse, *hint(en)an stehen* significa "ser considerado pouco importante".

Drüben é às vezes usado para referir-se ao Novo Mundo, particularmente aos Estados Unidos, tomando como entidade de referência convencional o Oceano Atlântico:

(298) Seit fünf Jahren tingeln sie nun mit dieser Masche durch den Westen der USA. JoDina ist die Königin des Frühstücksfernsehens. Schön sein im Alter, das ist drüben ein Muß. (ZEIT, 13.01.1995) [Há cinco anos agora estão perambulando, com esse oba-oba, pelo oeste dos Estados Unidos. JoDina é a rainha da televisão desjejum. Ser bonita na terceira idade, essa é uma obrigação além-mar.]

Na segunda metade do século XX, refere-se com maior frequência à parte oriental da Alemanha, tomando como entidade de referência a fronteira que existia entre as duas repúblicas alemãs, de 1949 a 1989 (cf. PAUL 1992: 183; vide também os exemplos (237) e (238), no item 4.2.2.4.2. acima).

Obenauf, finalmente, pode se referir à escala da disposição física e psíquica, indicando um estado de boa saúde, autoconfiança e bom humor:

(299) Optimisten obenauf. (ZEIT, 12.01.1996) [Otimistas e para cima.]

(300) Jelzin ist wieder obenauf. (ZEIT, 29.03.1996) [Yeltsin está em cima novamente.]

A dêixis física extra-situacional insere-se na orientação intrínseco-contextual ou na puramente intrínseca, à medida que ela depende ou não da localização atual do falante na situação comunicativa.

A dêixis textual situacional (tipo 4), que toma o processador de texto como observador, exige normalmente a orientação intrínseco-contextual. No alemão, ela é possível com relativamente poucos advérbios espaciais, do segundo e do terceiro grupo.

Entre os advérbios do segundo grupo, *außenvor*, *anbei*, *anderswo* e *woanders* prevêem esse uso:

- (301) Einige interessante Inhalte mußten leider außenvor bleiben. [Alguns conteúdos interessantes infelizmente tiveram que ficar de fora.]
(302.a) Sehr geehrter Herr Müller, anbei schicke ich Ihnen die Rechnung für geleistete Schreibearbeiten. [Prezado senhor Müller, mando-lhe, em anexo, a conta dos trabalhos de digitação efetuados.]
(303) Diese Frage habe ich bereits anderswo/woanders diskutiert. [Essa questão já discuti alhures/em outro lugar.]

Advérbios sinônimos de *anbei*, não tratados separadamente no presente trabalho, são *anliegend* e *beiliegend*, que também permitem esse uso:

- (302.b) Sehr geehrter Herr Müller, anliegend/beiliegend schicke ich Ihnen die Rechnung für geleistete Schreibearbeiten.

No terceiro grupo, há alguns advérbios frequentemente usados como dêiticos textuais situacionais:

- (304) Die fünf größten Anbieter teilen sich schon heute mehr als die Hälfte des deutschen Marktes mit einem Volumen von 26 Milliarden Mark (siehe Graphik links oben). (ZEIT, 06.01.1995) [Já hoje, os cinco maiores fornecedores dividem entre si mais do que a metade do mercado alemão, com um volume de 26 bilhões de marcos (vide gráfico acima à esquerda).]
(305) Siehe dazu die Graphik an der Seite/gegenüber. [Sobre isso, vide o gráfico ao lado/na página ao lado.]

Gegenüber, nesse uso, indica que a entidade situada se localiza na página ao lado, enquanto *an der Seite* indica que ela se localiza numa posição lateral na mesma página.

Existe ainda uma possibilidade de aplicar a orientação extrínseca à dêixis textual situacional:

- (306) Auf dieses Problem sind wir weiter vorne schon eingegangen. Weiter hinten werden wir darauf zurückkommen. [Desse problema já tratamos lá atrás. Mais à frente voltaremos a ele.]

Suponhamos que esse exemplo esteja num lugar no meio de um livro, de uma revista ou de algo semelhante. *Vorne* e *hinten* tomam a si mesmos, nesse lugar, como entidades de referência. A perspectiva, contudo, não parte do mesmo lugar, mas sim da localização de um observador fora do texto, que tenha o livro fechado nas mãos, olhando para sua capa. A partir dessa perspectiva, os primeiros capítulos do livro estão mais perto do observador (em frente ao lugar em que estão os advérbios) e os últimos capítulos, mais longe (atrás do lugar dos advérbios).

A língua portuguesa não permite, em casos correspondentes, a orientação extrínseca, de modo que um uso paralelo de *à frente* e *atrás* seria impossível. A orientação a ser adotada em português é a intrínseco-contextual. Nela, os advérbios, em seu lugar no texto, constituem a entidade de referência; o processador, no momento em que os processa, é o observador. Dessa maneira, inverte-se o uso dos advérbios, com o resultado curioso de que *à frente* serve de equivalente de *hinten* e *atrás*, de *vorne*.

A dêixis textual referencial (tipo 5) parte da perspectiva do processador de texto e toma como entidade de referência um objeto textual pré ou pós-mencionado. Dos advérbios do primeiro grupo, todos possibilitam esse emprego:

- (307) Zum Abschluß dieses Buches möchten wir Sie, liebe Leserin, einladen: Wenn Sie irgendwo Schwierigkeiten hatten, den Anleitungen zu folgen, schreiben Sie uns. Teilen Sie uns bitte mit, wie lange sie schon stricken und wo genau die Schwierigkeit lag. Wir werden Ihre Anregungen in der nächsten Auflage berücksichtigen. [Na conclusão deste livro, querida leitora, gostaríamos de solicitar: se houve, em algum lugar, dificuldades em seguir as instruções, escreva-nos. Informe-nos, por favor, a quanto tempo você faz tricô e onde, exatamente, encontrou dificuldade. Aproveitaremos suas sugestões na próxima edição.]

Em (307), a entidade de referência é o livro em que estão essas próprias sentenças e que é, ao mesmo tempo, pré-mencionado.

Os advérbios do segundo grupo que teoricamente possibilitam o uso na dêixis textual referencial, são *zwischen*, *dazwischen*, *drumherum*, *in der Mitte*, *dabei*, *woanders* e *anderswo*:

- (308) Im letzten Kapitel hatten wir eine Zusammenstellung der bekanntesten Rezepte der regionalen Küche, mit zahlreichen Illustrationen zwischen/dazwischen/drumherum/in der Mitte/dabei. [No último capítulo, tivemos uma seleção das receitas mais conhecidas da cozinha

regional, com numerosas ilustrações por entre elas/em meio a elas/ao redor/no meio/junto.]

- (309) Das Thema wurde in diesem Buch schon woanders/anderswo diskutiert.
[O assunto já foi discutido alhures/em outro lugar neste livro.]

Em termos estilísticos, o emprego desses advérbios na dêixis textual pode parecer um tanto coloquial ou até duvidoso. A dêixis textual é um recurso típico de um estilo técnico e elaborado, que privilegia informações precisas e abstratas. Advérbios que especificam apenas o campo e/ou a distância podem parecer pouco informativos e/ou demasiadamente concretos nesse ambiente. Por isso, preferem-se outros recursos que codifiquem ou informações mais precisas ou a mesma informação de maneira mais descontextualizada.

Entre os advérbios do terceiro grupo, particularmente alguns compostos com *da-*, do tipo (i) acima mencionado, permitem o emprego na dêixis textual referencial. Além disso, *oberhalb* e *unterhalb*, *gegenüber*, *an der Seite* e *auf der Seite* possibilitam esse uso:

- (310) Siehe die Darstellung in Kapitel 3 mit der Graphik daneben/darüber/darunter/ oberhalb/unterhalb/gegenüber/an der Seite/auf der Seite. [Vide a apresentação no capítulo 3 com o gráfico ao lado/acima/abaixo/*em cima/*embaixo/*em frente/ao lado/*no lado.⁴⁸]

Nesse caso, a informação codificada é suficientemente precisa para justificar o emprego de advérbios dêíticos também em textos de estilo técnico e formal.

Em todos os exemplos discutidos, a dêixis textual referencial insere-se na orientação puramente intrínseca. Existem, ainda, algumas poucas possibilidades desse tipo de dêixis na orientação extrínseca. Para especificar a direção na dimensão lateral, por exemplo, usam-se as locuções adverbiais *rechts daneben* [ao lado direito] e *links daneben* [ao lado esquerdo]:

- (311) Siehe die Darstellung in Kapitel 3 mit der Graphik rechts daneben.
[Vide a apresentação no capítulo 3 com o gráfico ao lado direito.]

Nesse caso, as direções determinam-se a partir da perspectiva do processador de texto. Outro exemplo é *davor*:

- (312) Siehe die Darstellung in Kapitel 3 mit der Graphik davor. [Vide a apresentação no capítulo 3 com o gráfico *à frente.]

⁴⁸ Os asteriscos marcam as traduções que não funcionam no português ou que mudam a interpretação em relação à sentença em alemão.

Temos aqui novamente a orientação extrínseca, a partir da perspectiva de um leitor que tem o livro nas mãos e olha para sua capa. Não existe, no entanto, um uso paralelo de *dahinter*, na dêixis textual referencial.

A dêixis textual extra-situacional (tipo 6) é pouco comum no uso dos advérbios espaciais do alemão, assim como já vimos em relação ao português. *Drin*, *draußen*, *mittendrin*, *woanders*, *anderswo* e *hint(en)an* são os únicos elementos que permitem esse uso:

- (182) Kannst du dich erinnern, wann Goethe gelebt hat? – Tut mir leid, ich bin im Moment etwas draußen/ich bin im Moment nicht drin. [Você lembra quando viveu Goethe? – Sinto muito, no momento estou um pouco por fora/não estou por dentro.]
- (313) Mit ihm unterhält man sich zwei Minuten, da ist man schon mittendrin. [Com ele, você conversa dois minutos, aí você já fica por dentro de tudo.]
- (314) Was hast du gesagt? Ich war gerade woanders/anderswo. [O que é que você falou? Eu estava longe/em outro lugar.]
- (315) Das Thema Politik soll jetzt einmal ganz hint(en)an stehen. [O tema política deve agora ficar em último lugar.]

O exemplo (182) já foi apresentado no item 4.2.2.3. acima. *Draußen* e *drin*, nesse contexto, tomam como entidade de referência o conhecimento cultural médio que se espera de uma pessoa civilizada. Em (313), a entidade de referência sugerida por *mittendrin* pode ser algum assunto muito interessante ou o grupo social que participa da conversa. *Woanders/anderswo*, em (314), remetem ao assunto tratado pelo interlocutor, e *hint(en)an*, em (315), à escala de relevância adotada na comunicação atual. A orientação, nesse tipo de dêixis, pode ser intrínseca ou intrínseco-contextual, mas não extrínseca.

A dêixis virtual situacional (tipo 7) assemelha-se à física situacional, mas possibilita o uso de mais advérbios. Os do primeiro grupo, por exemplo, não podem ser usados sozinhos na dêixis física situacional, mas têm um uso virtual situacional:

- (316) Maria sah sich erstaunt um. Wo war sie? Irgendwo waren Stimmen zu hören. [Maria olhou surpresa em sua volta. Onde estava? Em algum lugar, ouviam-se vozes.]

Normalmente, o emprego desses advérbios independe da localização do observador, de modo que se insere na dêixis física extra-situacional. Em (316), porém, a perspectiva é a da personagem, que serve também de entidade de

referência para *wo* e *irgendwo*. Mesmo assim, a localização das entidades situadas (a própria Maria e as vozes) permanece indefinida, como é típico dos advérbios do primeiro grupo. A orientação é intrínseco-contextual.

Para testar a possibilidade de usar os advérbios do segundo e do terceiro grupo na dêixis virtual situacional, poderíamos transpor todos os exemplos discutidos acima, em relação à dêixis física situacional, do tempo presente para um tempo do passado. Se a perspectiva mudar, nessa transformação, do falante para uma personagem, então o advérbio poderá ser usado como dêitico virtual situacional. Alguns exemplos do segundo grupo:

- (317) Maria wurde langsam ungeduldig. Der Bahnhof war ganz nah/in der Nähe./Der Bahnhof mußte in der Umgebung sein. [Maria, aos poucos, ficou impaciente. A estação de trem estava bem perto/nas proximidades./A estação de trem devia ficar nas redondezas.]
- (318) Damals war die Zeit des Prager Frühlings. Moskau war weit, dachten wir. [Era, então, a época da Primavera de Praga. Moscou ficava longe, pensávamos.]
- (319) Alle horchten. In der Entfernung spielte man Tanzmusik. [Todos escutaram. Ao longe, tocava-se música para dançar.]
- (320) Warum sollte er nicht in die Ferne sehen? Schön war es doch auch anderswo. [Por que ele não deveria olhar para longe? Também era bonito em outros lugares.]
- (321) Sonntags fuhr sie zu Onkel Fritz und Tante Inge, die außerhalb wohnten. [Aos domingos, ela ia para a casa do tio Fritz e da tia Inge, que moravam fora (da cidade).]
- (322) Paul war drin, aber Maria blieb im Garten. Sie spielte lieber draußen. [Paulo estava dentro, mas Maria ficou no jardim. Ela preferia brincar fora.]

Com *innen*, *außen*, *mittendrin*, *zwischen* e *dazwischen*, essa transposição parece não funcionar:

- (323) Der Aufzug war innen und außen frisch gestrichen. [O elevador estava com tinta fresca dentro e fora.]
- (324) Wo immer es einen Streit gab, war ihr Sohn mittendrin. [Em todo lugar que houvesse uma briga, seu filho estaria no meio.]
- (325) Als sie mit den Waren an der Kasse war, fiel ihr plötzlich eine Mark dazwischen. [Quando estava no caixa com as mercadorias, caiu, de repente, um marco no meio delas.]

Esses advérbios precisam de uma entidade de referência mencionada no contexto, i.e., tornam-se referenciais (tipo 8).

Em compensação, alguns dos demais advérbios do segundo grupo, que não aceitam o uso físico situacional, podem ser usados na dêixis virtual situacional:

- (326) Maria blickte um sich. Ringsherum/nahebei standen zahlreiche Wohnhäuser. Ein wenig entfernt lag ein Supermarkt. Fernab die Kulisse der Stadt. [Maria olhou em sua volta. Ao redor/perto, havia numerosas casas residenciais. Um pouco afastado, tinha um supermercado. Lá ao longe, a silhueta da cidade.]

Entre os advérbios do terceiro grupo, os que permitem o uso físico situacional na orientação intrínseco-contextual, também podem ser usados na dêixis virtual situacional:

- (327) Maria stand auf dem Marktplatz. Vorne sah sie das Stadttheater, links die Oper, rechts das Rathaus, oben die Burg, unten den Rhein, und hinten hörte einen Hund bellen. [Maria estava na praça central. Em frente, ela viu o Teatro Municipal, à esquerda, a Ópera, à direita, a Câmara Municipal, acima, o castelo, abaixo, o Reno e às suas costas, ouviu um cachorro latir.]
- (328) So langsam, wie abends die blauen Schatten die Berge hinaufkriechen, erobert die neue alte Küche nun auch die vielgeschmähten Berg- und Skihütten, die immer noch hoch dröben wenig originelle Kost für viel Geld anbieten. (ZEIT, 03.03.1995) [Tão devagar quanto as sombras azuis, à noite, se arrastam para cima das montanhas, a nova velha cozinha acaba conquistando as cabanas montanhesas e de esqui, muitas vezes difamadas, que ainda oferecem, lá em cima, comida pouco original por muito dinheiro.]
- (329) Wie ich ins Hospital gelangte, weiß ich nicht. Ich hatte viel Blut verloren. Also schlief ich lange. Eines Morgens, als ich aufstand, um zu pinkeln, sagte der Bett Nachbar: "Geh' ans Fenster." Es regnete. Drunten hockten unter einem Sonnenschirm zwei amerikanische Soldaten, die Maschinenpistolen auf ihren Knien. (ZEIT, 05.05.1995) [Como vim parar no hospital, não sei. Eu tinha perdido bastante sangue. Por isso, dormi muito tempo. Uma manhã, quando me levantei para fazer xixi, o vizinho de leito disse: "Vá até a janela." Chovia. Lá embaixo, estavam agachados debaixo de um guarda-sol dois soldados americanos com as pistolas automáticas no colo.]
- (330) Maria blieb abends immer zu Hause, während Paul sich am liebsten drüben in der Kneipe aufhielt. [À noite, Maria sempre ficava em casa, enquanto Paulo preferia ficar no bar da frente.]
- (331) Maria wurde langsam ungeduldig. Gleich nebenan war die Post. [Maria, aos poucos, ficou impaciente. Logo ao lado, estava a agência do correio.]
- (332) Maria wurde langsam ungeduldig. Gegenüber sah sie ein Kino. [Maria, aos poucos, ficou impaciente. Em frente, ela viu um cinema.]

Os advérbios cujo uso físico situacional sempre se insere na orientação puramente intrínseca não permitem o emprego na dêixis virtual situacional. Nessa variante, vão exigir a menção da entidade de referência, tornando-se referenciais (tipo 8):

- (333) Maria stand vor dem Koffer. Die Hemden lagen gleich obenan/obenauf. [Maria estava em frente à mala. As camisas estavam logo em cima.]
- (334) Maria sah in den Schrank. Die Gläser sollten gleich vornean stehen. [Maria olhou no armário. Os copos deveriam estar logo na frente.]
- (335) Maria sah ein wunderschönes barockes Sofa. Und darunter/davor/dahinter/ daneben lag ein Dobermann mit einer eingegipsten Pfote. [Maria viu um lindo sofá barroco. E embaixo/em frente/atrás/ao lado, estava deitado um Dobermann com uma pata engessada.]

Entre os demais advérbios, há ainda alguns que permitem o emprego na dêixis virtual situacional, mas não na dêixis física situacional:

- (336) Maria saß auf einer Wiese am Hang. Oberhalb weideten Kühe, unterhalb floß ein Bach. Seitlich/an der Seite stand eine Gruppe von Apfelbäumen. [Maria estava sentada num gramado na encosta. Mais acima, pastavam vacas, mais abaixo, corria um ribeirão. Lateralmente/ao lado, havia um bosque de macieiras.]

Em geral, os advérbios compostos com *da-* (e *hier-* e *wo-*) do tipo (i) acima descrito não se prestam para a dêixis virtual situacional, já que são elementos de natureza fortemente referencial. A dêixis virtual situacional insere-se sempre na orientação intrínseco-contextual, pois depende da perspectiva de um observador fictício.

A dêixis virtual referencial (tipo 8) assemelha-se à física referencial. Como essa, ela é possível com quase todos os advérbios espaciais, nas variantes anafórica e catafórica (sendo a anafórica a mais comum) e nas orientações intrínseco-contextual e extrínseca, mas não na puramente intrínseca, por ser indispensável a presença de um observador.

Um exemplo com advérbios do primeiro grupo:

- (337) Maria suchte ein Haus, wo sie wohnen konnte. Irgendwo mußte doch ein Haus zu finden sein. [Maria procurava uma casa onde pudesse morar. Em algum lugar, teria que haver uma casa.]

A entidade de referência para a interpretação de *wo* é a casa pré-mencionada, para a interpretação de *irgendwo*, a cidade em que Maria vive. A perspectiva é a da personagem.

Vejam os alguns exemplos com advérbios do segundo grupo, além dos já discutidos acima:

- (338) Maria und ihre Freundinnen standen auf dem Schulhof. Sie liebten es, ihre Pausen draußen zu verbringen. Niemand wollte woanders spielen. In der Klasse gab es nur ein Mädchen, das manchmal abseits stand. [Maria e suas amigas estavam no pátio do colégio. Elas adoravam passar seus intervalos fora. Ninguém queria brincar em outro lugar. Na turma, havia só uma menina que, às vezes, se mantinha afastada.]
- (339) Maria wohnte außerhalb, aber sie ging in der Stadt zur Schule. Sie liebte ihre Schule. In der Nähe/nahebei gab es eine Bäckerei. [Maria morava fora, mas frequentava a escola na cidade. Ela adorava sua escola. Nas proximidades/lá perto, tinha uma padaria.]

Em (338), a entidade de referência para a interpretação de *draußen* é o prédio da escola implicitamente introduzido pela palavra *Schulhof*. A entidade de referência para *woanders* é o pátio da escola, e para *abseits*, o grupo das meninas. Todas essas entidades são pré-mencionadas. Em (339), a entidade de referência para *außerhalb* é a cidade, pós-mencionada, e para *in der Nähe/nahebei*, novamente a escola.

Os advérbios pronominais compostos são particularmente adequados para o uso na dêixis virtual referencial:

- (340) Maria liebte ihre Schule. Darin herrschte immer ein ganz bestimmter, besonderer Geruch. Drumherum gab es viel Platz zum Spielen, auch viele Bäume. Dazwischen wuchs Gras. [Maria adorava sua escola. Lá dentro, sempre havia um determinado cheiro peculiar. Ao redor, tinha bastante espaço para brincar, também muitas árvores. Em meio a elas, havia grama.]

A entidade de referência para a interpretação de *darin* e *drumherum* é o prédio da escola pré-mencionada, para *dazwischen*, são as árvores.

Anbei e seus sinônimos exigem, também nesse uso, um texto como entidade de referência:

- (341) Maria schickte einen Brief an ihren Vater. Anbei übersandte sie die neuesten Fotos von ihren Kindern. [Maria mandou uma carta para seu pai. Em anexo, enviou as fotos mais recentes dos seus filhos.]

Olhemos, ainda, alguns exemplos do uso virtual referencial com advérbios do terceiro grupo:

- (342) Hans ging für sein Leben gern bei Regen im Hafen spazieren. Vornean im Hafenbecken ruhte ein Kreuzfahrtschiff aus Arabien. Nebenan ein Bananendampfer aus Südamerika. Seitlich lagen einige Fischerboote und ganz an der Seite schaukelte eine Barkasse der Hafenpolizei. [Hans adorava passear sob chuva no porto. Logo em frente, na doca, repousava um cruzeiro da Arábia. Ao lado, um vapor de bananas da América do Sul. Lateralmente, tinha uns pesqueiros e bem de lado, balançava uma barça da polícia portuária.]

Novamente, os advérbios pronominais com *da-* servem muito bem para esse uso:

- (343) Der Unterstand der Hafenpolizei war leer. Davor standen einige Mülltonnen, daneben ein altes verrostetes Fahrrad. An der Tür hing ein Schild, darauf stand: Zutritt verboten. [O abrigo da polícia portuária estava vazio. Em frente, tinha algumas lixeiras, ao lado delas, uma velha bicicleta enferrujada. Na porta, havia uma placa pendurada, nela estava escrito: Entrada proibida.]

Mas como na dêixis física referencial, os advérbios *droben*, *drunten* e *drüben* não servem para esse uso. Em exemplos como:

- (344) Hans stand staunend am Fuße des Turms, der unten/*drunten so breit war wie ein Fußballfeld und oben/droben spitz zulief wie eine Stricknadel. [Hans estava admirado ao pé da torre, que, embaixo/*lá embaixo, era tão larga quanto um campo de futebol e em cima/lá em cima, tinha uma ponta como uma agulha de tricô.],

o advérbio *droben* não pode ser interpretado como dêitico referencial, e *sim*, somente como situacional (tipo 7). Pelo mesmo motivo, *drunten* é impossível, nesse contexto, pois o posicionamento do observador na base da torre exclui uma interpretação situacional.

Os advérbios que especificam a direção, podem ser usados nas orientações intrinseco-contextual e extrinseca:

- (345) Hans wohnte im zwölften Stock eines Hochhauses. Oben gab es einen Aussichtspunkt. Dort stand er in der Neujahrsnacht. Mit Vergnügen beobachtete er, wie unten die Leute aufgeregt auf und ab liefen. Rechts und links waren schon vereinzelte Blitze zu sehen. Als noch ungefähr zehn Minuten bis Mitternacht fehlten, hörte er weit hinten ein Donnern, das langsam anschwell und näherkam. Weiter vorne, in den

Nachbarhäusern, gingen die Außenlichter an und immer mehr Leute kamen auf die Straße. [Hans morava no décimo segundo andar de um prédio. Em cima, havia um terraço. Lá, ele ficou na noite da passagem de ano. Com divertimento, observava como, lá embaixo, as pessoas andavam excitadamente para lá e para cá. À direita e à esquerda, já se viam relâmpagos isolados. Quando faltavam ainda cerca de dez minutos para a meia-noite, ele ouviu lá no fundo um estrondo, que lentamente aumentou e se aproximou. Mais em frente, nas casas avizinhas, acenderam-se as luzes de fora e, cada vez mais, pessoas vieram para a rua.]

Nesse exemplo, temos a orientação intrínseco-contextual em *oben* e *unten* que se referem ao prédio pré-mencionado e localizam as entidades situadas nas regiões por ele definidas. *Rechts*, *links*, *vorne* e *hinten*, no entanto, dependem indispensavelmente da perspectiva da personagem como observador. *Hinten* quer dizer "atrás das casas mais próximas" ou então "a maior distância", enquanto *vorne* significa "aquém das casas dos vizinhos" ou então "a menor distância".

A dêixis virtual extra-situacional (tipo 9), finalmente, foi ilustrada, no item 4.2.2.3. acima, pelo exemplo:

- (185) Als Kind spielte sie viel lieber drin als draußen. [Quando criança, ela gostava muito mais de brincar dentro (de casa) do que fora (de casa).],

interpretado a partir da perspectiva da referida personagem. De fato, o mesmo exemplo, poderia também ser interpretado na orientação puramente intrínseca, como dêixis física extra-situacional.

Como já vimos no capítulo sobre o português, casos nítidos da dêixis virtual extra-situacional são raros. Podemos, também no alemão, pensar em exemplos com os advérbios direcionais, *rechts* e *links*, em relação ao panorama político, ou *oben* e *unten*, em relação à hierarquia social. Para poder interpretar os advérbios *links* e *rechts* numa sentença como:

- (346) Damals waren die letzten Nationalliberalen aus jener Partei gedrängt worden, die der baden-württembergische Ministerpräsident Reinhold Maier einst als "etwas links und ziemlich weit rechts" bezeichnet hatte. (ZERT, 13.01.1995) [Naquela época, os últimos nacional-liberais haviam sido empurrados para fora daquele partido, que o governador baden-württemberguense Reinhold Maier uma vez caracterizara como "um pouco de esquerda e bastante de direita".],

precisa-se saber quem foi o personagem Reinhold Maier e qual foi sua posição política. Somente a partir dessas informações, poderemos interpolar qual seria aproximadamente a posição do referido partido.

Resumindo, apresento primeiramente uma tabela em que se vê como se distribuem, nos advérbios espaciais do alemão, as três orientações aos nove tipos de dêixis:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		i,c	c,e	c
dêixis referencial		i,e	i,e	c,e
dêixis extra-situacional		i,c	i,c	c

Comparando essa tabela com a apresentada para o português, no item 3.2.2.4.3. acima, verificamos que a distribuição é praticamente idêntica nas duas línguas. A única diferença é a de que, no alemão, se pode marginalmente usar a orientação extrínseca na dêixis textual situacional e referencial, o que parece impossível no português.

A seguir, classificarei os advérbios espaciais do alemão segundo seu uso nos diversos tipos da dêixis situacional e referencial, assim como o fiz com os advérbios do português. As possibilidades de uso na dêixis extra-situacional não serão consideradas nessa classificação. No total, podemos distinguir doze grupos.

O grupo (a) contém os advérbios *anderswo*, *woanders* e *gegenüber*, que podem ser utilizados em todos os tipos da dêixis situacional e referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	+	+
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		-	(+)	-

O grupo (b) é composto por *rechts*, *links*, *vorne*, *hinten*, *oben* e *unten*. Esses advérbios têm praticamente as mesmas características do grupo anterior, com a única diferença que não podem ser usados na dêixis textual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	+	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		+	-	+

O grupo (c) consiste somente de *an der Seite*, também um advérbio que apresenta grande flexibilidade no seu uso, apenas excluindo a dêixis física situacional:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		-	+	+
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		-	-	-

O grupo (d) compõe-se de *drin(nen)*, *draußen*, *außerhalb*, *nah*, *weit*, *fern*, *auswärts*, *in der Nähe*, *in der Umgebung*, *in der Entfernung* e *nebenan*. Esses advérbios têm características semelhantes ao grupo anterior, mas não permitem o uso na dêixis textual referencial.⁴⁹

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		(+)	(+)	(+)

O grupo (e) contém somente *zwischen*, que pode ser usado na dêixis física situacional e em todos os tipos da dêixis referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	-
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		-	-	-

O grupo (f) consiste de *innen*, *außen*, *mittendrin*, *oben*, *obenau* e *vor*, que permitem os mesmos usos que o grupo anterior, com a exceção da dêixis textual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	-
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		(+)	(+)	-

O grupo (g) é composto de *wo*, *irgendwo*, *oberhalb*, *unterhalb* e *auf der Seite*, que podem ser usados na dêixis virtual situacional e nos três tipos da dêixis referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		-	-	+
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		(+)	-	-

⁴⁹ Utilizo novamente o símbolo (+) para indicar que alguns membros do grupo permitem o uso no referido tipo de dêixis e outros não.

O grupo (h) contém *ringsherum*, *nahebei*, *abseits*, *entfernt*, *fernab* e *seitlich*, que têm os mesmos usos do grupo anterior, com a exceção da dêixis textual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		-	-	+
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional	(+)	-	-	-

O grupo (i) consiste de *aufenvor* e *anbei*, que só permitem três usos: na dêixis textual situacional e na física e virtual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		-	+	-
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional		-	-	-

O grupo (j) compõe-se de *droben*, *drunten* e *drüben*, que se limitam à dêixis física e virtual situacional:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		+	-	+
dêixis referencial		-	-	-
dêixis extra-situacional	(+)	-	-	-

O grupo (k) contém a maioria dos advérbios compostos com *da-* do tipo (i), *dazwischen*, *drumherum*, *dabei*, *daneben*, *darüber*, *darunter* e *davor*, além de *in der Mitte*. Esses servem para os três tipos da dêixis referencial, mas para nenhum outro tipo de dêixis, a não ser marginalmente para a física situacional:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		(+)	-	-
dêixis referencial		+	+	+
dêixis extra-situacional		-	-	-

O grupo (l), finalmente, consiste dos demais advérbios compostos com *da-* do tipo (i), *darin*, *darauf*, *daran* e *dahinter*, além de *hint(en)an*. Esse grupo tem praticamente a mesma característica do anterior, mas seus integrantes excluem o uso na dêixis textual referencial:

↓ escolha de R	escolha de S →	dêixis física	dêixis textual	dêixis virtual
dêixis situacional		(+)	-	-
dêixis referencial		+	-	+
dêixis extra-situacional	(+)	(+)	(+)	-

Analisando essa classificação, verificamos que os advérbios dos grupos (a) e (b) se caracterizam pelo traço {+ situacional} e os dos grupos (k) e (l), pelo traço {- situacional}. Os advérbios dos grupos (a) e (c) caracterizam-se pelo traço {+ textual} e os dos grupos (d), (f), (h), (j) e (l), pelo traço {- textual}. Os advérbios dos grupos (a), (c), (e), (g) e (k) caracterizam-se pelo traço {+ referencial} e os do grupo (j), pelo traço {- referencial}. Observamos que os pares de grupos (a) e (b), (e) e (f), (g) e (h), bem como (k) e (l) têm características idênticas em relação à dêixis situacional e referencial, distinguindo-se somente pela possibilidade vs. impossibilidade de uso na dêixis textual referencial (tipo 5).

A partir dessa análise, podemos montar escalas paralelas às desenvolvidas para o português, no item 3.2.2.4.3. acima. O agrupamento segundo a situacionalidade é o seguinte:

{+ situacional}	{± situacional}	{- situacional}
<i>anderswo, woanders, rechts, links, vorne, hinten, oben, unten, gegenüber</i>	<i>wo, irgendwo, innen, außen, drin(nen), draußen, mittendrin, zwischendrin, außerhalb, außenvor, ringsherum, in der Umgebung, nah, weit, fern, nahebei, anbei, abseits, entfernt, fernab, auswärts, in der Nähe, in der Entfernung, droben, drunten, drüben, seitlich, nebenan, oberhalb, unterhalb, obenan, obenauf, vornean, an der Seite, auf der Seite</i>	<i>darin, dazwischen, drumherum, in der Mitte, dabei, daneben, darüber, darunter, darauf, daran, hin(en)an, davor, dahinter</i>

Conforme a textualidade, temos a seguinte distribuição:

{+ textual}	{± textual}	{- textual}
<i>anderswo, woanders, gegenüber, an der Seite</i>	<i>wo, irgendwo, zwischendrin, dazwischen, außenvor, drumherum, in der Mitte, anbei, dabei, rechts, links, vorne, hinten, oben, unten, daneben, darüber, darunter, oberhalb, unterhalb, davor, auf der Seite</i>	<i>innen, außen, drin(nen), draußen, darin, mittendrin, außerhalb, ringsherum, in der Umgebung, nah, weit, fern, nahebei, abseits, entfernt, fernab, auswärts, in der Nähe, in der Entfernung, droben, drunten, drüben, seitlich, nebenan, obenan, obenauf, darauf, daran, vornean, hin(en)an, dahinter</i>

E de acordo com a referencialidade:

[+ referencial]	[± referencial]	[- referencial]
<i>wo, irgendwo, zwischendrin, da- zwischen, drumherum, in der Mitte, dabei, anderswo, woanders, daneben, darüber, darunter, ober- halb, unterhalb, davor, gegenüber, an der Seite, auf der Seite</i>	<i>innen, außen, drin(nen), draußen, darin, mittendrin, außerhalb, außenvor, ringsherum, in der Umgebung, nah, weit, fern, nahebei, anbei, abseits, entfernt, fernab, auswärts, in der Nähe, in der Entfernung, rechts, links, vorne, hinten, oben, unten, seitlich, nebenan, obenan, obenauf, darauf, daran, vornean, hin(en)an, da- hinter</i>	<i>droben, drummen, druben</i>

Observam-se algumas semelhanças e diferenças distribucionais entre os inventários de advérbios espaciais do alemão e do português do Brasil. Quanto à situacionalidade, verificamos uma distribuição bastante semelhante: nas duas línguas existem grupos pequenos de advérbios fortemente situacionais e não-situacionais e grupos bem maiores de advérbios de situacionalidade intermediária. No alemão, o grupo dos advérbios não-situacionais é levemente maior que no português, em relação aos outros grupos. Quanto à textualidade, observamos uma diferença: o português possui grupos pequenos de advérbios fortemente textuais e de textualidade intermediária e um grupo muito maior de advérbios não-textuais; o alemão, por outro lado, possui um grupo pequeno de advérbios fortemente textuais, mas um grupo grande de advérbios de textualidade intermediária, além de um grupo ainda maior de advérbios não textuais. Isso indica que, no alemão, existe um inventário maior de elementos lexicais apropriados para realizar a dêixis textual. No que concerne à referencialidade, verificamos que tanto o alemão quanto o português têm grupos grandes de advérbios de referencialidade intermediária e grupos um tanto menores de advérbios fortemente referenciais. Além disso, existe, no alemão, um grupo pequeno de advérbios não-referenciais, inexistente no português.

Analisemos, ainda, de maneira mais detalhada as correspondências e não-correspondências entre os grupos de advérbios do alemão e do português. Em primeiro lugar, verificamos que o número de grupos no alemão é consideravelmente maior, um fato pouco surpreendente, em vista da quantidade total maior de advérbios espaciais na língua alemã.

Ao grupo (a) do português corresponde o grupo (a) do alemão. Esses grupos são caracterizados pela combinação de situacionalidade, referencialidade e textualidade altas. Encontram-se aqui os advérbios *alhures* e *em outro lugar*, bem como seus correspondentes no alemão, *anderswo* e *woanders*. No português, também *à direita* e *à esquerda* integram esse grupo, enquanto *rechts* e *links* do alemão, que não podem ser usados na dêixis textual referencial, estão no grupo (b). *Ao lado* e *gegenüber* podem ser considerados equivalentes, um ao

outro, em alguns poucos contextos, mas não geralmente. Os equivalentes mais importantes de *ao lado* – *an der Seite* (que exclui o uso físico situacional), *nebenan* (que exclui o uso textual), *auf der Seite*, *seitlich* e *daneben* (principalmente referenciais) – são menos flexíveis e pertencem a outros grupos. O mesmo vale para *em frente*, o equivalente mais importante de *gegenüber*, que não permite o uso na dêixis textual.

Ao grupo (b) do português corresponde o grupo (b) do alemão. Esse grupo tem a mesma característica de (a), com a única diferença que não permite o uso textual referencial. No português, *adiante* pertence a esse grupo e, no alemão, seu equivalente *vorne*. Mas no alemão, também *hinten*, *oben* e *unten* integram o mesmo grupo. Entre os equivalentes desses advérbios observa-se no português uma diferenciação funcional. *Em cima* e *embaixo* excluem os usos textuais, enquanto *acima* e *abaixo* os privilegiam. Os equivalentes de *hinten* – *atrás*, *ao fundo* e *no fundo* – não permitem nenhum uso textual, bem como os demais equivalentes de *vorne* – *em frente*, *à frente* e *na frente*.

O grupo (c) do alemão, caracterizado por referencialidade e textualidade altas e situacionalidade intermediária, não tem correspondente no português. Seu único membro é *an der Seite*, que equivale a *ao lado*, mas não permite o uso físico situacional.

Ao grupo (c) do português corresponde o grupo (d) do alemão. Ambos caracterizam-se por situacionalidade e referencialidade intermediárias e textualidade baixa. Tanto no português quanto no alemão, é o grupo com o maior número de integrantes. Entre seus membros estão *perto* e *longe*, *nas proximidades* e *a distância*, bem como seus equivalentes *nah*, *weit*, *fern*, *in der Nähe*, *in der Umgebung* e *in der Entfernung*. Também *dentro* e *fora* têm seus equivalentes *drin(nen)* e *draußen* nesse grupo, mas não *innen* e *außen*, que não permitem o uso virtual situacional e pertencem, portanto, a outro grupo. Na verdade, *drin(nen)/draußen* parecem corresponder mais a *lá dentro/lá fora* e *innen/außen*, a *dentro/fora*. *Außerhalb* e *auswärts*, que também integram o grupo (d) do alemão, são outros equivalentes de *fora*. *Em frente*, *atrás*, *à frente* e *ao fundo*, que pertencem ao grupo (c) no português, têm seus equivalentes *vorne* e *hinten* no grupo (b) do alemão; *nebenan* tem seu equivalente *ao lado* no grupo (a) do português.

O grupo (e) do alemão não tem correspondente no português. Ele é caracterizado por referencialidade alta e situacionalidade e textualidade intermediárias. Seu único integrante é *zwischen*, cujo equivalente *no meio* pertence ao grupo (d) do português.

O grupo (d) do português corresponde ao grupo (f) do alemão. Os dois são caracterizados por situacionalidade e referencialidade intermediárias e textualidade baixa. As características são semelhantes às dos grupos (c) do português e (d) e (e) do alemão. Nas duas línguas, trata-se de grupos relativamente grandes. Entre seus integrantes encontram-se *no meio* e seu segundo equivalente *mittendrin*. O terceiro equivalente desse advérbio, *in der Mitte*, apresenta limitações em relação ao uso situacional e insere-se, portanto, num outro grupo. Entre os demais integrantes encontramos *em cima* no português e *oben* e *obenauf* no alemão, bem como *na frente* no português e *vornean* no alemão. Em vários usos, esses advérbios são equivalentes. É interessante, todavia, comparar mais cuidadosamente a forma morfológica e a variabilidade de uso dêitico desses advérbios nas duas línguas. *Em cima* e *na frente* são locuções adverbiais com função de advérbios básicos, no sentido de que não existem, no português, elementos morfológicamente mais simples para codificar as mesmas relações intrínsecas. Nos diferentes usos dêíticos, eles dividem o campo com *acima* e *adiante*, que também são morfológicamente compostos. Os advérbios básicos equivalentes do alemão são *oben* e *vorne*, ambos monomorfemáticos. Esses possuem usos dêíticos mais variados que *em cima* e *na frente*. Os elementos compostos *oben*, *obenauf* e *vornean*, por sua vez, que permitem os mesmos usos dêíticos que *em cima* e *na frente*, não são advérbios básicos. Isso corrobora claramente a afirmação de que os advérbios espaciais básicos do alemão contemporâneo estão mais gramaticalizados que os do português.

O grupo (e) do português não tem correspondente no alemão. Os advérbios *acima* e *abaixo*, caracterizados por referencialidade e textualidade altas e situacionalidade intermediária, não encontram equivalentes exatos na língua alemã.

O grupo (f) do português corresponde ao grupo (g) do alemão. Ambos caracterizam-se por referencialidade alta e situacionalidade e textualidade baixas. No português, o grupo é relativamente pequeno, contendo somente três advérbios: *onde*, *algures* e *em algum lugar*. Seus equivalentes alemães, *wo* e *irgendwo*, pertencem ao grupo correspondente. No alemão, o grupo é de tamanho intermediário. Pertencem a ele ainda *oberhalb*, *unterhalb* e *auf der Seite*, equivalentes de *em cima/acima*, *embaixo/abaixo* e *ao lado*, especializados no uso referencial.

Os grupos (h), (i), (j) e (k) do alemão não têm correspondentes no português. (h) é caracterizado por situacionalidade e referencialidade intermediárias e textualidade baixa. É um grupo relativamente grande que se assemelha aos grupos (c), (f) e (g) do português. Entre seus integrantes encontra-se *nahebei*, equivalente menos flexível de *perto* (grupo (c)), bem como *abseits*, *entfernt* e

fernab, equivalentes menos flexíveis de *longe* (também grupo (c)). *Seitlich* é um equivalente menos flexível de *ao lado*, e *ringsherum*, um dos equivalentes de *em volta* e *ao redor* (grupo (g)), levemente mais variável que esses.

O grupo (i) contém somente *außenvor* e *anbei*, advérbios que, pela predominância do uso textual e referencial, se assemelham a *acima* e *abaixo*. Em relação ao uso situacional, porém, são ainda mais restritos.

O grupo (j) consiste de *droben*, *drunten* e *drüben*, equivalentes de *lá em cima*, *lá embaixo* e *lá em frente*. Esses três advérbios limitam-se totalmente ao uso situacional, impossibilitando os usos textual e referencial. Nenhum advérbio do português apresenta tal característica.

O grupo (k) é um dos dois grupos de advérbios de referencialidade alta e situacionalidade baixa do alemão. Assemelha-se ao grupo (d) do português. A grande maioria dos seus integrantes consiste de advérbios pronominais compostos com *da-*, cujos equivalentes no português são sintagmas preposicionados como *em cima disso* [*darüber*] ou locuções adverbiais como *perto de lá* [*dabei*] ou, ainda, locuções adverbiais como *lá ao lado* [*daneben*]. *Dazwischen*, *darüber*, *darunter* e *davor* têm seus equivalentes *no meio*, *em cima*, *embaixo* e *na frente* no grupo (d) do português. O mesmo é válido para a locução adverbial *in der Mitte*, outro equivalente de *no meio*. *Drumherum* tem seus equivalentes *em volta* e *ao redor* no grupo (g) do português.

O grupo (g) do português, finalmente, corresponde ao grupo (l) do alemão. Esses integram os advérbios espaciais menos flexíveis das duas línguas, com referencialidade intermediária e situacionalidade e textualidade baixas. Entre seus integrantes não há equivalências semânticas. Em alemão, os integrantes do grupo (l), bem como os do grupo (k), têm características fortemente referenciais. Os membros só não permitem o uso textual referencial. No português, trata-se de um grupo pouco característico. Dos seus três integrantes, *em volta* e *ao redor* indicam somente o campo e *junto*, campo e distância. *Em volta* e *ao redor* são mais frequentemente usados como preposições do que como advérbios. *Junto* está, no português contemporâneo, perdendo seu valor espacial propriamente dito.

No total, as semelhanças entre as possibilidades de uso da grande maioria dos advérbios espaciais estáticos do alemão e do português são evidentes. Em ambas as línguas existem pequenos grupos de advérbios que não têm equivalente na outra: *acima* e *abaixo*, no português, que se destacam principalmente por sua especialização no uso textual, *droben*, *drunten* e *drüben*, no alemão, advérbios estritamente situacionais, e *außenvor* e *anbei*, no alemão, de uso

predominantemente textual. Em termos morfológicos, observamos que o inventário dos advérbios espaciais estáticos do alemão está atualmente mais gramaticalizado que o do português. Entre outros fenômenos já mencionados, isso se mostra também nos advérbios pronominais do alemão, compostos com *da-*, *hier-* e *wo-*, que não têm equivalente formal na língua portuguesa.⁵⁰

4.2.2.4.4. Combinações com *hier*, *da* ou *dort*

No item 3.2.2.4.4. acima, pesquisei para o português as combinações de *aqui*, *aí* e *ali/lá* com os outros advérbios espaciais e as diversas variantes de uso dessas combinações. Observei que existem diversas variantes de composição semântica entre dois advérbios, particularmente dos usos situacional e referencial, que aumentam bastante as possibilidades de codificar relações espaciais complexas. Neste item, pesquisarei as possibilidades de combinar, no alemão, *hier*, *da* e *dort* com os outros advérbios, e farei, ainda, algumas observações sobre as demais combinações de advérbios espaciais.

Em relação às combinações com *hier*, *da* e *dort*, observa-se, em primeiro lugar, que alguns advérbios que não permitem o uso físico situacional (tipo 1) sozinhos, permitem esse uso em combinações com *hier*, *da* ou *dort*.

Entre os advérbios do primeiro grupo, que não especificam campo, distância, dimensão e direção, esse efeito mostra-se nitidamente em *irgendwo*:

- (347.a) Der Bahnhof muß doch irgendwo/hier irgendwo sein. [A estação de trem deve ficar em algum lugar/em algum lugar por aqui.]

Na variante com *irgendwo* sozinho, a interpretação do advérbio vai ser física extra-situacional. Na combinação com *hier*, esse advérbio estabelece uma relação contextual ([R,S]), com o falante como observador, que liga o referido estado de coisas com a situação comunicativa. Além disso, *hier* estabelece a relação intrínseca [E,R].

O mesmo exemplo também é possível com *dort*:

- (347.b) Der Bahnhof muß dort irgendwo sein. [A estação de trem deve ficar em algum lugar por ali.]

⁵⁰ Por isso, os advérbios pronominais do alemão constituem uma fonte contínua de erros para aprendizes brasileiros.

Nessa sentença, *dort* pode ser interpretado como dêitico referencial ou situacional. Para poder receber a interpretação física situacional, *dort* deve ser acentuado e acompanhado por um gesto mostrador que determina a dimensão e a direção. Novamente, o falante serve como observador e entidade de referência ([R,S]). A relação intrínseca indicada é [E ⇔ R].

Também com *da*, o mesmo uso é possível:

(347.c) Der Bahnhof muß da irgendwo sein. [A estação de trem deve ficar em algum lugar por ali.]

Na variante física situacional, *da* também é obrigatoriamente acentuado e acompanhado por um gesto mostrador. O advérbio indica a relação contextual [R ⇔ S] e a relação intrínseca [E,R]. Entende-se que a estação fica em algum lugar próximo às entidades para as quais o falante aponta, identificáveis na situação comunicativa.

Em todos esses casos, o primeiro advérbio estabelece a relação contextual e também uma relação intrínseca. *Irgendwo* acrescenta uma segunda relação intrínseca [E,R], sendo que o R dessa relação corresponde ao E estabelecido pelo primeiro advérbio. Isso significa que o primeiro advérbio é situacional e o segundo, referencial.

Combinações do mesmo tipo com *wo* não são possíveis:

(348.a) *Hier wo ist denn der Bahnhof? [Aqui onde fica a estação de trem?]

Mas essa restrição não tem motivos semânticos, e sim, sintáticos. No sintagma adverbial do alemão existem restrições sequenciais que se assemelham, de certa forma, às restrições vigentes no sintagma nominal. Sabe-se que, em sintagmas nominais, existem posições para pré-determinantes, determinantes, pós-determinantes, quantificadores, outros adjuntos antepostos ao nome, o nome e para adjuntos pospostos (cf. BLÜHDORN & NOMURA 1999: 194 ss.):

(349) Todas (pré-det) as (det) minhas (pós-det) três (quant) queridas (adj antep) irmãs (nome) mais novas (adj posp) saíram.

Em combinações de dois ou mais advérbios espaciais, os interrogativos/relativos (*wo*) devem estar em primeiro lugar, os que se poderiam denominar de determinativos (*hier, da e dort*), em segundo, os que se poderiam chamar de primários (*oben, unten, rechts, links* etc., correspondentes aos adjuntos antepostos e ao nome no sintagma nominal), em terceiro e os que se poderiam

denominar de secundários (*darin, darauf* etc., correspondentes aos adjuntos pospostos), em último lugar⁵¹:

- (350) Wo (interr) hier (det) oben (prim antep) links (prim) dazwischen (sec posp) soll das Buch liegen? [Onde (interr) aqui (det) em cima (prim antep) à esquerda (prim) no meio (sec, posp) você disse que está o livro?⁵²]

De acordo com essas regras, a sequência *hier wo* é impossível, mas *wo hier* é possível:

- (348.b) Wo hier ist denn der Bahnhof? [Onde aqui fica a estação de trem?⁵³]

Também nesse caso, *hier* é um dêitico físico situacional que estabelece uma relação contextual e uma intrínseca, enquanto *wo* é referencial e estabelece somente uma relação intrínseca ([E,R]).

Entre os advérbios do segundo grupo, que indicam campo e/ou distância, mas não dimensão e direção, vários (que permitem ou não o uso físico situacional sozinhos) aceitam esse uso em combinações com *hier, da* ou *dort* (os asteriscos nos exemplos referem-se somente ao uso físico situacional; uma interpretação física referencial sempre será possível):

- (351) Innen/hier innen ist es sehr stickig. [Dentro/aqui dentro está muito abafado.]
- (352) Außerhalb/hier außerhalb wohnt es sich ausgezeichnet. [Fora (da cidade)/aqui fora (da cidade) mora-se muito bem.]
- (353) In der Umgebung/hier in der Umgebung gibt es vier Apotheken. [Nos arredores/aqui nos arredores tem quatro farmácias.]
- (354) *In der Mitte/hier in der Mitte ist ein Loch. [*No meio/aqui no meio, tem um buraco.]
- (355) *Ringsherum/hier ringsherum sind neue Häuser gebaut worden. [*Em volta/aqui em volta foram construídas novas casa.]
- (356) Dann werdet Ihr vom Tarpejischen Felsen, gleich *nahebei/hier nahebei, in den Wasserstrom hinuntergeworfen. (Ludwig Tieck,

⁵¹ Advérbios como *irgendwo, nirgends* [nenhures], *überall* [em toda parte] etc., que se poderiam chamar de quantitativos, são mais variáveis em relação à posição sequencial. Podem anteceder ou suceder os advérbios determinativos.

⁵² A tradução do sintagma adverbial para o português corresponde literalmente à versão alemã. Enquanto o sintagma adverbial complexo no alemão não apresenta nenhum problema de interpretação, a versão portuguesa parece confusa. Geralmente, a língua portuguesa é bem menos tolerante do que a língua alemã em relação ao acúmulo de advérbios espaciais. Provavelmente, essa é uma consequência do menor grau de gramaticalização desses advérbios no português.

⁵³ A tradução *onde aqui* no português soa estranho. Parece que as restrições que determinam a sequência dos advérbios no português não são as mesmas que as vigentes no alemão.

Vittoria Accorombona) [Então o senhor será jogado da Rocha de Tarpeji, logo nas proximidades/aqui nas proximidades, para baixo, na corrente de água.]

Nessas combinações com *hier*, o primeiro advérbio é sempre situacional, e o segundo, referencial. Nas mesmas combinações com *da* ou *dort*, contudo, observa-se que também o primeiro advérbio é, de preferência, interpretado como dêitico referencial:

- (357) Meine Mutter wohnt in der Goethestraße. Da/dort ringsherum sind neue Häuser gebaut worden. Da/dort in der Umgebung gibt es vier Apotheken. [Minha mãe mora na Goethestraße. Lá em volta foram construídas novas casas. Lá nos arredores tem quatro farmácias.]

O antecedente de *daldort* nos dois casos é a Goethestraße pré-mencionada. A interpretação dos advérbios determinativos como dêiticos situacionais, nesse tipo de contexto, não é impossível, mas é bastante improvável.

Existem também algumas combinações em que ambos os advérbios serão interpretados como situacionais:

- (358) Schauspieler üben Rock-'n'-Roll-Schritte zu lauter Musik. "Von da draußen gucken sie uns manchmal zu", sagt eine der Regisseurinnen und zeigt auf die Welt hinter den Fenstern. (ZEIT, 27.01.1995) [Atores ensaiam passos de Rock'n'Roll com música alta. "De lá de fora às vezes nos observam", diz uma das diretoras e aponta para o mundo atrás das janelas.]
- (359) Wo sind denn deine Freunde? – Die sind dort außenvor geblieben. [Onde é que estão seus amigos? – Eles ficaram lá fora.]
- (360) Peter ist der komische Typ, der dort abseits steht. [Peter é o cara esquisito que está lá a distância.]

Essa variante, contudo, é pouco típica do alemão. Ela pressupõe que o primeiro e o segundo advérbio tomem entidades de referência diferentes dentro da mesma situação comunicativa. Assim, em (358), a entidade de referência de *da* é algum objeto identificável na situação comunicativa, ao qual o falante aponta mediante um gesto mostrador e perto do qual situam-se os referidos espectadores. A entidade de referência de *draußen*, no entanto, é o prédio em que o falante se encontra. Em (359) e (360), a entidade de referência de *dort* é o falante no momento da enunciação, a entidade de referência de *außenvor* é o prédio em que o falante está e a entidade de referência de *abseits* é um grupo identificável de pessoas.

Alguns advérbios que permitem o uso físico situacional sozinhos, não aceitam combinações com *hier*, *da* ou *dort*:

- (361) Rio de Janeiro ist nah/*hier nah. [O Rio de Janeiro fica perto/aqui perto.]
(241) Moskau ist weit/*dort weit. [Moscou fica longe/lá longe.]
(362) Peking ist fern/*da fern. [Pequim fica longe/lá longe.]

Em *hier nah*, *nah* teria que ser interpretado como dêitico referencial, *weit*, em *dort weit*, como dêitico situacional, e *fern*, em *da fern*, como dêitico referencial ou situacional. Todas essas combinações, que não funcionam no alemão, são perfeitamente possíveis com os advérbios equivalentes em português – uma diferença que indica que *perto* e *longe* (hoje em dia praticamente só advérbios) são mais gramaticalizados do que *nah*, *weit* e *fern* (ainda principalmente adjetivos).

Também *anderswo* e *woanders* permitem o uso físico situacional sozinhos, mas não em combinações com *hier*, *da* ou *dort*:

- (363) Schön ist es auch anderswo/*hier anderswo/*dort anderswo. [Também é bonito em outros lugares/*aqui em outros lugares/*lá em outros lugares.]

Entfernt, *fernab* e *anbei* não permitem o uso físico situacional, nem acompanhados nem desacompanhados de *hier*, *da* ou *dort*.

Entre os advérbios do terceiro grupo, que indicam campo, distância, dimensão e direção, quase todos permitem o uso físico situacional em combinações com *hier*, *da* ou *dort*. O único advérbio desse grupo que não permite o uso físico situacional nessas combinações é *hint(en)an*.

Alguns exemplos:

- (364) "Dieser Punkt hier links ist Berlin, und hier zwischen Berlin und dem dicken russischen Grenzstrich, diese zwei kleinen Schlangellinien, das sind die Oder und die Weichsel." (Theodor Fontane, *Vor dem Sturm*) [Este ponto aqui à esquerda é Berlim, e aqui entre Berlim e a linha grossa da fronteira russa, estas duas pequenas linhas onduladas, esses são os rios Oder e Weichsel.]
(365) "Wo wohnt der Graf?" – "Dort rechts auf dem letzten Berge in seinem Schlosse." (Joseph von Eichendorff, *Ahnung und Gegenwart*) ["Onde mora o conde?" – "Lá à direita, no último morro, em seu castelo."]

- (366) Dort oberhalb liegt ein Wasserfall. [Lá mais para cima tem uma cachoeira.]

Observamos nos exemplos, a princípio, as mesmas variantes de interpretação descritas para o português, no item 3.2.2.4.4. acima. *Hier links*, em (364) e *dort rechts*, em (365), receberão preferencialmente uma interpretação em que ambos os advérbios são situacionais, na orientação intrínseco-contextual, numa relação de apostos. Também é possível uma interpretação em que o primeiro advérbio é situacional na orientação intrínseco-contextual e o segundo, referencial na orientação intrínseca ou extrínseca, mas essa interpretação, em que os advérbios não estão numa relação apositiva entre si, é menos provável. *Dort oberhalb*, em (366), por sua vez, receberá, com maior probabilidade, a interpretação, em que o segundo advérbio é referencial. O primeiro ou é situacional ou referencial. Isso corresponde a dizer que o receptor deve primeiramente procurar a entidade situada de *dort* e posteriormente a de *oberhalb*.

A interpretação em que o primeiro advérbio é situacional e o segundo, referencial é bastante típica dos advérbios pronominais com *da-*, inclusive aqueles nos quais o componente *da-* já se reduziu para *d-*:

- (367) Warum ist es hier drin nur so heiß? Der Raum ist zu klein für einen Mörder und mich. (ZEIT, 20.09.1996) [Por que é que está tão quente aqui dentro? Este lugar é muito pequeno para mim e para um assassino.]
- (368) Als ich nach Zeichnungen frage, lacht er herzlich und deutet mit dem rechten Zeigefinger auf seine Stirn. Da drin seien die Pläne. (ZEIT, 24.03.1995) [Quando pergunto por desenhos, ele ri bastante e aponta com o dedo indicador direito para sua testa. Lá dentro estariam os planos.]
- (369) Was steht denn hier drauf? (ZEIT, 07.04.1995) [O que está escrito aqui?]
- (370) Der Schlüssel liegt hier drunter/dort drauf/da dahinter. [A chave está aqui embaixo/ali em cima/ali atrás.]

Em (367), a entidade situada de *hier*, que serve, ao mesmo tempo, de entidade de referência para *drin*, é o recinto em que está o falante/observador. As entidades correspondentes nos exemplos seguintes são a cabeça do falante em (368), um objeto perto do falante na situação comunicativa, em (369), e um objeto perto do falante (*hier*), afastado do falante (*dort*), identificável na situação comunicativa (*da*), em (370).

Mas o mesmo tipo de combinação permite também que ambos os advérbios sejam interpretados como dêiticos físicos referenciais (tipo 2):

- (371) Kein Wunder, daß wir uns das autobiographische Gedachtnis als eine Art Archiv vorstellen. Menschen, Orte, Dinge, Ereignisse und Gefühle, die in die Lebensgeschichte eingehen, stecken irgendwo da drin. (ZEIT, 06.09.1996) [Não é de se admirar que imaginemos a memória autobiográfica como uma espécie de arquivo. Pessoas, lugares, objetos, acontecimentos e emoções que fazem parte da história da vida pessoal estão em algum lugar lá dentro.]
- (372) Wenn es dann regnete und alles überschwemmt war und die Bretter anfangen, sich zu heben, und die Ratten, die da drunter steckten, nicht mehr wußten, wo sie hin sollten, dann sprangen wir auf die Bohlen rauf, und nun die Biester raus, links und rechts. (Theodor Fontane, *Der Stechlin*) [Quando então chovia e tudo ficava alagado e as pranchas começavam a levantar-se e as ratazanas que se escondiam lá embaixo não sabiam mais para onde ir, então, nós pulávamos para cima das pranchas, e aí saiam as feras, pela esquerda e pela direita.]

O antecedente de *da* em (371) é a memória autobiográfica e em (372), as pranchas pré-mencionadas.

Um caso interessante é *hier oben*, em (373):

- (373) Wenn das da unten auf der Bühne passieren konnte, wieso dann nicht auch hier oben auf dem Rang? (ZEIT, 30.12.1994) [Se isso pôde acontecer lá em baixo no palco, por que não também aqui em cima na galeria?]

Essa sentença assemelha-se ao exemplo *Já estou aqui em frente.*, discutido no item 3.2.2.4.4. acima (exemplo número (276)). Ao dizer *hier*, o falante parte da sua própria perspectiva como observador e refere-se à galeria, onde atualmente está, mas ao falar *oben*, adota a perspectiva de outro observador, situado embaixo, no palco. Nesse caso, a mudança da perspectiva provavelmente não é um recurso de polidez, como no exemplo acima, mas um meio para polarizar a oposição entre os dois lugares pelo duplo contraste entre *hier* e *da* e *oben* e *unten*.

No capítulo 3.2.2.4.4., distinguimos três possibilidades de interpretar combinações de advérbios com perspectivas diferentes:

- (i) os dois advérbios são interpretados como dêiticos físicos situacionais, como em *Já estou aqui em frente.* (ex. (276));
- (ii) o primeiro é interpretado como dêitico físico situacional e o segundo, como dêitico virtual situacional, como em *Aqui no fundo, temos a edícula.* (ex. (278));

- (iii) o primeiro é interpretado como dêitico físico situacional e o segundo, como físico extra-situacional, como em *Os brasileiros aqui embaixo não pensam.* (ex. (281)).

Verificamos que as mesmas três possibilidades existem também no alemão:

- (374) "Dort hinten, da sehen Sie unsere Hochstraße!" (ZEIT, 01.09.1995) ["Lá ao fundo, o senhor vê o nosso elevado!"]
- (375) Hier hinten, in der Mitte, findet man auch den offiziellen Eingang. (ZEIT, 31.03.1995) [Aqui ao fundo, no meio, encontra-se também a entrada oficial.]
- (376) Ihr da oben – wir da unten (título de um livro do escritor Bernd Engelmann) [Vocês aí em cima – nós lá embaixo.]

Em (374), o advérbio *dort* indica distância longa em relação ao lugar em que está o falante, que também funciona como entidade de referência ([E ↔ R,S]). A interpretação de *hinten* pode, teoricamente, seguir dois caminhos. No primeiro, *hinten* é entendido como indicador de campo externo, distância longa e dimensão frontal. Nesse caso, não fica bem claro porque o falante diz *hinten* e não *vorne*. Pelo contexto, é evidente que a entidade situada (o elevado) está na direção do olhar do falante. Portanto, o uso de *hinten* parece ser uma irregularidade idiomática ou idiossincrática. O segundo caminho de interpretação concebe o campo de visão como um espaço com orientação intrínseca (em analogia com um armário; cf. item 3.2.1.3.1. acima). *Hinten* é interpretado como indicador de campo interno e dimensão frontal. Nesta interpretação, os dois advérbios são dêiticos físicos situacionais, o primeiro na orientação intrínseca-contextual, em relação ao falante, e o segundo, na orientação intrínseca, em relação ao campo de visão.

Em (375), *hier* também deve ser interpretado como dêitico físico situacional, na orientação intrínseco-contextual, em relação ao falante. *Hinten*, por sua vez, vai ser interpretado, com maior probabilidade, como dêitico virtual situacional, na orientação intrínseco-contextual, a partir da perspectiva de um observador situado na frente do prédio em questão. Possivelmente, o falante e seu interlocutor acabam de vir da frente do prédio, de modo que eles mesmos, nos lugares que ocuparam pouco tempo atrás, podem ser os observadores virtuais.

Em (376), *da* é novamente interpretado como dêitico físico situacional, na orientação intrínseco-contextual, em relação ao falante, enquanto *unten* será provavelmente interpretado como dêitico físico extra-situacional, na orientação intrínseca, em relação à hierarquia social.

Não é necessário (e nem possível) explicitar, neste trabalho, todas as demais possibilidades de combinar *hier*, *da* e *dort* com outros advérbios espaciais, nos diferentes tipos de dêixis. Basta verificar que as possibilidades são, a princípio, semelhantes às descritas acima para o português. No português e no alemão, o acréscimo de advérbios determinativos a outros advérbios serve, com frequência, para estabelecer uma relação contextual, que os segundos advérbios sozinhos não poderiam estabelecer. Além disso, *hier*, *da* e *dort* e seus equivalentes do português são usados como dêiticos referenciais, que interconectam as diversas entidades situadas no texto. Parece-me que a primeira função é levemente mais importante na língua portuguesa e a segunda, na alemã, mas essa diferença é somente gradativa e depende muito dos textos investigados.

4.2.2.4.5. Advérbios geográficos

A língua alemã, como a portuguesa, possui também um inventário de advérbios geográficos, entre eles elementos monolexemáticos, como *südlich* [meridional], *nördlich* [setentrional], *östlich* [oriental], *westlich* [ocidental] etc., e locuções adverbiais, como *im Süden* [ao sul], *im Norden* [ao norte], *im Osten* [ao leste], *im Westen* [a oeste] etc.:

- (377) Direkt am Bahnhof Friedrichstraße liegt links das "Museum Island"; dort soll sich auch das Naturkundemuseum befinden, obwohl es am Ort der Staatsbibliothek eingezeichnet ist (tatsächlich liegt es zwei Kilometer nördlich). (ZEIT, 20.01.1995) [Diretamente ao lado da estação Friedrichstraße, à esquerda, fica o "Museum Island"; aí, segundo o guia, deve se encontrar também o museu de ciências naturais, apesar de ele estar indicado no lugar da biblioteca nacional (na verdade, ele fica dois quilômetros ao norte).]
- (378) Zeitaufwendig und beschwerlich ist die Anreise auf der einzigen Straße, die Bondowoso im Westen mit den fünf kleinen Dörfern auf dem weitläufigen Plateau verbindet. (ZEIT, 10.03.1995) [Demorada e penosa é a viagem pela única estrada que liga Bondowoso a oeste às cinco pequenas aldeias no amplo planalto.]

Como no português, os advérbios monolexemáticos derivam de adjetivos com forma e significado idênticos. As locuções adverbiais têm a forma de sintagmas adposicionados, cujo significado é definido pelos substantivos *Süden* [sul], *Norden* [norte], *Osten* [leste], *Westen* [oeste] etc.

Os advérbios geográficos não tornam a relação espacial menos dependente do contexto, como o fazem as adposições geográficas, pois são elementos dêiticos que exigem sempre a interpolação de uma entidade de referência a partir do

contexto. Nos exemplos acima, a entidade de referência pode ser encontrada no texto anterior, "Museum Island", em (377), e a estrada, em (378). Trata-se, portanto, da dêixis física referencial.

No alemão, como no português, os advérbios geográficos permitem o uso na dêixis física situacional (tipo 1):

(379) Osasco liegt im Westen. [Osasco fica a oeste.],

na dêixis virtual situacional (tipo 7):

(380) Maria wollte ihre Eltern besuchen, die eine Tagesreise nördlich wohnten. [Maria quis visitar seu país, que moravam a um dia de distância ao norte.]

e também na dêixis extra-situacional (tipo 3):

(381) Kilimann, menschlich als Integrator geachtet, war kein Löwe der Entscheidung. Er regierte östlich: kumulativ, nicht alternativ. (ZERT, 10.03.1995) [Kilimann, pessoalmente respeitado como integrador, não foi nenhum leão ao tomar decisões. Ele reinava orientalmente: de maneira cumulativa, não alternativa.]

Na dêixis extra-situacional, associam-se, com leste e oeste, particularmente os antigos blocos militares e ideológicos e as duas partes da Alemanha. Associações frequentes que levam a usos extra-situacionais de *nördlich* e *südlich* relacionam o norte com frio, espírito sóbrio, religião evangélica, entre outros, e o sul, com calor, espírito conciliador, religião católica, entre outros.

4.2.2.5. Conclusão

No capítulo sobre os advérbios do alemão, espero ter mostrado, com maior clareza do que me foi possível no capítulo sobre o português, em que medida a dêixis é um recurso linguístico altamente flexível, com a ajuda do qual se pode codificar uma quantidade infinita de relações diferentes. Ao mesmo tempo, esse fato justifica sua incompletude. Seria um projeto sem sentido tentar desenvolver uma descrição exaustiva das possibilidades de emprego dêitico dos advérbios espaciais. O que importa é a explicação do sistema e das regras subjacentes, para que se compreenda o seu funcionamento na língua materna e ainda mais na língua estrangeira.

Reitero que meu trabalho não deve ser entendido como uma abordagem classificatória. A linguagem natural é um fenômeno intrinsecamente dinâmico cujo caráter não pode ser adequadamente elucidado por meras classificações. As tipologias contidas no meu modelo devem, portanto, ser entendidas como recursos metodológicos e didáticos, que somente dão acesso àquilo que fica além da classificação.

4.3. Considerações finais sobre o alemão

Tentei, neste capítulo, desenvolver uma análise consistente do uso das adposições e dos advérbios do alemão para codificar relações espaciais estáticas. Para tanto, usei uma estrutura completamente paralela àquela desenvolvida no capítulo sobre o português, com o intuito de facilitar a comparação entre as duas línguas. Os aspectos comparativos foram desenvolvidos dentro dos itens individuais, após a análise de cada ponto referente à língua alemã, assim como o modelo de análise havia sido desenvolvido nos itens do capítulo anterior, paralelamente à análise dos diversos pontos referentes à língua portuguesa.

É claro que a análise elaborada neste capítulo não constitui uma descrição completa da codificação de informação espacial na língua alemã e muito menos uma análise contrastiva completa. Meu interesse esteve principalmente concentrado no desenvolvimento de uma metodologia adequada e de sua aplicação às questões selecionadas. Futuros trabalhos terão de analisar os demais elementos que servem para codificar relações espaciais estáticas (substantivos, adjetivos, prefixos derivacionais, determinadores e verbos), além do campo infinitamente mais complexo da codificação de relações espaciais dinâmicas, bem como das categorias da extensão e do aspecto espaciais.

5. Considerações finais sobre a codificação de relações espaciais estáticas no alemão e no português brasileiro

O principal objetivo do presente trabalho foi o de mostrar, para o português brasileiro e para o alemão, a necessidade conceitual de codificar informação espacial e de sistematizar os componentes dessa informação. Essa questão foi discutida principalmente a partir do léxico, no qual a informação espacial aparece em diversas classes de palavras.

O lugar por excelência da informação espacial é o substantivo, particularmente o substantivo concreto, que designa uma entidade de primeira ordem, definida como entidade espacial. O adjetivo, na medida em que serve de adjunto adnominal e especificador semântico do substantivo, participa dessa característica. Pelo processo histórico de gramaticalização, a informação espacial passa dos substantivos e adjetivos para os advérbios e as adposições e, finalmente, para os afixos derivacionais e flexionais (cf. HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 131 ss.). No estágio de gramaticalização máxima, a informação espacial retorna ao âmbito do substantivo, sob forma de declinação. Também no sistema da demonstratividade presente nos determinadores, a informação espacial fica no âmbito nominal.

Em comparação a isso, a presença de informação espacial no âmbito do verbo é marginal, no português e no alemão, bem como universalmente (cf. SVOROU 1994: 68). Alguns verbos codificam informação espacial como lexemas, mas a flexão dos verbos é um lugar atípico para a codificação de informação espacial. No modelo da semântica relacional utilizado no presente trabalho, esse fato é explicado pelo caráter do verbo particularmente ligado à designação de entidades de segunda ordem, definidas como entidades temporais. Ao verbo cabe, portanto, em primeiro lugar, a codificação de informações relativas à temporalidade.

Por outro lado, sabe-se que a temporalidade é universalmente metaforizada em termos espaciais (cf. HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 53 ss.). O nome e o verbo também interconectam-se na sentença através da concordância gramatical e semântica. Isso significa que não se pode excluir totalmente a possibilidade de ter informação espacial direta ou indiretamente codificada em categorias gramaticais do verbo. Um caso em questão no português poderia ser o aspecto verbal (imperfeito – não-delimitado; perfeito – delimitado). Para o alemão, ofereci uma análise nesse sentido para o *Perfekt* (cf. BLÜHDORN 1999 a).

EHRICH (1989) mostra que informações temporais podem também servir de recurso para codificar indiretamente informações espaciais, a partir de princípios

discursivos universais como iconicidade e constância espacial, como comprovam os seguintes exemplos:

- (382.a) De manhã, João foi à USP e logo encontrou Maria.
(382.b) De manhã, João foi à USP e depois encontrou Maria.

Em (382.a), o advérbio *logo* sugere que João encontrou Maria na USP, com a implicação de que Maria, nesse momento, esteve na USP. Em (382.b), ao contrário, *depois* sugere que o encontro aconteceu em outro lugar, com a implicação de que Maria não necessariamente esteve na USP. Os exemplos mostram que, a partir das relações temporais entre estados de coisas, às vezes se podem inferir informações sobre as relações espaciais entre seus participantes. Tais inferências baseiam-se no princípio de inclusão, discutido no item 3.1. acima, segundo o qual a localização espacial de uma entidade de ordem maior se aplica automaticamente às entidades de ordem menor envolvidas como participantes. Em relação à investigação pormenorizada dessas questões há, contudo, ainda muitos desideratos.

Para terminar este trabalho, é interessante voltar brevemente às combinações entre dois ou mais advérbios espaciais. Já vimos, no item 4.2.2.4.4. acima, que a língua alemã possibilita a construção e interpretação de sintagmas adverbiais bastante extensos, como no nosso exemplo:

- (350) Wo hier oben links dazwischen soll das Buch liegen? [tradução literal: Onde aqui em cima à esquerda no meio você disse que está o livro?]

Observamos também, por repetidas vezes, que a língua alemã possui um inventário grande de locuções adverbiais e adpositivas de semântica tautológica, como *oben drauf*, *unten drunter*, *da drüben*, *oben über*, *unten unter* etc. (cf. itens 4.2.1.5., 4.2.2.1., 4.2.2.2.1. e 4.2.2.4.2. acima). De fato, até mesmo uma sentença como (383), com tautologia triplíce, é bastante típica da língua falada alemã contemporânea:

- (383) Das Buch liegt oben auf dem Schrank drauf. [tradução literal: O livro está lá em cima, em cima do armário, em cima dele.]

Ambas as observações estão ligadas à gramaticalização das adposições e dos advérbios espaciais estáticos da língua alemã.

Segundo o modelo desenvolvido em BLÜHDORN & CASTILHO DA COSTA (1999: 276 ss.), a gramaticalização consiste de quatro processos de perda, que ocorrem,

a princípio, paralelamente (cf. LEHMANN 1982: 13; CASTILHO 1997; DIEWALD 1997: 11 ss.):

- (i) a perda de versatilidade de uso pragmático (o elemento restringe-se cada vez mais a determinados fins comunicativos),
- (ii) a perda de concretude semântica (o elemento torna-se cada vez mais abstrato),
- (iii) a perda de liberdade sintática (o elemento limita-se cada vez mais a determinadas funções gramaticais),
- (iv) a perda de substância fonética (o elemento tende ao apagamento formal).

Em relação às adposições e aos advérbios espaciais do alemão, em oposição a seus equivalentes no português, os fatores (ii) e (iv) exercem papéis importantes.

Em primeiro lugar, observa-se a perda de substância fonética. O processo que transforma antigos sintagmas adposicionados com complementos nominais, bem como antigos adjetivos, primeiramente em advérbios e posteriormente em adposições, é claramente um processo de erosão formal. A maioria das adposições e dos advérbios espaciais da língua alemã são elementos monolexemáticos, ao contrário da língua portuguesa, que possui um número bastante maior de elementos polilexemáticos, nesses inventários.

Os detalhes do processamento cognitivo de elementos lexicais ainda não são plenamente conhecidos hoje em dia, mas não há dúvida de que existe um léxico cognitivo, armazenado na memória, que contém elementos pré-fabricados, prontos para a ativação, e que existem, por outro lado, mecanismos gramaticais que servem para construir estruturas mais complexas a partir dos elementos lexicais pré-fabricados (cf., p.ex., PUSTEJOVSKY 1995). A partir dessa informação, pode-se concluir que o processamento cognitivo (tanto na produção, quanto na recepção) de um elemento monolexemático deve ser menos dispendioso do que o processamento de uma estrutura composta. Conseqüentemente, a maior combinabilidade de advérbios e adposições espaciais, característica da língua alemã, pode, em parte, ser explicada pelo simples fato de que o processamento cognitivo de um sintagma adverbial padrão do alemão é menos custoso do que o processamento de um sintagma semanticamente equivalente do português. De fato, no alemão, um sintagma composto de dois advérbios, tem, via de regra, o mesmo tamanho que uma locução adverbial simples do português.

Agora, é interessante ver como o fator (ii) neutraliza os efeitos do fator (iv). Com a redução formal, os elementos codificadores de relações espaciais perdem, em

parte, sua analisabilidade e transparência semânticas, tornando-se mais abstratos. Em situações em que uma determinada relação espacial deve ser definida com precisão, a perda semântica pode levar os falantes a desconfiar dos advérbios e das adposições simples e conduzi-los a juntar dois elementos indicadores da mesma relação, como recurso de intensificação. O resultado desse processo foi visto no exemplo (383), cuja tradução literal para o português é absurda, justamente por que, no português, não há motivo para codificar a mesma relação espacial por repetidas vezes.

Em relação aos princípios gerais da codificação de relações espaciais estáticas, no âmbito da sentença, essas observações sugerem a conclusão final de que, no alemão, o processo é predominantemente incremental (aditivo) e, no português, predominantemente composicional (hierárquico). No alemão, o léxico é mais importante para a codificação dessas relações do que a sintaxe, o que explica, entre outros, o fato de que as adposições espaciais podem ser pré, pós e circumposições, inclusive elementos mutáveis. No português, por outro lado, a sintaxe é mais importante para a codificação de relações espaciais estáticas do que o léxico, o que explica, entre outros, o fato de que as adposições espaciais do português antecedem obrigatoriamente seus complementos.

É claro que essa generalização não pode ser estendida levemente a outros domínios semânticos das duas línguas. No presente trabalho, ela é afirmada exclusivamente, e no sentido mais restrito possível, para a codificação de relações espaciais estáticas. Mesmo assim, ela terá de ser testada por futuros estudos. Por enquanto, espero que meu trabalho, apesar de sua óbvia incompletude, seja útil para seu leitor e facilite a realização das pesquisas que ainda faltam nesta área da lingüística contrastiva alemão-português.

6. Referências bibliográficas

- ARISTOTELES. *Physik. Vorlesung über Natur. Bücher I-IV*. Griechisch-Deutsch (trad. e ed. Hans Günter Zekl). Hamburg, Meiner, 1987.
- AURÉLIO (Buarque de Holanda Ferreira). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed., revista e aumentada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- BATTAGLIA, Maria Helena Voorsluys. *Os tempos verbais do passado do alemão e do português*. São Paulo, USP, 1996.
- BIERWISCH, Manfred. "On the grammar of local prepositions". In: BIERWISCH, Manfred; Wolfgang MOTSCH & Ilse ZIMMERMANN (orgs.). *Syntax, Semantik und Lexikon. Rudolf Růžička zum 65. Geburtstag*. Berlin, Akademie-Verlag, 1-65, 1988.
- BIERWISCH, Manfred. "How Much Space Gets into Language?" In: BLOOM, PETERSON, NADEL & GARRETT (eds.), 31-76, 1996.
- BIERWISCH, Manfred & Ewald LANG (eds.). *Dimensional Adjectives. Grammatical Structure and Conceptual Interpretation*. Berlin, Springer, 1987.
- BISLE-MÜLLER, Hansjörg. *Artikelwörter im Deutschen. Semantische und pragmatische Aspekte ihrer Verwendung*. Tübingen, Niemeyer, 1991.
- BLOOM, Paul, Mary A. PETERSON, Lynn NADEL & Merrill F. GARRETT (eds.). *Language and Space*. Cambridge, Mass., London, Bradford Books, MIT Press, 1996.
- BLÜHDORN, Hardarik. *Funktionale Zeichentheorie und deskriptive Linguistik. Ein Entwurf am Beispiel des Gegenwartss Deutschen*. Erlangen, Palm & Enke, 1993 a.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Deixis und Deiktika in der deutschen Gegenwartssprache". In: *Deutsche Sprache* 21, 44-62, 1993 b.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Was ist Deixis?" In: *Linguistische Berichte* 156, 109-142, 1995 a.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Dêixis, cognição e estrutura textual". In: *Cadernos de Letras* 11, Rio de Janeiro, UFRJ, 147-152, 1995 b.
- BLÜHDORN, Hardarik. "A relação entre pragmática, semântica e gramática". In: *Revista de Estudos da Linguagem* 6/2, Belo Horizonte, UFMG, 150-188, 1997.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Zur Verwendung einiger Transportverben im Brasilianischen und im Deutschen". In: *International Review of Applied Linguistics in Language Learning - IRAL* (no prelo), 1998.

BLÜHDORN, Hardarik. "Zur Semantik und Pragmatik der deutschen Tempora". In: BLÜHDORN, Hardarik & Heinz VATER (orgs.). *Tempora im Deutschen und im brasilianischen Portugiesisch*. Tübingen, Niemeyer, 1999 a (em preparação).

BLÜHDORN, Hardarik. "Claudio Di MEOLA, Der Ausdruck der Konzessivität in der deutschen Gegenwartssprache. Theorie und Beschreibung anhand eines Vergleichs mit dem Italienischen." (Resenha). In: *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos* 3.1, 355-369, 1999 b.

BLÜHDORN, Hardarik; Luis Fernando Dias MOREIRA & Renato Ferreira DA SILVA. *Corpus Alemão e Português como Línguas Estrangeiras. Volume 1: Verbos de Transporte*. São Paulo, FFLCH-DLM-Área de Alemão, 1997.

BLÜHDORN, Hardarik & Alessandra CASTILHO DA COSTA. "Lexicalização e deslexicalização. Observações sobre a erosão da língua exemplificadas no alemão e no português do Brasil". In: *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos* 3.1, 273-301, 1999.

BLÜHDORN, Hardarik & Maria Cristina R. GUEDES EVANGELISTA. "Para uma semântica relacional da modalidade". In: EVANGELISTA, Maria Cristina R. Guedes & Hardarik BLÜHDORN. *O uso dos verbos modais alemães na produção escrita de aprendizes brasileiros*. São Paulo, 1999 (em preparação).

BLÜHDORN, Hardarik & Masa NOMURA. "Observações sobre o uso de totalizadores nominais no alemão e no português do Brasil". In: *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos* 3.1, 185-228, 1999.

BORBA, Francisco da Silva & al. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. 2ª ed., São Paulo, UNESP, 1991.

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo, Ática, 1996.

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache* (reimpressão). Stuttgart, Gustav Fischer, 1934=1982.

BUSSMANN, Hadumod. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 2ª ed, Stuttgart, Kröner, 1990.

BYBEE, Joan, Revere PERKINS & William PAGLUCA. *The Evolution of Grammar. Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World* Chicago, University Press, 1994.

CAMACHO, Roberto Gomes & Erotilde de Goretí PEZATTI. "As subcategorias nominais contável e não-contável". In: KATO, Mary A. (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. 5. Campinas, Editora da Unicamp, 155-183, 1996.

CASTILHO, Ataliba T. de. "A gramaticalização". In: *Estudos linguísticos e literários* 19, Salvador, UFBA, 25-63, 1997.

CASTILHO DA COSTA, Alessandra. *O uso de advérbios dêiticos espaciais na produção escrita de aprendizes de alemão como língua estrangeira em escolas teuto-brasileiras de São Paulo*. São Paulo, USP (dissertação de mestrado), 1999.

CUNHA, Celso & Luis F. Lindley CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

DI MEOLA, Claudio. *Kommen und gehen. Eine kognitiv-linguistische Untersuchung der Polysemie deiktischer Bewegungsverben*. Tübingen, Niemeyer, 1994.

DIEBERGER, Andreas. *Navigation in Textual Virtual Environments Using a City Metaphor*. Viena, Universidade de Tecnologia (tese de doutorado), 1994.

DIEWALD, Gabriele Maria. *Deixis und Textsorten im Deutschen*. Tübingen, Niemeyer, 1991.

DIEWALD, Gabriele. *Grammatikalisierung. Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*. Tübingen, Niemeyer, 1997.

DUBOIS, Jean & al. *Dicionário de Linguística* (trad. org. por Izidoro Blikstein). São Paulo, Cultrix, 1973.

DUDEN. *Deutsches Universalwörterbuch*. 2ª ed., Mannheim, Bibliographisches Institut, 1989.

DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache* (= DUDEN Band 4). 5ª ed. (org. Günter Drosdowski). Mannheim, Bibliographisches Institut, 1995.

EHRICH, Veronika. "Die temporale Festlegung lokaler Referenz". In: HABEL, HERWEG & REHKÄMPER (orgs.), 1-16, 1989.

EHRICH, Veronika. *Hier und Jetzt. Studien zur lokalen und temporalen Deixis im Deutschen*. Tübingen, Niemeyer, 1992.

EICHINGER, Ludwig M. *Raum und Zeit im Verbwortschatz des Deutschen. Eine valenzgrammatische Studie*. Tübingen, Niemeyer, 1989.

EISENBERG, Peter. *Grundriß der deutschen Grammatik*. 3ª ed., Stuttgart, Metzler, 1994.

ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Groos, 1988.

ENGEL, Ulrich. *Syntax der deutschen Gegenwartssprache*. 3ª ed., Berlin, Erich Schmidt, 1994.

ENGEL, Ulrich & Helmut SCHUMACHER. *Kleines Valenzlexikon deutscher Verben*. Tübingen, Narr, 1978.

ERBEN, Johannes. *Einführung in die deutsche Wortbildungslehre*. 3ª ed., Berlin, Erich Schmidt, 1993.

ESCHENBACH, Carola. *Zählangaben - Maßangaben. Bedeutung und konzeptuelle Interpretation von Numeralia*. Wiesbaden, Deutscher Universitäts Verlag, 1995.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 38ª ed., São Paulo, Globo, 1991.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 1996.

FLEISCHER, Wolfgang & Irmhild BARZ. *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*. Tübingen, Niemeyer, 1992.

FRIEDERICI, Angela D. "Raumreferenz unter extremen perzeptuellen Bedingungen: Perzeption, Repräsentation und sprachliche Abbildung". In: HABEL, HERWEG & REHKÄMPER (orgs.), 17-36, 1989.

GARGALLO, Isabel Santos. *Análisis contrastivo, análisis de errores e interlengua en el marco de la lingüística contrastiva*. Madrid, Síntesis, 1993.

GERLING, Martin & Norbert ORTHEN. *Deutsche Zustands- und Bewegungsverben. Eine Untersuchung zu ihrer semantischen Struktur und Valenz*. Tübingen, Narr, 1979.

GIPPER, Helmut. *Gibt es ein sprachliches Relativitätsprinzip? Untersuchungen zur Sapir-Whorf-Hypothese*. Frankfurt/Main, S. Fischer, 1972.

GÖTZ, Dieter & al. (org.). *Langenscheidts Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Das neue einsprachige Wörterbuch für Deutschlernende*. Berlin, Langenscheidt, 1993.

HABEL, Christopher. "ZWISCHEN-Bericht". In: HABEL, HERWEG & REHKÄMPER (orgs.), 37-69, 1989.

HABEL Christopher, Michael HERWEG & Klaus REHKÄMPER (orgs.). *Raumkonzepte in Verstehensprozessen. Interdisziplinäre Beiträge zu Sprache und Raum*. Tübingen, Niemeyer, 1989.

HEINE, Bernd, Ulrike CLAUDI & Friederike HÖNNEMEYER. *Grammaticalization. A Conceptual Framework*. Chicago, University Press, 1991.

HELBIG, Gerhard & Joachim BUSCHA. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. 9ª ed., Leipzig, VEB Verlag Enzyklopädie, 1986.

HELBIG, Gerhard & Wolfgang SCHENKEL. *Wörterbuch zur Valenz und Distribution deutscher Verben*. 2ª ed., Leipzig, VEB Bibliographisches Institut, 1973.

HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa. *Portugiesische Grammatik*. 2ª ed., Tübingen, Niemeyer, 1998.

IRMEN, Friedrich & Albin Eduard BEAU. *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch-Deutsch/Deutsch-Portugiesisch*. 4ª/17ª ed., Berlin, Langenscheidt, 1986.

KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Stuttgart, Reclam, 1787=1980.

KELLER, Alfred J. *Michaelis. Pequeno Dicionário Alemão-Português/Português-Alemão*. São Paulo, Melhoramentos, 1994.

KLARE, Johannes & al. *Wörterbuch Portugiesisch-Deutsch*. 2^a ed., Leipzig, VEB Verlag Enzyklopädie, 1988.

KLEIBER, Georges. *Prototypensemantik Eine Einführung* (trad. Michael Schreiber). Tübingen, Narr, 1993.

KLEIN, Horst G. *Tempus, Aspekt, Aktionsart*. Tübingen, Niemeyer, 1974.

KLEIN, Wolfgang. *Time in Language*. London, Routledge, 1994.

KLUGE, Elisabeth. *Das Wortfeld der verba dicendi in der geschriebenen deutschen Gegenwartssprache* (dissertação de mestrado). Würzburg, Universidade de Würzburg, 1987.

KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. 21^a ed., Berlin, de Gruyter, 1975.

LANG, Ewald. "The Semantics of Dimensional Designation of Spatial Objects". In: BIERWISCH & LANG (eds.), 263-417, 1987.

LANGACKER, Ronald W. "An Introduction to Cognitive Grammar". In: *Cognitive Science* 10, 1-40, 1986.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar. Vol. 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford, University Press, 1987.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization. A programmatic sketch*. Köln, Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts I (mimeo), 1982.

LEISS, Elisabeth. *Die Verbalkategorien des Deutschen. Ein Beitrag zur sprachlichen Kategorisierung*. Berlin, de Gruyter, 1992.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3^a ed., São Paulo, Ática, 1995.

LYONS, John. *Semantics*. 2 vols., Cambridge, University Press, 1977.

MAIENBORN, Claudia. *Situation und Lokation. Die Bedeutung lokaler Adjunkte von Verbalprojektionen*. Tübingen, Stauffenburg, 1996.

MARSCHALL, Gottfried R. "Tempusformeln". In: VATER, Heinz (org.). *Zu Tempus und Modus im Deutschen*. Trier, WVT, 1-24, 1997.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & Lana Mara Rodrigues RÊGO. "Gramaticalização de lá". In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, Sebastião Josué VOTRE & Maria Maura CEZARIO (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil. Uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/UFRJ, 237-250, 1996.

- MEIRELES, Selma M. & Hardarik BLÜHDORN. "O campo inicial da frase e a estrutura informacional do texto". In: *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos* 1, 121-162, 1997.
- MIRA MATEUS, Maria Helena, Ana Maria BRITO, Inês Silva DUARTE & Isabel Hub FARIA. *Gramática da Língua Portuguesa. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra, Almedina, 1983.
- MOILANEN, Markku. *Statische Lokative Präpositionen im heutigen Deutsch*. Tübingen, Niemeyer, 1979.
- MOREIRA, Luis Fernando Dias, Renato Ferreira da SILVA & Hardarik BLÜHDORN. "Verbos de transporte e a focalização de lugares". In: *Linha d'Água* 12, 39-50, 1997.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. "Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo)". In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado. Vol. II: Níveis de Análise Linguística*. 3ª ed., Campinas, Editora da UNICAMP, 261-296, 1996.
- MOURELATOS, Alexander P.D. "Events, Processes, and States". In: TEDESCHI, Philip & Annie ZAENEN (eds.). *Syntax and Semantics 14. Tense and Aspect*. New York, Academic Press, 191-212, 1981.
- NAUMANN, Bernd. *Einführung in die Wortbildungslehre des Deutschen*. 2ª ed., Tübingen, Niemeyer, 1986.
- NICOLA, José de & Ulisses INFANTE. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. 11ª ed., São Paulo, Scipione, 1993.
- PAUL, Hermann. *Deutsches Wörterbuch*. 9ª ed. (org. Helmut Henne & Georg Objartel), Tübingen, Niemeyer, 1992.
- PFEIFER, Wolfgang & al. *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*. 3 vols., Berlin, Akademie-Verlag, 1989.
- PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge, M.A., MIT Press, 1995.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York, Macmillan, 1947.
- POLENZ, Peter von. *Deutsche Sprachgeschichte vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart. Band I: Einführung. Grundbegriffe. Deutsch in der frühbürgerlichen Zeit*. Berlin, de Gruyter, 1991.
- RANKE, Cristina. *O uso das preposições espaciais do alemão na produção escrita de aprendizes brasileiros da UNESP de Assis*. São Paulo, USP (dissertação de mestrado), 1999.
- ROSCH, Eleanor. "Classification of real-world objects: Origins and representations in cognition" (1976). In: JOHNSON-LAIRD, Philip N. & P.C. WASON (eds.). *Thinking. Readings in Cognitive Science*. Cambridge, University Press, 212-222, 1977.

ROSCH, Eleanor. "Principles of Categorization". In: ROSCH, Eleanor & Barbara Bloom LLOYD (eds). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, N.J., Erlbaum, 27-48, 1978

SAMUELSORFF, Paulo O. "Pronouns, Adpositions, 'Adverbs', and the Lexicon". In: OLBERTZ, Hella, Kees HENGVELD & Jesús Sánchez GARCÍA (eds.). *The Structure of the Lexicon in Functional Grammar*. Amsterdam, John Benjamins, 267-278, 1998.

SCHAU, Udo. *Dicionário de Alemão - Português*. Porto, Editora Porto, 1985.

SCHRÖDER, Jochen. "Fortbewegungsverben als Beschreibungsproblem. Simplicia, Adverbialzusätze, be-Präfixe (1 & 2)". In: *Deutsch als Fremdsprache* 20, 213-219 & 270-277, 1983.

SCHUMACHER, Helmut (org.). *Verben in Feldern. Valenzwörterbuch zur Syntax und Semantik deutscher Verben*. Berlin, de Gruyter, 1986.

SCHWARZE, Christoph (org.). *Beiträge zu einem kontrastiven Wortfeldlexikon Deutsch-Französisch*. Tübingen, Narr, 1985.

SILVA, Renato Ferreira da, Luis Fernando Dias MOREIRA & Hardarik BLÜHDORN. "Os verbos aprefixados com *weg-*. Uma análise contrastiva entre sentenças de informantes alemães e brasileiros". In: *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos* 2, 205-227, 1998.

SITTA, Georg. *Deixis am Phantasma. Versuch einer Neubestimmung*. Bochum, Brockmeyer, 1991.

SVOROU, Soteria. *The Grammar of Space*. Amsterdam, John Benjamins, 1994.

TANZ, Christine. *Studies in the Acquisition of Deictic Terms*. Cambridge, University Press, 1980.

TSCHIRCH, Fritz. *Geschichte der deutschen Sprache. Erster Teil: Die Entfaltung der deutschen Sprachgestalt in der Vor- und Frühzeit*. 3^a ed., Berlin, Erich Schmidt, 1983.

VATER, Heinz. *Einführung in die Zeit-Linguistik*. 3^a ed., Hürth-Efferen, Gabel, 1994.

VATER, Heinz. *Einführung in die Raum-Linguistik*. 3^a ed., Hürth-Efferen, Gabel, 1996.

WALLACE, Stephen. "Figure and Ground: The Interrelationship of Linguistic Categories". In: HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense - Aspect. Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam, John Benjamins, 201-226, 1982.

WHORF, Benjamin Lee. *Language, Thought and Reality* (ed. John B. Carroll). Cambridge/Mass., MIT Press, 1956.

WUNDERLICH, Dieter & Michael HERWEG. "Lokale und Direktionale". In: STECHOW, Arnim von & Dieter WUNDERLICH (eds.). *Semantik. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. Berlin, de Gruyter, 758-785, 1991.

7. *Abstract – Zusammenfassung – Resumo*

7.1. *English*

The present thesis deals with the coding of static spatial relations through adverbs and adpositions in German and Brazilian Portuguese. On the basis of a universalist argumentation, it is postulated in the introductory chapter that the coding of spatial information in natural language is as necessary and obligatory as the coding of temporal information.

The main part of the book is divided into three chapters. The first one develops the model of a relational semantics of space, built on the four basic categories of spatial extension, spatial relation, spatial dynamics and spatial aspect. Spatial relation, the only category treated in a detailed manner in the following chapters, is defined in analogy to Reichenbach's semantics of tense, with the help of three entities: the situated entity, the reference entity, and the observer. Between the situated entity and the reference entity exists a relation which, following Veronika Ehrlich, is called intrinsic; the relation between the reference entity and the observer is called contextual. The contextual relation is described with the help of a simple criterion of distance; for the description of the intrinsic relation, a hierarchic model of four semantic features is developed: {field}, {distance}, {dimension} and {direction}.

In the second main chapter, a concrete model for the analysis of the system of adposition and adverb inventories of German and Brazilian Portuguese is developed, being firstly applied to Portuguese. The analysis of the adpositions and, later on, the adverbs, begins with the formal distinction between simple and composite lexical items and functional groups. Among other things, this distinction is used to illustrate the historical mechanisms of grammaticalization in this area. Subsequently, the intrinsic and contextual relations coded by the elements are examined. Thirdly, deitic uses are investigated, distinguishing between intrinsic, intrinsic-contextual and extrinsic orientation. This part is worked out in particular detail for the adverbs, which occur altogether in nine types of deixis. In addition, combinations of adverbs are treated, which make the flexible character of the deictic coding of spatial relations particularly clear.

In the third main chapter, the model is applied to German. At the same time, following each step of the descriptions, German and Portuguese are compared with each other. From a formal point of view, it is demonstrated that the inventories of spatial adpositions and adverbs of German are more grammaticalized than those of Portuguese. From a semantic point of view,

numerous similarities between the two languages are observed. A clear difference, however, is shown to exist between the inventories of the so-called determinative adverbs *hier*, *da* and *dort* and their Portuguese equivalents. They are described by means of a system of semantic features, which not only formalizes the differences between these inventories, but also contributes to explain specific problems of foreign-language learners. In relation to the remaining adverbs, a number of functional equivalences are described, also discussing the adverbs for which correspondences in the respective other language do not exist.

The final chapter demonstrates that the greater economy in the area of phonetic substance, characteristic of German in virtue of more advanced grammaticalization, is compensated for in Portuguese by greater economy in the area of semantics. This leads to the conclusion that the coding of static spatial relations in German occurs in a predominantly incremental manner, by means of the lexicon, and in Brazilian Portuguese in a predominantly compositional manner, by means of syntax.

7.2. *Deutsch*

Die vorliegende Thesis behandelt die Kodierung statischer Raumrelationen durch Adverbien und Adpositionen im Deutschen und im brasilianischen Portugiesisch. Im Einleitungskapitel wird anhand einer allgemeinlinguistischen Argumentation die These aufgestellt, daß die Kodierung von Rauminformation in der natürlichen Sprache ebenso notwendig und obligatorisch ist wie die Kodierung von Zeitinformation.

Der anschließende Hauptteil der Arbeit gliedert sich in drei Kapitel. Im ersten wird das Modell einer relationalen Semantik des Raumes entwickelt, das mit den vier Grundkategorien der räumlichen Ausdehnung, der räumlichen Relation, der räumlichen Dynamik und des räumlichen Aspektes arbeitet. Räumliche Relation, die einzige Kategorie, die in den folgenden Kapiteln detaillierter behandelt wird, wird in Anlehnung an die Tempus-Semantik Reichenbachs mit Hilfe von drei Größen definiert: situierte Entität, Bezugsentität und Beobachter. Zwischen situierter Entität und Bezugsentität besteht eine Relation, die in Anlehnung an Veronika Ehrich als intrinsisch bezeichnet wird; die Relation zwischen Bezugsentität und Beobachter wird kontextuell genannt. Die kontextuelle Relation wird mit Hilfe eines einfachen Distanzkriteriums beschrieben; für die Beschreibung der intrinsischen Relation wird ein hierarchisches Modell mit vier semantischen Merkmalen entwickelt: {Feld}, {Distanz}, {Dimension} und {Richtung}.

Im zweiten Hauptkapitel wird ein konkretes Analysemodell für das System der Adpositions- und Adverb-Inventare des Deutschen und des brasilianischen Portugiesisch entwickelt und zunächst auf das Portugiesische angewandt. Die Analyse der Adpositionen und später der Adverbien beginnt mit der formalen Unterscheidung zwischen einfachen und zusammengesetzten lexikalischen Elementen und funktionalen Gruppen. Daran werden unter anderem die sprachgeschichtlichen Mechanismen der Grammatikalisierung in diesem Bereich veranschaulicht. Anschließend werden die durch die Elemente kodierten intrinsischen und kontextuellen Relationen untersucht. Drittens wird im einzelnen den deiktischen Verwendungen nachgegangen, wobei zwischen intrinsischer intrinsisch-kontextueller und extrinsischer Orientierung unterschieden wird. Dieser Teil wird vor allem in Bezug auf die Adverbien detailliert ausgeführt, bei denen insgesamt neun verschiedene Deixis-Typen vorkommen. Auch auf Adverb-Kombinationen wird eingegangen, bei denen der flexible Charakter deiktischer Kodierung von Raumrelationen besonders deutlich wird.

Im dritten Hauptkapitel wird das Modell schrittweise auf das Deutsche angewandt. Gleichzeitig werden hier, jeweils im Anschluß an die Beschreibung, das Deutsche und das Portugiesische verglichen. Unter formalem Gesichtspunkt läßt sich zeigen, daß die Inventare räumlicher Adpositionen und Adverbien des Deutschen stärker grammatikalisiert sind als die des Portugiesischen. Hinsichtlich der Semantik werden zahlreiche Ähnlichkeiten zwischen beiden Sprachen beobachtet. Ein klarer Unterschied zeigt sich jedoch zwischen den Inventaren der als determinativ bezeichneten Adverbien *hier*, *da* und *dort* und ihrer portugiesischen Äquivalente. Zu ihrer Beschreibung wird ein System semantischer Merkmale entwickelt, das nicht nur die Unterschiede zwischen diesen Inventaren formalisieren kann, sondern überdies dazu beiträgt, spezifische Probleme fremdsprachlicher Lerner zu erklären. Bei den übrigen Adverbien werden unterschiedliche funktionale Äquivalenzen dargestellt, wobei auch gezeigt wird, für welche Adverbien keine Entsprechungen in der jeweils anderen Sprache existieren.

Im Schlußkapitel wird gezeigt, daß die größere Ökonomie im Bereich der phonetischen Substanz, die das Deutsche aufgrund weiter fortgeschrittener Grammatikalisierung aufweist, im Portugiesischen durch eine größere Ökonomie im Bereich der Semantik ausgeglichen wird. Es wird die Schlußfolgerung gezogen, daß die Kodierung statischer spatialer Relationen im Deutschen stärker inkrementell, über das Lexikon erfolgt und im brasilianischen Portugiesisch stärker kompositionell, über die Syntax.

7.3. Português

A presente tese trata da codificação de relações espaciais estáticas mediante advérbios e adposições, no alemão e no português brasileiro. No capítulo introdutório, formula-se, a partir de uma argumentação universalista, a tese de que a codificação de informação espacial é tão necessária e obrigatória na linguagem natural quanto a codificação de informação temporal.

A parte principal do trabalho é dividida em três capítulos. No primeiro desenvolve-se o modelo de uma semântica relacional do espaço, que trabalha com as quatro categorias básicas da extensão espacial, da relação espacial, da dinâmica espacial e do aspecto espacial. A relação espacial, a única categoria tratada mais detalhadamente nos capítulos posteriores, é definida, em analogia com a semântica temporal de Reichenbach, a partir de três grandezas: a entidade situada, a entidade de referência e o observador. Entre a entidade situada e a entidade de referência existe uma relação, chamada, seguindo Veronika Ehrlich, de intrínseca; a relação entre a entidade de referência e o observador é chamada de contextual. A relação contextual é descrita mediante um simples critério de distância; para a descrição da relação intrínseca é desenvolvido um modelo hierárquico com quatro traços semânticos: {campo}, {distância}, {dimensão} e {direção}.

No segundo capítulo principal, desenvolve-se um modelo concreto de análise para o sistema dos inventários de adposições e advérbios do alemão e do português, que é aplicado primeiramente ao português. A análise das adposições, e subsequentemente dos advérbios, começa com a distinção formal entre elementos lexicais simples e compostos e grupos funcionais. A partir dessa distinção ilustram-se, entre outros, os mecanismos históricos da gramaticalização, ativos nesse âmbito. Em seguida, analisam-se as relações intrínsecas e contextuais codificadas por esses elementos. Em terceiro lugar, pesquisam-se detalhadamente os empregos dêiticos, distinguindo-se entre as orientações intrínseca, intrínseco-contextual e extrínseca. Essa parte realiza-se de maneira particularmente pormenorizada em relação aos advérbios, que podem ser usados, no total, em nove diferentes tipos de dêixis. Consideram-se também combinações de advérbios, que comprovam o caráter flexível da codificação dêitica de relações espaciais.

No terceiro capítulo da parte principal, aplica-se o modelo à língua alemã. Paralelamente, comparam-se aqui, após os diversos passos da descrição, o alemão e o português. Sob a perspectiva formal, mostra-se que os inventários de adposições e advérbios espaciais do alemão são mais fortemente

gramaticalizados que os do português. Em relação à semântica, observam-se numerosas semelhanças entre as duas línguas. Uma diferença clara existe, porém, entre os inventários dos chamados advérbios determinativos *hier, da e dort* e seus equivalentes no português. Desenvolve-se um sistema de traços semânticos que não somente formaliza as diferenças entre esses inventários, mas também contribui para explicar problemas específicos de aprendizes de alemão e português como línguas estrangeiras. Em relação aos outros advérbios, descrevem-se diversas equivalências funcionais, apontando também os elementos que não possuem correspondentes na respectiva outra língua.

No capítulo final mostra-se que a maior economia no âmbito da substância fonética, característica da língua alemã, em função da gramaticalização mais avançada, é compensada, na língua portuguesa, por uma maior economia no âmbito da semântica. Chega-se à conclusão de que a codificação de relações espaciais estáticas no alemão funciona de maneira predominantemente incremental, mediante o léxico, e no português brasileiro, de maneira predominantemente composicional, mediante a sintaxe.